UNE ✦ SACRA

Clássicos Cristãos

Confissões

✦ ✦ ✦

Santo Agostinho de Hipona

Tradução (edição 1.2)

Créditos

Autor	Santo Agostinho de Hipona
Data	c. 397–400
Idioma original	Latim
Versão	Tradução (edição 1.2)
Tradução	Tradução popular, a partir do inglês de Edward Bouverie Pusey
Fonte	Project Gutenberg
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Obra de Agostinho, bispo de Hipona, no norte da África, escrita por volta de 397–400, poucos anos depois de ele se tornar bispo.

Em treze livros dirigidos a Deus, em forma de oração, Agostinho conta a própria vida — a infância em Tagaste, os estudos em Cartago, os anos como professor de retórica, os nove anos entre os maniqueus, a ida para Roma e Milão, o encontro com o bispo Ambrósio — até a conversão no jardim de Milão em 386, ao ouvir uma criança cantar "toma e lê", e a morte da mãe, Mônica, em Óstia.

Os livros X a XIII deixam a narrativa e meditam sobre a memória, o tempo e a criação do mundo no Gênesis. É considerada a primeira grande autobiografia do Ocidente, e frases como "fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em ti" e "tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova" estão entre as mais citadas da literatura cristã.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/3296

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Livro I

Livro II

Livro III

Livro IV

Livro V

Livro VI

Livro VII

Livro VIII

Livro IX

Livro X

Livro XI

Livro XII

Livro XIII

LIVRO I

✦

Grande és Tu, Senhor, e muito digno de louvor; grande é o Teu poder, e infinita a Tua sabedoria. E o ser humano quer Te louvar; ele, que é apenas uma pequena parte da Tua criação; ele, que carrega consigo sua mortalidade, o testemunho de seu pecado, o testemunho de que Tu resistes aos orgulhosos: ainda assim, o ser humano quer Te louvar; ele, que é apenas uma pequena parte da Tua criação.

Tu nos despertas para encontrar alegria em Te louvar; pois nos fizeste para Ti, e nosso coração está inquieto até repousar em Ti. Concede-me, Senhor, saber e compreender o que vem primeiro: invocar-Te ou louvar-Te? E, ainda, conhecer-Te ou invocar-Te? Pois quem pode Te invocar sem Te conhecer?

Porque aquele que não Te conhece pode Te invocar como alguém diferente de quem Tu és. Ou será, antes, que Te invocamos para que possamos Te conhecer? Mas como invocarão Aquele em quem não creram? Ou como crerão sem um pregador? E os que buscam o Senhor O louvarão: pois os que buscam O encontrarão, e os que O encontram O louvarão.

Eu Te buscarei, Senhor, invocando-Te; e Te invocarei, crendo em Ti; pois Tu nos foste anunciado. Minha fé, Senhor, Te invocará, essa fé que Tu me deste, que inspiraste em mim pela Encarnação do Teu Filho, pelo ministério do Pregador.

E como invocarei meu Deus, meu Deus e Senhor, se, ao chamá-Lo, estarei chamando-O para dentro de mim? E que espaço há dentro de mim para que meu Deus entre em mim? Onde pode Deus entrar em mim, Deus que fez o céu e a terra? Há, de fato, Senhor meu Deus, algo em mim que possa Te conter? Será que o céu e a terra, que fizeste e nos quais me fizeste, Te contêm?

Ou, porque nada do que existe poderia existir sem Ti, tudo o que existe Te contém? Já que eu também existo, por que procuro que entres em mim, se eu não existiria caso não estivesses em mim? Por quê? Porque não desci ao inferno, e, no entanto, Tu também estás lá. Pois, se eu descer ao inferno, Tu estás lá.

Eu não poderia existir, meu Deus, não poderia de modo algum existir, se não estivesses em mim; ou, antes, se eu não estivesse em Ti, de quem vêm todas as coisas, por quem existem todas as coisas, em quem estão todas as coisas? É assim, Senhor, é assim. Para onde Te chamo, se estou em Ti? Ou de onde podes entrar em mim?

Pois para onde posso ir além do céu e da terra, para que de lá venha a mim o meu Deus, que disse: Eu encho o céu e a terra?

Então o céu e a terra Te contêm, já que Tu os enches? Ou Tu os enches e ainda transbordas, já que eles não Te contêm? E para onde, quando o céu e a terra estão cheios, derramas o que resta de Ti? Ou não precisas que coisa alguma Te contenha, Tu que conténs todas as coisas, já que aquilo que enches, Tu o enches ao contê-lo?

Pois os recipientes que enches não Te sustentam, já que, mesmo se fossem quebrados, Tu não serias derramado. E, quando és derramado sobre nós, não és rebaixado, mas nos elevas; não Te dispersas, mas nos reúnes. Mas Tu, que enches todas as coisas, Tu as enches com todo o Teu ser? Ou, já que todas as coisas não podem Te conter por inteiro, elas contêm uma parte de Ti?

E todas ao mesmo tempo contêm a mesma parte? Ou cada uma contém sua própria parte, as maiores mais, as menores menos? E será, então, uma parte de Ti maior, e outra menor? Ou estás inteiro em toda parte, enquanto nada Te contém por inteiro?

O que és, então, meu Deus? O que és, senão o Senhor Deus? Pois quem é Senhor senão o Senhor? Ou quem é Deus além do nosso Deus? Altíssimo, sumamente bom, sumamente poderoso, sumamente onipotente; sumamente misericordioso, mas sumamente justo; sumamente oculto, mas sumamente presente; sumamente belo, mas sumamente forte, firme, mas incompreensível; imutável, mas transformas tudo; nunca novo, nunca velho; renovas tudo e fazes os orgulhosos envelhecerem sem que percebam; sempre em ação, sempre em repouso; sempre reunindo, mas nada Te falta; sustentas, enches e cobres tudo; crias, alimentas e levas à maturidade; buscas, mas possuis todas as coisas.

Tu amas sem paixão; tens ciúme sem inquietação; arrependes-Te, mas não Te afliges; ficas irado, mas permaneces sereno; mudas Tuas obras, sem mudar Teu propósito; recebes de volta o que encontras, mas nunca o perdeste; nunca necessitado, mas Te alegras com os ganhos; nunca cobiçoso, mas cobras juros.

Recebes além do devido, para que fiques devendo; e quem possui algo que não seja Teu? Pagas dívidas sem dever nada; perdoas dívidas sem perder nada. E o que acabo de dizer, meu Deus, minha vida, minha santa alegria? Ou o que diz qualquer pessoa quando fala de Ti? Mas ai de quem não fala, pois até os mais eloquentes são mudos.

Ah, se eu pudesse repousar em Ti! Ah, se entrasses em meu coração e o embriagasses, para que eu esquecesse meus males e Te abraçasse, meu único bem! O que és para mim? Em Tua compaixão, ensina-me a expressar isso. Ou o que sou para Ti, para que exijas meu amor e, se eu não o der, fiques irado comigo e me ameaces com graves sofrimentos?

Será, então, pequeno sofrimento não Te amar? Ah, por Tuas misericórdias, diz-me, Senhor meu Deus, o que és para mim. Dize à minha alma: Eu sou a tua salvação. Fala de modo que eu possa ouvir. Vê, Senhor, meu coração está diante de Ti; abre seus ouvidos e dize à minha alma: Eu sou a tua salvação. Que eu corra atrás dessa voz e me agarre a Ti. Não escondas de mim o Teu rosto. Que eu morra — para não morrer —, contanto que eu veja o Teu rosto.

Estreita é a morada da minha alma; amplia-a, para que possas entrar. Ela está em ruínas; restaura-a. Há dentro dela coisas que certamente ofendem Teus olhos; eu confesso e sei disso. Mas quem a purificará? Ou a quem devo clamar, senão a Ti? Senhor, purifica-me de minhas faltas ocultas e livra Teu servo do poder do inimigo. Eu creio, e por isso falo. Senhor, Tu sabes.

Não confessei a Ti minhas transgressões, acusando a mim mesmo, e Tu, meu Deus, perdoaste a iniquidade do meu coração? Não disputo contigo

em julgamento, Tu que és a verdade; temo enganar a mim mesmo, para que minha iniquidade não minta a si própria. Por isso não disputo contigo em julgamento; pois, se Tu, Senhor, levasses em conta as iniquidades, Senhor, quem poderia suportar?

Ainda assim, permite que eu fale à Tua misericórdia, eu, pó e cinzas. Ainda assim, permite que eu fale, pois falo à Tua misericórdia, e não a uma pessoa que zomba de mim. Talvez Tu também me desprezes, mas voltarás a ter compaixão de mim. Pois o que eu desejaria dizer, Senhor meu Deus, senão que não sei de onde vim para esta vida que morre — será que devo chamá-la assim?

— ou morte que vive. Então, de imediato, os consolos da Tua compaixão me acolheram, como ouvi dos pais do meu corpo, de cuja substância um dia me formaste, pois disso não me lembro. Assim, os consolos do leite de mulher me receberam.

Pois nem minha mãe nem minhas amas encheram por si mesmas os próprios seios para mim; mas Tu me concedeste, por meio delas, o alimento da minha infância, segundo a Tua ordem, pela qual distribuis Tuas riquezas através das fontes ocultas de todas as coisas. Tu também me concedeste não desejar mais do que me davas; e às minhas amas, dar-me de boa vontade o que lhes davas.

Pois elas, com um afeto ensinado pelo céu, me davam de boa vontade aquilo que recebiam de Ti em abundância. Pois esse bem que eu recebia delas era um bem para elas. Na verdade, não vinha delas, mas por meio delas; pois de Ti, ó Deus, vêm todas as coisas boas, e do meu Deus vem toda a minha saúde.

Isso aprendi mais tarde, quando Tu, por meio desses Teus dons, dentro e fora de mim, Te revelaste a mim. Pois naquele tempo eu só sabia sugar, repousar no que me agradava e chorar diante do que incomodava meu corpo; nada mais.

⁂

Depois comecei a sorrir; primeiro dormindo, depois acordado: pois assim me contaram a meu respeito, e eu acreditei; porque vemos o mesmo em outros bebês, embora eu não me lembre disso em mim.

Assim, pouco a pouco, tomei consciência de onde estava; e passei a querer expressar meus desejos àqueles que podiam satisfazê-los, mas não conseguia; pois os desejos estavam dentro de mim, e eles, fora; e nenhum de seus sentidos podia entrar em meu espírito.

Então eu agitava os membros e soltava a voz ao acaso, fazendo os poucos sinais que podia, da maneira que podia, semelhantes, embora na verdade muito pouco semelhantes, ao que eu desejava.

E, quando não era atendido de imediato, por serem meus desejos prejudiciais ou incompreensíveis, eu me indignava com os mais velhos por não se submeterem a mim, com aqueles que não me deviam serviço algum por não me servirem; e me vingava deles com lágrimas.

Foi observando os bebês que aprendi que eles são assim; e que eu também era assim, eles, sem terem consciência disso, me mostraram melhor do que minhas amas, que o sabiam.

E eis que minha primeira infância morreu há muito tempo, e eu vivo. Mas Tu, Senhor, que vives para sempre e em quem nada morre — pois, antes da fundação dos mundos e antes de tudo o que pode ser chamado de "antes", Tu existes e és Deus e Senhor de tudo o que criaste —, em Ti permanecem, firmes para sempre, as causas primeiras de todas as coisas que não permanecem; e as fontes de todas as coisas mutáveis permanecem imutáveis em Ti; e em Ti vivem as razões eternas de todas as coisas sem razão e temporais.

Dize, Senhor, a mim, que Te suplico; dize, Tu que és todo compaixão, a mim, digno de compaixão; dize: minha primeira infância veio depois de outra idade minha que morreu antes dela? Foi aquela que passei no ventre de minha mãe? Pois dela ouvi alguma coisa e eu mesmo vi mulheres grávidas.

E antes daquela vida, por sua vez, ó Deus, minha alegria, eu estava em algum lugar ou era alguém? Sobre isso não tenho quem me diga, nem pai nem mãe, nem a experiência de outros, nem minha própria memória. Tu zombas de mim por perguntar isso e me mandas Te louvar e Te reconhecer por aquilo que sei?

Eu Te reconheço, Senhor do céu e da terra, e Te louvo pelos primeiros começos da minha existência e pela minha primeira infância, da qual nada me lembro; pois determinaste que o ser humano deduzisse muito sobre si mesmo a partir dos outros e acreditasse em muita coisa com base no testemunho de mulheres frágeis.

Já então eu tinha existência e vida e, ao fim da minha primeira infância, podia procurar sinais pelos quais desse a conhecer aos outros minhas sensa-

ções. De onde poderia vir um ser assim, senão de Ti, Senhor? Será alguém o criador de si mesmo?

Ou pode vir de outro lugar alguma fonte que faça fluir para nós a essência e a vida, senão de Ti, Senhor, em quem essência e vida são uma só coisa? Pois Tu mesmo és, no grau supremo, Essência e Vida. Pois és altíssimo e não mudas, nem em Ti o dia de hoje chega ao fim; e, no entanto, em Ti ele chega ao fim, porque todas essas coisas também estão em Ti.

Pois não teriam como passar se Tu não as sustentasses. E, já que Teus anos não acabam, Teus anos são um único hoje. Quantos anos nossos e de nossos pais fluíram pelo Teu "hoje" e dele receberam a medida e a forma da existência que tiveram; e outros ainda fluirão e assim receberão a forma de seu grau de existência.

Mas Tu és sempre o mesmo, e todas as coisas de amanhã e todas as que vêm depois, e todas as de ontem e todas as que vieram antes, Tu as fizeste hoje. Que me importa se alguém não compreende isso? Que também se alegre e diga: Que coisa é esta? Que se alegre mesmo assim! E prefira encontrar-Te ao não descobrir, a descobrir sem Te encontrar.

Ouve, ó Deus. Ai do pecado humano! Assim fala o homem, e Tu tens piedade dele; pois Tu o fizeste, mas não fizeste o pecado que há nele. Quem me faz lembrar dos pecados da minha primeira infância? Pois, aos Teus olhos, ninguém está livre do pecado, nem mesmo a criança cuja vida na terra é de apenas um dia. Quem me faz lembrar?

Não é cada criancinha, em quem vejo aquilo de mim mesmo de que não me lembro? Qual era, então, o meu pecado? Era agarrar-me ao peito e cho-

rar? Pois, se eu fizesse isso agora por um alimento adequado à minha idade, com justiça ririam de mim e me repreenderiam.

O que eu fazia então merecia repreensão; mas, como eu não podia compreendê-la, o costume e a razão impediam que me repreendessem. Pois, quando crescemos, arrancamos e abandonamos esses hábitos. Ora, ninguém, mesmo ao podar, joga fora conscientemente o que é bom. Ou seria bom, mesmo por algum tempo, chorar por aquilo que, se fosse dado, faria mal?

Ressentir-se amargamente porque pessoas livres e mais velhas, sim, os próprios responsáveis por seu nascimento, não a serviam? Porque muitas outras pessoas, mais sábias do que ela, não obedeciam ao menor sinal de sua vontade? Fazer o possível para bater e ferir, porque não eram obedecidas ordens que, se obedecidas, lhe fariam mal?

Assim, a inocência da criança está na fraqueza de seus membros, não em sua vontade. Eu mesmo vi e conheci um bebê invejoso; ainda não sabia falar, mas empalidecia e olhava com amargura para seu irmão de leite. Quem não sabe disso? Mães e amas dizem que acalmam essas coisas com não sei que remédios.

Também é inocência, quando a fonte de leite corre em rica abundância, não tolerar que outro a compartilhe, ainda que esteja em extrema necessidade e sua própria vida ainda dependa dela?

Suportamos tudo isso com brandura, não porque sejam males inexistentes ou pequenos, mas porque desaparecerão com o passar dos anos; pois, em-

bora agora toleradas, essas mesmas disposições são inteiramente intoleráveis quando encontradas em idade mais madura.

⁂

Tu, portanto, ó Senhor meu Deus, que deste vida a esta minha primeira infância, dotando assim de sentidos, como vemos, o corpo que deste, unindo seus membros, embelezando suas proporções e, para seu bem e sua segurança em geral, implantando nele todas as funções vitais, Tu me ordenas que Te louve por essas coisas, que Te confesse e cante ao Teu nome, ó Altíssimo.

Pois Tu és Deus, Todo-Poderoso e Bom, ainda que nada tivesses feito além disso, que ninguém poderia fazer senão Tu: cuja Unidade é o molde de todas as coisas; que, de Tua própria beleza, fazes belas todas as coisas; e tudo ordenas por Tua lei.

Essa idade, portanto, Senhor, da qual não tenho lembrança, que aceito pela palavra dos outros e que deduzo, observando outras crianças, ter vivido, por verdadeira que seja essa dedução, ainda assim reluto em contá-la nesta vida que vivo neste mundo. Pois ela está escondida de mim nas sombras do esquecimento tanto quanto o tempo que passei no ventre de minha mãe.

Mas, se fui formado na iniquidade e minha mãe me concebeu no pecado, onde, eu Te suplico, ó meu Deus, onde, Senhor, ou quando fui eu, Teu servo, inocente? Mas eis que deixo esse período para trás; e que tenho agora a ver com aquilo de que não consigo recordar vestígio algum?

Saindo, pois, da primeira infância, cheguei à meninice, ou melhor, ela chegou a mim, tomando o lugar da primeira infância. Esta não partiu — pois

para onde teria ido?

— e, no entanto, já não existia. Pois eu já não era uma criança sem fala, mas um menino que falava. Disso me lembro; e desde então observei como aprendi a falar.

Não foi que os mais velhos me ensinassem palavras por algum método definido, como pouco depois fizeram com outros conhecimentos; mas eu, desejando expressar meus pensamentos por gritos, sons entrecortados e diversos movimentos dos membros, para assim conseguir o que queria, e ainda incapaz de expressar tudo o que desejava, ou a quem desejava, exercitava por mim mesmo os sons em minha memória, com o entendimento que Tu, meu Deus, me deste.

Quando nomeavam alguma coisa e, ao falar, se voltavam para ela, eu via e lembrava que chamavam aquilo que queriam indicar pelo nome que pronunciavam. E que se referiam àquela coisa e a nenhuma outra ficava claro pelo movimento do corpo, como que a linguagem natural de todos os povos, expressa pelo semblante, pelos olhares, pelos gestos dos membros e pelos tons da voz, indicando os sentimentos da alma ao buscar, possuir, rejeitar ou evitar algo.

E assim, ouvindo constantemente as palavras em diversas frases, fui aos poucos compreendendo o que significavam; e, tendo acostumado minha boca a esses sinais, por meio deles passei a expressar minha vontade.

Assim, trocava com os que me cercavam esses sinais correntes de nossas vontades, e desse modo me lançava mais fundo na convivência tempestu-

osa da vida humana, ainda sujeito à autoridade de meus pais e às ordens dos mais velhos.

Ó Deus, meu Deus, que sofrimentos e zombarias passei então a experimentar, quando me apresentavam a obediência aos meus professores como algo próprio de um menino, para que eu prosperasse neste mundo e me destacasse na ciência da linguagem, que serviria ao "louvor dos homens" e às riquezas enganosas.

Depois fui posto na escola para adquirir conhecimentos, cuja utilidade eu, pobre infeliz, desconhecia; e, no entanto, se fosse negligente nos estudos, apanhava.

Pois nossos antepassados julgavam isso correto; e muitos, tendo percorrido antes de nós o mesmo caminho, prepararam para nós estradas penosas, pelas quais éramos obrigados a passar, multiplicando o trabalho e a dor dos filhos de Adão.

Mas, Senhor, descobrimos que os homens Te invocavam, e com eles aprendemos a pensar em Ti, conforme nossa capacidade, como um grande Ser que, embora oculto aos nossos sentidos, podia nos ouvir e ajudar.

Foi assim que comecei, ainda menino, a orar a Ti, meu auxílio e refúgio; e soltei as amarras da minha língua para Te invocar, pedindo-Te, embora pequeno, com grande fervor, que eu não apanhasse na escola.

E, quando não me atendias, sem com isso me entregar à insensatez, os mais velhos, sim, meus próprios pais, que ainda assim não me desejavam mal algum, zombavam dos golpes que eu recebia, que eram então meu grande e doloroso mal.

Existe, Senhor, alguém de alma tão grande e unido a Ti com amor tão intenso — pois uma espécie de insensibilidade pode, de certo modo, produzir isso —, mas existe alguém que, por estar devotamente unido a Ti, seja dotado de tão grande força de espírito que faça tão pouco caso dos cavaletes, dos ganchos e de outros tormentos, contra os quais, em todas as terras, os homens Te invocam com extremo pavor, zombando daqueles que mais terrivelmente os temem, assim como nossos pais zombavam dos tormentos que sofríamos na meninice às mãos dos nossos mestres?

Pois não temíamos menos os nossos tormentos, nem Te pedíamos com menos fervor que nos livrasses deles. E, no entanto, pecávamos ao escrever, ler ou estudar menos do que nos era exigido.

Pois não nos faltavam, ó Senhor, memória ou capacidade, das quais Tua vontade nos dera o suficiente para nossa idade; mas nosso único prazer era brincar, e por isso éramos castigados por aqueles que faziam o mesmo.

Mas a ociosidade dos adultos é chamada de "negócios"; a dos meninos, sendo de fato a mesma, é castigada por esses adultos; e ninguém se compadece nem dos meninos nem dos homens. Pois alguém de bom senso aprovaria que eu apanhasse quando menino porque, ao jogar bola, avançava menos nos estudos que devia aprender apenas para, quando homem, brincar de maneira mais indecorosa?

E que outra coisa fazia aquele que me batia? Ele, quando derrotado em alguma discussão insignificante com um colega de ensino, ficava mais amargurado e invejoso do que eu ao perder no jogo de bola para um companheiro de brincadeiras.

E, no entanto, pequei nisso, ó Senhor Deus, Criador e Ordenador de todas as coisas da natureza, e do pecado apenas Ordenador; ó Senhor meu Deus, pequei ao transgredir as ordens de meus pais e de meus mestres. Pois aquilo que eles, fosse qual fosse seu motivo, queriam que eu aprendesse, eu poderia depois ter usado para o bem.

Pois desobedecia, não por uma escolha melhor, mas por amor às brincadeiras, amando o orgulho da vitória em minhas disputas e o prazer de ter os ouvidos atiçados por fábulas mentirosas, para que desejassem ouvi-las ainda mais; e essa mesma curiosidade brilhava cada vez mais em meus olhos, ávidos pelos espetáculos e jogos dos adultos.

Contudo, os que oferecem esses espetáculos são tão estimados que quase todos desejam o mesmo para seus filhos, e ainda assim aceitam de muito bom grado que apanhem, se esses mesmos jogos os afastarem dos estudos pelos quais desejam que cheguem a oferecê-los.

Olha com piedade, Senhor, para essas coisas e livra a nós que agora Te invocamos; livra também aqueles que ainda não Te invocam, para que Te invoquem e Tu os livres.

⁂

Ainda menino, portanto, eu já ouvira falar de uma vida eterna, prometida a nós pela humildade do Senhor nosso Deus, que se abaixou até o nosso orgulho; e, desde o ventre de minha mãe, que depositava grande esperança em Ti, fui marcado com o sinal de Sua cruz e salgado com Seu sal.

Tu viste, Senhor, como, ainda menino, fui certa vez tomado por uma súbita opressão no estômago e fiquei como que à beira da morte; Tu viste,

meu Deus, pois eras meu guardião, com que ardor e com que fé busquei, nos cuidados piedosos de minha mãe e de Tua Igreja, mãe de todos nós, o batismo de Teu Cristo, meu Deus e Senhor.

Então a mãe de meu corpo, muito aflita — pois, com o coração puro em Tua fé, sofria com amor ainda maior as dores de parto de minha salvação —, teria providenciado com toda a pressa minha consagração e purificação pelos sacramentos que dão saúde, confessando-Te, Senhor Jesus, para a remissão dos pecados, se eu não tivesse me recuperado de repente.

E assim, como se eu necessariamente fosse me manchar de novo caso vivesse, minha purificação foi adiada, porque as manchas do pecado, depois daquela lavagem, trariam uma culpa maior e mais perigosa.

Eu então já acreditava, assim como minha mãe e toda a casa, exceto meu pai; mas ele não venceu a influência da piedade de minha mãe sobre mim, de modo que, assim como ele ainda não acreditava, eu também não acreditasse.

Pois ela se empenhava para que Tu, meu Deus, fosses meu pai, mais do que ele; e nisso Tu a ajudaste a prevalecer sobre o marido, a quem ela, embora melhor do que ele, obedecia, obedecendo nisso também a Ti, que assim ordenaste.

Eu Te suplico, meu Deus: gostaria de saber, se assim quiseres, com que propósito meu batismo foi então adiado. Foi para o meu bem que, por assim dizer, me soltaram as rédeas para que eu pecasse? Ou não me soltaram as rédeas? Se não, por que ainda ressoa em nossos ouvidos, por todos os lados:

"Deixem-no em paz, deixem-no fazer o que quiser, pois ainda não foi batizado"?

Mas, quanto à saúde do corpo, ninguém diz: "Deixem-no sofrer ferimentos piores, pois ainda não está curado". Quanto melhor teria sido, então, se eu tivesse sido curado de imediato e depois, pelos cuidados dos meus amigos e pelos meus próprios, a saúde recuperada de minha alma tivesse sido preservada sob Tua guarda, Tu que a deste. Melhor, de fato.

Mas quantas e quão grandes ondas de tentação pareciam pairar sobre mim depois da meninice! Minha mãe as previa; e preferiu expor a elas o barro de que eu poderia depois ser moldado a expor a própria peça já pronta.

Na própria meninice, contudo, pela qual se temia por mim muito menos do que pela juventude, eu não gostava de estudar e odiava ser obrigado a isso. Ainda assim, era obrigado; e isso era um bem que me faziam, mas eu não agia bem, pois, se não fosse obrigado, não teria aprendido. Mas ninguém age bem contra a própria vontade, ainda que seja bom o que faz.

Contudo, tampouco agiam bem os que me obrigavam, mas o bem que me vinha procedia de Ti, meu Deus. Pois eles não se importavam com o uso que eu faria daquilo que me obrigavam a aprender, a não ser para saciar os desejos insaciáveis de uma mendicância rica e de uma glória vergonhosa.

Mas Tu, que tens contados até os cabelos de nossa cabeça, usaste para o meu bem o erro de todos os que me impeliam a aprender; e o meu próprio erro, de não querer aprender, usaste para meu castigo: pena adequada para quem era tão pequeno menino e tão grande pecador.

Assim, por meio daqueles que não agiam bem, Tu me fizeste o bem; e por meu próprio pecado me castigaste com justiça. Pois ordenaste, e assim é, que todo afeto desordenado seja seu próprio castigo.

Mas por que eu odiava tanto o grego, que estudei quando menino? Ainda não sei ao certo. Pois eu amava o latim; não o que meus primeiros mestres me ensinavam, mas o que ensinavam os chamados gramáticos. Aquelas primeiras lições de leitura, escrita e aritmética me pareciam um fardo e um castigo tão grandes quanto qualquer estudo de grego.

E de onde vinha também isso, senão do pecado e da vaidade desta vida, porque eu era carne e um sopro que passa e não volta? Pois aquelas primeiras lições eram certamente melhores, porque mais seguras; por elas adquiri, e ainda conservo, a capacidade de ler o que encontro escrito e de escrever eu mesmo o que quero; nos outros estudos, porém, eu era obrigado a aprender as andanças de um certo Eneias, esquecendo as minhas próprias, e a chorar por Dido morta, porque ela se matou por amor; enquanto isso, de olhos secos, eu suportava meu próprio ser miserável morrendo em meio a essas coisas, longe de Ti, ó Deus, minha vida.

Pois o que há de mais miserável que um ser miserável que não se compadece de si mesmo, chorando a morte de Dido por amor a Eneias, mas sem chorar a própria morte por falta de amor a Ti, ó Deus? Tu, luz do meu coração, Tu, pão do mais íntimo da minha alma, Tu, Poder que dás vigor à minha mente, que vivificas meus pensamentos, eu não Te amava.

Eu me prostituía contra Ti, e por toda parte ao meu redor, enquanto outros assim se prostituíam, ecoava: "Muito bem! Muito bem!" Pois a amizade deste mundo é prostituição contra Ti; e o "Muito bem! Muito bem!"

continua ecoando até que alguém se envergonhe de não ser assim um homem.

E por tudo isso eu não chorava, eu que chorava por Dido morta, e "buscando pela espada um golpe e uma ferida extremos", enquanto eu mesmo buscava um extremo pior, a mais extrema e mais baixa das Tuas criaturas, tendo abandonado a Ti, terra que voltava à terra. E, se me proibiam de ler tudo isso, eu me entristecia por não poder ler o que me entristecia.

Uma loucura como essa é considerada um saber mais elevado e mais rico do que aquele pelo qual aprendi a ler e escrever.

Mas agora, meu Deus, clama bem alto em minha alma; e que a Tua verdade me diga: "Não é assim, não é assim. Muito melhor era aquele primeiro estudo." Pois eu de bom grado esqueceria as andanças de Eneias e todo o resto, antes de esquecer como ler e escrever. Mas há um véu estendido sobre a entrada da escola de gramática!

É verdade; contudo, ele não é tanto um emblema de algo recôndito quanto um manto para o erro. Que não gritem contra mim aqueles a quem já não temo, enquanto confesso a Ti, meu Deus, tudo o que minha alma quiser, e aceito a condenação dos meus maus caminhos, para que eu possa amar os Teus bons caminhos.

Que nem compradores nem vendedores do ensino da gramática gritem contra mim. Pois, se eu lhes perguntar se é verdade que Eneias certa vez chegou a Cartago, como conta o poeta, os menos instruídos responderão que não sabem, e os mais instruídos, que ele nunca chegou lá.

Mas, se eu perguntar com que letras se escreve o nome "Eneias", todos os que aprenderam isso me responderão corretamente, quanto aos sinais que os homens estabeleceram por convenção.

Se, por outro lado, eu perguntar o que poderia ser esquecido com menor prejuízo para os assuntos da vida, a leitura e a escrita ou essas ficções poéticas, quem não prevê o que terão de responder todos os que não se esqueceram inteiramente de si mesmos?

Pequei, portanto, quando, ainda menino, preferi aqueles estudos vazios aos mais proveitosos, ou melhor, amei uns e odiei os outros. "Um e um, dois"; "dois e dois, quatro"; isso era para mim uma cantilena odiosa; "o cavalo de madeira cheio de homens armados", "o incêndio de Troia" e "a sombra e a triste imagem de Creúsa" eram o espetáculo preferido da minha vaidade.

⁂

Por que, então, eu odiava os clássicos gregos, que contêm histórias semelhantes? Pois também Homero teceu com engenho ficções semelhantes, e sua vaidade é cheia de doçura; no entanto, ele era amargo ao meu gosto de menino. E assim, suponho, seria Virgílio para as crianças gregas, quando obrigadas a estudá-lo como eu era obrigado a estudar Homero.

Na verdade, a dificuldade, a dificuldade de uma língua estrangeira, como que misturava fel a toda a doçura da fábula grega. Pois eu não entendia uma só palavra dela, e, para que entendesse, me pressionavam duramente com ameaças e castigos cruéis.

Houve também um tempo, quando eu era bem pequeno, em que não sabia latim; mas o aprendi sem medo nem sofrimento, apenas pela observa-

ção, entre os carinhos de quem cuidava de mim e as brincadeiras dos amigos, que sorriam e me encorajavam de modo divertido.

Aprendi isso sem a pressão de castigos que me impelissem, pois meu coração me impelia a dar expressão às suas ideias, o que eu só podia fazer aprendendo palavras, não dos que ensinavam, mas dos que conversavam comigo; aos ouvidos deles eu também dava expressão aos pensamentos, fosse o que fosse que concebesse.

Não há dúvida, portanto, de que a livre curiosidade tem mais força para nos fazer aprender essas coisas do que uma imposição que causa medo. Mas é essa imposição que contém os desvios daquela liberdade, por meio das Tuas leis, ó meu Deus, das Tuas leis, que, desde a vara do mestre até as provações do mártir, podem preparar para nós um amargor salutar, chamando-nos de volta a Ti, para longe daquele prazer mortal que nos seduz e nos afasta de Ti.

Ouve, Senhor, minha oração; que minha alma não desfaleça sob a Tua disciplina, nem eu desfaleça ao confessar a Ti todas as Tuas misericórdias, pelas quais me tiraste de todos os meus piores caminhos, para que Te tornasses para mim uma alegria acima de todos os encantos que antes eu perseguia; para que eu Te ame inteiramente e segure a Tua mão com todo o meu afeto, e para que ainda me livres de toda tentação, até o fim.

Pois, ó Senhor, meu Rei e meu Deus, que esteja a Teu serviço tudo o que de útil aprendi na infância; a Teu serviço, que eu fale, escreva, leia e faça contas. Pois me concedeste a Tua disciplina enquanto eu aprendia vaidades; e perdoaste meu pecado de me deleitar nessas vaidades.

Nelas, de fato, aprendi muitas palavras úteis, mas elas podem igualmente ser aprendidas em coisas que não são vãs; e esse é o caminho seguro para os passos da juventude.

Mas ai de ti, torrente dos costumes humanos! Quem poderá resistir a ti? Até quando continuarás sem secar? Até quando arrastarás os filhos de Eva para aquele oceano imenso e horrendo, que mesmo os que sobem à cruz mal conseguem atravessar? Não li em ti sobre Júpiter, o trovejante e o adúltero?

Sem dúvida, ele não podia ser as duas coisas; mas assim o trovão inventado podia dar respaldo ao adultério real e favorecê-lo. E agora, qual dos nossos mestres de toga dá ouvidos com seriedade a alguém que, de sua própria escola, clama: "Essas eram as ficções de Homero, que transferia coisas humanas para os deuses; quem dera ele tivesse trazido até nós as coisas divinas!"

Contudo, teria falado com mais verdade se dissesse: "Essas são, de fato, suas ficções; mas ele atribui uma natureza divina a homens perversos, para que os crimes deixem de ser crimes, e quem os comete pareça imitar, não homens depravados, mas os deuses celestes."

E, no entanto, torrente infernal, em ti são lançados os filhos dos homens, com ricas recompensas por alcançarem tal saber; e isso é tratado com grande solenidade, quando acontece no fórum, à vista das leis que estabelecem um salário além dos pagamentos dos alunos; e tu açoitas tuas rochas e ruges: "É daqui que se aprendem as palavras; daqui, a eloquência, tão necessária para alcançar seus objetivos ou sustentar opiniões." Como se nunca tivéssemos conhecido palavras como "chuva de ouro", "colo", "seduzir", "templos dos céus", ou outras daquela passagem, se Terêncio não tivesse le-

vado ao palco um jovem devasso que tomava Júpiter como seu exemplo de sedução.

"Contemplando uma pintura em que se representava a história De Júpiter descendo numa chuva de ouro Ao colo de Dânae, para seduzir uma mulher."

E então observa como ele se incita à luxúria, como se tivesse a autoridade dos céus:

"E que deus? O grande Júpiter, Que abala os mais altos templos do céu com seu trovão,

E eu, pobre homem mortal, não faria o mesmo! Eu o fiz, e de todo o coração o fiz."

Toda essa vileza não torna as palavras nem um pouco mais fáceis de aprender; mas, por meio delas, a vileza é cometida com menos vergonha. Não que eu culpe as palavras, que são como vasos escolhidos e preciosos, mas aquele vinho do erro que professores embriagados nos oferecem neles; e, se também não bebemos, somos espancados, e não temos um juiz sóbrio a quem recorrer.

No entanto, ó meu Deus, em cuja presença agora posso recordar isso sem sofrer dano, infelizmente aprendi tudo isso de boa vontade e com grande prazer, e por isso me consideravam um menino promissor.

Tem paciência comigo, meu Deus, enquanto digo algo sobre minha inteligência, dádiva Tua, e sobre os desvarios em que a desperdicei. Pois me deram uma tarefa bastante penosa para minha alma, sob a promessa de elo-

gios ou de vergonha, e com o medo de açoites: pronunciar as palavras de Juno, quando ela se enfurecia e lamentava por não poder

"Afastar do Lácio este príncipe troiano."

Eu tinha ouvido dizer que Juno nunca pronunciara essas palavras; mas éramos obrigados a nos desviar seguindo os passos dessas ficções poéticas e a dizer em prosa quase tudo o que ele expressara em verso. E recebia mais aplausos a fala daquele em quem as paixões de ira e tristeza mais se destacavam, revestidas da linguagem mais apropriada, preservando a dignidade da personagem.

Que me importa, ó minha verdadeira vida, meu Deus, que minha declamação fosse aplaudida mais que a de tantos da minha idade e da minha classe? Não é tudo isso fumaça e vento? E não havia outra coisa em que exercitar minha inteligência e minha língua?

Teus louvores, Senhor, Teus louvores poderiam ter firmado o broto ainda tenro do meu coração com o apoio das Tuas Escrituras; assim ele não teria se arrastado em meio a essas futilidades vazias, presa impura para as aves do céu. Pois de mais de uma maneira os homens oferecem sacrifícios aos anjos rebeldes.

⁂

Mas que há de espantoso em eu ter sido assim levado às vaidades e me afastado da Tua presença, ó meu Deus, quando me apresentavam como modelos homens que, ao relatar alguma ação sua que em si não era má, se cometiam algum barbarismo ou erro de sintaxe e eram censurados, ficavam en-

vergonhados; mas, quando relatavam sua própria vida desregrada num discurso rico, adornado e bem ordenado, e eram elogiados, se vangloriavam?

Tu vês essas coisas, Senhor, e guardas silêncio; és paciente e abundante em misericórdia e verdade. Guardarás silêncio para sempre? E ainda agora tiras desse abismo horrível a alma que Te busca, que tem sede dos Teus prazeres, cujo coração Te diz: Busquei a Tua face; a Tua face, Senhor, buscarei. Pois ter os afetos obscurecidos é estar afastado de Ti.

Pois não é com os pés, nem mudando de lugar, que os homens Te deixam ou voltam a Ti. Por acaso aquele Teu filho mais novo procurou cavalos, carros ou navios, voou com asas visíveis ou viajou movendo os membros, para desperdiçar numa terra distante, numa vida dissoluta, tudo o que lhe deste na partida?

Pai amoroso quando lhe deste, e ainda mais amoroso com ele quando voltou de mãos vazias. Assim, nos afetos dominados pela luxúria, isto é, obscurecidos, está a verdadeira distância da Tua face.

Olha, ó Senhor Deus, sim, olha com paciência, como costumas fazer, com quanto cuidado os filhos dos homens observam as regras convencionadas de letras e sílabas que receberam dos que falaram antes deles, enquanto desprezam a aliança eterna da salvação sem fim que receberam de Ti.

Tanto é assim que um professor ou aluno das regras de pronúncia herdadas ofenderá mais os homens ao falar, sem a aspiração, de um "ser umano", contrariando as leis da gramática, do que se ele, um "ser humano", odiar um "ser humano", contrariando as Tuas leis.

Como se algum inimigo pudesse lhe fazer mais mal do que o ódio com que se inflama contra ele; ou pudesse ferir mais profundamente aquele a quem persegue do que fere sua própria alma com sua inimizade. Certamente nenhum conhecimento das letras pode ser tão inato quanto o testemunho da consciência de "que ele está fazendo a outro o que não gostaria de sofrer de outro".

Quão profundos são os Teus caminhos, ó Deus, Tu, o único grande, que permaneces em silêncio nas alturas e, por uma lei incansável, distribuis a cegueira como castigo aos desejos sem lei.

Em busca da fama de eloquente, um homem diante de um juiz humano, cercado por uma multidão humana, discursando contra seu inimigo com o mais feroz ódio, tomará o maior cuidado para que um erro da língua não o faça assassinar a palavra "ser humano"; mas não toma cuidado para que, pelo furor do seu espírito, não assassine o verdadeiro ser humano.

Esse era o mundo à cuja porta eu, infeliz, jazia na minha infância; esse era o palco onde eu temera mais cometer um barbarismo do que, depois de cometê-lo, invejar os que não o haviam cometido. Essas coisas eu Te digo e confesso, meu Deus; por elas eu recebia elogios daqueles a quem, então, eu julgava ser toda a virtude agradar.

Pois eu não via o abismo de vileza em que estava lançado, longe dos Teus olhos. Aos olhos deles, o que havia de mais repugnante do que eu já era, desagradando até mesmo aos que eram como eu? Com inúmeras mentiras eu enganava meu tutor, meus mestres, meus pais, por amor às brincadeiras, pela ânsia de ver espetáculos vazios e pela inquietação de imitá-los!

Também cometia furtos na despensa e na mesa de meus pais, escravizado pela gula, ou para ter o que dar aos meninos que me vendiam sua participação nas brincadeiras, das quais, no entanto, gostavam tanto quanto eu. Nessas brincadeiras, eu também buscava muitas vezes vitórias injustas, enquanto eu mesmo era vencido pelo vão desejo de superioridade.

E o que eu menos suportava, ou censurava com mais dureza quando descobria, senão aquilo que eu fazia aos outros? E, se me descobriam e me censuravam por isso, eu preferia brigar a ceder. E é essa a inocência da infância? Não, Senhor, não; imploro Tua misericórdia, meu Deus.

Pois esses mesmos pecados, à medida que chegam os anos mais maduros, esses mesmos pecados passam dos tutores e mestres, das nozes, bolas e pardais, aos magistrados e reis, ao ouro, às propriedades e aos escravos, assim como castigos mais severos tomam o lugar da vara.

Era, portanto, a pequena estatura da infância que Tu, nosso Rei, elogiavas como símbolo de humildade, quando disseste: Dos que são como eles é o reino dos céus.

Ainda assim, Senhor, a Ti, Criador e Governador do universo, excelentíssimo e bondosíssimo, eram devidas graças, a Ti, nosso Deus, mesmo que me tivesses destinado apenas a infância.

Pois já então eu existia, vivia e sentia; e tinha um cuidado inato com meu bem-estar — um vestígio daquela misteriosa Unidade da qual eu provinha; pelo sentido interior eu preservava a integridade dos meus sentidos e, nessas pequenas ocupações e em meus pensamentos sobre coisas pequenas, aprendi a me alegrar com a verdade, odiava ser enganado, tinha uma me-

mória vigorosa, era dotado de fala, encontrava conforto na amizade, evitava a dor, a baixeza, a ignorância.

Em tão pequena criatura, o que não era maravilhoso, não era admirável? Mas tudo isso são dons do meu Deus: não fui eu quem os deu a mim mesmo; e são coisas boas, e juntas constituem o que sou. Bom, portanto, é Aquele que me fez, e Ele é o meu bem; e diante Dele exultarei por todo bem que tive quando menino.

Pois meu pecado foi buscar prazeres, grandezas e verdades, não Nele, mas em Suas criaturas — em mim mesmo e nos outros —, e assim caí de cabeça em tristezas, confusões e erros. Graças a Ti, minha alegria, minha glória e minha confiança, meu Deus, graças a Ti por Teus dons; mas conserva-os em mim.

Pois assim me conservarás, e crescerão e se aperfeiçoarão as coisas que me deste, e eu mesmo estarei contigo, pois até a existência Tu me deste.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II

✦

Vou agora trazer à memória minhas impurezas passadas e as corrupções carnais de minha alma; não porque as ame, mas para que eu Te ame, ó meu Deus. Faço isso por amor ao Teu amor; revendo meus caminhos mais perversos na própria amargura da lembrança, para que Tu Te tornes doce para mim (Tu, doçura que nunca falta, Tu, doçura feliz e segura); e reunindo-me de novo, tirando-me daquela dispersão em que eu me despedaçava, enquanto, afastado de Ti, o único Bem, me perdia entre uma multidão de coisas.

Pois, na minha juventude de então, eu ardia por me saciar com as coisas inferiores; e ousei entregar-me de novo, sem freio, a esses amores variados e sombrios: minha beleza se consumiu, e eu cheirava mal aos Teus olhos; agradando a mim mesmo e desejando agradar aos olhos dos homens.

E em que eu encontrava prazer, senão em amar e ser amado? Mas não guardava a medida do amor, de uma alma para outra, o limite luminoso da amizade; antes, da turva cobiça da carne e da efervescência da juventude subiam névoas que escureciam e encobriam meu coração, de modo que eu não conseguia distinguir o brilho límpido do amor da neblina da luxúria.

Ambos ferviam em mim, confundidos, e arrastavam minha juventude sem freio pelo precipício dos desejos impuros, mergulhando-me num abismo de infâmias. Tua ira se acumulara sobre mim, e eu não sabia.

Eu ficara surdo com o tilintar da corrente de minha mortalidade, castigo do orgulho de minha alma, e me afastava cada vez mais de Ti, e Tu me deixavas entregue a mim mesmo, e eu era sacudido de um lado para outro, me consumia e me dispersava, e transbordava em minhas fornicações, e Tu permanecias em silêncio, ó minha alegria tardia!

Tu então permanecias em silêncio, e eu me afastava cada vez mais de Ti, entrando em campos cada vez mais estéreis, semeados de tristezas, com um abatimento orgulhoso e um cansaço inquieto.

Ah! Se alguém tivesse então moderado minha desordem e dado bom uso às belezas passageiras dessas coisas, os pontos mais extremos da Tua criação! Se tivesse posto um limite aos prazeres delas, para que assim as marés de minha juventude se lançassem à praia do casamento, caso não pudessem ser acalmadas e contidas no propósito de formar uma família, como prescreve Tua lei, ó Senhor: Tu que desse modo formas os descendentes desta nossa condição mortal, podendo, com mão suave, tirar a ponta dos espinhos que foram excluídos do Teu paraíso!

Pois Tua onipotência não está longe de nós, mesmo quando estamos longe de Ti. Ou então eu deveria ter prestado mais atenção à voz que vinha das nuvens: Contudo, esses terão aflições na carne, mas eu quero poupar vocês. E é bom que o homem não toque em mulher.

E aquele que não é casado pensa nas coisas do Senhor, em como agradar ao Senhor; mas aquele que é casado se preocupa com as coisas deste mundo, em como agradar à esposa.

Eu deveria ter ouvido essas palavras com mais atenção e, separado por causa do reino dos céus, teria esperado com mais felicidade os Teus abraços; mas eu, pobre infeliz, espumava como um mar agitado, seguindo o ímpeto de minha própria maré, abandonando-Te, e ultrapassei todos os Teus limites; porém, não escapei dos Teus açoites. Pois que mortal pode escapar?

Porque Tu sempre estavas comigo, rigoroso em Tua misericórdia, e misturavas o mais amargo sabor a todos os meus prazeres ilícitos, para que eu buscasse prazeres sem amargura. Mas onde encontrá-los, eu não conseguia descobrir, senão em Ti, ó Senhor, que ensinas pela dor e nos feres para curar; e nos matas para que não morramos afastados de Ti.

Onde eu estava, e a que distância vivia exilado das delícias da Tua casa, naquele décimo sexto ano da idade de minha carne, quando a loucura da luxúria (à qual o descaramento humano dá plena licença, embora Tuas leis não a permitam) tomou o governo de mim, e eu me entreguei inteiramente a ela?

Enquanto isso, meus amigos não cuidavam de me salvar da queda por meio do casamento; sua única preocupação era que eu aprendesse a falar com excelência e fosse um orador persuasivo.

Pois naquele ano meus estudos foram interrompidos: depois de meu retorno de Madaura (uma cidade vizinha, para onde eu viajara a fim de aprender gramática e retórica), preparavam para mim os recursos para uma viagem mais longa, a Cartago; e isso se devia mais à determinação do que aos meios de meu pai, que era apenas um pobre homem livre de Tagaste. A quem conto isso?

Não a Ti, meu Deus; mas, diante de Ti, aos da minha espécie, àquela pequena parcela da humanidade que por acaso venha a encontrar estes meus escritos. E com que propósito? Para que quem ler isto considere de que profundezas devemos clamar a Ti. Pois o que está mais perto dos Teus ouvidos do que um coração que confessa e uma vida de fé?

Quem não elogiava meu pai por fornecer ao filho, além do que seus recursos permitiam, tudo o que era necessário para uma longa viagem destinada aos estudos? Pois muitos cidadãos com bem mais recursos não faziam o mesmo pelos filhos.

Mas esse mesmo pai não se preocupava com meu crescimento em direção a Ti, nem com minha castidade; bastava que eu fosse abundante nas palavras, por mais estéril que fosse ao Teu cultivo, ó Deus, que és o único Senhor verdadeiro e bom do Teu campo, meu coração.

Mas, enquanto naquele meu décimo sexto ano eu vivia com meus pais, afastado por algum tempo de toda atividade escolar (um período de ociosidade imposto pela escassez dos recursos de meus pais), os espinheiros dos desejos impuros cresciam densos acima de minha cabeça, e não havia mão que os arrancasse.

Quando meu pai me viu nos banhos, já entrando na idade adulta e cheio de uma inquieta vitalidade juvenil, como se já previsse nisso seus descendentes, contou alegremente à minha mãe; alegrando-se naquele tumulto dos sentidos em que o mundo se esquece de Ti, seu Criador, e se apaixona pela Tua criatura em lugar de Ti mesmo, sob os vapores daquele vinho invisível da vontade própria, desviando-se e curvando-se às coisas mais baixas.

Mas no peito de minha mãe Tu já havias começado Teu templo e os alicerces da Tua santa morada, ao passo que meu pai ainda era apenas catecúmeno, e havia pouco tempo. Ela então se alarmou com santo temor e tremor; e, embora eu ainda não fosse batizado, temia por mim aqueles caminhos tortuosos em que andam os que voltam para Ti as costas, e não o rosto.

Ai de mim! E ouso dizer que Tu permanecias em silêncio, ó meu Deus, enquanto eu me afastava cada vez mais de Ti? Será que então realmente permanecias em silêncio comigo? E de quem, senão de Ti, eram aquelas palavras que, por meio de minha mãe, Tua fiel, Tu cantavas aos meus ouvidos? Nada daquilo penetrava em meu coração a ponto de eu o praticar.

Pois ela desejava, e me lembro de que em particular me advertia com grande preocupação, que eu "não cometesse fornicação; mas, principalmente, nunca desonrasse a esposa de outro homem". Esses me pareciam conselhos de mulher, que eu teria vergonha de obedecer.

Mas eram Teus, e eu não sabia; e pensava que Tu estavas em silêncio e que era ela quem falava; por meio dela, Tu não Te calavas comigo; e nela eras desprezado por mim, seu filho, o filho de Tua serva, Teu servo.

Mas eu não sabia; e me precipitava com tamanha cegueira que, entre meus iguais, me envergonhava de ser menos desavergonhado, quando os ouvia se vangloriar de suas infâmias, e tanto mais se vangloriavam quanto mais se degradavam; e eu encontrava prazer não apenas no prazer do ato, mas também no elogio. O que merece censura, senão o vício?

Mas eu me fazia pior do que era para não ser censurado; e, quando em alguma coisa eu não havia pecado como os mais devassos, dizia ter feito o que não fizera, para não parecer desprezível na medida em que era inocente, nem menos estimado quanto mais casto fosse.

⁂

Vê com que companheiros eu andava pelas ruas da Babilônia e me revolvia em sua lama, como se estivesse num leito de especiarias e perfumes preciosos. E, para que eu me prendesse ainda mais ao seu próprio centro, o inimigo invisível me pisoteava e me seduzia, pois eu era fácil de seduzir.

Nem minha mãe segundo a carne (que já fugira do centro da Babilônia, mas ainda caminhava mais devagar por seus arredores, embora me aconselhasse a castidade) prestou tanta atenção ao que ouvira de mim por meio de seu marido a ponto de conter nos limites do afeto conjugal aquilo que sentia ser nocivo no presente e perigoso para o futuro, caso não pudesse ser cortado pela raiz.

Ela não cuidou disso, pois temia que uma esposa se tornasse um peso e um obstáculo às minhas esperanças. Não àquelas esperanças do mundo futuro que minha mãe depositava em Ti, mas à esperança do saber, que meus pais desejavam demais que eu alcançasse; meu pai, porque quase não pensava em Ti e só tinha ideias vaidosas a meu respeito; minha mãe, porque considerava que aqueles estudos habituais não só deixariam de ser um obstáculo, como até ajudariam um pouco a alcançar-Te.

Pois assim suponho, recordando, tanto quanto posso, a disposição de meus pais. Enquanto isso, soltavam-me as rédeas, sem qualquer medida de rigor

adequado, para que eu passasse meu tempo em diversões, chegando até à devassidão em tudo o que me atraía.

E em tudo havia uma névoa que me escondia, ó meu Deus, o brilho da Tua verdade; e minha iniquidade brotava como de uma gordura abundante.

O furto é punido por Tua lei, ó Senhor, e pela lei escrita no coração dos homens, que nem a própria iniquidade apaga. Pois que ladrão tolera outro ladrão? Nem mesmo um ladrão rico tolera alguém que furte por necessidade. Contudo, eu desejei furtar e o fiz, sem ser obrigado pela fome nem pela pobreza, mas por estar farto de fazer o bem e por alimentar minha iniquidade.

Pois furtei aquilo de que eu já tinha bastante, e de qualidade muito melhor. Nem me interessava desfrutar do que furtava; minha alegria estava no próprio furto e no pecado. Havia perto de nossa vinha uma pereira carregada de frutos, que não atraíam nem pela cor nem pelo sabor.

Para sacudi-la e roubá-la, alguns de nós, jovens devassos, fomos até lá tarde da noite (depois de prolongar até aquela hora nossas brincadeiras nas ruas, conforme nosso costume nocivo) e levamos enormes cargas, não para comermos, mas para jogar aos próprios porcos, depois de apenas provar as peras. E fizemos isso apenas para fazer o que nos agradava somente por ser reprovado.

Vê meu coração, ó Deus, vê meu coração, do qual tiveste piedade no fundo do abismo sem fim. Agora, vê, que meu coração Te diga o que buscava ali, para que eu fosse mau sem motivo, sem outra tentação para o mal além do próprio mal. Era repugnante, e eu o amava; amava minha perdição, amava

minha própria falta, não aquilo pelo qual cometia a falta, mas a própria falta.

Alma impura, caindo do Teu firmamento na destruição completa; buscando, por meio da vergonha, nada além da própria vergonha!

Pois há encanto nos corpos belos, no ouro e na prata, e em todas as coisas; e, no toque corporal, a afinidade tem grande influência, e cada um dos outros sentidos tem seu objeto próprio, ajustado a ele. A honra mundana também tem seu encanto, assim como o poder de vencer e dominar; daí nasce também a sede de vingança.

Contudo, para obter tudo isso, não devemos nos afastar de Ti, ó Senhor, nem nos desviar da Tua lei. A vida que aqui vivemos também tem seu próprio encanto, por certa harmonia que lhe é própria e por sua correspondência com todas as coisas belas aqui embaixo. A amizade humana também se torna querida por um doce laço, em razão da unidade formada por muitas almas.

Por causa de todas essas coisas e de outras semelhantes, comete-se o pecado, quando, por uma inclinação sem medida para esses bens da ordem mais baixa, abandonam-se os melhores e mais elevados: Tu, nosso Senhor Deus, Tua verdade e Tua lei.

Pois essas coisas inferiores têm suas delícias, mas não como meu Deus, que fez todas as coisas; pois é Nele que o justo encontra prazer, e Ele é a alegria dos retos de coração.

Quando, então, perguntamos por que um crime foi cometido, não acreditamos que tenha acontecido, a menos que pareça ter havido algum desejo

de obter alguns daqueles bens que chamamos de inferiores, ou algum medo de perdê-los. Pois são belos e agradáveis, embora, comparados com aqueles bens superiores que trazem a felicidade, sejam desprezíveis e baixos.

Um homem matou outro; por quê? Cobiçava sua mulher ou seus bens; ou queria roubar para garantir o próprio sustento; ou temia perder por causa dele alguma dessas coisas; ou, tendo sido ofendido, ardia de desejo de vingança. Alguém cometeria um assassinato sem motivo algum, sentindo prazer apenas em matar? Quem acreditaria nisso?

Pois, mesmo no caso daquele homem furioso e selvagem, de quem se diz que era mau e cruel sem motivo, ainda assim se aponta uma causa: "para que", diz ele, "a mão ou o coração não se tornassem inativos pela ociosidade". E com que finalidade?

Para que, por meio dessa prática do crime, depois de tomar a cidade, pudesse alcançar honras, poder e riquezas, e ficar livre do medo das leis, das dificuldades causadas pelas necessidades de sua casa e da consciência de suas maldades. Assim, nem mesmo o próprio Catilina amava suas maldades, mas alguma outra coisa, em razão da qual as praticava.

O que, então, eu, miserável, tanto amei em ti, meu furto, meu ato de escuridão, naquele décimo sexto ano de minha vida? Belo não eras, porque eras um furto. Mas és alguma coisa, para que eu fale assim contigo? Belas eram as peras que roubamos, porque eram criação Tua, ó Tu, o mais belo de todos, Criador de tudo, Deus bom; Deus, o bem supremo e meu verdadeiro bem.

Belas eram aquelas peras, mas não eram elas que minha alma miserável desejava, pois eu tinha em abundância outras melhores, e aquelas eu colhi apenas para roubar. Pois, depois de colhê-las, joguei-as fora; meu único banquete naquilo era o meu próprio pecado, do qual me agradava desfrutar. Se alguma daquelas peras entrou em minha boca, o que a adoçou foi o pecado.

E agora, Senhor meu Deus, pergunto o que me dava prazer naquele furto; e vejo que ele não tem beleza alguma. Não me refiro à beleza que há na justiça e na sabedoria, nem à que há na mente e na memória, nos sentidos e na vida corporal do homem; nem ainda à glória e à beleza dos astros em suas órbitas, ou da terra, ou do mar, cheios de vida em formação, que, ao nascer, substitui o que se desfaz; nem sequer àquela beleza falsa e sombria que pertence aos vícios enganadores.

⁂

Pois assim o orgulho imita a grandeza, embora só Tu sejas Deus elevado acima de tudo. A ambição, o que busca, senão honras e glória? Contudo, só Tu deves ser honrado acima de tudo e és glorioso para sempre. A crueldade dos poderosos quer ser temida; mas quem deve ser temido, senão Deus somente, de cujo poder o que pode ser arrancado ou retirado?

Quando, onde, para onde ou por quem? As carícias do devasso querem ser consideradas amor; contudo, nada é mais terno que a Tua caridade, nem coisa alguma é amada de modo mais salutar que a Tua verdade, luminosa e bela acima de tudo. A curiosidade se apresenta como desejo de conhecimento, embora Tu conheças tudo de modo supremo.

Até a ignorância e a própria insensatez se encobrem com o nome de simplicidade e inocuidade, porque nada se encontra mais simples que Tu; e o que é menos nocivo, já que são as próprias obras do pecador que o ferem? Também a preguiça quer descansar; mas que descanso duradouro existe além do Senhor?

O luxo pretende ser chamado de fartura e abundância; mas Tu és a plenitude e a abundância inesgotável dos prazeres incorruptíveis. A prodigalidade apresenta uma sombra de generosidade; mas Tu és o mais abundante Doador de todo bem. A cobiça quer possuir muitas coisas; e Tu possuis todas as coisas. A inveja disputa a superioridade; o que é mais excelente que Tu?

A ira busca vingança; quem se vinga com mais justiça que Tu? O medo se assusta com coisas incomuns e repentinas que põem em perigo as coisas amadas, e procura de antemão garantir sua segurança; mas, para Ti, o que é incomum ou repentino, ou quem separa de Ti o que amas? Ou onde, senão junto de Ti, existe segurança inabalável?

A tristeza se consome pelas coisas perdidas, que davam prazer aos seus desejos, porque não quer que nada lhe seja tirado, assim como nada pode ser tirado de Ti.

Assim a alma se prostitui quando se afasta de Ti, buscando fora de Ti aquilo que não encontra puro e sem mancha até voltar a Ti. Assim Te imitam de modo perverso todos os que se afastam de Ti e se levantam contra Ti. Mas, mesmo ao Te imitarem dessa maneira, indicam que és o Criador de toda a natureza; por isso, não há lugar para onde alguém possa se retirar inteiramente de Ti.

O que, então, eu amava naquele furto? E em que eu imitava meu Senhor, ainda que de modo corrompido e perverso? Queria, às escondidas, agir contra a Tua lei, já que não podia fazê-lo pela força, para que, sendo prisioneiro, pudesse imitar uma liberdade mutilada, fazendo impunemente coisas que me eram proibidas, numa semelhança obscurecida da Tua onipotência?

Eis o Teu servo, fugindo de seu Senhor e alcançando uma sombra. Ó podridão, ó monstruosidade da vida e profundidade da morte! Seria possível eu gostar do que não me era permitido, apenas porque não me era permitido?

O que darei ao Senhor por minha alma não se encher de pavor dessas coisas enquanto minha memória as recorda? Eu Te amarei, Senhor, e Te agradecerei, e confessarei o Teu nome, porque me perdoaste esses meus atos tão grandes e terríveis. À Tua graça e à Tua misericórdia atribuo o fato de teres derretido meus pecados como gelo.

À Tua graça atribuo também todo o mal que não fiz; pois o que eu não poderia ter feito, eu que amei até mesmo um pecado por si só? Sim, reconheço que tudo me foi perdoado: tanto o mal que cometi por minha própria vontade, como o que, pela Tua orientação, não cometi.

Que homem, considerando sua própria fraqueza, ousa atribuir sua pureza e inocência às próprias forças, para assim Te amar menos, como se tivesse precisado menos da Tua misericórdia, pela qual perdoas os pecados daqueles que se voltam para Ti?

Pois quem, chamado por Ti, seguiu a Tua voz e evitou aquelas coisas que me lê recordar e confessar a meu respeito, não despreze a mim, que, es-

tando doente, fui curado por aquele Médico graças a cujo auxílio ele não adoeceu, ou melhor, adoeceu menos.

E que, por isso, Te ame tanto quanto eu, e ainda mais; pois por Aquele que ele vê ter me recuperado de tão profundo desgaste causado pelo pecado, vê que ele próprio foi preservado de semelhante desgaste.

Que fruto eu tinha então, miserável que sou, naquelas coisas cuja lembrança agora me envergonha? Especialmente naquele furto que amei pelo próprio furto; ele também era nada, e por isso eu era ainda mais miserável por amá-lo. Contudo, sozinho eu não o teria cometido; assim eu era naquele tempo, lembro-me: sozinho, jamais o teria cometido.

Eu amava, então, também a companhia dos cúmplices com quem o cometi? Nesse caso, eu não amava apenas o furto; ou melhor, amava apenas o furto, pois aquela circunstância da companhia também era nada. O que é isso, na verdade? Quem pode me ensinar, senão Aquele que ilumina meu coração e revela seus cantos escuros?

O que é isso que me veio à mente investigar, discutir e considerar? Pois, se eu tivesse amado as peras que roubei e desejado desfrutá-las, poderia ter feito aquilo sozinho, se o simples ato de furtar bastasse para alcançar meu prazer; nem teria precisado atiçar a coceira dos meus desejos com o estímulo dos cúmplices.

Mas, como meu prazer não estava naquelas peras, estava na própria transgressão, que a companhia de outros pecadores provocou.

Que sentimento era esse, então? Pois, de fato, era muito vergonhoso; e ai de mim, que o sentia. Mas o que era? Quem pode compreender os próprios

erros? Era a brincadeira que, por assim dizer, fazia cócegas em nosso coração: enganávamos aqueles que mal imaginavam o que estávamos fazendo e que muito o desaprovavam.

Por que, então, meu prazer era de tal natureza que eu não fazia aquilo sozinho? Porque ninguém costuma rir sozinho? Normalmente ninguém; contudo, às vezes o riso domina as pessoas quando estão sozinhas, sem ninguém por perto, se algo muito engraçado se apresenta aos seus sentidos ou à sua mente. Mesmo assim, eu não teria feito aquilo sozinho; sozinho, jamais o teria feito.

Eis, meu Deus, diante de Ti, a viva lembrança de minha alma: sozinho, eu jamais teria cometido aquele furto, no qual não me agradava o que roubei, mas o fato de roubar; nem teria gostado de fazê-lo sozinho, nem o teria feito. Ó amizade tão inimiga!

Sedutora incompreensível da alma, avidez de fazer o mal por diversão e desregramento, sede do prejuízo alheio, sem desejo de ganho próprio ou de vingança: mas, quando se diz: "Vamos, vamos fazer isso", temos vergonha de não ter vergonha.

Quem pode desatar esse nó retorcido e emaranhado? É repugnante; odeio pensar nele, olhar para ele. Mas por Ti eu anseio, ó Justiça e Inocência, bela e agradável a todos os olhos puros, que ofereces uma satisfação que nunca enjoa. Junto de Ti há descanso completo e vida imperturbável.

Quem entra em Ti entra na alegria de seu Senhor; não terá medo e agirá de modo excelente Naquele que é acima de tudo excelente. Afundei para longe de Ti e vaguei, ó meu Deus, muito afastado de Ti, meu amparo, na-

queles dias da minha juventude, e me tornei para mim mesmo uma terra estéril.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III

✦

Cheguei a Cartago, onde um caldeirão de amores impuros cantava por toda parte aos meus ouvidos. Eu ainda não amava, mas amava amar e, por uma carência profundamente enraizada, odiava a mim mesmo por não sentir falta disso. Procurava algo que pudesse amar, apaixonado pelo próprio amar, e odiava a segurança e um caminho sem armadilhas.

Pois havia dentro de mim uma fome daquele alimento interior que és Tu, meu Deus; contudo, apesar dessa fome, eu não sentia apetite; não tinha desejo algum de alimento incorruptível, não por estar saciado dele, mas porque, quanto mais vazio estava, mais o detestava.

Por isso minha alma estava doente e cheia de feridas, e se lançava miseravelmente para fora, desejando ser raspada pelo contato com as coisas sensíveis. No entanto, se estas não tivessem alma, não seriam objetos de amor. Amar, então, e ser amado era doce para mim; mais ainda quando conseguia desfrutar da pessoa que amava.

Assim, eu contaminava a fonte da amizade com a sujeira da concupiscência e obscurecia seu brilho com o inferno da luxúria; e, assim sujo e indecente, desejava, por extrema vaidade, ser elegante e cortês. Precipitei-me, então, no amor em que desejava ficar preso. Meu Deus, minha Misericórdia, com quanto fel, em Tua grande bondade, salpicaste para mim aquela doçura!

Pois eu era amado e, em segredo, havia alcançado o vínculo do prazer; e, com alegria, ficava preso a laços que traziam sofrimento, para ser açoitado

com as varas de ferro em brasa do ciúme, das suspeitas, dos medos, das iras e das brigas.

As peças de teatro também me arrebatavam, cheias de imagens das minhas misérias e de combustível para o meu fogo. Por que o ser humano deseja ficar triste ao contemplar coisas dolorosas e trágicas que ele próprio de modo algum gostaria de sofrer? E, no entanto, como espectador, deseja sentir tristeza diante delas, e essa mesma tristeza é seu prazer.

Que é isso senão uma miserável loucura? Pois quanto menos livre alguém está dessas paixões, mais se comove com essas representações. De todo modo, quando sofre em sua própria pessoa, costuma-se chamar isso de miséria; quando se compadece dos outros, chama-se misericórdia. Mas que espécie de compaixão é essa por paixões fingidas e encenadas?

Pois o espectador não é chamado a socorrer, mas apenas a sofrer; e quanto mais sofre, mais aplaude o ator dessas ficções. E, se as desgraças dessas personagens, sejam dos tempos antigos ou de pura ficção, são representadas de modo que o espectador não se comova até as lágrimas, ele vai embora desgostoso e criticando; mas, se é tomado pela emoção, permanece atento e chora de alegria.

Então também se amam as dores? Na verdade, todos desejam a alegria. Ou será que, embora ninguém goste de ser infeliz, agrada-lhe ser misericordioso? E, como isso não pode existir sem sofrimento, será apenas por essa razão que os sofrimentos são amados? Isso também brota daquela fonte da amizade. Mas para onde vai essa fonte? Para onde corre?

Por que se lança naquela torrente de piche que faz borbulhar aquelas monstruosas ondas de imunda luxúria, na qual voluntariamente se converte e se transforma, precipitando-se por vontade própria e perdendo, na corrupção, sua limpidez celeste? Deve-se, então, abandonar a compaixão? De modo algum. Que às vezes se amem, então, as dores.

Mas guarda-te da impureza, ó minha alma, sob a proteção do meu Deus, o Deus de nossos pais, que deve ser louvado e exaltado acima de tudo para sempre; guarda-te da impureza. Pois não deixei agora de sentir compaixão; mas, naquele tempo, nos teatros, eu me alegrava com os amantes quando desfrutavam um do outro de maneira perversa, embora isso fosse apenas imaginário, na peça.

E, quando perdiam um ao outro, eu sofria com eles, como se fosse muito compassivo, mas encontrava prazer em ambas as coisas. Agora, porém, tenho muito mais compaixão de quem se alegra em sua maldade do que daquele que se julga sofrer por não alcançar algum prazer pernicioso e perder alguma felicidade miserável.

Essa certamente é a misericórdia mais verdadeira, mas nela a dor não dá prazer. Pois, embora aquele que sofre pelos infelizes seja elogiado por seu ato de caridade, quem é verdadeiramente compassivo preferiria que não houvesse motivo algum para sofrer.

Pois, se a boa vontade pudesse desejar o mal, o que nunca pode acontecer, então aquele que se compadece de modo verdadeiro e sincero poderia desejar que houvesse infelizes para que pudesse se compadecer deles. Alguma tristeza pode, portanto, ser admitida; nenhuma deve ser amada.

Pois assim ages Tu, Senhor Deus, que amas as almas com muito mais pureza do que nós e tens delas uma compaixão mais incorruptível, sem, contudo, seres ferido por tristeza alguma. E quem é capaz dessas coisas?

Mas eu, miserável, amava então sofrer e procurava motivos de sofrimento, pois, na miséria alheia, fingida e representada, a atuação que mais me agradava e mais intensamente me atraía era aquela que me arrancava lágrimas. Que há de espantoso em que eu, ovelha infeliz, desgarrada do Teu rebanho e impaciente com Teu cuidado, fosse contaminado por uma doença imunda?

Daí vinha o amor pelas dores; não por aquelas que penetrassem fundo em mim, pois eu não amava sofrer aquilo que amava contemplar, mas por aquelas que, ao ouvir suas ficções, arranhassem levemente a superfície; e a isso, como ao arranhão de unhas envenenadas, seguiam-se inchaço inflamado, abscessos e uma ferida em putrefação. Sendo assim a minha vida, era isso vida, ó meu Deus?

E Tua fiel misericórdia pairava sobre mim, de longe. Em que graves iniquidades eu me consumia, seguindo uma curiosidade sacrílega que, depois de eu Te abandonar, me levaria ao abismo traiçoeiro e ao enganoso serviço dos demônios, aos quais eu sacrificava minhas más ações; e em todas essas coisas Tu me açoitavas!

Ousei até, enquanto Tuas solenidades eram celebradas dentro das paredes de Tua Igreja, desejar e levar adiante uma ação que, por seus frutos, merecia a morte. Por isso me açoitaste com castigos severos, embora fossem nada diante da minha culpa, ó Tu, minha imensa misericórdia, meu Deus, meu refúgio contra aqueles terríveis destruidores, entre os quais eu vagava de ca-

beça erguida em obstinação, afastando-me cada vez mais de Ti, amando meus próprios caminhos, e não os Teus; amando uma liberdade errante.

Também aqueles estudos, considerados louváveis, tinham por objetivo destacar-se nos tribunais de litígio; quanto mais astuto alguém fosse, mais elogiado seria. Tal é a cegueira humana: gloriar-se até da própria cegueira.

E eu já era o primeiro na escola de retórica, com o que me alegrava orgulhosamente, e me enchia de arrogância, embora, Senhor, Tu o sabes, fosse muito mais tranquilo e inteiramente afastado das perturbações daqueles "Perturbadores" — pois esse nome sinistro e diabólico era a própria marca da elegância — entre os quais eu vivia, sentindo uma vergonha vergonhosa por não ser como eles.

Eu vivia com eles e às vezes me deleitava com sua amizade, embora sempre detestasse seus atos, isto é, suas "perturbações", com as quais perseguiam por puro capricho a timidez dos recém-chegados, que atormentavam com zombarias gratuitas, alimentando assim sua índole maliciosa. Nada pode se parecer mais com os próprios atos dos demônios do que essas coisas.

Que nome, então, lhes caberia melhor do que "Perturbadores"? Eles próprios já haviam sido primeiro perturbados e inteiramente pervertidos, enquanto os espíritos enganadores zombavam deles em segredo e os seduziam nas mesmas coisas em que eles se deleitavam em zombar dos outros e enganá-los.

⁂

Entre pessoas assim, naquela minha idade instável, eu estudava livros de eloquência, na qual desejava me destacar com uma finalidade condenável e

vaidosa: o prazer na vaidade humana. No curso habitual dos estudos, deparei com certo livro de Cícero, cuja linguagem quase todos admiram, mas não tanto seu coração.

Esse seu livro contém uma exortação à filosofia e se chama "Hortênsio". Mas esse livro mudou meus afetos, voltou minhas orações para Ti, Senhor, e me fez ter outros propósitos e desejos. Toda esperança vã perdeu de repente o valor para mim; e, com um desejo de ardor incrível, ansiei por uma sabedoria imortal e comecei então a me levantar para voltar a Ti.

Pois não foi para aperfeiçoar minha língua — algo que eu parecia estar comprando com o dinheiro que minha mãe me dava, naquele meu décimo nono ano de vida, tendo meu pai morrido dois anos antes —, não foi para aperfeiçoar minha língua que usei aquele livro; e o que ele me incutiu não foi seu estilo, mas seu conteúdo.

Como eu ardia então, meu Deus, como ardia por subir de novo das coisas terrenas até Ti, sem saber o que farias comigo! Pois contigo está a sabedoria. Ora, o amor à sabedoria é chamado em grego de "filosofia", e foi por ele que aquele livro me inflamou.

Há quem seduza por meio da filosofia, encobrindo e disfarçando seus próprios erros sob um nome grandioso, agradável e honroso; e quase todos os que assim procederam naquela época e nas anteriores são censurados e expostos naquele livro.

Ali também fica claro aquele conselho salutar do Teu Espírito, dado por Teu bom e devoto servo: Cuidado para que ninguém os leve cativos por meio da filosofia e de enganos vazios, segundo a tradição dos homens, se-

gundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo. Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade.

E como naquele tempo, Tu o sabes, ó luz do meu coração, eu não conhecia as Escrituras apostólicas, aquela exortação me agradava apenas porque me despertava com força, me acendia e inflamava para amar, buscar, alcançar, conservar e abraçar, não esta ou aquela seita, mas a própria sabedoria, fosse ela qual fosse.

E só uma coisa refreava o meu ardor: o nome de Cristo não estava ali. Pois esse nome, segundo Tua misericórdia, Senhor, esse nome do meu Salvador, Teu Filho, meu tenro coração o havia bebido devotamente já com o leite de minha mãe e o guardava bem fundo; e tudo o que não trouxesse esse nome, por mais erudito, refinado ou verdadeiro que fosse, não me conquistava por inteiro.

Resolvi então voltar minha atenção às santas Escrituras para ver como eram. Mas eis que vejo algo que os orgulhosos não compreendem, nem está aberto às crianças, humilde na entrada, elevado em suas profundezas e velado de mistérios; e eu não era capaz de entrar ali, nem de inclinar a cabeça para seguir seus passos.

Pois, quando me voltei para aquelas Escrituras, não senti o que agora digo; elas me pareceram indignas de comparação com a imponência de Túlio, pois meu orgulho inchado recuava diante de sua humildade, e minha inteligência aguçada não conseguia penetrar em seu interior. No entanto, elas eram de tal natureza que cresceriam com um pequenino. Mas eu desdenhava ser pequenino e, inchado de orgulho, julgava-me grande.

Por isso caí entre homens que se entregavam orgulhosamente a delírios, extremamente carnais e faladores, em cujas bocas estavam as armadilhas do Diabo, untadas com uma mistura das sílabas do Teu nome, do nome de nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo, o Paráclito, nosso Consolador.

Esses nomes não saíam de suas bocas, mas eram apenas som e ruído da língua, pois o coração estava vazio de verdade. Ainda assim, gritavam: "Verdade, Verdade", e muito me falavam dela, mas ela não estava neles: ao contrário, diziam falsidades, não apenas a respeito de Ti (que verdadeiramente és a Verdade), mas até a respeito dos elementos deste mundo, Tuas criaturas.

E eu, por amor a Ti, meu Pai, sumamente bom, Beleza de todas as coisas belas, deveria ter passado adiante até mesmo dos filósofos que diziam a verdade a respeito desses elementos.

Ó Verdade, Verdade, como já então, no mais profundo do meu ser, a minha alma ansiava por Ti, quando eles, tantas vezes, de tantas maneiras e em tantos e enormes livros, faziam chegar a mim um eco de Ti, embora fosse apenas um eco!

E esses eram os pratos em que, tendo eu fome de Ti, eles me serviam, em Teu lugar, o Sol e a Lua, belas obras Tuas, mas ainda assim obras Tuas, e não Tu mesmo, nem sequer as primeiras de Tuas obras. Pois Tuas obras espirituais vêm antes dessas obras corporais, embora sejam celestes e luminosas.

Mas eu não tinha fome nem sede sequer dessas primeiras obras Tuas, e sim de Ti mesmo, a Verdade, em quem não há mudança nem sombra de variação. No entanto, eles continuavam a me apresentar naqueles pratos fantasias brilhantes, e melhor seria amar este próprio sol (que ao menos é real para os nossos olhos) do que aquelas fantasias que, por meio de nossos olhos, enganam a nossa mente.

Contudo, por pensar que elas eram Tu, eu me alimentava delas; não com avidez, pois nelas eu não sentia o Teu sabor tal como és, já que Tu não eras aquelas coisas vazias, e elas não me nutriam, antes me esgotavam. A comida que vemos em sonhos se parece muito com a que comemos acordados; mas os que dormem não se alimentam dela, pois estão dormindo.

Aquelas coisas, porém, nem sequer se pareciam de modo algum contigo, como agora me fizeste saber; pois eram fantasias corporais, corpos falsos, muito menos certos do que estes corpos verdadeiros, celestes ou terrestres, que contemplamos com nossos olhos de carne.

Esses corpos, os animais e as aves os percebem tão bem quanto nós, e eles são mais certos do que quando os imaginamos. E, por sua vez, nós os imaginamos com mais certeza do que quando, a partir deles, supomos outros corpos, mais vastos e infinitos, que não existem. Eram essas cascas vazias que então me davam para comer; e elas não me alimentavam.

Mas Tu, Amor da minha alma, a quem procuro até desfalecer, para que eu me torne forte, não és aqueles corpos que vemos, ainda que estejam no céu; nem aqueles que ali não vemos, pois Tu os criaste e nem sequer os contas entre as principais de Tuas obras. Como estás longe, então, daquelas minhas fantasias, fantasias de corpos que de modo algum existem!

Muito mais certas do que elas são as imagens dos corpos que existem, e mais certos ainda são os próprios corpos, que, no entanto, Tu não és; tampouco és a alma, que é a vida dos corpos. Assim, a vida dos corpos é melhor e mais certa do que os corpos. Mas Tu és a vida das almas, a vida das vidas, tens vida em Ti mesmo e não mudas, ó vida da minha alma.

⁂

Onde estavas então para mim, e a que distância de mim? Eu andava, de fato, muito longe de Ti, privado até das cascas dos porcos que eu alimentava com cascas. Pois quanto melhores são as fábulas dos poetas e dos gramáticos do que essas armadilhas!

Os versos, os poemas e "Medeia voando" são, na verdade, mais proveitosos do que os cinco elementos desses homens, disfarçados de várias maneiras e correspondentes a cinco cavernas de trevas, que não existem e, no entanto, matam quem acredita nelas.

Pois posso transformar versos e poemas em alimento verdadeiro; e, embora cantasse "Medeia voando", eu não afirmava que aquilo fosse verdade; embora ouvisse cantar, não acreditava. Mas naquelas coisas eu acreditava. Ai, ai, por que passos fui levado às profundezas do inferno!

Entre trabalhos e aflições, por falta da Verdade, pois eu Te procurava, meu Deus (a Ti o confesso, que tiveste misericórdia de mim quando eu ainda não confessava), não segundo o entendimento da mente, pelo qual quiseste que eu fosse superior aos animais, mas segundo os sentidos da carne.

Tu, porém, estavas mais dentro de mim do que o meu íntimo mais profundo, e acima do que há de mais elevado em mim. Deparei com aquela

mulher atrevida, ingênua e que nada sabe, representada em Salomão, sentada à porta e dizendo: Comei de boa vontade o pão dos segredos e bebei as águas roubadas, que são doces.

Ela me seduziu porque encontrou minha alma vivendo fora de si, no olho da minha carne, e ruminando o alimento que por ele eu havia devorado.

Pois, além disso, eu não conhecia aquilo que realmente existe; e, como se fosse por agudeza de inteligência, fui persuadido a concordar com enganadores insensatos quando me perguntavam: "De onde vem o mal?", "Deus é limitado por uma forma corporal e tem cabelos e unhas?", "Devem ser considerados justos aqueles que tiveram muitas mulheres ao mesmo tempo, mataram homens e sacrificaram seres vivos?"

Essas perguntas muito me perturbavam em minha ignorância, e, afastando-me da verdade, parecia a mim mesmo que me aproximava dela, porque ainda não sabia que o mal nada era senão a privação do bem, até que, por fim, uma coisa deixa inteiramente de existir. E como eu poderia ver isso, se a visão dos meus olhos alcançava apenas os corpos, e a da minha mente, uma imagem ilusória?

E eu não sabia que Deus é Espírito, e não um ser cujas partes se estendem em comprimento e largura, ou cuja existência consiste em volume; pois todo volume é menor numa parte do que no todo. E, se for infinito, deverá ser menor na parte delimitada por certo espaço do que em sua infinitude; portanto, não está completamente em toda parte, como o Espírito, como Deus.

E eu ignorava por completo o que haveria em nós pelo qual seríamos semelhantes a Deus e poderíamos, com razão, ser considerados feitos à imagem de Deus.

Eu tampouco conhecia aquela verdadeira justiça interior que não julga segundo o costume, mas segundo a lei mais justa de Deus Todo-Poderoso, pela qual os costumes dos lugares e dos tempos foram ordenados de acordo com esses tempos e lugares. Essa lei, contudo, é sempre a mesma em toda parte, e não uma coisa num lugar e outra em outro.

Segundo ela, eram justos Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Davi e todos aqueles elogiados pela boca de Deus; mas eram julgados injustos por homens insensatos, que julgavam segundo o julgamento humano e mediam os costumes morais de toda a humanidade por seus próprios hábitos mesquinhos.

Seria como se, num arsenal, alguém, sem saber o que é apropriado para cada parte do corpo, cobrisse a cabeça com peças de proteção para as pernas ou procurasse calçar um capacete e se queixasse de que não serviam; ou como se, num dia em que as atividades comerciais são suspensas por determinação pública à tarde, alguém se irritasse por não poder manter a loja aberta, já que a mantivera aberta pela manhã; ou como se, numa casa, visse um criado pegar com a mão alguma coisa em que o mordomo não tem permissão de tocar, ou visse ser permitido fora da casa algo proibido na sala de jantar, e se zangasse porque, numa mesma casa e numa mesma família, a mesma coisa não é concedida em toda parte e a todos.

Assim são aqueles que se irritam ao ouvir que algo foi permitido aos justos de antigamente e agora já não é; ou que Deus, por certas razões ligadas ao

tempo, ordenou uma coisa àqueles e outra a estes, embora ambos obedecessem à mesma justiça.

No entanto, veem que, num mesmo homem, num mesmo dia e numa mesma casa, coisas diferentes são apropriadas a membros diferentes; que algo antes permitido deixa de sê-lo depois de certo tempo; que algo é permitido ou ordenado num canto, mas em outro é justamente proibido e punido. Será então a justiça diversa ou mutável?

Não, mas os tempos, sobre os quais ela governa, não transcorrem de modo uniforme, porque são tempos. Os homens, porém, cujos dias na terra são poucos, não conseguem, por meio dos sentidos, conciliar as razões das coisas de épocas passadas e de outras nações, que não conheceram por experiência, com as daquelas que conhecem.

Contudo, num mesmo corpo, dia ou família, veem facilmente o que convém a cada membro, momento, parte e pessoa; contestam umas coisas e se submetem às outras.

⁂

Eu então não conhecia nem observava essas coisas; elas se apresentavam aos meus olhos por todos os lados, e eu não as via. Eu compunha versos, nos quais não podia colocar qualquer pé métrico em qualquer lugar, mas devia distribuí-los de maneira diferente em metros diferentes; nem mesmo num só metro podia colocar o mesmo pé em todas as posições.

Contudo, a própria arte pela qual eu compunha não tinha princípios diferentes para esses diferentes casos, mas abrangia todos numa só unidade. Ainda assim, eu não via como aquela justiça à qual os homens bons e san-

tos obedeciam continha, de modo muito mais excelente e sublime, numa só unidade, tudo o que Deus ordenava, sem variar em parte alguma; embora, em tempos diferentes, não prescrevesse tudo de uma vez, mas distribuísse e ordenasse o que era adequado a cada um.

E eu, em minha cegueira, censurava os santos Pais, não apenas quando faziam uso das coisas presentes conforme Deus lhes ordenava e inspirava, mas também quando anunciavam as coisas futuras, conforme Deus as revelava neles.

Pode ser injusto, em algum tempo ou lugar, amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de toda a mente, e ao próximo como a si mesmo? Por isso, as práticas vergonhosas que são contra a natureza devem ser detestadas e punidas em toda parte e em todos os tempos, como as dos homens de Sodoma.

Se todas as nações as cometessem, todas seriam culpadas do mesmo crime segundo a lei de Deus, que não fez os homens para que assim abusassem uns dos outros. Pois até a relação que deve existir entre Deus e nós é violada quando essa mesma natureza, da qual Ele é o Autor, é corrompida pela perversidade do desejo carnal.

Mas as ações que ofendem os costumes humanos devem ser evitadas conforme os costumes que prevalecem em cada lugar, para que aquilo que foi acordado e confirmado pelo costume ou pela lei de qualquer cidade ou nação não seja violado pelo capricho sem lei de ninguém, seja natural do lugar ou estrangeiro. Pois toda parte que não se harmoniza com o seu todo causa ofensa.

Mas, quando Deus ordena que se faça algo contrário aos costumes ou ao acordo de um povo, isso deve ser feito, mesmo que nunca antes tenha sido feito por eles; e, se tiver sido interrompido, deve ser restabelecido; e, se nunca tiver sido instituído, deve agora ser instituído.

Pois, se é legítimo que um rei, no Estado sobre o qual reina, ordene aquilo que ninguém antes dele, nem ele próprio até então, havia ordenado, e se obedecer a ele não pode ser contrário ao bem comum do Estado (antes, seria contrário a esse bem se ele não fosse obedecido, pois obedecer aos governantes é um acordo geral da sociedade humana), com quanto menos hesitação devemos obedecer a Deus, Governante de todas as Suas criaturas, em tudo o que Ele ordena!

Pois, assim como entre os poderes da sociedade humana se obedece à autoridade maior de preferência à menor, assim se deve obedecer a Deus acima de todos.

Assim também nos atos de violência, quando há o desejo de ferir, seja por insultos ou por agressões; e isso por vingança, como a de um inimigo contra outro; ou para obter algum proveito que pertence a outro, como faz o ladrão com o viajante; ou para evitar algum mal, como contra alguém a quem se teme; ou por inveja, como a de alguém menos afortunado contra outro mais afortunado, ou a de alguém que prosperou em alguma coisa contra aquele que teme ou lamenta ver em pé de igualdade consigo; ou pelo simples prazer diante da dor alheia, como os espectadores de gladiadores, ou os que zombam e caçoam dos outros.

Essas são as principais formas de iniquidade que nascem do desejo da carne, dos olhos ou do poder, isoladamente, combinadas duas a duas ou to-

das juntas; e assim os homens vivem mal contra os três e os sete, esse saltério de dez cordas, os Teus Dez Mandamentos, ó Deus altíssimo e tão doce. Mas que ofensas impuras pode haver contra Ti, que não podes ser contaminado?

Ou que atos de violência contra Ti, que não podes ser ferido? Contudo, Tu castigas o que os homens cometem contra si mesmos, pois, mesmo quando pecam contra Ti, agem perversamente contra a própria alma, e a iniquidade desmente a si mesma ao corromper e perverter a natureza deles, que Tu criaste e ordenaste, seja pelo uso imoderado das coisas permitidas, seja por arderem de desejo pelas coisas proibidas, para aquele uso que é contrário à natureza; ou tornam-se culpados ao se enfurecerem contra Ti no coração e na língua, dando coices contra os aguilhões; ou quando, rompendo os limites da sociedade humana, se alegram ousadamente em alianças ou divisões ditadas pela própria vontade, conforme tenham algum objetivo a alcançar ou algum motivo de ofensa.

E essas coisas acontecem quando Tu és abandonado, ó Fonte da Vida, Tu que és o único e verdadeiro Criador e Governador do Universo, e, por um orgulho obstinado, alguma coisa falsa é escolhida dentre tudo isso e amada.

Assim, por uma devoção humilde, voltamos a Ti; e Tu nos purificas de nossos maus hábitos, tens misericórdia dos pecados daqueles que os confessam, ouves o gemido do prisioneiro e nos libertas das correntes que fizemos para nós mesmos, desde que não ergamos contra Ti os chifres de uma liberdade ilusória, sofrendo a perda de tudo pela cobiça de ter mais, por amarmos mais o nosso bem particular do que a Ti, o Bem de todos.

Em meio a essas ofensas de impureza e violência, e a tantas iniquidades, estão os pecados de homens que, de modo geral, estão progredindo; pecados que aqueles que julgam corretamente reprovam segundo a regra da perfeição, embora elogiem as pessoas, na esperança de frutos futuros, como se espera da haste verde do trigo em crescimento.

E há certos atos que se parecem com ofensas de impureza ou violência, mas que não são pecados, porque não ofendem nem a Ti, nosso Senhor Deus, nem à sociedade humana; quando, por exemplo, se obtêm coisas adequadas a determinado período para as necessidades da vida, e não sabemos se isso vem de um desejo de possuir; ou quando a autoridade constituída pune certas coisas com o propósito de corrigir, e não sabemos se isso vem de um desejo de ferir.

Assim, muitas ações reprovadas aos olhos dos homens são aprovadas pelo Teu testemunho; e muitas que os homens louvam são condenadas, sendo Tu a testemunha: porque a aparência da ação, a intenção de quem a pratica e as exigências desconhecidas do momento variam, cada uma por si.

Mas, quando de repente ordenas algo incomum e inesperado, sim, ainda que em algum momento o tenhas proibido e, por algum tempo, ainda ocultes a razão da Tua ordem, e ainda que isso contrarie as normas de alguma sociedade humana, quem duvida de que deva ser feito, visto que é justa a sociedade humana que Te serve? Mas felizes os que conhecem os Teus mandamentos!

Pois todas as coisas foram feitas pelos Teus servos, ou para mostrar algo necessário ao presente, ou para anunciar coisas futuras.

⁂

Por desconhecer essas coisas, eu zombava daqueles Teus santos servos e profetas. E o que ganhei zombando deles, senão que Tu zombasses de mim, enquanto eu era levado, sem perceber e passo a passo, a absurdos como acreditar que uma figueira chorava quando era arrancada, e que a árvore, sua mãe, derramava lágrimas leitosas?

E, no entanto, se algum santo maniqueu comesse aquele figo, colhido por culpa de outra pessoa, não dele próprio, e o misturasse às suas entranhas, dele exalaria anjos; sim, partículas da divindade irromperiam a cada lamento ou gemido de sua oração, partículas do Deus altíssimo e verdadeiro que teriam permanecido presas naquele figo, se não fossem libertadas pelos dentes ou pelo ventre de algum santo "Eleito"!

E eu, miserável, acreditava que se devia mostrar mais misericórdia aos frutos da terra do que aos homens, para os quais eles foram criados. Pois, se alguém faminto, que não fosse maniqueu, pedisse algum alimento, o bocado que lhe fosse dado pareceria, por assim dizer, condenado à pena de morte.

E Tu estendeste do alto a Tua mão e tiraste minha alma daquela profunda escuridão, enquanto minha mãe, Tua fiel serva, chorava diante de Ti por mim, mais do que as mães choram a morte corporal de seus filhos.

Pois ela, pela fé e pelo espírito que recebera de Ti, percebia a morte em que eu jazia, e Tu a ouviste, ó Senhor; Tu a ouviste e não desprezaste suas lágrimas quando, escorrendo, regavam o chão debaixo de seus olhos em todos os lugares onde ela orava; sim, Tu a ouviste.

Pois de onde veio aquele sonho com que a consolaste, de modo que ela me permitiu morar com ela e comer à mesma mesa da casa, algo que começara a evitar, por abominar e detestar as blasfêmias do meu erro?

Pois ela se viu de pé sobre uma espécie de régua de madeira, e um jovem resplandecente se aproximava dela, alegre e sorrindo para ela, enquanto ela estava triste e dominada pela dor.

Mas ele lhe perguntou as causas de sua tristeza e de suas lágrimas diárias, para instruí-la, como costumam fazer, e não para ser instruído; e, quando ela respondeu que chorava a minha perdição, ele lhe disse que ficasse tranquila e que olhasse e observasse: "Onde ela estava, ali estava eu também." E, quando olhou, viu-me de pé ao seu lado, sobre a mesma régua.

De onde veio isso, senão de que Teus ouvidos estavam voltados para o coração dela? Ó Tu, Bem onipotente, que cuidas de cada um de nós como se cuidasses somente dele, e de todos como se fossem um só!

De onde veio também isto: quando ela me contou essa visão, e eu quis torcer seu sentido para dizer "que ela é que não deveria perder a esperança de um dia ser o que eu era", ela logo respondeu, sem nenhuma hesitação: "Não; pois não me foi dito: ‘Onde ele está, ali estás tu também’, mas: ‘Onde tu estás, ali está ele também’"?

Eu Te confesso, ó Senhor, que, tanto quanto me lembro, e tenho falado disso muitas vezes, aquela Tua resposta, por meio de minha mãe acordada — o fato de ela não se ter deixado confundir pela plausibilidade da minha falsa interpretação e ter visto tão depressa o que precisava ser visto, e que eu certamente não percebera antes de ela falar —, já então me comoveu

mais do que o próprio sonho, pelo qual se anunciara com tanta antecedência, para consolar sua angústia presente, uma alegria que só muito depois se cumpriria para aquela santa mulher.

Pois passaram-se quase nove anos em que me revolvi na lama daquele poço profundo e na escuridão da falsidade, muitas vezes tentando me erguer, mas sendo lançado de volta com ainda mais violência.

Durante todo esse tempo, aquela viúva casta, piedosa e sóbria, tal como Tu amas, agora mais animada pela esperança, mas sem diminuir em nada seu pranto e seu luto, não deixava, em todas as horas de suas devoções, de lamentar diante de Ti a minha situação.

E suas orações entravam em Tua presença; e, no entanto, Tu permitias que eu continuasse a me envolver e a me enredar naquela escuridão.

Enquanto isso, Tu lhe deste outra resposta, da qual me lembro; pois deixo de lado muitas coisas, apressando-me em chegar àquelas que mais me urge confessar a Ti, e de muitas não me lembro. Tu lhe deste, então, outra resposta por meio de um sacerdote Teu, certo bispo criado em Tua Igreja e muito versado em Teus livros.

Quando essa mulher lhe suplicou que se dignasse conversar comigo, refutar meus erros, fazer-me desaprender as coisas más e ensinar-me as boas, pois ele costumava fazer isso quando encontrava pessoas preparadas para receber tal ensinamento, ele se recusou, sabiamente, como percebi depois.

Pois respondeu que eu ainda não podia ser ensinado, já que estava cheio de orgulho pela novidade daquela heresia e já havia confundido várias pessoas pouco instruídas com perguntas capciosas, conforme ela lhe contara: "Mas

deixe-o por algum tempo", disse ele, "apenas ore a Deus por ele; por meio da leitura, ele descobrirá por si mesmo o que é esse erro e quão grande é sua impiedade."

Ao mesmo tempo, contou-lhe que ele próprio, quando pequeno, fora entregue aos maniqueus por sua mãe, que havia sido enganada, e não só lera, mas copiara muitas vezes quase todos os livros deles, e percebera, sem argumento ou prova de ninguém, quanto aquela seita devia ser evitada; e a evitara.

Depois que ele disse isso, ela não se deu por satisfeita, mas insistiu ainda mais, com súplicas e muitas lágrimas, para que ele me visse e conversasse comigo; então ele, um pouco contrariado com sua insistência, disse: "Vá, e que Deus a abençoe, pois não é possível que o filho dessas lágrimas venha a se perder."

Ela recebeu essa resposta, como muitas vezes mencionou em suas conversas comigo, como se tivesse vindo do céu.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO IV

✦

Durante esse período de nove anos (dos meus dezenove aos meus vinte e oito anos), vivemos seduzidos e seduzindo, enganados e enganando, em diversos desejos desordenados; às claras, por meio das ciências que chamam liberais; em segredo, por meio de uma religião que só tinha esse nome; aqui orgulhosos, ali supersticiosos, em toda parte vazios.

Aqui, buscando o vazio do louvor popular, até mesmo os aplausos do teatro, os prêmios de poesia, as disputas por coroas de ervas, as loucuras dos espetáculos e os desejos sem medida.

Ali, desejando ser purificados dessas impurezas, levando alimento àqueles que eram chamados de "eleitos" e "santos", para que, na oficina de seus estômagos, fabricassem desse alimento Anjos e Deuses para nós, pelos quais pudéssemos ser purificados. Essas coisas eu seguia e praticava com meus amigos, enganados por mim e comigo.

Que zombem de mim os arrogantes e aqueles que, para a saúde de suas almas, não foram feridos e abatidos por Ti, ó meu Deus; mas eu ainda quero confessar a Ti minha própria vergonha, em Teu louvor. Permite-me, eu Te suplico, e concede-me a graça de percorrer, em minha lembrança presente, os desvios do meu passado e de Te oferecer o sacrifício de ação de graças.

Pois o que sou eu para mim mesmo sem Ti, senão um guia para minha própria ruína? Ou o que sou, mesmo no meu melhor estado, senão uma criança que mama o leite que Tu dás e se alimenta de Ti, o alimento que não

perece? Mas que espécie de homem é qualquer homem, visto que é apenas um homem?

Que os fortes e poderosos riam agora de nós, mas que nós, pobres e necessitados, confessemos a Ti.

Naqueles anos eu ensinava retórica e, vencido pela cobiça, vendia uma eloquência com a qual se pudesse vencer. Contudo, eu preferia (Senhor, Tu sabes) alunos honestos (segundo o julgamento comum), e a eles eu ensinava, sem artifício, os artifícios da palavra, para que não fossem usados contra a vida dos inocentes, embora às vezes em defesa da vida dos culpados.

E Tu, ó Deus, de longe me vias tropeçar naquele caminho escorregadio e, em meio a muita fumaça, soltar algumas faíscas de lealdade, que eu demonstrava ao orientar aqueles que amavam a vaidade e buscavam a mentira, sendo eu mesmo seu companheiro.

Naqueles anos eu tinha uma mulher — não no que se chama casamento legítimo, mas uma que eu encontrara numa paixão desregrada e sem entendimento; ainda assim, uma só, permanecendo fiel até mesmo a ela.

Nessa relação, experimentei em meu próprio caso a diferença entre o domínio de si no pacto matrimonial, para gerar filhos, e o acordo de um amor movido pelo desejo, no qual os filhos nascem contra a vontade dos pais, embora, uma vez nascidos, obriguem-nos a amá-los.

Lembro-me também de que, quando resolvi entrar na disputa por um prêmio teatral, certo feiticeiro me perguntou o que eu lhe daria para vencer; mas eu, detestando e abominando aqueles ritos infames, respondi: "Ainda

que a coroa fosse de ouro imperecível, eu não permitiria que uma mosca fosse morta para conquistá-la para mim."

Pois ele pretendia matar alguns seres vivos em seus sacrifícios e, com essas honras, convidar os demônios a me favorecer. Mas rejeitei também esse mal sem que fosse por puro amor a Ti, ó Deus do meu coração; pois eu não sabia amar-Te, já que não sabia conceber nada além de um brilho material.

E uma alma que suspira por tais fantasias não se prostitui contra Ti, confia em coisas irreais e se alimenta de vento? Ainda assim, eu não queria que se oferecessem por mim sacrifícios aos demônios, aos quais eu sacrificava a mim mesmo por meio daquela superstição.

Pois o que é alimentar-se de vento, senão alimentá-los, isto é, desviar-se e tornar-se objeto de seu prazer e de sua zombaria?

Eu consultava então, sem escrúpulo, aqueles impostores a quem chamam matemáticos, porque pareciam não usar sacrifício algum nem orar a espírito algum em suas adivinhações; arte que, no entanto, a piedade cristã e verdadeira rejeita e condena com razão.

Pois é bom confessar a Ti e dizer: Tem misericórdia de mim, cura minha alma, pois pequei contra Ti; e não abusar da Tua misericórdia como licença para pecar, mas lembrar as palavras do Senhor: Eis que estás curado; não peques mais, para que não te aconteça algo pior.

Todos esses conselhos salutares eles se esforçam por destruir, dizendo: "A causa do teu pecado está inevitavelmente determinada no céu"; e: "Isso foi obra de Vênus, ou de Saturno, ou de Marte"; para que o homem, sendo

carne e sangue e corrupção orgulhosa, fique isento de culpa, enquanto o Criador e Ordenador do céu e dos astros deve levar a culpa.

E quem é Ele, senão o nosso Deus? Tu, a própria doçura e fonte da justiça, que retribuis a cada um segundo suas obras e não desprezas um coração quebrantado e contrito.

Havia naqueles dias um homem sábio, muito hábil na medicina e nela renomado, que, com sua própria mão de procônsul, havia colocado a coroa da competição sobre minha cabeça enferma, mas não como médico; pois essa doença só Tu curas, Tu que resistes aos orgulhosos e dás graça aos humildes.

Mas deixaste de me amparar também por meio daquele ancião, ou deixaste de curar minha alma? Pois, tendo passado a conhecê-lo melhor e a ouvir suas palavras com atenção constante e firme (porque, embora simples, eram expressivas, vivas e sinceras), quando ele percebeu por minha conversa que eu me dedicava aos livros dos que traçavam horóscopos de nascimento, aconselhou-me com bondade paternal a abandoná-los e a não gastar inutilmente nessas vaidades o cuidado e a dedicação necessários às coisas úteis.

Disse que, em seus primeiros anos, havia estudado aquela arte, com a intenção de fazer dela a profissão de que viveria, e que, sendo capaz de entender Hipócrates, logo poderia ter entendido um estudo como aquele; contudo, havia abandonado essa arte e se dedicado à medicina por nenhuma outra razão senão tê-la descoberto inteiramente falsa; e ele, homem sério, não queria ganhar a vida enganando as pessoas.

"Mas tu", disse ele, "tens a retórica para te sustentar, de modo que segues isso por livre escolha, não por necessidade; tanto mais deves, portanto, dar crédito ao que digo sobre isso, eu que me esforcei por aprendê-lo tão perfeitamente que pudesse viver apenas disso."

Quando lhe perguntei como, então, muitas coisas verdadeiras podiam ser preditas por aquela arte, ele me respondeu, como pôde, "que a força do acaso, espalhada por toda a ordem das coisas, produzia esse efeito.

Pois, se um homem abre ao acaso as páginas de algum poeta que cantou e pensou em algo inteiramente diferente, e muitas vezes encontra um verso que se ajusta admiravelmente à questão do momento, não seria de espantar que, da alma humana, sem que ela saiba o que nela acontece, por algum impulso superior, surgisse uma resposta que correspondesse à questão e às ações de quem pergunta, por acaso, e não por arte."

⁂

Tudo isso, vindo dele ou por meio dele, Tu me transmitiste e gravaste em minha memória, para que mais tarde eu pudesse examiná-lo por mim mesmo. Mas, naquele tempo, nem ele nem meu queridíssimo Nebrídio, jovem de singular bondade e de santo temor, que zombava de toda forma de adivinhação, conseguiam me convencer a abandoná-la.

A autoridade dos autores ainda tinha mais influência sobre mim, e eu ainda não encontrara nenhuma prova segura (como a que eu buscava) pela qual se pudesse ver, sem dúvida alguma, que aquilo que os consultados haviam predito corretamente era resultado do acaso, e não da arte dos observadores dos astros.

Naqueles anos em que comecei a ensinar retórica em minha cidade natal, fiz um amigo que se tornou querido demais para mim pela comunhão de interesses. Ele tinha a minha idade e, como eu, estava no primeiro florescer da juventude. Crescera comigo desde criança, e havíamos sido companheiros de escola e de brincadeiras.

Mas ainda não era meu amigo como foi depois, nem mesmo então como exige a verdadeira amizade; pois ela não pode ser verdadeira senão entre aqueles que Tu unes, ligados a Ti pelo amor derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado.

Contudo, aquela amizade era doce demais, amadurecida pelo calor dos estudos em comum; pois eu também o havia desviado da verdadeira fé (que ele, quando jovem, não havia assimilado de maneira firme e completa) para aquelas fábulas supersticiosas e perniciosas pelas quais minha mãe chorava por mim.

Agora ele se enganava em seus pensamentos comigo, e minha alma não podia ficar sem ele. Mas eis que Tu seguias de perto os passos dos que fugiam de Ti, ao mesmo tempo Deus de vingança e Fonte de misericórdias, fazendo-nos voltar a Ti por meios admiráveis.

Tiraste aquele homem desta vida quando ele mal havia completado um ano inteiro de amizade comigo, uma amizade mais doce para mim do que todas as doçuras daquela minha vida.

Quem pode contar todos os Teus louvores que experimentou em si mesmo? O que fizeste então, meu Deus, e como é insondável o abismo dos Teus juízos? Por muito tempo, gravemente enfermo de uma febre, ele ficou

inconsciente, banhado em suor de morte; e, perdida a esperança de sua recuperação, foi batizado sem saber.

Enquanto isso, eu dava pouca importância ao fato e presumia que sua alma conservaria o que recebera de mim, e não o que era feito em seu corpo inconsciente. Mas aconteceu de modo muito diferente: ele melhorou e se recuperou.

Logo que pude falar com ele (e pude assim que ele teve condições, pois eu nunca o deixava, e éramos apegados demais um ao outro), tentei brincar com ele, como se também fosse zombar comigo daquele batismo que recebera quando estava inteiramente privado de consciência e de sensibilidade, mas que agora sabia ter recebido.

Ele, porém, recuou diante de mim como diante de um inimigo e, com uma franqueza admirável e repentina, ordenou-me que, se eu quisesse continuar seu amigo, deixasse de lhe falar daquela maneira. Eu, inteiramente espantado e perplexo, contive todas as minhas emoções até que ele melhorasse e sua saúde estivesse forte o bastante para que eu pudesse tratar com ele como desejava.

Mas ele foi tirado da minha loucura, para que junto de Ti fosse guardado para minha consolação; poucos dias depois, em minha ausência, foi novamente atacado pela febre e assim partiu.

Com essa dor, meu coração ficou inteiramente nas trevas, e tudo o que eu via era morte. Minha terra natal era um tormento para mim, e a casa de meu pai, uma estranha infelicidade; tudo o que eu havia compartilhado com ele, sem ele, tornava-se uma tortura enlouquecedora.

Meus olhos o procuravam em toda parte, mas não lhes era dado vê-lo; e eu odiava todos os lugares, porque ele não estava neles, nem podiam agora me dizer: "Ele está vindo", como quando estava vivo e ausente. Tornei-me um grande enigma para mim mesmo e perguntava à minha alma por que estava tão triste e por que me perturbava tanto; mas ela não sabia o que me responder.

E, se eu dizia: Confia em Deus, ela, com toda a razão, não me obedecia; pois aquele amigo tão querido que perdera, sendo homem, era mais real e melhor do que o fantasma em que lhe mandavam confiar. Só as lágrimas eram doces para mim, pois haviam tomado o lugar do meu amigo entre os meus afetos mais queridos.

E agora, Senhor, essas coisas passaram, e o tempo aliviou minha ferida. Posso aprender de Ti, que és a Verdade, e aproximar o ouvido do meu coração da Tua boca, para que me digas por que chorar é doce para os infelizes? Embora estejas presente em toda parte, lançaste nossa miséria para longe de Ti? Tu permaneces em Ti mesmo, mas nós somos sacudidos por diversas provações.

Contudo, se não chorássemos aos Teus ouvidos, nenhuma esperança nos restaria. De onde, então, se colhe um fruto doce da amargura da vida, dos gemidos, das lágrimas, dos suspiros e das queixas? É a esperança de que nos ouças que torna isso doce? Isso é verdade quanto à oração, pois nela há o desejo de nos aproximarmos de Ti.

Mas será assim também na dor por algo perdido e na tristeza que então me dominava? Pois eu não esperava que ele voltasse à vida, nem desejava isso

com minhas lágrimas; eu apenas chorava e sofria. Pois eu era infeliz e havia perdido minha alegria.

Ou será que chorar é de fato algo amargo e que, por sentirmos tamanho desgosto pelas coisas de que antes desfrutávamos, o choro então nos agrada quando nos afastamos delas?

Mas por que falo dessas coisas? Pois agora não é tempo de questionar, mas de confessar a Ti. Eu era infeliz; e infeliz é toda alma presa pela amizade às coisas passageiras; ela se despedaça quando as perde, e então sente a infelicidade que já tinha antes de perdê-las. Assim aconteceu comigo naquele tempo; chorei com muita amargura e encontrei meu repouso na amargura.

Assim eu era infeliz, e aquela vida infeliz me era mais querida que meu amigo. Pois, embora eu a tivesse mudado de boa vontade, ainda assim estava menos disposto a me separar dela do que dele; sim, não sei se teria aberto mão dela até mesmo por ele, como se conta (se não for invenção) de Pílades e Orestes, que morreriam de bom grado um pelo outro ou juntos, pois não viverem juntos lhes parecia pior que a morte.

Mas em mim havia surgido um sentimento inexplicável, inteiramente contrário a esse, pois ao mesmo tempo eu detestava profundamente viver e temia morrer. Suponho que, quanto mais eu o amava, mais odiava e temia, como a uma inimiga cruel, a morte, que o havia tirado de mim; e imaginava que ela logo daria fim a todos os homens, já que tivera poder sobre ele.

Assim eu estava, lembro-me bem. Olha meu coração, ó meu Deus, olha e vê o meu íntimo; pois bem me lembro disso, ó minha Esperança, Tu que me

purificas da impureza de tais afeições, voltando meus olhos para Ti e arrancando meus pés da armadilha.

Pois eu me admirava de que os outros, sujeitos à morte, continuassem vivos, já que estava morto aquele a quem eu amara como se nunca fosse morrer; e me admirava ainda mais de que eu mesmo, que era para ele um segundo eu, pudesse viver estando ele morto.

Bem disse alguém a respeito de seu amigo: "Tu, metade da minha alma"; pois eu sentia que minha alma e a dele eram "uma só alma em dois corpos": e por isso minha vida me causava horror, porque eu não queria viver pela metade. E talvez por isso eu temesse morrer, para que aquele a quem eu tanto amara não morresse por inteiro.

⁂

Ó loucura, que não sabes amar os homens como homens! Ó homem insensato que eu era então, suportando com impaciência a condição humana! Eu me atormentava, suspirava, chorava, ficava desorientado; não tinha descanso nem orientação. Pois carregava uma alma despedaçada e sangrando, que não suportava ser carregada por mim, mas eu não encontrava onde repousá-la.

Nem nos bosques tranquilos, nem nos jogos e na música, nem em lugares perfumados, nem em banquetes requintados, nem nos prazeres do leito e do divã; nem, por fim, nos livros ou na poesia ela encontrava repouso. Tudo parecia horrível, até mesmo a própria luz; tudo o que não era ele me causava repulsa e ódio, exceto os gemidos e as lágrimas.

Pois apenas neles eu encontrava algum alívio. Mas, quando minha alma se afastava deles, um enorme peso de sofrimento me esmagava. A Ti, ó Senhor, ela deveria ter sido elevada, para que Tu a aliviasse; eu sabia disso, mas não podia nem queria; ainda mais porque, quando pensava em Ti, Tu não eras para mim algo sólido ou substancial.

Pois não eras Tu mesmo, mas um simples fantasma, e meu erro era meu Deus. Se eu tentava descarregar nele meu fardo, para que descansasse, ele deslizava pelo vazio e voltava a cair com força sobre mim; e eu havia me tornado para mim mesmo um lugar desolado, onde não conseguia ficar e de onde não conseguia sair. Pois para onde meu coração fugiria do meu coração?

Para onde eu fugiria de mim mesmo? Para onde eu não me seguiria? E, no entanto, fugi de minha terra; pois assim meus olhos o procurariam menos, onde não estavam acostumados a vê-lo. E assim, de Tagaste, vim para Cartago.

O tempo não perde tempo; nem passa inutilmente; por meio dos nossos sentidos, realiza estranhas operações na mente. Eis que os dias iam e vinham e, indo e vindo, introduziam em minha mente outras imagens e outras lembranças; e pouco a pouco me recompunham com os prazeres de antes, aos quais aquela minha tristeza cedia.

E, no entanto, vieram depois, se não outras dores, ao menos as causas de outras dores. Pois de onde aquela dor anterior teria alcançado tão facilmente o mais íntimo da minha alma, senão de eu ter derramado minha alma sobre o pó, amando alguém que havia de morrer como se nunca fosse morrer?

Pois o que mais me restaurava e reanimava eram os consolos de outros amigos, com quem eu amava aquilo que amava em lugar de Ti; e isso era uma grande fábula e uma longa mentira, cujo estímulo adúltero contaminava nossa alma, que se entregava à coceira dos ouvidos. Mas aquela fábula não morria para mim cada vez que algum de meus amigos morria.

Havia outras coisas neles que mais me cativavam: conversar e brincar juntos, prestar favores uns aos outros; ler juntos livros cheios de doçura; divertir-nos ou tratar de coisas sérias juntos; discordar às vezes sem ressentimento, como alguém poderia discordar de si mesmo; e, até pela raridade dessas divergências, dar sabor às nossas concordâncias mais frequentes; às vezes ensinar, às vezes aprender; sentir com impaciência a falta dos ausentes; e receber com alegria os que chegavam.

Essas e outras expressões semelhantes, que saíam dos corações dos que amavam e eram correspondidos, por meio do rosto, da língua, dos olhos e de mil gestos agradáveis, eram como combustível que fundia nossas almas e fazia de muitas uma só.

É isso que se ama nos amigos; e se ama de tal modo que a consciência de uma pessoa se condena se ela não ama quem corresponde ao seu amor, ou não corresponde a quem a ama, sem esperar dessa pessoa nada além de sinais de seu amor.

Daí vem o luto quando alguém morre, e as sombras da tristeza, o coração mergulhado em lágrimas, toda doçura transformada em amargura; e, com a perda da vida de quem morre, a morte de quem vive. Feliz quem ama a Ti, e seu amigo em Ti, e seu inimigo por Ti. Pois só não perde ninguém que

lhe é querido aquele para quem todos são queridos naquele que não pode ser perdido.

E quem é esse senão nosso Deus, o Deus que fez o céu e a terra e os preenche, pois os criou ao preenchê-los? Ninguém Te perde, a não ser quem Te abandona. E quem Te abandona, para onde vai ou para onde foge, senão de Ti satisfeito para Ti descontente? Pois onde não encontra Tua lei em seu próprio castigo? E Tua lei é a verdade, e a verdade és Tu.

Faze-nos voltar, ó Deus dos Exércitos, mostra-nos Teu rosto, e seremos restaurados. Pois, para onde quer que a alma humana se volte, se não for para Ti, fica presa às dores, mesmo quando se prende a coisas belas. E, no entanto, essas coisas, fora de Ti e fora da alma, não existiriam se não viessem de Ti.

Elas surgem e desaparecem; e, ao surgirem, começam, por assim dizer, a existir; crescem para chegar à perfeição; e, tendo chegado à perfeição, envelhecem e definham; nem todas envelhecem, mas todas definham. Assim, quando surgem e avançam em sua existência, quanto mais depressa crescem para existir plenamente, tanto mais depressa se apressam para deixar de existir.

Essa é a lei delas. Isso foi o que lhes destinaste, porque são partes de coisas que não existem todas de uma vez, mas que, desaparecendo e sucedendo umas às outras, completam juntas esse universo do qual são partes.

É assim também que nossa fala se completa por meio de sinais que emitem sons: mas ela não se completa sem que uma palavra passe, depois de soar sua parte, para que outra lhe suceda. Que minha alma Te louve por todas

essas coisas, ó Deus, Criador de tudo; mas que minha alma não fique presa a elas pela cola do amor, por meio dos sentidos do corpo.

Pois elas vão para onde estavam destinadas a ir, para deixar de existir; e dilaceram a alma com desejos destrutivos, porque ela deseja existir, mas ama repousar naquilo que ama. Nessas coisas, porém, não há lugar de repouso; elas não permanecem, fogem; e quem pode acompanhá-las com os sentidos da carne? Sim, quem pode apreendê-las, mesmo quando estão próximas?

Pois o sentido da carne é lento, porque é sentido da carne; e por isso é limitado. Basta para aquilo para que foi feito; mas não basta para deter as coisas que percorrem seu caminho, desde o ponto de partida que lhes foi determinado até o fim que lhes foi determinado. Pois em Tua Palavra, pela qual são criadas, elas ouvem seu decreto: "daqui até aqui".

⁂

Não sejas insensata, ó minha alma, nem deixes que o tumulto de tua insensatez ensurdeça o ouvido de teu coração. Escuta também tu. A própria Palavra te chama a voltar: e ali está o lugar do repouso imperturbável, onde o amor não é abandonado, se ele mesmo não abandona.

Eis que essas coisas passam para que outras as substituam, e assim este universo inferior seja completado por todas as suas partes. Mas acaso Eu vou para algum lugar?, diz a Palavra de Deus. Ali estabelece tua morada, ali confia tudo o que de lá recebeste, ó minha alma, agora que enfim estás exausta de vaidades.

Confia à Verdade tudo o que tens da Verdade, e nada perderás; e aquilo que em ti definha voltará a florescer, e todas as tuas doenças serão curadas, e

tuas partes mortais serão refeitas e renovadas, e unidas ao teu redor: elas não te levarão para onde elas mesmas descem; mas ficarão firmes contigo e permanecerão para sempre diante de Deus, que permanece e está firme para sempre.

Por que então te desvias e segues tua carne? Que ela se volte e te siga. Tudo o que percebes por meio dela é apenas uma parte; e não conheces o todo do qual essas coisas são partes; e, no entanto, elas te encantam.

Mas, se o sentido de tua carne tivesse capacidade de compreender o todo, e ele próprio não tivesse sido justamente limitado, para teu castigo, a uma parte do todo, desejarias que tudo o que existe neste momento passasse, para que assim o todo te agradasse mais.

Pois também ouves o que falamos por esse mesmo sentido da carne; e, no entanto, não desejarias que as sílabas permanecessem, mas que voassem, para que outras viessem e ouvisses o todo.

E assim acontece sempre: quando uma coisa é composta de muitas, que não existem todas ao mesmo tempo, todas juntas agradariam mais do que cada uma separadamente, se todas pudessem ser percebidas em conjunto. Mas muito melhor do que elas é Aquele que fez tudo; e Ele é nosso Deus, e não passa, pois nada Lhe sucede.

Se os corpos te agradam, louva a Deus por causa deles e volta teu amor para seu Criador; para que, por essas coisas que te agradam, não venhas a desagradar a Deus. Se as almas te agradam, que sejam amadas em Deus: pois elas também são mutáveis, mas nele estão firmemente estabelecidas; caso contrário, passariam e desapareceriam.

Que sejam, então, amadas nele; e leva contigo até Ele quantas almas puderes, e dize-lhes: "Amemos a Ele, amemos a Ele: Ele as fez e não está longe. Pois não as fez para depois partir, mas elas vêm dele e estão nele. Vede, Ele está onde a verdade é amada. Está no mais íntimo do coração, mas o coração se afastou dele.

Voltai ao vosso coração, vós que transgredis, e apegai-vos firmemente Àquele que vos fez. Permanecei com Ele, e ficareis firmes. Repousai nele, e encontrareis repouso. Para onde ides por caminhos ásperos? Para onde ides?

O bem que amais vem dele; mas é bom e agradável por sua relação com Ele, e com justiça se tornará amargo, porque é injusto amar qualquer coisa que vem dele, se por ela Ele é abandonado. Para que, então, continuar a percorrer esses caminhos difíceis e penosos? Não há repouso onde o procurais. Buscai o que buscais; mas não está onde o buscais.

Buscais uma vida feliz na terra da morte; ela não está ali. Pois como poderia haver uma vida feliz onde nem a própria vida existe?

"Mas a nossa verdadeira Vida desceu até aqui, suportou a nossa morte e a matou, pela abundância de Sua própria vida. E trovejou, chamando-nos em alta voz a voltar daqui para Ele, para aquele lugar secreto de onde saiu ao nosso encontro, primeiro para o ventre da Virgem, onde desposou a criação humana, a nossa carne mortal, para que ela não fosse mortal para sempre; e dali saiu como um noivo de seu quarto, alegrando-se como um gigante a percorrer seu caminho.

Pois não se demorou, mas correu, chamando em alta voz por palavras, atos, morte, vida, descida, ascensão; clamando para que voltássemos a Ele. E afastou-se dos nossos olhos, para que voltássemos ao nosso coração e ali O encontrássemos. Pois Ele partiu, e eis que está aqui.

Não quis ficar muito tempo conosco, mas não nos abandonou; pois partiu para onde nunca deixou de estar, porque o mundo foi feito por Ele. E neste mundo Ele estava, e a este mundo veio para salvar os pecadores; a Ele minha alma se confessa, e Ele a cura, pois ela pecou contra Ele. Ó filhos dos homens, até quando terão o coração tão lento?

Mesmo agora, depois que a Vida desceu até vocês, não subirão para viver? Mas para onde subirão, se já estão nas alturas e voltam sua boca contra os céus? Desçam para que possam subir, e subam até Deus. Pois vocês caíram ao se erguerem contra Ele."

Dize-lhes isso, para que chorem no vale das lágrimas, e assim leva-os contigo para o alto, até Deus; porque é pelo Seu espírito que assim lhes falas, se falas ardendo com o fogo da caridade.

Naquele tempo eu não sabia dessas coisas, e amava essas belezas inferiores, e afundava nas maiores profundezas. E dizia aos meus amigos: "Amamos alguma coisa além do belo? O que é, então, o belo? E o que é a beleza? O que nos atrai e nos conquista nas coisas que amamos? Pois, se não houvesse nelas graça e beleza, de modo algum poderiam nos atrair."

E observei e percebi que nos próprios corpos havia uma beleza por formarem uma espécie de todo, e outra pela correspondência adequada e mútua, como a de uma parte do corpo com o todo, ou a de um sapato com um pé,

e assim por diante. E essa reflexão surgiu em minha mente, do mais íntimo do meu coração, e escrevi "Sobre o belo e o adequado", em dois ou três livros, creio eu.

Tu sabes, ó Senhor, pois isso me fugiu da memória; já não os tenho, mas se perderam de mim, não sei como.

⁂

Mas o que me levou, ó Senhor meu Deus, a dedicar esses livros a Hiério, um orador de Roma, a quem eu não conhecia de vista, mas amava pela fama de seu saber, no qual se destacava, e por algumas palavras suas que eu ouvira e que me agradaram?

Mas ele me agradava ainda mais por agradar a outros, que o exaltavam muito, admirados de que um sírio, primeiro instruído na eloquência grega, se tivesse depois tornado um maravilhoso orador latino, e muito versado nas coisas da filosofia. Alguém é elogiado e, sem ser visto, é amado: esse amor entra no coração de quem ouve pela boca de quem elogia? Não.

Mas quem ama acende o amor em outro. Pois aquele que é elogiado é amado quando se acredita que quem o elogia o exalta com um coração sincero; isto é, quando alguém que o ama o louva.

Pois era assim que eu então amava os homens: segundo o julgamento dos homens, não o Teu, ó meu Deus, em Quem ninguém se engana. Mas por que não o amava por qualidades como as de um famoso condutor de carros ou de um lutador contra feras no teatro, conhecido em toda parte por uma popularidade vulgar, e sim de maneira bem diferente, com fervor, e como eu mesmo desejava ser elogiado?

Pois eu não queria ser elogiado ou amado como os atores, embora eu mesmo os elogiasse e amasse; preferia ser desconhecido a ser conhecido assim, e até ser odiado a ser amado dessa maneira. Onde, então, se guardam numa só alma os impulsos para tantas e tão diversas formas de amor?

Por que, sendo ambos igualmente homens, amo em outro aquilo que eu não rejeitaria nem afastaria de mim se não o odiasse? Pois não se pode dizer que, assim como um bom cavalo é amado por alguém que não desejaria ser aquele cavalo, mesmo que pudesse, o mesmo se aplica a um ator, que compartilha da nossa natureza. Amo, então, num homem aquilo que odeio ser, eu que sou homem?

O próprio homem é um grande abismo; Tu contas até os seus cabelos, ó Senhor, e eles não caem ao chão sem Ti. E, no entanto, é mais fácil contar os cabelos de sua cabeça do que seus sentimentos e os movimentos de seu coração.

Mas aquele orador era do tipo de homem que eu amava por desejar ser como ele; e eu me desviava, inchado de orgulho, e era lançado de um lado para outro por todos os ventos, mas ainda assim era guiado por Ti, embora de maneira muito secreta.

E como sei, e como Te confesso com confiança, que eu o amava mais pelo amor dos que o elogiavam do que pelas próprias coisas pelas quais era elogiado? Porque, se ele não tivesse sido louvado, e esses mesmos homens o tivessem censurado, e com censura e desprezo tivessem contado as mesmas coisas a seu respeito, eu nunca teria sentido tanto ardor e entusiasmo por amá-lo.

E, no entanto, as coisas não teriam sido outras, nem ele próprio seria outro; apenas os sentimentos de quem as contava. Vê onde jaz a alma impotente, que ainda não está amparada pela firmeza da verdade!

Conforme os vendavais das línguas sopram do peito dos que se prendem às próprias opiniões, ela é levada de um lado para outro, empurrada para a frente e para trás, e a luz se encobre para ela, e a verdade fica invisível. E eis que ela está diante de nós.

E era para mim muito importante que minhas palavras e meus trabalhos fossem conhecidos por aquele homem: se ele os aprovasse, eu me inflamaria ainda mais; mas, se os desaprovasse, meu coração vazio, sem a Tua firmeza, teria sido ferido.

E, no entanto, eu me detinha com prazer no "belo e adequado", sobre o qual lhe escrevera, e o examinava e admirava, mesmo sem ninguém que me acompanhasse nisso.

Mas eu ainda não via em que se apoiava essa questão tão importante na Tua sabedoria, ó Onipotente, Tu que és o único a fazer maravilhas; e minha mente vagava pelas formas corpóreas. Eu definia e distinguia como "belo" aquilo que é belo em si mesmo, e como "adequado" aquilo cuja beleza está na correspondência com alguma outra coisa; e sustentava isso com exemplos corpóreos.

E me voltei para a natureza da mente, mas a falsa noção que eu tinha das coisas espirituais não me deixava ver a verdade. No entanto, a força da verdade, por si mesma, lançava clarões diante dos meus olhos, e eu desviava

minha alma ofegante da substância incorpórea para contornos, cores e volumes de grande tamanho.

E, por não conseguir ver essas coisas na mente, pensava que não conseguia ver minha própria mente. E, como na virtude eu amava a paz, e no vício abominava a discórdia, na primeira eu observava uma unidade, mas no outro, uma espécie de divisão.

E nessa unidade eu concebia que consistiam a alma racional e a natureza da verdade e do bem supremo; mas nessa divisão eu imaginava, em minha miséria, que havia alguma substância desconhecida de vida irracional e a natureza do mal supremo, que seria não apenas uma substância, mas também vida real, e que, contudo, não derivava de Ti, ó meu Deus, de Quem vêm todas as coisas.

E à primeira eu chamava Mônada, como se fosse uma alma sem sexo; à segunda, Díade: ira nos atos de violência, e desejo nos atos vergonhosos; sem saber do que eu falava. Pois eu não sabia nem aprendera que o mal não era uma substância, nem que nossa alma era aquele bem supremo e imutável.

Pois, assim como surgem atos de violência quando se corrompe aquele impulso da alma do qual nasce a ação impetuosa, agitando-se com insolência e sem controle; e surgem desejos quando fica sem governo aquela inclinação da alma pela qual se absorvem os prazeres carnais; assim também os erros e as falsas opiniões corrompem a conduta quando a própria alma racional se corrompe.

Assim acontecia então comigo, que não sabia que ela precisa ser iluminada por outra luz para poder participar da verdade, já que ela mesma não é a

natureza da verdade.

Pois Tu acenderás minha lâmpada, ó Senhor meu Deus, Tu iluminarás minhas trevas; e de Tua plenitude todos nós recebemos, pois Tu és a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem ao mundo; pois em Ti não há variação nem sombra de mudança.

Mas eu avançava em Tua direção e era afastado de Ti, para que provasse a morte; pois Tu resistes aos orgulhosos. Mas que orgulho maior do que eu sustentar, com uma estranha loucura, que era por natureza aquilo que Tu és?

Pois, embora eu estivesse sujeito à mudança — o que me era evidente, já que meu próprio desejo de me tornar sábio era o desejo de passar de pior a melhor —, ainda assim eu preferia imaginar que Tu estavas sujeito à mudança a imaginar que eu não era aquilo que Tu és.

Por isso eu era repelido por Ti, e Tu resistias à minha vã obstinação; e eu imaginava formas corpóreas e, sendo eu mesmo carne, acusava a carne; e, sendo um vento que passa, não voltava a Ti, mas seguia cada vez mais para coisas que não existem nem em Ti, nem em mim, nem no corpo.

Elas não haviam sido criadas para mim pela Tua verdade, mas inventadas pela minha vaidade a partir de coisas corpóreas. E eu costumava perguntar aos Teus pequeninos fiéis, meus concidadãos, de quem, sem saber, eu vivia exilado; costumava perguntar-lhes, com palavras vazias e tolas: "Por que, então, erra a alma que Deus criou?"

Mas eu não queria que me perguntassem: "Por que, então, Deus erra?" E sustentava que Tua substância imutável errava por imposição, em vez de

confessar que minha substância mutável se desviara por vontade própria e agora, como castigo, permanecia no erro.

⁂

Eu tinha então cerca de vinte e seis ou vinte e sete anos quando escrevi aqueles volumes, revolvendo dentro de mim ficções corpóreas que zumbiam aos ouvidos do meu coração, os quais eu voltava, ó doce verdade, para a Tua melodia interior, meditando sobre o "belo e adequado" e desejando parar para Te escutar e alegrar-me muito com a voz do Noivo, mas não conseguia; pois as vozes dos meus próprios erros me arrastavam para fora, e o peso do meu próprio orgulho me fazia afundar no abismo mais profundo. Pois Tu não me fizeste ouvir alegria e contentamento, nem exultaram os ossos que ainda não tinham sido humilhados.

E de que me serviu que, mal tendo vinte anos, caísse em minhas mãos um livro de Aristóteles, chamado as dez Categorias, e eu o lesse e entendesse sem ajuda? Eu ficava preso ao próprio nome dele, como a algo grande e divino, sempre que meu mestre de retórica em Cartago e outros, considerados eruditos, o pronunciavam com as faces inchadas de orgulho.

E, ao conversar com outros que diziam mal conseguir entendê-lo com professores muito capazes, que não só o explicavam oralmente, mas também desenhavam muitas coisas na areia, eles não conseguiam me dizer mais a seu respeito do que eu aprendera lendo sozinho.

E o livro me parecia falar com muita clareza das substâncias, como "homem", e de suas qualidades, como a forma de um homem, de que tipo ela é; e da estatura, quantos pés tem de altura; e de sua relação, de quem é ir-

mão; ou onde está situado; ou quando nasceu; ou se está de pé ou sentado; ou se está calçado ou armado; ou se faz ou sofre alguma coisa; e de todas as coisas incontáveis que poderiam ser reunidas sob essas nove Categorias, das quais dei alguns exemplos, ou sob aquela Categoria principal da Substância.

Em que tudo isso me ajudou, se até me atrapalhou? Pois, imaginando que tudo o que existia estava compreendido naquelas dez Categorias, eu tentava entender dessa maneira também, ó meu Deus, a Tua maravilhosa e imutável Unidade, como se Tu também estivesses sujeito à Tua própria grandeza ou beleza; de modo que elas existissem em Ti, como em seu sujeito, assim como acontece nos corpos.

Contudo, Tu mesmo és a Tua grandeza e beleza; mas um corpo não é grande ou belo pelo fato de ser um corpo, pois, ainda que fosse menos grande ou menos belo, continuaria sendo um corpo. Mas o que eu concebia a Teu respeito era falsidade, ficções da minha miséria, e não a verdade, as realidades da Tua bem-aventurança.

Pois Tu havias ordenado, e isso se cumpriu em mim, que a terra me produzisse espinhos e abrolhos, e que com o suor do meu rosto eu comesse o meu pão.

E de que me adiantou ler por conta própria e compreender todos os livros que pude obter sobre as chamadas artes liberais, eu, vil escravo de vis afeições? Eu me deliciava com eles, mas não sabia de onde vinha tudo o que neles havia de verdadeiro ou certo.

Pois eu estava de costas para a luz e com o rosto voltado para as coisas iluminadas; por isso, meu rosto, com o qual eu distinguia as coisas iluminadas, não estava ele próprio iluminado.

Tudo o que estava escrito sobre retórica, lógica, geometria, música e aritmética, eu compreendia sozinho, sem muita dificuldade nem professor algum, Tu o sabes, ó Senhor meu Deus; porque tanto a rapidez de compreensão como a agudeza de discernimento são dons Teus; contudo, por isso eu não Te oferecia sacrifícios.

Assim, isso não me servia para proveito, mas antes para perdição, pois eu procurava manter sob minha própria guarda uma parte tão boa dos meus bens; e não guardava minha força para Ti, mas me afastava de Ti para uma terra distante, a fim de gastá-la em devassidões. Pois de que me adiantavam boas capacidades, se não eram empregadas para bons fins?

Eu não percebia que essas artes eram aprendidas com grande dificuldade, mesmo pelos estudiosos e talentosos, até tentar explicá-las a pessoas assim; então, quem mais se destacava nelas era aquele que me acompanhava sem demasiada lentidão.

Mas de que isso me servia, se eu imaginava que Tu, ó Senhor Deus, a Verdade, eras um corpo imenso e luminoso, e eu, um fragmento desse corpo? Que enorme perversidade! Mas assim era eu.

E não me envergonho, ó meu Deus, de confessar a Ti as misericórdias que tiveste para comigo e de Te invocar, eu que então não me envergonhava de declarar aos homens minhas blasfêmias e de ladrar contra Ti.

De que me adiantavam, então, minha inteligência ágil nessas ciências e todos aqueles volumes tão intrincados, que eu decifrava sem o auxílio de instrução humana, se eu errava de modo tão grosseiro e com tão sacrílega vergonha na doutrina da piedade?

Ou que impedimento era uma inteligência muito mais lenta para os Teus pequeninos, se eles não se afastavam de Ti, para que, no ninho da Tua Igreja, pudessem criar penas em segurança e nutrir as asas da caridade com o alimento de uma fé sadia? Ó Senhor nosso Deus, à sombra das Tuas asas coloquemos nossa esperança; protege-nos e carrega-nos.

Tu nos carregarás quando pequenos, e até os cabelos brancos nos carregarás; pois nossa firmeza, quando és Tu, é de fato firmeza; mas, quando é nossa, é fraqueza. Nosso bem vive sempre contigo; quando nos afastamos dele, nós nos desviamos.

Voltemos agora, ó Senhor, para que não sejamos derrubados, porque contigo vive, sem jamais se deteriorar, o nosso bem, que és Tu; e não precisamos temer que já não haja lugar para onde voltar, por termos caído de lá: pois nossa morada não desabou por causa de nossa ausência — a Tua eternidade.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO V

✦

Aceita o sacrifício das minhas confissões pelo serviço da minha língua, que formaste e despertaste para confessar o Teu nome. Cura todos os meus ossos, e que eles digam: Ó Senhor, quem é semelhante a Ti?

Pois quem confessa a Ti não Te ensina o que acontece dentro dele, já que um coração fechado não impede o Teu olhar de entrar, nem a dureza do coração humano pode afastar a Tua mão: pois Tu a desfazes conforme a Tua vontade, por compaixão ou por vingança, e nada pode se esconder do Teu calor.

Mas que a minha alma Te louve, para que Te ame; e que confesse a Ti as Tuas próprias misericórdias, para que Te louve. Toda a Tua criação não cessa nem se cala em Teus louvores: nem o espírito humano, com sua voz dirigida a Ti, nem a criação animada ou inanimada, pela voz dos que nela meditam; para que assim nossas almas se ergam de seu cansaço em Tua direção, apoiando-se nas coisas que criaste e passando delas a Ti mesmo, que as fizeste maravilhosamente; e aí há descanso e verdadeira força.

Que os inquietos, os ímpios, se afastem e fujam de Ti; ainda assim Tu os vês e separas as trevas. E eis que o universo, mesmo com eles, é belo, embora eles sejam feios. E como Te prejudicaram? Ou como desonraram o Teu governo, que, desde o céu até esta terra tão baixa, é justo e perfeito? Pois para onde fugiram quando fugiram da Tua presença? Ou onde não os encontras?

Mas fugiram para não Te verem olhando para eles e, cegos, tropeçarem em Ti (porque não abandonas nada do que fizeste); para que os injustos, digo eu, tropeçassem em Ti e se ferissem com justiça, afastando-se da Tua brandura, tropeçando na Tua retidão e caindo sobre a própria aspereza. Ignoravam, na verdade, que estás em toda parte, Tu, a quem nenhum lugar pode conter!

E só Tu estás perto, mesmo dos que se afastam para longe de Ti. Que voltem, então, e Te busquem; pois, embora tenham abandonado seu Criador, Tu não abandonaste a Tua criação. Que voltem e Te busquem; e eis que estás ali, no coração deles, no coração dos que confessam a Ti, se entregam a Ti e choram em Teu seio, depois de todos os seus caminhos ásperos.

Então enxugas suavemente suas lágrimas, e eles choram ainda mais e se alegram em chorar; justamente porque Tu, Senhor — não um homem de carne e sangue, mas Tu, Senhor, que os fizeste —, os refazes e consolas. Mas onde estava eu quando Te buscava? Tu estavas diante de mim, mas eu havia me afastado de Ti; e eu não encontrava a mim mesmo, quanto menos a Ti!

Quero expor diante do meu Deus aquele vigésimo nono ano da minha vida. Havia então chegado a Cartago certo bispo dos maniqueus, chamado Fausto, uma grande armadilha do Diabo, e muitos eram enredados por ele pela sedução de sua linguagem suave.

Embora eu a elogiasse, sabia distingui-la da verdade das coisas que desejava seriamente aprender; e não me importava tanto com o serviço da oratória quanto com o conhecimento que esse Fausto, tão elogiado entre eles, me

oferecia como alimento. Sua fama já o anunciava como grande conhecedor de todo saber valioso e extremamente hábil nas ciências liberais.

E, como eu havia lido e guardado bem na memória muitas coisas dos filósofos, comparava algumas delas com aquelas longas fábulas dos maniqueus e achava as primeiras mais prováveis; embora eles só conseguissem chegar a conclusões sobre este mundo inferior e de modo algum pudessem descobrir o seu Senhor.

Pois Tu és grande, ó Senhor, e olhas para os humildes, mas avistas os orgulhosos de longe. E só Te aproximas dos que têm o coração arrependido, nem és encontrado pelos orgulhosos, ainda que, com sua habilidade investigativa, pudessem contar as estrelas e a areia, medir os céus estrelados e acompanhar o curso dos planetas.

Pois, com o entendimento e a inteligência que lhes deste, investigam essas coisas; e muito descobriram; e previram, com muitos anos de antecedência, os eclipses desses astros luminosos, o sol e a lua — em que dia e hora, e quantos dígitos seriam encobertos —, e seus cálculos não falharam; tudo aconteceu como haviam previsto.

E registraram as regras que descobriram, que são lidas até hoje, e, com base nelas, outros predizem em que ano e mês do ano, em que dia do mês, em que hora do dia e em que parte de sua luz a lua ou o sol sofrerá um eclipse; e assim será, como foi anunciado.

Diante dessas coisas, os que não conhecem essa arte se admiram e ficam espantados, e os que a conhecem exultam e se enchem de orgulho; e, afastando-se de Ti por um orgulho ímpio e perdendo a Tua luz, preveem com

tanta antecedência a falta da luz do sol que haverá, mas não veem a sua própria falta de luz, que já existe.

Pois não investigam com devoção de onde lhes vem a inteligência com que investigam essas coisas. E, descobrindo que Tu os fizeste, não se entregam a Ti para que preserves o que fizeste, nem sacrificam a Ti aquilo em que se transformaram; nem matam suas próprias imaginações que voam alto, como aves do céu, nem suas curiosidades que mergulham nas profundezas (com as quais, como os peixes do mar, percorrem os caminhos desconhecidos do abismo), nem sua própria luxúria, como animais do campo, para que Tu, Senhor, fogo consumidor, queimes essas preocupações mortas e os recries para a imortalidade.

Mas não conheciam o caminho, a Tua Palavra, por quem fizeste estas coisas que eles contam, e os próprios que contam, e os sentidos pelos quais percebem o que contam, e o entendimento com que contam; nem sabiam que a Tua sabedoria não tem número. Mas o Filho Unigênito se tornou para nós sabedoria, justiça e santificação, e foi contado entre nós, e pagou tributo a César.

Não conheciam esse caminho pelo qual descer de si mesmos até Ele e, por Ele, subir até Ele. Não conheciam esse caminho e julgavam estar elevados entre as estrelas e resplandecer; e eis que caíram sobre a terra, e seu coração insensato se encheu de trevas.

Dizem muitas coisas verdadeiras a respeito da criatura; mas não buscam com devoção a Verdade, criadora da criatura, e por isso não a encontram; ou, se a encontram, sabendo que é Deus, não O glorificam como Deus nem Lhe dão graças, mas se tornam vazios em suas imaginações e se declaram sá-

bios, atribuindo a si mesmos o que é Teu; e assim, com a mais perversa cegueira, procuram atribuir a Ti o que é deles, inventando mentiras sobre Ti, que és a Verdade, e trocando a glória do Deus incorruptível por uma imagem semelhante ao homem corruptível, às aves, aos animais de quatro patas e aos répteis, trocando a Tua verdade por uma mentira e adorando e servindo à criatura mais do que ao Criador.

⁂

Ainda assim, guardei desses homens muitas verdades a respeito da criatura e vi sua explicação nos cálculos, na sucessão dos tempos e nos testemunhos visíveis dos astros; e as comparei com as afirmações de Maniqueu, que, em seu delírio, havia escrito extensamente sobre esses assuntos; mas não encontrei nenhuma explicação dos solstícios, dos equinócios, dos eclipses dos astros maiores, nem de qualquer outra coisa desse tipo que eu havia aprendido nos livros de filosofia secular. Mas me ordenavam que acreditasse; e, no entanto, aquilo não correspondia ao que havia sido estabelecido pelos cálculos e pela minha própria observação, mas era completamente contrário.

Será então, ó Senhor, Deus da verdade, que quem conhece essas coisas Te agrada por isso? Certamente é infeliz quem conhece todas elas e não Te conhece; mas feliz é quem Te conhece, ainda que não as conheça.

E quem conhece tanto a Ti quanto a elas não é mais feliz por causa delas, mas somente por Ti, se, conhecendo-Te, Te glorifica como Deus, dá graças e não se torna vazio em suas imaginações.

Pois, assim como está em melhor situação quem sabe possuir uma árvore e Te agradecer pelo uso dela, embora não saiba quantos côvados ela tem de altura ou quanto se estendem seus ramos, do que aquele que pode medi-la e contar todos os seus galhos, mas não a possui nem conhece ou ama seu Criador, assim também o crente, a quem pertence toda a riqueza deste mundo e que, nada tendo, possui todas as coisas por se apegar a Ti, a quem tudo serve, mesmo que não conheça sequer os círculos da Ursa Maior, está em melhor situação do que aquele que pode medir os céus, contar as estrelas e pesar os elementos, mas descuida de Ti, que fizeste todas as coisas com número, peso e medida; e seria loucura duvidar disso.

Mas quem mandou aquele Maniqueu escrever também sobre essas coisas, cujo conhecimento não fazia parte da piedade? Pois disseste ao homem: Eis a piedade e a sabedoria; ele poderia ignorá-las, mesmo que tivesse perfeito conhecimento dessas coisas; mas, como ousou ensiná-las com a maior insolência, sem conhecê-las, era evidente que não podia ter conhecimento da piedade.

Pois é vaidade fazer alarde dessas coisas mundanas, mesmo quando são conhecidas; mas confessar a Ti é piedade. Por isso, esse homem desgarrado falou tanto dessas coisas para este fim: que, desmentido pelos que realmente as haviam aprendido, ficasse claro o entendimento que tinha das outras coisas mais obscuras.

Pois não queria que o julgassem de pouco valor, mas procurava convencer as pessoas de que "o Espírito Santo, o Consolador e Enriquecedor dos Teus fiéis, estava pessoalmente dentro dele com plena autoridade".

Quando, então, se descobrisse que havia ensinado falsidades sobre o céu e os astros e sobre os movimentos do sol e da lua (embora essas coisas não pertençam à doutrina da religião), sua presunção sacrílega ficaria bastante evidente, pois apresentava coisas que não só desconhecia, mas que eram falsas, com uma vaidade tão louca de orgulho que procurava atribuí-las a si mesmo como a uma pessoa divina.

Pois, quando ouço algum irmão cristão que ignora essas coisas e se engana a respeito delas, posso vê-lo sustentar sua opinião com paciência; nem vejo como qualquer ignorância sobre a posição ou a natureza da criação material possa prejudicá-lo, desde que ele não creia em nada indigno de Ti, ó Senhor, Criador de tudo.

Mas isso o prejudica se imaginar que faz parte da estrutura da doutrina da piedade e ainda insistir com muita rigidez em afirmar aquilo que desconhece. E, no entanto, mesmo essa fraqueza, na infância da fé, é suportada por nossa mãe Caridade, até que o recém-nascido cresça e se torne um homem maduro, para não ser levado de um lado para outro por todo vento de doutrina.

Mas, no caso daquele que assim teve a presunção de ser mestre, fonte, guia e chefe de todos os que pudesse convencer, de modo que quem o seguisse julgasse seguir, não um simples homem, mas o Teu Espírito Santo, quem não julgaria que tamanha loucura deveria ser detestada e inteiramente rejeitada, uma vez demonstrado que havia ensinado alguma falsidade?

Mas eu ainda não havia apurado claramente se as alternâncias dos dias e das noites mais longos e mais curtos, e do próprio dia e da própria noite, com os eclipses dos astros maiores e tudo o mais desse tipo que eu havia

lido em outros livros, poderiam ser explicadas de modo coerente com suas afirmações; de maneira que, se de algum modo pudessem, ainda permaneceria para mim a dúvida sobre se era assim ou não, mas eu poderia, por causa de sua reputação de santidade, apoiar minha crença em sua autoridade.

E durante quase todos aqueles nove anos em que, com o espírito inquieto, eu fora discípulo deles, havia desejado com excessiva intensidade a chegada desse Fausto.

Pois os outros membros da seita que eu encontrara por acaso, quando não conseguiam resolver minhas objeções sobre essas coisas, continuavam a me prometer a vinda desse Fausto, com quem uma conversa esclareceria, com a maior facilidade e riqueza de explicações, essas dificuldades e outras ainda maiores, caso eu as tivesse.

Quando, enfim, ele chegou, encontrei um homem de conversa agradável, que sabia falar com fluência e em termos melhores, mas ainda dizia exatamente as mesmas coisas que eles costumavam dizer. Mas de que servia o maior esmero de quem servia a bebida à minha sede de uma bebida mais preciosa?

Meus ouvidos já estavam saturados de coisas semelhantes, e elas não me pareciam melhores por serem mais bem ditas; nem verdadeiras por serem eloquentes; nem a alma me parecia sábia por ser belo o rosto e graciosa a linguagem. Mas os que tanto me falavam dele não sabiam julgar bem as coisas; por isso, ele lhes parecia inteligente e sábio, porque suas palavras eram agradáveis.

Eu percebia, porém, que havia outro tipo de gente que desconfiava até da verdade e se recusava a aceitá-la quando apresentada num discurso fluente e abundante.

Mas Tu, ó meu Deus, já me havias ensinado por caminhos maravilhosos e secretos; e creio que foste Tu quem me ensinou, porque isso é verdade, e além de Ti não há mestre da verdade, onde quer e de onde quer que ela nos ilumine.

Assim, de Ti mesmo eu já aprendera que uma coisa não deve parecer verdadeira por ser dita com eloquência; nem falsa porque o som dos lábios é desagradável; nem, por sua vez, verdadeira por ser apresentada de modo rude; nem falsa porque a linguagem é rica.

Antes, a sabedoria e a insensatez são como alimentos saudáveis e prejudiciais; e as expressões, enfeitadas ou simples, são como recipientes refinados ou rústicos: qualquer dos dois tipos de alimento pode ser servido em qualquer dos dois tipos de prato.

⁂

Aquela avidez, portanto, com que por tanto tempo eu esperara esse homem, de fato se deleitava com seus gestos e seu entusiasmo ao discutir, e com a escolha e a facilidade das palavras com que revestia suas ideias. Eu me deleitava, então, e, junto com muitos outros, e mais do que eles, o elogiava e exaltava.

Incomodava-me, porém, que, na reunião de seus ouvintes, eu não pudesse intervir e lhe apresentar, numa conversa familiar, as questões que me inquietavam. Quando tive essa oportunidade e, com meus amigos, comecei a

chamar sua atenção nos momentos em que lhe era conveniente discutir comigo, e lhe apresentei as coisas que me perturbavam, descobri, antes de tudo, que ele ignorava completamente as artes liberais, salvo a gramática, e mesmo desta só tinha conhecimentos comuns.

Mas, como havia lido alguns discursos de Túlio, pouquíssimos livros de Sêneca, algumas obras dos poetas e os poucos volumes de sua própria seita que estavam escritos em latim e com elegância, e se exercitava diariamente na fala, adquirira certa eloquência, que se mostrava ainda mais agradável e sedutora por ser conduzida por uma boa inteligência e acompanhada de uma espécie de graça natural.

Não foi assim, como me lembro, ó Senhor meu Deus, juiz da minha consciência? Diante de Ti estão meu coração e minha memória, Tu que naquele tempo me dirigias pelo mistério oculto da Tua providência e punhas diante dos meus olhos aqueles meus erros vergonhosos, para que eu os visse e odiasse.

Pois, depois que ficou claro que ele ignorava aquelas artes nas quais eu o julgava excelente, comecei a perder a esperança de que pudesse esclarecer e resolver as dificuldades que me confundiam. Embora, mesmo ignorando essas coisas, ele pudesse ter conservado as verdades da piedade, se não fosse maniqueu.

Pois os livros deles estão cheios de fábulas intermináveis sobre o céu, as estrelas, o sol e a lua; e eu já não o julgava capaz de decidir satisfatoriamente aquilo que tanto desejava saber: se, comparando essas coisas com os cálculos que eu havia lido em outros lugares, a explicação dada nos livros de Maniqueu era preferível, ou ao menos igualmente boa.

Quando propus que isso fosse examinado e discutido, ele, mostrando modéstia nesse ponto, recuou diante da tarefa. Pois sabia que não conhecia essas coisas e não se envergonhava de confessá-lo. Não era um daqueles faladores, dos quais eu já suportara muitos, que se propunham a me ensinar essas coisas e nada diziam.

Esse homem tinha um coração que, embora não fosse reto diante de Ti, também não era de todo desleal consigo mesmo. Pois não ignorava inteiramente a própria ignorância, nem se deixava envolver de maneira precipitada numa discussão da qual não pudesse recuar nem sair com dignidade. Até por isso eu gostava mais dele.

Pois a modéstia de um espírito sincero é mais bela do que o conhecimento daquelas coisas que eu desejava saber; e assim o encontrei em todas as questões mais difíceis e sutis.

Assim enfraquecido meu entusiasmo pelos escritos de Maniqueu, e tendo ainda menos esperança nos outros mestres deles, ao ver como se saíra, em várias coisas que me confundiam, aquele homem tão famoso entre eles, comecei a estudar com ele aquela literatura à qual também se dedicava com grande interesse e que, como professor de retórica, eu então ensinava aos jovens estudantes de Cartago.

Passei a ler com ele tanto o que ele próprio desejava ouvir quanto o que eu julgava adequado à sua capacidade. Mas todos os esforços com que eu pretendia progredir naquela seita chegaram inteiramente ao fim depois que conheci esse homem.

Não que eu me tivesse separado deles por completo; mas, como alguém que não encontra nada melhor, havia decidido me contentar por enquanto com aquilo que, de um modo ou de outro, encontrara, a menos que por acaso surgisse para mim algo mais desejável.

Assim, aquele Fausto, que para tantos fora uma armadilha de morte, começara, sem querer nem saber, a afrouxar a armadilha em que eu estava preso. Pois Tuas mãos, ó meu Deus, no propósito secreto da Tua providência, não abandonaram minha alma; e do sangue do coração de minha mãe, por meio das lágrimas que ela derramava dia e noite, era oferecido a Ti um sacrifício por mim; e Tu agias comigo por caminhos maravilhosos.

Tu o fizeste, ó meu Deus, pois os passos do homem são ordenados pelo Senhor, e Ele disporá seu caminho. Ou como obteremos a salvação, senão da Tua mão, que refaz o que fez?

Tu agiste comigo para que eu fosse persuadido a ir a Roma e ensinar ali o que ensinava em Cartago. E não deixarei de confessar a Ti como fui persuadido a isso, pois também nisso devem ser considerados e confessados os mais profundos recantos da Tua sabedoria e a Tua misericórdia tão presente entre nós.

Eu não desejava ir a Roma porque os amigos que me aconselhavam a fazê-lo me garantiam ganhos maiores e honras mais elevadas, embora até essas coisas exercessem então influência sobre meu espírito.

Minha principal e quase única razão era ter ouvido que ali os jovens estudavam com mais tranquilidade e eram mantidos em ordem por uma disciplina mais regular; assim, não invadiam, a seu bel-prazer e com insolência,

a escola de um professor de quem não eram alunos, nem sequer eram admitidos sem sua permissão.

Em Cartago, porém, reina entre os estudantes uma liberdade vergonhosa e indisciplinada. Invadem as aulas com audácia e, com gestos quase furiosos, perturbam toda a ordem que alguém tenha estabelecido para o bem de seus alunos. Cometem diversos abusos com espantosa estupidez, que seriam punidos por lei se o costume não os protegesse.

Esse costume mostra que são ainda mais infelizes, pois agora fazem como se fosse lícito aquilo que, pela Tua lei eterna, nunca será lícito; e pensam que o fazem sem castigo, quando são castigados pela própria cegueira com que o fazem e sofrem males incomparavelmente piores do que os que praticam.

Assim, aqueles costumes que, como estudante, eu não quisera adotar, era obrigado, como professor, a suportar nos outros; por isso, agradava-me muito ir para onde todos os que conheciam o lugar me garantiam que tais coisas não aconteciam.

Mas Tu, meu refúgio e minha porção na terra dos vivos, para que eu mudasse de morada terrena em favor da salvação da minha alma, em Cartago me atormentavas, para que assim eu fosse arrancado de lá; e em Roma me oferecias atrativos, para que eu fosse atraído para lá, por meio de homens apaixonados por uma vida que morre, uns praticando loucuras, outros prometendo vaidades.

E, para corrigir meus passos, usavas em segredo a perversidade deles e a minha. Pois tanto os que perturbavam minha tranquilidade estavam cegos

por um furor vergonhoso, quanto os que me convidavam a ir para outro lugar tinham gosto pelas coisas da terra. E eu, que aqui detestava uma infelicidade real, ali procurava uma felicidade ilusória.

⁂

Mas por que eu partia daqui e ia para lá, Tu sabias, ó Deus, e no entanto não o mostravas nem a mim nem à minha mãe, que lamentava profundamente minha viagem e me acompanhou até o mar. Mas eu a enganei, quando ela me segurava à força, querendo ou me impedir de partir ou ir comigo; fingi que tinha um amigo a quem não podia deixar até que tivesse vento favorável para navegar.

E menti à minha mãe, e a uma mãe como aquela, e escapei. Pois também isso Tu me perdoaste com misericórdia, preservando-me, assim cheio de impurezas abomináveis, das águas do mar para a água da Tua graça; para que, quando eu fosse purificado por ela, secassem as torrentes dos olhos de minha mãe, com as quais ela diariamente regava por mim o chão sob seu rosto.

E, como ainda se recusava a voltar sem mim, a custo a convenci a passar aquela noite num lugar perto do nosso navio, onde havia um oratório em memória do bem-aventurado Cipriano. Naquela noite parti em segredo, mas ela não deixou de chorar e orar. E o que, ó Senhor, ela Te pedia com tantas lágrimas, senão que não me deixasses navegar?

Mas Tu, na profundidade dos Teus desígnios, ouvindo o desejo principal dela, não atendeste ao que então pedia, para fazer de mim aquilo que ela sempre pedira. O vento soprou, encheu nossas velas e afastou a costa da

nossa vista; e ela, no dia seguinte, estava ali, desvairada de dor, e enchia de queixas e gemidos Teus ouvidos, que então não os atendiam.

Enquanto isso, por meio dos meus desejos, Tu me apressavas para pôr fim a todo desejo, e a parte terrena de seu afeto por mim era corrigida pelo flagelo de dores que lhe fora destinado. Pois ela amava minha presença junto dela, como fazem as mães, mas muito mais do que muitas; e não sabia quão grande alegria Tu estavas prestes a lhe proporcionar por meio da minha ausência.

Ela não sabia; por isso chorava e se lamentava, e nessa agonia aparecia nela a herança de Eva, buscando com dor aquele que com dor dera à luz. E, no entanto, depois de acusar minha traição e minha dureza de coração, voltou a interceder junto a Ti por mim e foi para seu lugar de costume, e eu para Roma.

E eis que ali fui recebido pelo flagelo de uma doença do corpo, e estava descendo ao inferno, levando todos os pecados que havia cometido, contra Ti, contra mim mesmo e contra os outros, muitos e graves, além daquele vínculo do pecado original, pelo qual todos morremos em Adão.

Pois Tu não me havias perdoado nenhuma dessas coisas em Cristo, nem Ele havia desfeito, por sua cruz, a inimizade que meus pecados haviam criado entre mim e Ti. Pois como poderia fazê-lo pela crucificação de um fantasma, que eu acreditava que Ele fosse?

Assim, a morte da minha alma era tão verdadeira quanto a morte de sua carne me parecia falsa; e, assim como era verdadeira a morte de seu corpo,

era falsa a vida da minha alma, que não acreditava nela. E agora, com a febre aumentando, eu estava prestes a partir, a ir embora para sempre.

Pois, se então tivesse partido daqui, para onde teria ido, senão para o fogo e os tormentos que minhas más ações mereciam segundo a verdade do teu julgamento? E ela não sabia disso, mas, mesmo ausente, orava por mim.

Tu, porém, presente em toda parte, a ouvias onde ela estava e, onde eu estava, tinhas compaixão de mim, para que eu recuperasse a saúde do corpo, embora meu coração sacrílego ainda estivesse em delírio. Pois, em todo aquele perigo, não desejei o teu batismo; e eu era melhor quando menino, quando o pedi à piedade de minha mãe, como já relatei e confessei.

Mas eu havia crescido para minha própria vergonha, e, em minha loucura, zombava das prescrições do teu remédio, Tu que não querias permitir que eu, naquele estado, morresse uma dupla morte. Se essa ferida tivesse atravessado o coração de minha mãe, ele jamais poderia ser curado.

Pois não consigo expressar o amor que ela tinha por mim, nem com que angústia muito mais intensa ela agora sofria as dores de me dar à luz no espírito do que quando me dera à luz na carne.

Não vejo, portanto, como ela poderia ter sido curada, se uma morte assim tivesse atravessado o mais profundo de seu amor. E onde estariam aquelas suas orações tão fortes e incessantes, dirigidas sem descanso somente a Ti?

Mas Tu, Deus de misericórdia, desprezarias o coração contrito e humilde daquela viúva casta e sóbria, tão constante nas esmolas, tão dedicada ao dever e ao serviço dos teus santos, que não deixava passar um dia sem fazer sua oferta em teu altar e que, duas vezes por dia, de manhã e à tarde, sem

faltar nunca, vinha à tua igreja, não para conversas ociosas e fábulas de velhas, mas para ouvir-Te em tuas palavras e ser ouvida por Ti em suas orações?

Poderias desprezar as lágrimas de uma mulher assim e negar-lhe teu auxílio, quando, com elas, ela não te pedia ouro ou prata, nem qualquer bem sujeito à mudança ou passageiro, mas a salvação da alma de seu filho? Tu, por cujo dom ela era assim? Nunca, Senhor. Sim, Tu estavas perto, ouvindo e agindo, na ordem em que havias determinado de antemão que tudo fosse feito.

Longe de Ti enganá-la nas visões e respostas que lhe deste, algumas das quais mencionei e outras não, e que ela guardava em seu coração fiel e, orando sempre, apresentava insistentemente a Ti, como documentos escritos por tua própria mão.

Pois Tu, porque tua misericórdia dura para sempre, te dignas também a tornar-te devedor, por tuas promessas, daqueles a quem perdoas todas as dívidas.

⁂

Então me livraste daquela doença e curaste o filho de tua serva, por enquanto no corpo, para que ele vivesse e Tu lhe concedesses uma saúde melhor e mais duradoura.

E ainda então, em Roma, juntei-me àqueles “santos” enganadores e enganados; não apenas aos seus discípulos, entre os quais estava aquele em cuja casa eu adoecera e me recuperara, mas também aos que eles chamam de “Eleitos”.

Pois eu ainda pensava "que não somos nós que pecamos, mas que alguma outra natureza, não sei qual, pecava em nós"; e meu orgulho se alegrava por estar livre de culpa; e, quando eu fazia algum mal, não confessava que o havia feito, para que Tu curasses minha alma, porque ela havia pecado contra Ti.

Eu preferia desculpá-la e acusar alguma outra coisa, não sei qual, que estava comigo, mas que não era eu. Na verdade, porém, era inteiramente eu, e minha impiedade me havia dividido contra mim mesmo; e esse pecado era ainda mais incurável porque eu não me considerava pecador.

E era uma iniquidade abominável eu preferir que Tu, Tu, ó Deus todo-poderoso, fosses vencido em mim para minha perdição, a que eu fosse vencido por Ti para minha salvação.

Ainda não havias, então, colocado uma guarda diante de minha boca e uma porta de proteção ao redor de meus lábios, para que meu coração não se desviasse para palavras perversas, buscando desculpas para os pecados junto dos homens que praticam a iniquidade; e, por isso, eu continuava unido aos Eleitos deles.

Mas agora, sem esperança de progredir naquela falsa doutrina, eu já me apegava com menos firmeza e mais descuido até mesmo àquelas coisas com as quais havia resolvido me contentar, caso não encontrasse nada melhor.

Pois começava a surgir em mim a ideia de que aqueles filósofos chamados Acadêmicos eram mais sábios que os demais, porque sustentavam que os homens deviam duvidar de tudo e afirmavam que nenhuma verdade pode ser compreendida pelo homem. Pois assim, sem então entender sequer o

que queriam dizer, eu também estava plenamente convencido de que pensavam como geralmente se dizia.

Contudo, eu procurava, livre e abertamente, afastar meu anfitrião daquela confiança excessiva que eu percebia nele em relação às fábulas de que estão cheios os livros de Mani. Ainda assim, eu vivia numa amizade mais íntima com eles do que com outros que não pertenciam a essa heresia.

Já não a defendia com o antigo entusiasmo; mesmo assim, minha intimidade com aquela seita, da qual Roma abrigava muitos seguidores em segredo, me tornava mais lento em buscar outro caminho, sobretudo porque eu não tinha esperança de encontrar a verdade, da qual eles me haviam afastado, em tua Igreja, ó Senhor do céu e da terra, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis.

E me parecia muito impróprio acreditar que Tu tivesses a forma da carne humana e fosses limitado pelos contornos corporais de nossos membros. E, quando eu desejava pensar em meu Deus, não sabia pensar em outra coisa senão numa massa de corpos, pois tudo o que não fosse assim me parecia não ser coisa alguma; essa era a maior e quase a única causa de meu erro inevitável.

Por isso, eu também acreditava que o Mal fosse uma substância desse tipo e tivesse seu próprio volume imundo e horrendo, fosse ele denso, ao qual chamavam terra, ou tênue e sutil, como o corpo do ar, que eles imaginam ser uma mente maligna que se arrasta por aquela terra.

E, como uma piedade, por imperfeita que fosse, me obrigava a acreditar que o Deus bom nunca havia criado nenhuma natureza má, eu concebia

duas massas, contrárias uma à outra, ambas sem limites, mas a má menos extensa e a boa mais ampla. E desse princípio nocivo vieram minhas outras concepções sacrílegas.

Pois, quando minha mente tentava retornar à fé católica, eu era repelido, porque aquilo que eu julgava ser a fé católica não era a fé católica. E eu me julgava mais reverente se acreditasse que Tu, meu Deus, cujas misericórdias minha boca proclama, eras ilimitado ao menos dos outros lados, embora, naquele lado em que a massa do mal se opunha a Ti, eu fosse obrigado a reconhecer que eras limitado, do que se imaginasse que eras limitado por todos os lados pela forma de um corpo humano.

E me parecia melhor acreditar que Tu não havias criado nenhum mal — que, em minha ignorância, me parecia não apenas alguma coisa, mas uma substância corporal, porque eu não conseguia conceber a mente senão como um corpo sutil, espalhado por espaços definidos — do que acreditar que a natureza do mal, tal como eu a concebia, pudesse vir de Ti.

Sim, e eu acreditava que o próprio Salvador, teu Unigênito, havia sido, por assim dizer, estendido para fora da massa de tua substância luminosíssima para nossa salvação, de modo que eu nada acreditava a seu respeito além do que conseguia imaginar em minha vaidade.

Sendo assim a sua natureza, eu pensava que Ele não poderia nascer da Virgem Maria sem se misturar com a carne; e eu não via como aquilo que havia imaginado poderia se misturar sem se contaminar. Por isso, eu tinha medo de acreditar que Ele havia nascido na carne, para não ser obrigado a acreditar que fora contaminado pela carne.

Agora, os teus que vivem segundo o espírito sorrirão de mim com brandura e amor, se lerem estas minhas confissões. Mas assim eu era.

Além disso, eu pensava que não era possível defender aquilo que os maniqueus haviam criticado em tuas Escrituras. Contudo, às vezes eu tinha o desejo sincero de conversar sobre cada um desses pontos com alguém muito versado naqueles livros e de examinar o que ele pensava a respeito.

Pois as palavras de um certo Elpídio, quando falava e discutia frente a frente contra aqueles maniqueus, já haviam começado a me tocar em Cartago, porque ele havia apresentado passagens das Escrituras difíceis de refutar, e a resposta dos maniqueus a elas me parecia fraca. E eles não gostavam de dar essa resposta em público, mas apenas a nós, em particular.

Diziam que as Escrituras do Novo Testamento haviam sido corrompidas por não sei quem, que desejava enxertar a lei dos judeus na fé cristã; contudo, eles próprios não apresentavam nenhuma cópia que não tivesse sido corrompida.

Mas eu, que só concebia coisas corporais, era sobretudo mantido preso, violentamente oprimido e de certo modo sufocado por aquelas “massas”; e, ofegando sob elas em busca do sopro de tua verdade, não conseguia respirá-lo puro e sem contaminação.

⁂

Comecei então a me dedicar com empenho àquilo para o qual viera a Roma: ensinar retórica. Primeiro, reuni alguns alunos em minha casa, entre os quais e por meio dos quais comecei a ser conhecido; e eis que encon-

trei outros abusos praticados em Roma, aos quais eu não estivera exposto na África.

É verdade que aquelas "arruaças" de jovens depravados não eram praticadas ali, segundo me disseram; mas, de repente, diziam eles, para evitar pagar os honorários de seu mestre, vários jovens combinavam entre si e passavam para outro, quebrando a palavra e desprezando a justiça por amor ao dinheiro.

Meu coração também os odiava, embora não com um ódio perfeito, pois talvez eu os odiasse mais pelo prejuízo que me causariam do que por praticarem coisas inteiramente ilícitas.

Na verdade, são pessoas vis, que se prostituem ao se afastarem de Ti, amando essas ilusões fugazes das coisas temporais e o lucro imundo, que suja a mão de quem o agarra; abraçando o mundo passageiro e desprezando a Ti, que permaneces, chamas de volta e perdoas a alma adúltera do homem quando ela retorna a Ti.

E agora odeio essas pessoas depravadas e desonestas, embora as ame se puderem se corrigir, de modo que prefiram ao dinheiro o saber que adquirem e, ao saber, a Ti, ó Deus, verdade e plenitude do bem seguro e paz puríssima. Mas então eu sentia aversão por sua maldade mais por minha causa do que amava e desejava sua bondade por tua causa.

Quando, portanto, os de Milão enviaram ao prefeito da cidade de Roma um pedido para que lhes fornecesse um professor de retórica para sua cidade e o enviasse às custas do poder público, candidatei-me (por intermédio daquelas mesmas pessoas, embriagadas pelas vaidades maniqueístas,

das quais eu iria me libertar ao partir, embora nenhum de nós o soubesse), pedindo que Símaco, então prefeito da cidade, me pusesse à prova, propondo-me algum tema, e assim me enviasse.

Cheguei a Milão, ao bispo Ambrósio, conhecido no mundo inteiro como um dos melhores homens, Teu devoto servo; seus discursos eloquentes distribuíam então com fartura ao Teu povo a farinha do Teu trigo, a alegria do Teu azeite e a sóbria embriaguez do Teu vinho. Sem que eu soubesse, fui conduzido por Ti até ele, para que, por meio dele, eu fosse conscientemente conduzido a Ti.

Aquele homem de Deus me recebeu como um pai e, à minha chegada, demonstrou por mim a bondade de um bispo. Desde então comecei a amá-lo, a princípio não como mestre da verdade (que eu perdera inteiramente a esperança de encontrar em Tua Igreja), mas como uma pessoa bondosa comigo.

E eu o ouvia com atenção pregar ao povo, não com a intenção que deveria ter, mas como quem põe à prova sua eloquência, para ver se correspondia à fama, ou se fluía com maior ou menor abundância do que se dizia; e me prendia atentamente às suas palavras; quanto ao conteúdo, contudo, eu era um espectador indiferente e desdenhoso.

E me encantava a suavidade de seu discurso, mais profundo, mas de estilo menos cativante e harmonioso que o de Fausto. Quanto ao conteúdo, porém, não havia comparação, pois um vagava entre os enganos maniqueístas, enquanto o outro ensinava a salvação com toda a solidez.

Mas a salvação está longe dos pecadores, como eu então me encontrava diante dele; e, ainda assim, eu me aproximava pouco a pouco, sem perceber.

Pois, embora eu não me esforçasse para aprender o que ele dizia, mas apenas para ouvir como dizia (pois só me restava essa preocupação vazia, já sem esperança de um caminho aberto ao ser humano até Ti), junto com as palavras que eu escolhia também entravam em minha mente as coisas que eu rejeitava, pois não podia separá-las.

E, enquanto abria meu coração para acolher "como ele falava com eloquência", também entrava "como ele falava com verdade"; mas isso aos poucos. Pois, em primeiro lugar, essas coisas também já começavam a me parecer passíveis de defesa; e a fé católica, em favor da qual eu pensara que nada se podia dizer contra as objeções dos maniqueus, agora me parecia poder ser defendida sem descaramento; especialmente depois de ter ouvido a explicação de uma ou duas passagens do Antigo Testamento, muitas vezes "em sentido figurado", as quais, quando eu entendia literalmente, me matavam espiritualmente.

Assim, depois de muitas passagens daqueles livros terem sido explicadas, eu já censurava meu desespero, por ter acreditado que nenhuma resposta poderia ser dada aos que odiavam e ridicularizavam a Lei e os Profetas.

Contudo, eu ainda não via por isso que devia seguir o caminho católico, pelo fato de ele também encontrar defensores instruídos, capazes de responder às objeções amplamente e com alguma aparência de razão; nem que aquilo em que eu acreditava devesse, por isso, ser condenado, já que ambos os lados podiam ser defendidos. Pois a causa católica me parecia não estar vencida, mas ainda tampouco ser vitoriosa.

Diante disso, apliquei minha mente com todo o empenho a ver se, de algum modo, poderia demonstrar por alguma prova segura a falsidade dos maniqueus. Se ao menos eu tivesse conseguido conceber uma substância espiritual, todas as suas fortalezas teriam sido derrubadas e inteiramente expulsas de minha mente; mas eu não conseguia.

Ainda assim, quanto à estrutura deste mundo e à natureza inteira, que os sentidos do corpo podem alcançar, quanto mais eu examinava e comparava as coisas, mais julgava que as doutrinas da maioria dos filósofos eram muito mais prováveis.

Assim, à maneira dos acadêmicos (conforme se supõe que faziam), duvidando de tudo e oscilando entre todas as posições, cheguei ao menos à decisão de abandonar os maniqueus; julgava que, mesmo em dúvida, não devia continuar naquela seita, à qual eu já preferia alguns dos filósofos; a esses filósofos, contudo, por não possuírem o Nome salvador de Cristo, eu me recusava inteiramente a confiar a cura de minha alma enferma.

Decidi, portanto, permanecer como catecúmeno na Igreja Católica, à qual meus pais me haviam confiado, até que alguma certeza surgisse para mim, em cuja direção eu pudesse orientar meu caminho.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VI

✦

Ó Tu, minha esperança desde a juventude, onde estavas para mim, e para onde tinhas ido? Não me tinhas criado e me separado dos animais do campo e das aves do céu?

Tinhas me feito mais sábio, mas eu andava nas trevas e em lugares escorregadios, e Te procurava fora de mim, e não encontrava o Deus do meu coração; tinha chegado às profundezas do mar e perdido a confiança e a esperança de algum dia encontrar a verdade. Minha mãe agora tinha vindo até mim, firme em sua piedade, seguindo-me por mar e terra, confiando em Ti em todos os perigos.

Pois, nos perigos do mar, ela consolava os próprios marinheiros (que costumam consolar os passageiros aflitos, sem experiência do alto-mar), garantindo-lhes uma chegada segura, porque Tu lhe tinhas dado essa certeza por meio de uma visão. Ela me encontrou em grave perigo, por ter perdido a esperança de algum dia encontrar a verdade.

Mas, quando lhe revelei que já não era maniqueu, embora ainda não fosse cristão católico, ela não se alegrou em excesso, como diante de algo inesperado; embora agora estivesse tranquila quanto àquela parte da minha miséria pela qual me chorava como a um morto, que Tu, porém, haverias de despertar, levando-me no esquife de seus pensamentos, para que dissesses ao filho da viúva: Jovem, Eu te digo, levanta-te; e ele voltasse à vida e começasse a falar, e Tu o entregasses à sua mãe.

Seu coração, portanto, não foi abalado por uma exultação tumultuosa quando ouviu que aquilo que diariamente Te pedia com lágrimas já se realizara em tão grande parte; pois, embora eu ainda não tivesse alcançado a verdade, tinha sido resgatado da falsidade.

Mas, certa de que Tu, que tinhas prometido tudo, um dia darias o restante, respondeu-me com toda a calma e com o coração cheio de confiança: "Ela acreditava em Cristo que, antes de partir desta vida, me veria como um fiel católico." Foi isso que me disse.

Mas a Ti, Fonte de misericórdias, derramava orações e lágrimas mais abundantes, para que apressasses Teu auxílio e iluminasses minhas trevas; e corria com mais ardor à igreja e ficava atenta a cada palavra de Ambrósio, pedindo a fonte daquela água que jorra para a vida eterna.

Ela amava aquele homem como a um anjo de Deus, porque sabia que, por meio dele, eu tinha chegado, por enquanto, àquele estado de incerteza na fé em que então me encontrava; e esperava com toda a confiança que, passando por ele, eu iria da doença à saúde, depois de uma espécie de ataque mais intenso, que os médicos chamam de "crise".

Certa vez, minha mãe, como costumava fazer na África, levou alguns bolos, pão e vinho às igrejas construídas em memória dos santos, e foi impedida pelo porteiro. Assim que soube que o bispo tinha proibido aquilo, acolheu sua vontade com tanta piedade e obediência que eu mesmo me admirei ao ver como prontamente censurava sua própria prática, em vez de discutir a proibição dele.

Pois o gosto pela bebida não dominava seu espírito, nem o amor ao vinho a levava a odiar a verdade, como acontece com tantos homens e mulheres, que se revoltam contra uma lição de sobriedade como os muito embriagados diante de uma bebida misturada com água.

Mas ela, quando levava sua cesta com os alimentos habituais da festa, dos quais apenas provava antes de distribuí-los, nunca acrescentava mais que um pequeno copo de vinho, diluído segundo seus próprios hábitos de moderação, do qual tomava um pouco por cortesia.

E, se houvesse muitas igrejas de santos falecidos a serem honrados daquela maneira, levava sempre aquele mesmo copo, para ser usado em toda parte; e esse vinho, embora muito aguado e desagradavelmente aquecido por ser levado de um lado para outro, ela distribuía em pequenos goles aos que estavam ao seu redor; pois buscava ali a devoção, não o prazer.

Assim que soube que aquele costume tinha sido proibido pelo famoso pregador e piedosíssimo bispo, mesmo aos que o praticassem com moderação, para que não se desse aos bêbados uma ocasião de excesso, e porque aquelas espécies de solenidades fúnebres anuais se pareciam muito com a superstição dos gentios, ela o abandonou de muito boa vontade.

E, em lugar de uma cesta cheia dos frutos da terra, aprendeu a levar às igrejas dos mártires um coração cheio de súplicas mais puras e a dar aos pobres o que pudesse; para que assim a comunhão do Corpo do Senhor fosse devidamente celebrada ali onde, a exemplo de Sua Paixão, os mártires tinham sido sacrificados e coroados.

Contudo, parece-me, ó Senhor meu Deus, e é isso que meu coração pensa diante de Ti, que talvez ela não tivesse aceitado tão prontamente o fim desse costume se ele tivesse sido proibido por outro a quem não amasse como a Ambrósio, a quem amava de todo o coração por causa da minha salvação.

E ele, por sua vez, a amava por sua vida tão religiosa, pela qual, dedicada às boas obras e tão fervorosa de espírito, frequentava assiduamente a igreja; de modo que, quando me via, muitas vezes se desfazia em elogios a ela, felicitando-me por ter uma mãe assim; sem saber que filho ela tinha em mim, que duvidava de todas essas coisas e imaginava que não era possível encontrar o caminho da vida.

Eu ainda não gemia em minhas orações, pedindo que me ajudasses; meu espírito estava inteiramente voltado a aprender e inquieto para discutir. Quanto ao próprio Ambrósio, eu o considerava um homem feliz, segundo a ideia de felicidade do mundo, pois pessoas tão importantes o tinham em tamanha honra; apenas seu celibato me parecia um modo de vida penoso.

Mas que esperança ele trazia dentro de si, que lutas travava contra as tentações que cercavam suas próprias virtudes, que consolo tinha nas adversidades e que doces alegrias Teu Pão oferecia à boca oculta de seu espírito quando ele o ruminava, eu não podia imaginar nem tinha experimentado. Ele também não conhecia as ondas dos meus sentimentos nem o abismo do meu perigo.

Pois eu não podia lhe perguntar o que queria, da maneira que queria, porque multidões de pessoas ocupadas, a cujas fraquezas ele atendia, me impediam tanto de ser ouvido por ele quanto de ouvi-lo. Quando não estava

ocupado com elas (o que acontecia por pouco tempo), ou restaurava o corpo com o alimento estritamente necessário, ou a mente com a leitura.

Mas, quando lia, seus olhos percorriam as páginas e seu coração buscava o sentido, enquanto sua voz e sua língua descansavam. Muitas vezes, quando chegávamos (pois ninguém era proibido de entrar, nem era seu costume que lhe anunciassem quem chegava), nós o víamos lendo assim, em silêncio, e nunca de outro modo; e, depois de ficarmos sentados por muito tempo sem dizer nada (pois quem ousaria interromper alguém tão concentrado?), acabávamos indo embora, supondo que, no breve intervalo que conseguia, livre do barulho dos assuntos alheios, para renovar a mente, ele não queria ser distraído.

E talvez receasse que, se o autor que lia dissesse alguma coisa de modo obscuro, algum ouvinte atento ou confuso lhe pedisse uma explicação ou uma discussão sobre algumas das questões mais difíceis; de modo que, gastando assim seu tempo, não pudesse percorrer tantos volumes quanto desejava.

Embora preservar a voz (que enfraquecia com muito pouca fala) pudesse ser a verdadeira razão de sua leitura silenciosa. Mas, fosse qual fosse sua intenção ao fazer isso, certamente era boa em um homem como ele.

⁂

Eu, porém, certamente não tinha oportunidade de perguntar o que desejava àquele Teu oráculo tão santo, seu coração, a menos que o assunto pudesse ser respondido brevemente. Mas aquelas ondas dentro de mim, que eu precisava derramar diante dele, exigiam todo o seu tempo livre, e nunca o encontravam.

Eu o ouvia, de fato, todos os domingos, explicando corretamente a Palavra da verdade entre o povo; e ficava cada vez mais convencido de que todos os nós daquelas calúnias astutas, que nossos enganadores tinham atado contra os Livros Divinos, podiam ser desfeitos.

Mas, quando também compreendi que "o homem criado por Ti à Tua própria imagem" não era entendido por Teus filhos espirituais, que pela graça fizeste renascer da Mãe Católica, como se acreditassem em Ti e Te concebessem limitado por uma forma humana (embora eu não tivesse sequer uma noção vaga ou indistinta do que seria uma substância espiritual), corei de alegria por ter passado tantos anos ladrando contra as ficções de imaginações carnais, pensando atacar a fé católica.

Pois eu tinha sido tão precipitado e ímpio que havia julgado e condenado aquilo que deveria ter procurado conhecer por meio de perguntas. Pois Tu, Altíssimo e tão próximo; tão oculto e tão presente; que não tens membros uns maiores, outros menores, mas estás inteiro em toda parte e não ocupas lugar algum no espaço, não tens tal forma corporal; e, porém, fizeste o homem à Tua própria imagem; e eis que ele, da cabeça aos pés, está contido no espaço.

Sem saber, portanto, como essa Tua imagem poderia existir, eu deveria ter batido à porta e apresentado minha dúvida sobre como se devia crer nisso, em vez de me opor com insultos, como se fosse assim que se acreditava.

A dúvida sobre o que considerar certo roía meu coração com tanto mais força quanto mais me envergonhava de, depois de tanto tempo iludido e enganado pela promessa de certezas, ter tagarelado sobre tantas incertezas

com erro e veemência infantis. Pois só mais tarde ficou claro para mim que eram falsidades.

Eu tinha certeza, contudo, de que eram incertas e de que antes as havia considerado certas, quando, com um espírito de disputa cego, acusava Tua Igreja Católica, que eu agora descobria, se ainda não como uma igreja que ensinava a verdade, ao menos como uma igreja que não ensinava aquilo pelo qual eu a havia censurado duramente.

Assim, fiquei envergonhado e mudei de posição; e me alegrei, ó meu Deus, porque a única Igreja, o corpo de Teu Filho único (na qual o nome de Cristo tinha sido colocado sobre mim quando criança), não se comprazia em ideias infantis; nem sustentava em sua sã doutrina qualquer princípio que Te confinasse, Criador de tudo, em um espaço, por maior e mais amplo que fosse, mas limitado por todos os lados pelos contornos de uma forma humana.

Também me alegrei porque as antigas Escrituras da Lei e dos Profetas me eram apresentadas, agora para serem lidas com um olhar diferente daquele ao qual antes pareciam absurdas, quando eu insultava Teus santos por pensarem assim, embora na verdade não pensassem dessa maneira.

E ouvia com alegria Ambrósio, em seus sermões ao povo, recomendar muitas vezes, com todo o empenho, este texto como regra: A letra mata, mas o Espírito dá vida; enquanto afastava o véu místico, revelando o sentido espiritual daquilo que, segundo a letra, parecia ensinar algo errado; sem ensinar nisso nada que me ofendesse, embora ensinasse coisas que eu ainda não sabia se eram verdadeiras.

Pois eu impedia meu coração de concordar com qualquer coisa, temendo me precipitar; mas, permanecendo suspenso na dúvida, eu me destruía ainda mais. Pois desejava ter tanta certeza das coisas que não via quanto tinha de que sete e três são dez.

Eu não era tão insensato a ponto de pensar que nem isso pudesse ser compreendido; mas desejava que as outras coisas fossem tão claras quanto essa, fossem coisas corporais que não estavam presentes aos meus sentidos, fossem espirituais, que eu não sabia conceber senão corporalmente.

E eu poderia ter sido curado pela fé, para que a visão da minha alma, uma vez esclarecida, pudesse de algum modo se dirigir à Tua verdade, que permanece para sempre e em parte alguma falha.

Mas, assim como alguém que passou por um mau médico teme se entregar a um bom, assim acontecia com a saúde da minha alma, que só podia ser curada pela fé e que, por medo de acreditar em falsidades, se recusava a ser curada; resistindo às Tuas mãos, que prepararam os remédios da fé, os aplicaram às doenças do mundo inteiro e lhes deram tamanha autoridade.

Levado, porém, por isso a preferir a doutrina católica, senti que seu proceder era mais modesto e honesto, pois exigia que se acreditasse em coisas não demonstradas (quer fossem, em si mesmas, demonstráveis, mas não para certas pessoas, quer não pudessem de modo algum ser demonstradas), enquanto entre os maniqueus nossa credulidade era enganada com a promessa de um conhecimento certo, e depois nos impunham a crença em tantas coisas completamente fabulosas e absurdas, justamente porque não podiam ser demonstradas.

Então Tu, ó Senhor, pouco a pouco, com mão cheia de ternura e misericórdia, tocando e acalmando meu coração, me persuadiste — ao considerar as inúmeras coisas em que eu acreditava sem as ter visto nem estar presente quando aconteceram, como tantos fatos da história secular, tantos relatos de lugares e cidades que eu não tinha visto; tantas coisas que ouvira de amigos, de médicos e, continuamente, de outras pessoas, nas quais, se não acreditássemos, nada faríamos nesta vida; por fim, ao considerar com que certeza inabalável eu acreditava de quais pais havia nascido, coisa que não poderia saber se não acreditasse no que me diziam —, ao considerar tudo isso, Tu me persuadiste de que mereciam censura não aqueles que acreditavam em Teus Livros (aos quais deste tamanha autoridade entre quase todas as nações), mas aqueles que não acreditavam neles; e de que não se devia dar ouvidos aos que me dissessem: "Como sabes que essas Escrituras foram transmitidas à humanidade pelo Espírito do único Deus verdadeiro e absolutamente verdadeiro?"

Pois era justamente nisso que, acima de tudo, se devia acreditar, já que nenhuma disputa de questionamentos blasfemos, entre toda aquela multidão que eu havia lido nos filósofos que se contradiziam, pudera arrancar de mim esta crença: "Tu existes", fosse qual fosse a Tua natureza (que eu desconhecia), e "A Ti pertence o governo das coisas humanas".

⁂

Nisso eu acreditava, às vezes com mais força, outras com menos; mas sempre acreditei tanto que Tu existias quanto que cuidavas de nós, embora ignorasse o que pensar de Tua substância e qual caminho levava ou reconduzia a Ti.

Como éramos fracos demais para descobrir a verdade por raciocínios abstratos e, por isso mesmo, precisávamos da autoridade da Sagrada Escritura, eu já começara a acreditar que jamais terias dado àquela Escritura tão elevada autoridade em todas as terras se não quisesses que, por meio dela, acreditassem em Ti e Te buscassem.

Pois agora, depois de ouvir explicações satisfatórias de diversas passagens, eu atribuía à profundidade dos mistérios aquelas coisas que, por soarem estranhas na Escritura, costumavam me ofender; e sua autoridade me parecia ainda mais venerável e mais digna de fé religiosa, pois, estando aberta à leitura de todos, guardava a majestade de seus mistérios em seu sentido mais profundo, descendo ao alcance de todos pela grande simplicidade das palavras e pela humildade do estilo, mas exigindo a mais intensa aplicação daqueles que não têm um coração leviano; assim, podia acolher a todos em seu seio aberto e, por passagens estreitas, conduzir até Ti alguns poucos, ainda assim muito mais numerosos do que seriam se ela não se erguesse a tamanha altura de autoridade nem atraísse multidões a seu seio por sua santa humildade.

Nessas coisas eu pensava, e Tu estavas comigo; eu suspirava, e Tu me ouvias; eu vacilava, e Tu me guiavas; eu vagava pelo largo caminho do mundo, e Tu não me abandonavas.

Eu ansiava por honras, lucros, casamento; e Tu rias de mim. Nesses desejos, suportei contrariedades muito amargas, e tanto maior era Tua bondade quanto menos permitias que me fosse doce qualquer coisa que não fosses Tu. Contempla meu coração, ó Senhor, que quiseste que eu me lembrasse de tudo isso e o confessasse a Ti.

Que minha alma se apegue a Ti, agora que a libertaste daquele visgo da morte que a prendia com tanta força. Como ela era infeliz! E Tu tornavas mais dolorosa a sensação de sua ferida, para que, abandonando tudo o mais, ela se voltasse a Ti, que estás acima de tudo e sem o qual todas as coisas nada seriam; para que se voltasse e fosse curada.

Como eu era miserável então, e como agiste comigo para me fazer sentir minha miséria naquele dia em que me preparava para recitar um panegírico do imperador, no qual diria muitas mentiras e, mentindo, seria aplaudido por aqueles que sabiam que eu mentia, enquanto meu coração palpitava com essas inquietações e fervia com a febre de pensamentos que me consumiam.

Pois, passando por uma das ruas de Milão, observei um pobre mendigo, naquele momento, suponho, de barriga cheia, brincando e alegre; suspirei e falei aos amigos que estavam ao meu redor das muitas dores de nossas loucuras.

Pois, com todos aqueles esforços, como os que então me faziam penar, arrastando, sob o aguilhão do desejo, o peso de minha própria infelicidade e aumentando-o ao arrastá-lo, esperávamos apenas chegar àquela mesma alegria à qual aquele mendigo já havia chegado antes de nós, que talvez jamais a alcançássemos.

Pois aquilo que ele obtivera com algumas moedas pedidas de esmola, eu procurava alcançar por muitas voltas e caminhos trabalhosos: a alegria de uma felicidade passageira. Na verdade, ele não tinha a verdadeira alegria; mas eu, com aqueles meus projetos ambiciosos, buscava uma alegria muito menos verdadeira.

E certamente ele estava alegre, e eu, angustiado; ele, livre de preocupações, e eu, cheio de temores. Mas, se alguém me perguntasse se eu preferia estar alegre ou temeroso, eu responderia: alegre.

Se depois me perguntasse se eu preferia ser como ele ou ser o que eu era então, escolheria ser eu mesmo, embora consumido por preocupações e temores; mas por um julgamento errado, pois seria esse o julgamento verdadeiro?

Eu não deveria me considerar superior a ele por ser mais instruído, visto que não encontrava alegria nisso, mas procurava agradar às pessoas com meu saber; e não para instruí-las, mas simplesmente para agradar. Por isso também quebraste meus ossos com a vara de Tua correção.

Afastem-se, então, de minha alma os que lhe dizem: "Faz diferença de onde vem a alegria de uma pessoa. Aquele mendigo se alegrava na embriaguez; tu desejavas te alegrar na glória". Que glória, Senhor? Aquela que não está em Ti. Pois, assim como a alegria dele não era verdadeira, também aquela glória não era verdadeira; e ela abatia ainda mais minha alma.

Ele dissiparia sua embriaguez naquela mesma noite; mas eu havia dormido e acordado com a minha, e voltaria a dormir e a acordar com ela por quantos dias, Tu, ó Deus, sabes. Mas "faz diferença de onde vem a alegria de uma pessoa". Eu sei, e a alegria de uma esperança fiel está incomparavelmente acima de tal vaidade.

Sim, e também ele estava então acima de mim, pois era de fato o mais feliz; não apenas porque estava inteiramente mergulhado na alegria, enquanto eu era dilacerado pelas preocupações, mas porque ele havia conseguido vi-

nho desejando o bem aos outros, enquanto eu, mentindo, buscava elogios vazios e pomposos.

Muitas coisas desse teor eu disse então aos meus amigos; e muitas vezes, observando-os, percebia como eu mesmo me encontrava; e descobria que estava mal, e me afligia, e duplicava esse mesmo mal; e, se alguma prosperidade me sorria, eu hesitava em agarrá-la, pois quase antes que pudesse alcançá-la ela já voava para longe.

Nós, que vivíamos juntos como amigos, lamentávamos juntos essas coisas; mas era sobretudo com Alípio e Nebrídio que eu falava delas com maior intimidade. Alípio nascera na mesma cidade que eu, de uma família das mais importantes dali, mas era mais jovem do que eu.

Pois havia sido meu aluno tanto quando comecei a ensinar em nossa cidade quanto depois, em Cartago, e gostava muito de mim porque eu lhe parecia bondoso e instruído; e eu gostava dele por sua grande inclinação à virtude, bastante notável em alguém de tão pouca idade.

Contudo, o turbilhão dos costumes de Cartago, cujos habitantes se entregavam com paixão àqueles espetáculos fúteis, o havia arrastado para a loucura do circo. Mas, enquanto ele era miseravelmente sacudido nessa loucura, e eu ensinava retórica ali e mantinha uma escola pública, ele ainda não frequentava minhas aulas, por causa de certa desavença surgida entre seu pai e mim.

Eu soubera então de sua paixão funesta pelo circo e me afligia profundamente por parecer que ele estava prestes a desperdiçar, ou melhor, que já havia desperdiçado, tão grande promessa; mas não tinha como aconselhá-lo

nem reconduzi-lo com alguma firmeza, fosse pela afeição de um amigo, fosse pela autoridade de um mestre.

Pois eu supunha que ele pensasse a meu respeito como seu pai; mas não era assim. Deixando de lado a opinião do pai sobre esse assunto, começou a me cumprimentar, a entrar às vezes em minha sala de aula, a ouvir um pouco e a ir embora.

⁂

Eu, porém, havia me esquecido de tratar com ele para que não arruinasse tão boa inteligência por um desejo cego e impetuoso de passatempos vãos. Mas Tu, ó Senhor, que guias o curso de tudo o que criaste, não Te havias esquecido daquele que um dia estaria entre Teus filhos, sacerdote e dispensador de Teu Sacramento; e, para que sua correção fosse claramente atribuída a Ti, Tu a realizaste por meu intermédio, sem que eu soubesse.

Pois, certo dia, enquanto eu estava sentado em meu lugar habitual, com meus alunos diante de mim, ele entrou, me cumprimentou, sentou-se e prestou atenção ao assunto de que eu então tratava.

Por acaso, eu estava explicando uma passagem quando me ocorreu uma comparação com as corridas do circo, que parecia tornar mais agradável e claro o que eu queria transmitir, temperada com zombarias mordazes daqueles que essa loucura havia escravizado. Deus, Tu sabes que naquele momento eu não pensava em curar Alípio daquele mal.

Mas ele tomou tudo para si e pensou que eu dizia aquilo unicamente por sua causa. E aquilo que outro teria usado como motivo para se ofender comigo, aquele jovem de espírito reto tomou como razão para se indignar

consigo mesmo e me amar com mais fervor. Pois Tu já o havias dito muito antes e registrado em Teu livro: Repreende o sábio, e ele te amará.

Mas eu não o havia repreendido; Tu, que Te serves de todos, saibam eles ou não, segundo a ordem que só Tu conheces (e essa ordem é justa), fizeste de meu coração e de minha língua brasas ardentes, com as quais inflamaste aquela mente promissora que assim definhava, e desse modo a curaste.

Cale-se quanto a Teus louvores quem não considera Tuas misericórdias, que eu confesso a Ti do mais íntimo de minha alma. Pois, ao ouvir aquelas palavras, ele saiu de um salto daquele abismo tão profundo em que havia mergulhado por vontade própria e no qual os miseráveis passatempos o haviam cegado; e sacudiu seu espírito com firme domínio de si, fazendo com que toda a sujeira dos divertimentos do circo se desprendesse dele, e nunca mais voltou para lá.

Depois disso, conseguiu que o pai, embora contrariado, permitisse que ele fosse meu aluno. O pai cedeu e consentiu. E Alípio, começando novamente a ouvir minhas aulas, envolveu-se comigo na mesma superstição, amando nos maniqueus aquela aparência de continência que supunha verdadeira e sincera.

Era, porém, uma continência insensata e sedutora, que enredava almas preciosas, ainda incapazes de alcançar a profundidade da virtude, mas facilmente enganadas pela superfície daquilo que era apenas uma virtude ilusória e falsa.

Ele, sem abandonar aquela carreira secular que seus pais o haviam persuadido a seguir, tinha ido antes de mim para Roma, estudar direito, e ali foi

arrastado de maneira incrível por uma incrível avidez pelos espetáculos de gladiadores.

Pois, embora fosse inteiramente contrário a esses espetáculos e os detestasse, certo dia encontrou por acaso vários conhecidos e colegas de estudo, quando voltavam de uma refeição, e eles, com uma violência de amigos, o arrastaram para o anfiteatro, apesar de sua forte recusa e resistência, durante aqueles jogos cruéis e mortais.

Ele protestava assim: "Embora vocês arrastem meu corpo para aquele lugar e me ponham ali, poderão também obrigar minha mente ou meus olhos a se voltarem para aqueles espetáculos? Estarei, então, ausente mesmo estando presente, e assim vencerei tanto vocês como eles."

Ao ouvirem isso, ainda assim o levaram, talvez desejosos de pôr à prova justamente aquilo: se ele conseguiria fazer o que dizia. Quando chegaram e se acomodaram como puderam, todo o lugar ardia com aquela diversão selvagem. Mas ele, fechando os olhos, impediu sua mente de se entregar àquele mal; e quem dera tivesse tapado também os ouvidos!

Pois, durante a luta, quando um dos combatentes caiu, um grito poderoso de toda a multidão o atingiu com força. Vencido pela curiosidade, e como se estivesse preparado para desprezar e superar o que quer que fosse, mesmo depois de vê-lo, abriu os olhos e recebeu na alma uma ferida mais profunda do que aquela que sofrera no corpo o homem que desejava contemplar.

E caiu mais miseravelmente do que aquele cuja queda provocara tamanho clamor, que entrou por seus ouvidos e abriu seus olhos, dando passagem ao

golpe que derrubaria uma alma mais ousada do que firme, e tanto mais fraca por ter confiado em si mesma, quando deveria ter confiado em Ti.

Pois, assim que viu aquele sangue, bebeu com ele a crueldade; e não desviou o olhar, mas o fixou, absorvendo o furor sem perceber, deliciando-se com aquela luta criminosa e embriagando-se com aquela diversão sangrenta. Já não era o homem que chegara, mas um daquela multidão à qual viera, sim, um verdadeiro companheiro daqueles que o haviam levado até lá. Para que dizer mais?

Olhou, gritou, inflamou-se e levou consigo a loucura que o impeliria a voltar, não apenas com aqueles que primeiro o arrastaram até lá, mas também antes deles, e até a arrastar outros. Contudo, dali Tu o arrancaste com uma mão poderosíssima e cheia de misericórdia, e o ensinaste a confiar em Ti, em vez de confiar em si mesmo. Mas isso aconteceu depois.

⁂

Isso, porém, já estava sendo guardado em sua memória para lhe servir de remédio mais tarde. Assim também aconteceu quando ele ainda estudava comigo em Cartago e, ao meio-dia, na praça do mercado, repassava mentalmente o que deveria recitar de cor, como os estudantes costumam praticar. Tu permitiste que os guardas da praça o prendessem como ladrão.

Por nenhum outro motivo, creio eu, Tu, nosso Deus, permitiste isso, senão para que aquele que mais tarde se tornaria um homem tão importante começasse desde então a aprender que, ao julgar causas, uma pessoa não deve condenar prontamente outra por uma credulidade precipitada.

Pois, enquanto ele caminhava sozinho de um lado para outro diante do tribunal, com seu caderno e sua pena, eis que um jovem advogado, o verdadeiro ladrão, trazendo às escondidas uma machadinha, entrou sem ser percebido por Alípio, chegou às grades de chumbo que cercavam as oficinas dos ourives e começou a cortar o chumbo.

Mas, ao ouvirem o barulho da machadinha, os ourives que estavam embaixo começaram a se agitar e mandaram prender quem quer que encontrassem. O jovem, porém, ouvindo suas vozes, fugiu e deixou a machadinha, com medo de ser apanhado com ela. Alípio, que não o tinha visto entrar, percebeu sua saída e viu com que rapidez ele fugia.

Desejando saber o que acontecera, entrou no local; ali encontrou a machadinha e ficou parado, admirado, examinando-a, quando os homens que haviam sido enviados o encontraram sozinho, com a machadinha na mão, cujo barulho os havia alarmado e levado até lá. Eles o agarraram, o arrastaram e, reunindo os moradores da praça, se vangloriaram de ter apanhado um ladrão notório. E assim ele foi levado para ser apresentado ao juiz.

Mas a lição de Alípio devia ir apenas até esse ponto. Pois logo, Senhor, Tu socorreste sua inocência, da qual somente Tu eras testemunha. Enquanto o levavam para a prisão ou para o castigo, encontraram certo arquiteto que era o principal responsável pelos edifícios públicos.

Ficaram especialmente satisfeitos por encontrá-lo, pois ele costumava suspeitar que fossem eles os ladrões dos bens que desapareciam da praça, e era como se afinal lhe mostrassem quem cometia aqueles furtos. Ele, porém, já tinha visto Alípio diversas vezes na casa de certo senador, a quem ia com frequência apresentar seus respeitos.

Reconhecendo-o imediatamente, tomou-o pela mão, levou-o à parte e, perguntando a razão de tamanha desgraça, ouviu toda a história. Então, em meio a muito tumulto e ameaças, mandou que todos os presentes o acompanhassem. Assim chegaram à casa do jovem que cometera o crime.

Ali, diante da porta, estava um menino tão pequeno que provavelmente revelaria tudo, sem imaginar que pudesse causar algum mal a seu senhor. Pois ele havia acompanhado o senhor à praça. Assim que Alípio se lembrou dele, disse ao arquiteto; e este, mostrando a machadinha ao menino, perguntou: "De quem é isto?"

"É nossa", respondeu ele imediatamente; e, ao ser interrogado mais, revelou tudo. Assim, tendo a culpa recaído sobre aquela casa, e coberta de vergonha a multidão que começara a insultar Alípio, aquele que viria a ser um servidor da Tua Palavra e a examinar muitas causas na Tua Igreja saiu dali mais experiente e instruído.

Eu o havia encontrado, então, em Roma, e ele se ligou a mim por um vínculo muito forte e foi comigo para Milão, tanto para não me deixar como para exercer um pouco do direito que estudara, mais para agradar aos pais do que a si mesmo.

Ali ele ocupou por três vezes o cargo de assessor, com uma integridade que causava grande admiração aos outros, enquanto ele se admirava, antes, de que os outros pudessem preferir o ouro à honestidade. Além disso, seu caráter foi posto à prova não apenas pela isca da cobiça, mas também pelo aguilhão do medo. Em Roma, ele foi assessor do conde do Tesouro da Itália.

Havia naquele tempo um senador muito poderoso, a cujos favores muitos deviam muito e a quem muitos temiam grandemente. Valendo-se de seu poder habitual, ele queria a todo custo que lhe fosse permitido algo que as leis proibiam. Alípio resistiu: prometeram-lhe um suborno, e ele o desprezou de todo o coração; fizeram-lhe ameaças, e ele as pisou aos pés.

Todos se admiravam de um espírito tão incomum, que nem desejava a amizade nem temia a inimizade de alguém tão importante e tão conhecido pelos incontáveis meios de fazer o bem ou o mal.

E o próprio juiz, de quem Alípio era conselheiro, embora também não quisesse que aquilo fosse feito, não recusou abertamente, mas transferiu a questão para Alípio, alegando que ele não lhe permitia fazê-lo; pois, na verdade, se o juiz o tivesse feito, Alípio teria decidido de outro modo.

Apenas numa questão ligada aos estudos ele quase se deixou seduzir: poderia mandar copiar livros para si pelos preços concedidos à administração pretoriana. Mas, consultando a justiça, mudou sua decisão para melhor, considerando mais vantajosa a equidade que o impedia do que o poder que lhe daria permissão. São coisas pequenas, mas quem é fiel no pouco também é fiel no muito.

E de modo algum pode ser sem efeito o que saiu da boca da Tua Verdade: Se vocês não foram fiéis no uso das riquezas injustas, quem lhes confiará as verdadeiras riquezas? E, se não foram fiéis no que pertence a outro, quem lhes dará o que é de vocês? Sendo ele assim, naquele tempo estava ligado a mim e, comigo, hesitava sobre o rumo que deveríamos dar à vida.

Também Nebrídio havia deixado sua terra natal, perto de Cartago, e a própria Cartago, onde vivera por muito tempo, deixando para trás sua excelente propriedade de família, sua casa e sua mãe, que não o acompanharia. Ele viera para Milão por nenhum outro motivo senão viver comigo numa busca ardentíssima pela verdade e pela sabedoria.

Como eu, ele suspirava; como eu, vacilava, buscando com ardor a vida verdadeira e examinando com grande perspicácia as questões mais difíceis. Assim estavam ali as bocas de três necessitados, que suspiravam uns aos outros suas carências e esperavam em Ti, para que lhes desses alimento no devido tempo.

E, em toda a amargura que, por Tua misericórdia, acompanhava nossos assuntos mundanos, quando procurávamos ver a finalidade de tudo aquilo, por que deveríamos sofrer tudo aquilo, encontrávamos trevas. E nos afastávamos gemendo e dizendo: Até quando essas coisas vão durar?

Também dizíamos isso muitas vezes; mas, embora o disséssemos, não as abandonávamos, pois ainda não despontava nada de certo a que pudéssemos nos apegar depois de deixá-las.

⁂

E eu, examinando e reexaminando as coisas, admirava-me sobretudo de quanto tempo havia passado desde meus dezenove anos, quando começara a arder de desejo pela sabedoria, decidido a abandonar, quando a encontrasse, todas as esperanças vazias e os delírios enganosos dos desejos vãos.

E eis que eu já estava no meu trigésimo ano de vida, preso à mesma lama, ávido por desfrutar das coisas presentes, que passavam e consumiam mi-

nha alma, enquanto dizia a mim mesmo: "Amanhã a encontrarei; ela se mostrará claramente, e eu a alcançarei; eis que Fausto, o maniqueu, virá e esclarecerá tudo!

Ó grandes homens, vocês, acadêmicos, então é verdade que não se pode alcançar nenhuma certeza para orientar a vida! Não, busquemos com mais empenho e não percamos a esperança. Vejam, as coisas dos livros da Igreja já não nos parecem absurdas, como às vezes pareciam, e podem ser entendidas de outra maneira, num bom sentido.

Permanecerei onde meus pais me colocaram quando eu era criança, até que se descubra a verdade clara. Mas onde buscá-la, ou quando? Ambrósio não tem tempo; nós não temos tempo para ler; onde encontraremos sequer os livros? De onde ou quando os conseguiremos? De quem os tomaremos emprestados? Reservemos períodos e fixemos determinadas horas para a saúde de nossa alma.

Uma grande esperança despontou; a fé católica não ensina o que pensávamos e de que a acusávamos sem fundamento; seus membros instruídos consideram profano acreditar que Deus esteja limitado pela forma de um corpo humano. E hesitamos em 'bater', para que o restante 'seja aberto'? Nossos alunos ocupam as manhãs; o que fazemos no resto do tempo? Por que não nos dedicamos a isso?

Mas quando, então, faremos a corte aos nossos amigos importantes, de cujo favor precisamos? Quando escreveremos o que podemos vender aos estudantes? Quando nos recuperaremos, aliviando a mente dessa preocupação tão intensa?

"Que tudo pereça! Deixemos essas vaidades vazias e nos dediquemos unicamente à busca da verdade! A vida é vã, a morte é incerta; se ela nos surpreender de repente, em que estado sairemos daqui? E onde aprenderemos o que aqui negligenciamos? E não sofreremos, antes, o castigo dessa negligência? E se a própria morte interromper e encerrar toda preocupação e toda sensação?

Então é preciso ter certeza disso. Mas que Deus não permita tal coisa! Não é algo vão e vazio que a sublime dignidade da autoridade da fé cristã tenha se espalhado pelo mundo inteiro. Deus jamais teria realizado por nós coisas assim, tão grandiosas, se a vida da alma terminasse com a morte do corpo.

Por que, então, adiar o abandono das esperanças mundanas e a entrega de nós mesmos por inteiro à busca de Deus e da vida feliz? Mas espere! Essas coisas também são agradáveis; têm alguma doçura, e não é pouca. Não devemos abandoná-las levianamente, pois seria uma vergonha voltar a elas depois.

Veja, agora não é tão difícil conseguir algum cargo, e então o que mais poderíamos desejar? Temos muitos amigos poderosos; se nenhuma outra coisa aparecer e estivermos com muita pressa, ao menos o governo de uma província poderá nos ser dado; e uma esposa com algum dinheiro, para que não aumente nossas despesas; e esse será o limite dos nossos desejos.

Muitos homens importantes, e muito dignos de imitação, dedicaram-se ao estudo da sabedoria estando casados."

Enquanto eu refletia sobre essas coisas, e esses ventos mudavam e arrastavam meu coração para um lado e para outro, o tempo passava, mas eu de-

morava a me voltar para o Senhor; e de dia em dia adiava viver em Ti, mas não adiava morrer diariamente em mim mesmo. Amando a vida feliz, eu a temia em sua própria morada e a procurava fugindo dela.

Pensava que seria infeliz demais se não estivesse nos braços de uma mulher; e não pensava no remédio da Tua misericórdia para curar essa fraqueza, pois não o havia experimentado.

Quanto à continência, eu supunha que estivesse em nosso próprio poder (embora não encontrasse em mim esse poder), sendo tão insensato que ignorava o que está escrito: ninguém pode ser continente se Tu não lhe deres esse dom; e Tu o darias se, com gemidos interiores, eu batesse aos Teus ouvidos e, com fé firme, entregasse a Ti minhas preocupações.

Alípio, de fato, procurava impedir que eu me casasse, alegando que assim de modo algum poderíamos viver juntos, com tempo livre e sem distrações, no amor à sabedoria, como havia muito desejávamos.

Ele próprio, mesmo então, era de uma pureza admirável nesse ponto; e tanto mais porque, no início da juventude, havia seguido aquele caminho, mas não ficara preso nele; pelo contrário, sentira remorso e repulsa, vivendo desde então até agora na mais completa continência.

Mas eu lhe opunha os exemplos daqueles que, mesmo casados, haviam cultivado a sabedoria, servido a Deus de modo agradável a Ele, conservado seus amigos e os amado fielmente.

Eu estava muito longe da grandeza de espírito deles; e, preso à doença da carne e à sua doçura mortal, arrastava minha corrente, temendo ser solto, e,

como se minha ferida tivesse sido irritada, repelia seus bons conselhos, como se fossem a mão de alguém que quisesse me libertar das correntes.

Além disso, por meu intermédio, a serpente falava ao próprio Alípio, tecendo com minha língua e colocando em seu caminho armadilhas prazerosas, nas quais seus pés virtuosos e livres pudessem ficar presos.

Pois ele se admirava de que eu, a quem tinha em grande estima, estivesse tão preso à cola daquela armadilha de prazer, a ponto de declarar, sempre que discutíamos o assunto, que jamais poderia viver solteiro.

E, ao vê-lo admirado, eu alegava em minha defesa que havia grande diferença entre sua experiência passageira e quase esquecida daquela vida, que por isso ele podia facilmente desprezar, e minha convivência contínua com ela, à qual, se fosse acrescentado o honroso nome de casamento, ele não deveria se admirar de que eu não conseguisse desprezar aquele caminho.

Então ele também começou a desejar se casar, não por ter sido vencido pelo desejo de tal prazer, mas por curiosidade. Pois queria saber, dizia ele, o que seria aquilo sem o qual minha vida, tão agradável aos olhos dele, me pareceria não uma vida, mas um castigo.

Pois sua mente, livre daquela corrente, se espantava com minha escravidão; e, por esse espanto, caminhava para o desejo de experimentá-la, daí para a própria experiência e daí, talvez, para afundar naquela servidão que o espantava, visto que estava disposto a fazer uma aliança com a morte; e quem ama o perigo cairá nele.

Pois toda a honra que há na tarefa de conduzir bem a vida de casado e uma família pouco nos movia. A mim, porém, atormentava sobretudo o hábito

de satisfazer um apetite insaciável, enquanto me mantinha cativo; a ele, um espanto admirado o levava ao cativeiro.

Assim estávamos, até que Tu, ó Altíssimo, sem abandonar nosso pó, compadecido de nós, miseráveis, vieste em nosso auxílio por caminhos maravilhosos e secretos.

⁂

Faziam-se esforços constantes para que eu me casasse. Pedi uma jovem em casamento e recebi a promessa de sua mão, sobretudo pelos esforços de minha mãe, para que, uma vez casado, o batismo que traz a salvação me purificasse. Ela se alegrava por eu estar sendo preparado a cada dia para ele e via que suas orações e Tuas promessas se cumpriam em minha fé.

Naquele tempo, tanto a meu pedido como por seu próprio desejo, ela Te suplicava diariamente, com fortes clamores do coração, que lhe revelasses numa visão alguma coisa sobre meu futuro casamento; mas Tu nunca quiseste fazê-lo.

Ela via, de fato, certas coisas vãs e fantasiosas, como as que a atividade do espírito humano, ocupado com aquele assunto, reunia; e me falava delas, mas sem a confiança habitual de quando Tu lhe mostravas alguma coisa, dando-lhes pouca importância.

Pois ela podia, dizia, por um sentimento que não conseguia expressar em palavras, distinguir entre Tuas revelações e os sonhos de sua própria alma. Ainda assim, o assunto prosseguiu, e foi pedida em casamento uma jovem a quem faltavam dois anos para a idade adequada; e, como ela agradava, decidiu-se esperar por ela.

E muitos de nós, amigos, conversando e detestando as agitadas perturbações da vida humana, havíamos discutido e já quase decidido viver afastados dos negócios e do tumulto dos homens.

Isso se faria assim: reuniríamos tudo o que cada um pudesse obter e formaríamos com tudo um patrimônio comum; de modo que, pela sinceridade de nossa amizade, nada pertencesse exclusivamente a ninguém, mas o conjunto, assim reunido de todos, pertencesse inteiramente a cada um, e tudo a todos.

Pensávamos que poderia haver umas dez pessoas nessa comunidade; algumas delas eram muito ricas, especialmente Romaniano, nosso conterrâneo, amigo muito íntimo meu desde a infância, a quem as graves complicações de seus negócios haviam levado à corte.

Ele era o mais entusiasmado com esse projeto; e sua opinião tinha grande peso, pois sua vasta fortuna superava em muito a de qualquer um dos demais. Havíamos combinado também que dois de nós, como administradores escolhidos a cada ano, providenciariam tudo o que fosse necessário, deixando os demais livres de preocupações.

Mas, quando começamos a considerar se as esposas, que alguns de nós já tinham e outros esperavam ter, permitiriam isso, todo aquele plano, que estava tomando tão boa forma, desfez-se em nossas mãos, foi inteiramente derrubado e abandonado.

Então nos entregamos a suspiros e gemidos, e nossos passos voltaram a seguir os caminhos largos e trilhados do mundo; pois muitos pensamentos havia em nosso coração, mas Teu propósito permanece para sempre. Se-

gundo esse propósito, Tu zombaste do nosso e preparaste o Teu, pretendendo nos dar alimento no devido tempo e encher nossas almas de bênçãos.

Enquanto isso, meus pecados se multiplicavam, e minha concubina foi arrancada do meu lado como um obstáculo ao meu casamento; meu coração, que estava apegado a ela, ficou dilacerado, ferido e sangrando. E ela voltou para a África, prometendo a Ti nunca mais se unir a outro homem, e deixou comigo o filho que eu tivera com ela.

Mas eu, infeliz, que não conseguia imitar sequer uma mulher, impaciente com a demora, já que só depois de dois anos teria aquela a quem pretendia desposar, sendo menos um amante do casamento do que um escravo do desejo, procurei outra mulher, embora não como esposa, para que, pela servidão de um hábito duradouro, a doença de minha alma fosse mantida e levada com toda a sua força, ou até aumentada, para o domínio do casamento.

E aquela ferida, aberta pela separação da primeira, não se curava; depois da inflamação e de uma dor agudíssima, gangrenou, e minhas dores se tornaram menos agudas, mas mais desesperadoras.

A Ti seja o louvor, glória a Ti, Fonte das misericórdias. Eu me tornava mais infeliz, e Tu estavas mais perto. Tua mão direita estava sempre pronta para me tirar do lodo e me lavar inteiramente, e eu não sabia; e nada me afastava de um abismo ainda mais profundo de prazeres carnais, a não ser o medo da morte e do Teu julgamento futuro, que, em meio a todas as minhas mudanças, nunca se afastou do meu peito.

E, em minhas discussões com meus amigos Alípio e Nebrídio sobre a natureza do bem e do mal, eu sustentava que Epicuro teria, a meu ver, conquistado a vitória, se eu não acreditasse que depois da morte restava uma vida para a alma e lugares de retribuição segundo os merecimentos dos homens, coisa em que Epicuro não queria acreditar.

E eu perguntava: "Se fôssemos imortais e vivêssemos em perpétuo prazer corporal, sem medo de perdê-lo, por que não seríamos felizes, ou que outra coisa deveríamos procurar?"

Eu não sabia que a grande miséria estava justamente nisto: tão afundado e cego, eu não conseguia distinguir aquela luz de excelência e beleza, que deve ser amada por si mesma, que os olhos da carne não podem ver e que é vista pelo homem interior.

Nem eu, infeliz, considerava de onde vinha o fato de que, mesmo sobre essas coisas, por mais impuras que fossem, eu conversava com prazer com meus amigos; nem poderia, mesmo segundo as ideias que então tinha da felicidade, ser feliz sem amigos, por maior que fosse a abundância de prazeres carnais.

E, no entanto, eu amava esses amigos apenas por eles mesmos e sentia que eles também me amavam apenas por mim mesmo.

Ó caminhos tortuosos! Ai da alma ousada que esperou conseguir algo melhor abandonando a Ti! Ela se virou e tornou a se virar, de costas, de lado e de bruços, mas tudo lhe causava dor; e só Tu és o descanso. E eis que estás perto, e nos livras de nossos desvios miseráveis, e nos colocas em Teu cami-

nho, e nos consolas, dizendo: "Corram; Eu carregarei vocês; sim, Eu os conduzirei até o fim; também ali Eu os carregarei."

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VII

✦

Já havia morrido aquela minha juventude má e abominável, e eu entrava nos primeiros anos da vida adulta; quanto mais avançava em idade, mais me manchavam as coisas vãs, pois eu não conseguia imaginar substância alguma que não fosse como as que costumam ser vistas com estes olhos.

Não pensava em Ti, ó Deus, sob a figura de um corpo humano; desde que comecei a ouvir algo de sabedoria, sempre evitei isso, e me alegrei por encontrar o mesmo na fé de nossa mãe espiritual, Tua Igreja Católica. Mas eu não sabia de que outra maneira Te conceber.

E eu, um homem, e um homem como eu era, procurava conceber a Ti, o Deus soberano, único e verdadeiro; e no mais íntimo da minha alma eu acreditava que eras incorruptível, que não podias sofrer dano e que eras imutável; pois, embora não soubesse de onde nem como me vinha esse conhecimento, via claramente e tinha certeza de que aquilo que pode se corromper deve ser inferior ao que não pode; preferia sem hesitar o que não podia sofrer dano ao que podia sofrê-lo, e o imutável às coisas sujeitas à mudança.

Meu coração clamava ardentemente contra todos os meus fantasmas, e com esse único golpe eu procurava afastar dos olhos da minha mente toda aquela multidão impura que zumbia ao redor deles.

E eis que, mal afastados, num piscar de olhos eles voltavam a se reunir em grande número à minha volta, voavam contra meu rosto e o encobriam; de

modo que, embora não sob a forma de um corpo humano, eu ainda era obrigado a conceber a Ti — aquele ser incorruptível, incapaz de sofrer dano e imutável, que eu preferia ao corruptível, ao que podia sofrer dano e ao mutável — como um ser situado no espaço, quer penetrando o mundo, quer se estendendo infinitamente para fora dele.

Pois tudo o que eu concebia, quando privado desse espaço, parecia-me nada, sim, absolutamente nada, nem sequer um vazio, como se um corpo fosse retirado de seu lugar e esse lugar permanecesse vazio de qualquer corpo, de terra e água, ar e céu, mas ainda assim continuasse sendo um lugar vazio, como que um nada espaçoso.

Assim, tendo eu o coração tão preso à matéria e não compreendendo claramente nem a mim mesmo, julgava ser absolutamente nada tudo o que não se estendesse por determinados espaços, nem se espalhasse, nem se condensasse, nem se avolumasse, ou que não tivesse ou não pudesse ter alguma dessas dimensões.

Pois meu coração percorria então as mesmas formas que meus olhos costumam percorrer; e eu ainda não via que essa própria atividade da mente, pela qual eu formava aquelas imagens, não era desse tipo, e, no entanto, não poderia tê-las formado se ela mesma não fosse algo grandioso.

Assim também eu procurava conceber a Ti, Vida da minha vida, como imenso, penetrando por espaços infinitos, de todos os lados, toda a massa do universo e, além dele, em todas as direções, por espaços incomensuráveis e sem limites; de modo que a terra Te contivesse, o céu Te contivesse, todas as coisas Te contivessem, e elas fossem limitadas em Ti, e Tu não fosses limitado em parte alguma.

Pois, assim como o corpo deste ar que está acima da terra não impede que a luz do sol o atravesse, penetrando-o sem rompê-lo nem cortá-lo, mas preenchendo-o inteiramente, assim eu pensava que não só o corpo do céu, do ar e do mar, mas também o da terra permitia Tua passagem, de modo que, em todas as suas partes, tanto nas maiores como nas menores, admitisse Tua presença, por um sopro secreto, por dentro e por fora, dirigindo todas as coisas que criaste.

Assim eu imaginava, apenas por não conseguir conceber outra coisa, pois essa ideia era falsa. Dessa maneira, uma parte maior da terra conteria uma porção maior de Ti, e uma menor, uma porção menor; e todas as coisas estariam tão cheias de Ti que o corpo de um elefante conteria mais de Ti do que o de um pardal, na proporção em que é maior e ocupa mais espaço; e assim Tu tornarias presentes as diversas porções de Ti mesmo nas diversas porções do mundo, em fragmentos, grandes nas grandes e pequenos nas pequenas. Mas Tu não és assim. Contudo, ainda não havias iluminado minhas trevas.

Bastava-me, Senhor, opor àqueles enganadores enganados e tagarelas mudos, pois Tua palavra não se fazia ouvir por meio deles, aquele argumento que, muito tempo antes, quando ainda estávamos em Cartago, Nebrídio costumava apresentar e que deixava perplexos todos nós que o ouvíamos: "Essa tal nação das trevas, que os maniqueus costumam colocar diante de Ti como uma massa adversária, o que poderia ter feito contra Ti, se Te recusasses a lutar com ela?

Pois, se respondessem: 'Ela Te teria causado algum dano', então estarias sujeito ao dano e à corrupção; mas, se não pudesse Te causar dano algum, não

haveria razão para lutares com ela; e lutares de tal maneira que certa porção ou membro de Ti, ou um descendente da Tua própria Substância, se misturasse com poderes contrários e naturezas que não foram criadas por Ti, e fosse por eles tão corrompido e transformado para pior que passasse da felicidade à miséria e precisasse de ajuda para ser libertado e purificado; e que esse descendente da Tua Substância fosse a alma, a qual, estando escravizada, manchada e corrompida, pudesse ser socorrida por Tua Palavra, livre, pura e íntegra; sendo essa própria Palavra ainda corruptível, por ser de uma só e mesma Substância.

Assim, se afirmassem que Tu, seja o que fores, isto é, Tua Substância pela qual existes, és incorruptível, então todas essas afirmações seriam falsas e execráveis; mas, se afirmassem que és corruptível, a própria afirmação se mostraria falsa e revoltante."

Esse argumento de Nebrídio bastava, portanto, contra aqueles que mereciam ser inteiramente vomitados de um estômago sobrecarregado; pois, pensando e falando assim de Ti, não tinham como escapar sem horríveis blasfêmias do coração e da língua.

Mas eu também, embora sustentasse e estivesse firmemente convencido de que Tu, nosso Senhor, o Deus verdadeiro, que fizeste não só nossas almas, mas também nossos corpos, e não só nossas almas e corpos, mas todos os seres e todas as coisas, não podias ser manchado nem alterado, nem eras de modo algum mutável, ainda não compreendia com clareza e sem dificuldade a causa do mal.

E, no entanto, fosse ela qual fosse, eu percebia que devia procurá-la de tal maneira que não me obrigasse a acreditar que o Deus imutável era mutá-

vel, para que eu não me tornasse aquele mal cuja causa procurava.

Eu a procurava, portanto, livre de inquietação até esse ponto, certo da falsidade daquilo que sustentavam aqueles de quem eu me afastava de todo o coração; pois via que, ao investigarem a origem do mal, eles se enchiam de mal, porque preferiam pensar que Tua substância sofria o mal a pensar que a deles o cometia.

⁂

E eu me esforçava para compreender aquilo que agora ouvia: que o livre-arbítrio era a causa de praticarmos o mal, e Teu justo julgamento, a causa de o sofrermos. Mas eu não conseguia distinguir isso claramente. Assim, ao tentar tirar a visão da minha alma daquele abismo profundo, eu era novamente lançado nele; e, por mais vezes que tentasse, outras tantas era lançado de volta.

Mas isto me elevava um pouco para Tua luz: eu sabia tão bem que tinha uma vontade quanto sabia que vivia. Quando, portanto, eu queria ou não queria alguma coisa, tinha plena certeza de que era eu mesmo, e nenhum outro, quem queria ou não queria; e quase via que ali estava a causa do meu pecado.

Mas aquilo que fazia contra a minha vontade, eu via que antes sofria do que fazia, e julgava que não era minha culpa, mas meu castigo; contudo, considerando-Te justo, eu logo confessava que não era castigado injustamente. Mas outra vez eu dizia: Quem me fez? Não foi meu Deus, que é não só bom, mas a própria bondade?

De onde me veio, então, querer o mal e não querer o bem, de modo que sou assim justamente castigado? Quem colocou isso em mim e enxertou em mim essa planta de amargura, visto que fui inteiramente formado por meu dulcíssimo Deus? Se o diabo foi o autor, de onde veio esse mesmo diabo?

E, se ele também, por sua própria vontade perversa, passou de anjo bom a diabo, de onde lhe veio, por sua vez, aquela vontade má pela qual se tornou diabo, visto que toda a natureza dos anjos foi feita por aquele Criador sumamente bom?

Esses pensamentos me faziam afundar de novo e me sufocavam; contudo, não me levavam àquele inferno do erro, onde ninguém Te confessa, a ponto de eu preferir pensar que Tu sofres o mal a pensar que o ser humano o pratica.

Pois eu me esforçava para descobrir o restante como alguém que já havia descoberto que o incorruptível deve necessariamente ser melhor do que o corruptível; e, por isso, eu confessava que Tu, fosse o que fosses, eras incorruptível. Pois nenhuma alma jamais foi nem será capaz de conceber coisa alguma que possa ser melhor do que Tu, que és o bem soberano e supremo.

Mas, já que, com toda a verdade e certeza, o incorruptível é preferível ao corruptível, como eu agora o preferia, então, se Tu não fosses incorruptível, eu poderia ter chegado, em pensamento, a algo melhor do que meu Deus.

Assim, onde eu via que o incorruptível era preferível ao corruptível, ali eu devia Te procurar e ali examinar "em que consistia o próprio mal", isto é, de

onde vem a corrupção, pela qual Tua substância não pode de modo algum ser prejudicada.

Pois a corrupção de maneira alguma prejudica nosso Deus: por nenhuma vontade, por nenhuma necessidade, por nenhum acaso imprevisto; porque Ele é Deus, e o que Ele quer é bom, e Ele mesmo é esse bem; mas ser corrompido não é bom. Nem és obrigado a coisa alguma contra Tua vontade, pois Tua vontade não é maior que Teu poder. Mas seria maior se Tu mesmo fosses maior que Tu mesmo.

Pois a vontade e o poder de Deus são o próprio Deus. E o que pode ser imprevisto para Ti, que sabes todas as coisas? Tampouco há nas coisas alguma natureza que Tu não conheças. E por que deveríamos dizer mais sobre "por que a substância que Deus é não deve ser corruptível", visto que, se o fosse, não seria Deus?

E eu procurava saber «de onde vem o mal», mas procurava de maneira má; e não via o mal em minha própria busca. Coloquei então diante dos olhos do meu espírito toda a criação, tudo o que nela podemos ver (como o mar, a terra, o ar, as estrelas, as árvores, os seres mortais); e também tudo o que nela não vemos, como o firmamento do céu, todos os anjos e todos os seus habitantes espirituais.

Mas minha imaginação dispunha esses mesmos seres no espaço como se fossem corpos, e fiz de Tua criação uma grande massa, distinguindo nela os tipos de corpos: alguns eram corpos reais; outros, aquilo que eu mesmo imaginara para representar os espíritos.

E fiz essa massa enorme, não como era (pois isso eu não podia saber), mas como me pareceu conveniente, embora finita em todas as direções. A Ti, porém, ó Senhor, eu imaginava cercando-a e penetrando-a por todos os lados, embora infinito em todas as direções: como se houvesse um mar por toda parte e de todos os lados, estendendo-se por um espaço sem medida, um único mar sem limites, que contivesse uma esponja enorme, mas limitada; essa esponja necessariamente estaria, em todas as suas partes, cheia daquele mar imensurável.

Assim eu concebia Tua criação, ela mesma finita, cheia de Ti, o Infinito; e dizia: Eis Deus, e eis o que Deus criou; e Deus é bom, sim, imensa e incomparavelmente melhor do que todas essas coisas; e, no entanto, Ele, que é bom, criou-as boas; e vê como as cerca e as preenche. Onde está, então, o mal, de onde vem e como se insinuou aqui? Qual é sua raiz, e qual é sua semente?

Ou será que não existe? Por que, então, tememos e evitamos o que não existe? Ou, se o tememos sem motivo, então esse próprio medo é um mal, pelo qual a alma é assim atormentada e torturada sem motivo. Sim, e é um mal tanto maior quanto nada temos a temer e, mesmo assim, tememos. Portanto, ou aquilo que tememos é um mal, ou o mal é o fato de temermos.

De onde vem ele, então, uma vez que Deus, que é bom, criou boas todas essas coisas? Ele, de fato, o Bem maior e supremo, criou esses bens menores; ainda assim, tanto o Criador quanto as coisas criadas, todos são bons. De onde vem o mal? Ou havia alguma matéria má da qual Ele fez, formou e ordenou a criação, mas deixou nela algo que não transformou em bem? Por que isso, então?

Não tinha Ele poder para transformar e mudar tudo, de modo que nenhum mal permanecesse nela, visto que é Todo-poderoso? Por fim, por que quis fazer qualquer coisa dessa matéria, em vez de, por Sua mesma onipotência, fazer com que ela não existisse de modo algum? Ou poderia ela existir contra Sua vontade?

Ou, se existia desde a eternidade, por que Ele permitiu que assim existisse por infinitos períodos de tempo passado, e só tanto tempo depois quis fazer algo dela? Ou, se de repente quis realizar agora alguma coisa, o Todo-poderoso deveria antes ter feito com que essa matéria má não existisse e só Ele existisse, o Bem pleno, verdadeiro, soberano e infinito.

Ou, se não era bom que Ele, sendo bom, deixasse de formar e criar também algo que fosse bom, então, eliminada e reduzida a nada aquela matéria má, Ele poderia formar uma matéria boa, da qual criaria todas as coisas. Pois não seria Todo-poderoso se não pudesse criar algo bom sem a ajuda daquela matéria que Ele mesmo não havia criado.

Eu revolvia esses pensamentos em meu coração miserável, sobrecarregado de preocupações que me corroíam, temendo morrer antes de encontrar a verdade; contudo, a fé em Teu Cristo, nosso Senhor e Salvador, professada na Igreja Católica, permanecia firmemente enraizada em meu coração, embora em muitos pontos ainda sem forma e oscilando em relação à regra da doutrina; mesmo assim, minha mente não a abandonava por completo, mas a absorvia cada dia mais.

⁂

A essa altura eu também já havia rejeitado as adivinhações mentirosas e os delírios ímpios dos astrólogos. Que Tuas próprias misericórdias, do mais íntimo de minha alma, Te louvem também por isso, ó meu Deus.

Pois Tu, somente Tu (porque quem mais nos chama de volta da morte de todos os erros, senão a Vida que não pode morrer e a Sabedoria que, sem precisar de luz, ilumina as mentes que dela precisam, e pela qual o universo é governado, até as folhas das árvores que giram ao vento?)

— Tu cuidaste da obstinação com que eu resistia a Vindiciano, um velho perspicaz, e a Nebrídio, um jovem de talentos admiráveis; o primeiro afirmava com veemência, e o segundo dizia muitas vezes, embora com alguma dúvida, «que não havia arte alguma capaz de prever as coisas futuras, mas que as conjecturas dos homens eram uma espécie de loteria, e que, entre as muitas coisas que diziam que aconteceriam, algumas de fato aconteciam, sem que os que as haviam dito soubessem disso, acertando por acaso de tanto falar».

Tu me proporcionaste então um amigo que consultava os astrólogos com assiduidade; ele não era muito versado nessas artes, mas, como eu disse, consultava-os com curiosidade e, ainda assim, sabia de algo que, segundo ele, ouvira de seu pai, sem saber quanto isso contribuía para destruir a reputação daquela arte.

Esse homem, chamado Firmino, que recebera uma educação liberal e fora bem instruído em retórica, consultou-me, como alguém que lhe era muito querido, sobre o que eu pensava, de acordo com suas chamadas constelações, a respeito de certos assuntos seus nos quais suas esperanças mundanas haviam crescido.

E eu, que nisso já começara a me inclinar para a opinião de Nebrídio, não me recusei inteiramente a fazer conjecturas e a lhe dizer o que me vinha à mente ainda indecisa; mas acrescentei que já estava quase convencido de que tudo isso não passava de tolices vazias e ridículas.

Ele então me contou que seu pai se interessara muito por tais livros e tinha um amigo tão dedicado a eles quanto ele próprio, e que, estudando e conversando juntos, alimentavam a chama de seu entusiasmo por essas frivolidades, a ponto de observarem os momentos em que até os animais sem fala criados em torno de suas casas davam à luz, e depois observarem a posição relativa dos astros, para assim fazerem novas experiências nessa suposta arte.

Disse então que ouvira de seu pai que, quando sua mãe estava prestes a dar à luz a ele, Firmino, uma escrava daquele amigo de seu pai também estava grávida, o que não podia passar despercebido a seu senhor, que se empenhava com o maior cuidado e exatidão em conhecer até o nascimento de seus cachorrinhos.

E aconteceu que, enquanto um observava sua esposa e o outro sua escrava com o máximo cuidado, contando os dias, as horas e até as menores divisões das horas, ambas deram à luz no mesmo instante; assim, os dois foram obrigados a atribuir as mesmas constelações, até nos menores detalhes, um ao seu filho e o outro ao seu escravo recém-nascido.

Pois, assim que as mulheres começaram a entrar em trabalho de parto, cada um avisou ao outro o que estava acontecendo em sua casa, e tinham mensageiros prontos para enviar um ao outro assim que soubessem do nasci-

mento de fato, tendo cada um, no lugar sob seus cuidados, tomado providências fáceis para que a notícia fosse dada imediatamente.

Assim, afirmou ele, os mensageiros de cada um se encontraram a uma distância tão igual das duas casas que nenhum deles poderia identificar qualquer diferença na posição das estrelas ou em qualquer outro detalhe, por menor que fosse; e, no entanto, Firmino, nascido em posição elevada na casa de seus pais, percorreu os caminhos dourados da vida, aumentou suas riquezas e foi elevado a honrarias; enquanto aquele escravo continuou a servir a seus senhores, sem nenhum alívio de seu jugo, como me contou Firmino, que o conhecia.

Ao ouvir e acreditar nessas coisas, contadas por alguém tão digno de confiança, toda aquela minha resistência cedeu; e primeiro procurei afastar o próprio Firmino daquela curiosidade, dizendo-lhe que, ao examinar suas constelações, eu deveria, se quisesse fazer uma previsão verdadeira, ter visto nelas pais de destaque entre seus vizinhos, uma família nobre em sua cidade, nascimento ilustre, boa educação e formação liberal.

Mas, se aquele escravo me tivesse consultado sobre as mesmas constelações, pois eram também as dele, eu deveria, por minha vez, para também lhe dizer a verdade, ver nelas uma origem das mais humildes, uma condição de escravo e tudo o mais inteiramente diferente do caso anterior.

Daí, portanto, se eu dissesse a verdade, teria de dizer coisas diferentes a partir das mesmas constelações, ou, se dissesse a mesma coisa, diria uma falsidade.

Disso se concluía com toda a certeza que tudo o que, ao considerar as constelações, se dizia de verdadeiro era dito por acaso, e não por arte; e tudo o que se dizia de falso não se devia à ignorância dessa arte, mas à falta de acerto do acaso.

⁂

Aberto assim um caminho, eu refletia comigo mesmo sobre coisas semelhantes, para que nenhum daqueles insensatos, que viviam de tal ofício e a quem eu desejava atacar e refutar com zombarias, pudesse alegar contra mim que Firmino me informara falsamente, ou que seu pai o fizera com ele.

Voltei meus pensamentos para os que nascem gêmeos, que na maioria das vezes saem do ventre tão próximos um do outro que o pequeno intervalo, por maior que se pretenda ser sua influência na ordem natural das coisas, não pode ser percebido pela observação humana nem de modo algum representado nos mapas que o astrólogo deve examinar para fazer previsões verdadeiras.

No entanto, essas previsões não podem ser verdadeiras: pois, examinando os mesmos mapas, ele teria de prever as mesmas coisas para Esaú e Jacó, embora não lhes tenham acontecido as mesmas coisas. Portanto, ele teria de dizer uma falsidade; ou, se dissesse a verdade, então, examinando os mesmos mapas, teria de dar respostas diferentes.

Assim, seria por acaso, e não por arte, que diria a verdade. Pois Tu, ó Senhor, justíssimo Governante do Universo, sem que o saibam os que consultam e os que são consultados, fazes, por Tua inspiração oculta, com que

aquele que consulta ouça o que, segundo os méritos ocultos das almas, deve ouvir, vindo da profundidade insondável de Teu justo julgamento. Que ninguém Te diga: Que é isto? Por que aquilo? Que não fale assim, pois é homem.

Então, ó meu Auxiliador, Tu já me havias libertado daquelas correntes; e eu procurava saber "de onde vem o mal", sem encontrar uma resposta. Mas não permitiste que nenhuma oscilação do pensamento me afastasse da fé pela qual eu acreditava que Tu existes, que Tua substância é imutável, que cuidas dos homens e os julgarás, e que em Cristo, Teu Filho, nosso Senhor, e nas santas Escrituras, que a autoridade da Tua Igreja Católica me recomendava com insistência, havias estabelecido o caminho da salvação do homem para a vida que virá depois desta morte.

Estando essas coisas seguras e firmemente estabelecidas em minha mente, eu procurava ansiosamente saber: "De onde vinha o mal?" Que dores sofria meu coração em trabalho de parto, que gemidos, ó meu Deus!

Mesmo ali Teus ouvidos estavam abertos, e eu não sabia; e, quando eu buscava ardentemente em silêncio, aquelas aflições silenciosas da minha alma eram fortes clamores à Tua misericórdia. Tu sabias o que eu sofria, e nenhum homem o sabia. Pois o que era aquilo que, dali, se derramava pela minha língua nos ouvidos dos meus amigos mais íntimos?

Chegava até eles todo o tumulto da minha alma, para o qual não bastavam nem o tempo nem as palavras? Contudo, tudo subia aos Teus ouvidos, tudo o que eu bradava entre os gemidos do meu coração; e meu desejo estava diante de Ti, mas a luz dos meus olhos não estava comigo: pois ela estava dentro, e eu, fora.

Ela não estava limitada a um lugar, mas eu me voltava para coisas contidas em algum lugar, e nelas não encontrava descanso; nem elas me acolhiam de modo que eu pudesse dizer: "Basta", "está bem"; nem tampouco me deixavam voltar para onde eu pudesse estar bem.

Pois eu era superior a essas coisas, mas inferior a Ti; e Tu és minha verdadeira alegria quando estou sujeito a Ti, e havias colocado sob meu domínio o que criaste abaixo de mim. E este era o verdadeiro equilíbrio, a posição intermediária em que eu estava seguro: permanecer à Tua imagem e, servindo a Ti, governar o corpo.

Mas, quando me ergui orgulhosamente contra Ti e investi contra o Senhor de pescoço erguido, com as grossas saliências do meu escudo, até essas coisas inferiores foram colocadas acima de mim e me oprimiram, e em parte alguma havia alívio ou espaço para respirar.

Por todos os lados elas se apresentavam aos meus olhos em montes e multidões; e, quando eu queria voltar a Ti, suas imagens surgiam em meu pensamento sem que eu as procurasse, como se me dissessem: "Aonde vais, indigno e impuro?"

E essas coisas haviam brotado da minha ferida; pois Tu "humilhaste o orgulhoso como alguém que foi ferido", e por meu próprio inchaço eu me separei de Ti; sim, meu rosto inchado de orgulho fechou meus olhos.

Mas Tu, Senhor, permaneces para sempre, embora não fiques para sempre irado conosco; porque tens compaixão do nosso pó e das nossas cinzas, e foi do Teu agrado corrigir minhas deformidades. Com estímulos interiores me despertavas, para que eu não encontrasse sossego até que Te revelasses ao

meu olhar interior. Assim, pela mão secreta do Teu tratamento, meu inchaço foi diminuindo, e a visão perturbada e obscurecida da minha mente foi sendo curada dia após dia pelas unções ardentes de dores que traziam saúde.

E Tu, querendo primeiro me mostrar como resistes aos orgulhosos, mas dás graça aos humildes, e por quão grande ato da Tua misericórdia havias traçado para os homens o caminho da humildade, ao fazer com que Teu Verbo se tornasse carne e habitasse entre os homens, conseguiste para mim, por meio de alguém cheio de um orgulho extremamente desmedido, certos livros dos platônicos, traduzidos do grego para o latim.

E neles li, não exatamente com estas palavras, mas com o mesmo sentido, sustentado por muitos e variados argumentos, que no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus; Ele estava no princípio com Deus; todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada foi feito; o que foi feito por Ele é vida, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

E que a alma do homem, embora dê testemunho da luz, não é ela mesma essa luz; mas o Verbo de Deus, sendo Deus, é a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem ao mundo. E que Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não O conheceu.

Mas que Ele veio para os Seus, e os Seus não O receberam; contudo, a todos os que O receberam, aos que creram em Seu nome, deu o poder de se tornarem filhos de Deus: isso não li ali.

⁂

Também li ali que Deus, o Verbo, nasceu não da carne nem do sangue, nem da vontade do homem, nem da vontade da carne, mas de Deus. Mas que o Verbo se fez carne e habitou entre nós, isso não li ali.

Pois encontrei naqueles livros, dito de muitas e variadas maneiras, que o Filho tinha a forma do Pai e não considerou usurpação ser igual a Deus, porque por natureza era da mesma substância.

Mas que Ele se esvaziou, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens e, sendo encontrado em condição humana, humilhou-se e tornou-se obediente até a morte, e morte de cruz; por isso Deus O exaltou dentre os mortos e Lhe deu um nome acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Pai: isso aqueles livros não contêm.

Pois está ali que, antes de todos os tempos e acima de todos os tempos, Teu Filho Unigênito permanece imutável, coeterno contigo, e que da Sua plenitude as almas recebem para serem felizes; e que, pela participação na sabedoria que nelas habita, são renovadas para se tornarem sábias.

Mas que, no devido tempo, Ele morreu pelos ímpios, e que Tu não poupaste Teu único Filho, mas O entregaste por todos nós, isso não está ali. Pois escondeste essas coisas dos sábios e as revelaste aos pequeninos, para que os que trabalham e estão sobrecarregados pudessem vir a Ele, e Ele lhes desse alívio, porque é manso e humilde de coração; e Ele conduz os mansos na justiça e ensina aos humildes Seus caminhos, olhando para nossa humilhação e aflição e perdoando todos os nossos pecados.

Mas aqueles que se envaidecem no caminho elevado de um saber que se pretende superior não O ouvem dizer: Aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas.

Embora tenham conhecido Deus, não O glorificam como Deus nem Lhe dão graças, mas se tornam vãos em seus pensamentos, e seu coração insensato se obscurece; afirmando ser sábios, tornaram-se tolos.

E por isso também li ali que haviam trocado a glória da Tua natureza incorruptível por ídolos e formas diversas, à semelhança da imagem do homem corruptível, de aves, de animais e de seres que rastejam; isto é, por aquele alimento egípcio pelo qual Esaú perdeu seu direito de primogenitura, pois Teu povo primogênito adorou a cabeça de um animal de quatro patas em Teu lugar, voltando em seu coração para o Egito e curvando Tua imagem, a própria alma deles, diante da imagem de um bezerro que come feno.

Encontrei essas coisas ali, mas não me alimentei delas. Pois foi do Teu agrado, ó Senhor, tirar de Jacó a vergonha da inferioridade, para que o mais velho servisse ao mais novo; e chamaste os gentios à Tua herança.

E eu havia chegado a Ti vindo do meio dos gentios; e voltei minha atenção para o ouro que quiseste que Teu povo levasse do Egito, pois era Teu, onde quer que estivesse. E aos atenienses disseste por meio do Teu Apóstolo que em Ti vivemos, nos movemos e existimos, como um dos próprios poetas deles havia dito. E, de fato, esses livros vieram de lá.

Mas não voltei minha atenção para os ídolos do Egito, aos quais serviam com Teu ouro aqueles que trocaram a verdade de Deus pela mentira e ado-

raram e serviram à criatura mais do que ao Criador.

E, assim advertido a voltar a mim mesmo, entrei no mais íntimo de mim, tendo a Ti como Guia; e pude fazê-lo porque Te havias tornado meu Auxiliador. Entrei e vi com o olho da minha alma, tal como ele era, acima desse mesmo olho da minha alma, acima da minha mente, a Luz Imutável.

Não esta luz comum, que todos os seres humanos podem contemplar, nem uma luz maior da mesma espécie, como se o brilho desta se tornasse muitas vezes mais intenso e, com sua grandeza, ocupasse todo o espaço. Essa luz não era assim, mas outra, sim, muito diferente destas.

E não estava acima da minha alma como o óleo está acima da água, nem como o céu acima da terra; estava acima da minha alma porque me fez, e eu abaixo dela porque fui feito por ela. Quem conhece a Verdade sabe o que é essa Luz; e quem a conhece conhece a eternidade. O amor a conhece. Ó Verdade que és Eternidade! E Amor que és Verdade! E Eternidade que és Amor!

Tu és meu Deus; por Ti suspiro noite e dia. Quando Te conheci pela primeira vez, Tu me levantaste para que eu visse que havia o que ver, e que eu ainda não era capaz de ver.

E fizeste recuar a fraqueza do meu olhar, derramando sobre mim Teus raios de luz com toda a força, e tremi de amor e temor; e percebi que estava longe de Ti, na região da dessemelhança, como se ouvisse esta Tua voz do alto: "Sou o alimento dos adultos; cresce, e te alimentarás de Mim; e não Me transformarás em ti, como fazes com o alimento do teu corpo, mas serás transformado em Mim."

E aprendi que castigas o homem por sua iniquidade, e fizeste minha alma se consumir como uma aranha. E eu disse: "Será então a Verdade um nada, por não se espalhar por um espaço finito ou infinito?" E Tu me clamaste de longe: "Na verdade, EU SOU O QUE SOU."

E ouvi, como o coração ouve, e não havia em mim lugar para a dúvida; e eu duvidaria antes de que vivo do que da existência da Verdade, que é claramente vista, sendo compreendida por meio das coisas que foram feitas.

⁂

E contemplei as outras coisas abaixo de Ti e percebi que nem existem inteiramente nem deixam inteiramente de existir; pois existem, já que vêm de Ti, mas não existem, porque não são o que Tu és. Pois existe verdadeiramente aquilo que permanece imutável. Portanto, é bom para mim me apegar a Deus; pois, se não permaneço Nele, não posso permanecer em mim mesmo; mas Ele, permanecendo em Si mesmo, renova todas as coisas. E Tu és o Senhor meu Deus, pois não precisas da minha bondade.

E me foi revelado que são boas as coisas que se corrompem; elas não poderiam se corromper se fossem supremamente boas, nem poderiam se corromper se não fossem boas. Pois, se fossem supremamente boas, seriam incorruptíveis; se não fossem boas de modo algum, não haveria nelas nada que pudesse ser corrompido.

Pois a corrupção causa dano, mas, se não diminuísse o bem, não poderia causar dano. Portanto, ou a corrupção não causa dano, o que não pode ser, ou, o que é absolutamente certo, tudo o que se corrompe é privado de al-

gum bem. Mas, se as coisas forem privadas de todo o bem, deixarão de existir.

Pois, se continuarem existindo e já não puderem se corromper, serão melhores do que antes, porque permanecerão incorruptíveis. E o que seria mais absurdo do que afirmar que as coisas se tornam melhores ao perderem todo o seu bem? Portanto, se forem privadas de todo o bem, já não existirão. Assim, enquanto existem, são boas; portanto, tudo o que existe é bom.

Logo, aquele mal cuja origem eu procurava não é uma substância; pois, se fosse uma substância, seria bom. Pois seria ou uma substância incorruptível, e assim um bem supremo, ou uma substância corruptível, que, se não fosse boa, não poderia se corromper.

Percebi, portanto, e me foi revelado que fizeste boas todas as coisas, e que não existe substância alguma que não tenhas feito; e, porque não fizeste todas as coisas iguais, todas elas existem: cada uma é boa, e todas juntas são muito boas, porque nosso Deus fez todas as coisas muito boas.

E para Ti nada é mau de modo algum: sim, não só para Ti, mas também para a Tua criação como um todo, porque nada existe fora dela que possa invadi-la e corromper a ordem que lhe estabeleceste.

Mas, em suas partes, algumas coisas, por não se harmonizarem com outras, são consideradas más; no entanto, essas mesmas coisas se harmonizam com outras e são boas; e em si mesmas são boas. E todas essas coisas que não se harmonizam entre si harmonizam-se, contudo, com a parte inferior, que chamamos Terra, a qual tem seu próprio céu de nuvens e ventos em harmonia com ela.

Longe de mim, portanto, dizer: "Essas coisas não deveriam existir"; pois, se eu nada visse além delas, de fato desejaria coisas melhores; mas, ainda assim, mesmo só por elas eu deveria Te louvar.

Pois mostram que deves ser louvado, desde a terra, os dragões e todos os abismos, o fogo, o granizo, a neve, o gelo e o vento de tempestade, que cumprem a Tua palavra; os montes e todas as colinas, as árvores frutíferas e todos os cedros; as feras e todo o gado, os seres que rastejam e as aves que voam; os reis da terra e todos os povos, os príncipes e todos os juízes da terra; os rapazes e as moças, os velhos e os jovens: todos louvam o Teu Nome.

Mas, quando dos céus estes Te louvam, quando Te louvam, nosso Deus, nas alturas, todos os Teus anjos, todos os Teus exércitos, o sol e a lua, todas as estrelas e a luz, o Céu dos céus e as águas que estão acima dos céus louvam o Teu Nome, eu já não desejava coisas melhores, porque concebia o conjunto de todas elas; e, com um juízo mais sensato, compreendia que as coisas do alto eram melhores que estas de baixo, mas que todas juntas eram melhores que as do alto sozinhas.

Não há sensatez naqueles a quem desagrada alguma coisa da Tua criação, como também não havia em mim, quando muito do que fizeste me desagradava. E, como minha alma não ousava desagradar-se do meu Deus, preferia não considerar como Teu aquilo que lhe desagradava. Por isso, havia adotado a opinião de que existiam duas substâncias, e não tinha descanso, mas falava em vão.

E, voltando de lá, havia feito para si um Deus que se estendia pelas dimensões infinitas de todo o espaço; pensava que esse Deus eras Tu e o colocava

em seu coração; e voltara a ser o templo do seu próprio ídolo, abominável para Ti.

Mas, depois que acalmaste minha cabeça, sem que eu soubesse, e fechaste meus olhos para que não contemplassem a vaidade, deixei um pouco de ser quem antes era, e meu delírio foi embalado até adormecer; e despertei em Ti, e Te vi infinito, mas de outra maneira, e essa visão não vinha da carne.

E voltei meu olhar para as outras coisas; e vi que deviam a Ti sua existência e que todas tinham seus limites em Ti, mas de maneira diferente: não como se estivessem em um espaço, mas porque conténs todas as coisas em Tua mão, em Tua Verdade; e todas as coisas são verdadeiras na medida em que existem, e não há falsidade alguma, a não ser quando se pensa que existe aquilo que não existe.

E vi que todas as coisas se harmonizavam, não apenas com seus lugares, mas também com seus tempos. E que Tu, o único Eterno, não começaste a agir depois de transcorridos incontáveis períodos de tempo; pois todos os períodos de tempo, tanto os que passaram como os que passarão, só vão e vêm por meio de Ti, que ages e permaneces.

E percebi, sem achar nisso nada de estranho, que o pão agradável a um paladar saudável é repugnante a um paladar enfermo; e que a luz, deliciosa para olhos sadios, incomoda os olhos doentes.

E a Tua justiça desagrada aos perversos; quanto mais a víbora e os répteis, que criaste bons, ajustados às partes inferiores da Tua Criação, às quais os próprios perversos também se ajustam; e tanto mais quanto menos se pare-

cem Contigo; mas ajustam-se às criaturas superiores à medida que se tornam mais semelhantes a Ti.

E procurei saber o que era a iniquidade, e descobri que não era uma substância, mas a perversão da vontade, que se desvia de Ti, ó Deus Supremo, para essas coisas inferiores, lança para fora suas entranhas e se incha exteriormente.

⁂

E eu me admirava de agora amar a Ti, e não a uma imagem ilusória em Teu lugar. E, contudo, não perseverava em desfrutar do meu Deus; mas era elevado até Ti pela Tua beleza e logo arrastado para longe de Ti pelo meu próprio peso, afundando com tristeza nessas coisas inferiores. Esse peso era o hábito carnal.

Ainda assim, permanecia comigo uma lembrança de Ti; e eu de modo algum duvidava de que havia Alguém a quem eu pudesse me unir, mas de que eu ainda não era capaz de me unir a Ti; pois o corpo que se corrompe oprime a alma, e a morada terrena pesa sobre a mente que medita em muitas coisas.

E eu tinha a mais firme certeza de que as Tuas obras invisíveis, desde a criação do mundo, são vistas claramente, compreendidas por meio das coisas criadas, assim como o Teu poder eterno e a Tua divindade.

Pois, examinando de onde vinha minha admiração pela beleza dos corpos celestes ou terrestres, e o que me ajudava a julgar corretamente as coisas mutáveis e a declarar: "Isto deve ser assim, aquilo não"; examinando, digo, de onde vinha esse meu julgamento, já que eu de fato julgava assim, havia

encontrado a imutável e verdadeira Eternidade da Verdade acima da minha mente mutável.

E assim, pouco a pouco, passei dos corpos à alma, que percebe por meio dos sentidos do corpo; e daí à sua faculdade interior, à qual os sentidos do corpo apresentam as coisas externas, e até onde chegam as faculdades dos animais; e daí, novamente, à faculdade de raciocinar, à qual se encaminha aquilo que é recebido pelos sentidos do corpo, para ser julgado.

E esta, descobrindo que também era em mim algo variável, elevou-se até a compreensão de si mesma e afastou meus pensamentos do poder do hábito, retirando-se daquelas multidões de imagens contraditórias, para descobrir que luz era aquela que a banhava quando, sem dúvida alguma, exclamava: "O imutável deve ser preferido ao mutável"; e de onde conhecia também Aquele Imutável, pois, se não O tivesse conhecido de algum modo, não teria fundamento seguro para preferi-Lo ao mutável.

E assim, no clarão de um único olhar trêmulo, chegou ÀQUELE QUE É. E então vi as Tuas coisas invisíveis, compreendidas por meio das coisas criadas. Mas não consegui manter nelas o olhar; e, repelido em minha fraqueza, fui lançado de novo aos meus hábitos de sempre, levando comigo apenas uma lembrança amorosa daquilo e um desejo por aquilo de que, por assim dizer, havia sentido o perfume, mas de que ainda não era capaz de me alimentar.

Então procurei um meio de obter força suficiente para desfrutar de Ti; e não o encontrei até abraçar aquele Mediador entre Deus e os homens, o Homem Cristo Jesus, que está acima de tudo, Deus bendito para sempre,

que me chamava e dizia: Eu sou o caminho, a verdade e a vida, e que misturava à nossa carne aquele alimento que eu não conseguia receber.

Pois o Verbo se fez carne, para que a Tua sabedoria, pela qual criaste todas as coisas, pudesse oferecer leite à nossa condição infantil. Pois eu não me apegava ao meu Senhor Jesus Cristo, eu, humilhado, ao Humilde; nem sabia ainda aonde Sua fraqueza nos conduziria.

Pois o Teu Verbo, a Verdade Eterna, muito acima das partes mais elevadas da Tua Criação, eleva até Si os que se submetem a Ele; mas neste mundo inferior construiu para Si uma humilde morada do nosso barro, para fazer descer de sua própria exaltação aqueles que se dispusessem a submeter-se e trazê-los a Si, diminuindo seu orgulho e aquecendo seu amor; para que não continuassem a confiar em si mesmos, mas consentissem em tornar-se fracos, vendo diante de seus pés a Divindade enfraquecida ao vestir nossas túnicas de pele; e, cansados, pudessem lançar-se sobre Ela, e Ela, ao Se levantar, pudesse erguê-los.

Mas eu pensava de outra maneira, concebendo meu Senhor Cristo apenas como um homem de sabedoria extraordinária, a quem ninguém podia se igualar; sobretudo porque, tendo nascido maravilhosamente de uma Virgem, parecia, em conformidade com isso e pelo cuidado divino por nós, ter alcançado aquela grande eminência de autoridade, como exemplo de desprezo pelas coisas temporais para a obtenção da imortalidade.

Mas eu não podia sequer imaginar que mistério havia em "O Verbo se fez carne". Apenas havia aprendido, pelo que nos foi transmitido por escrito a Seu respeito — que Ele comia, bebia, dormia, caminhava, alegrava-Se em

espírito, entristecia-Se e falava —, que não era só a carne que estava unida ao Teu Verbo, mas também a alma e a mente humanas.

Todos os que conhecem a imutabilidade do Teu Verbo sabem disso, e eu agora a conhecia tanto quanto podia, sem duvidar dela de modo algum. Pois ora mover os membros do corpo pela vontade, ora não os mover; ora ser tocado por algum sentimento, ora não; ora transmitir palavras sábias por sinais humanos, ora guardar silêncio: tudo isso pertence a uma alma e a uma mente sujeitas à mudança.

E, se essas coisas tivessem sido escritas falsamente a Seu respeito, todo o resto também correria o risco dessa acusação, e não restaria naqueles livros nenhuma fé salvadora para a humanidade.

Como, portanto, haviam sido escritas com verdade, eu reconhecia em Cristo um homem completo; não apenas o corpo de um homem, nem, junto com o corpo, uma alma sensível sem alma racional, mas um verdadeiro homem, que eu julgava dever ser preferido aos demais, não apenas por ser uma forma da Verdade, mas por certa grande excelência da natureza humana e por uma participação mais perfeita na sabedoria.

Alípio, porém, imaginava que os católicos acreditavam que Deus se revestira de carne de tal modo que, além de Deus e da carne, não havia alma alguma em Cristo, e não pensava que Lhe fosse atribuída uma mente humana.

E, como estava bem convencido de que as ações registradas a Seu respeito só poderiam ser realizadas por uma criatura dotada de vida e razão, avançava mais lentamente para a Fé Cristã. Mas, compreendendo depois que

esse era o erro dos hereges apolinaristas, alegrou-se na Fé Católica e aderiu a ela.

Só um pouco mais tarde, confesso, aprendi como, na afirmação "O Verbo se fez carne", a verdade católica se distingue da falsidade de Fotino. Pois a rejeição dos hereges faz sobressair com mais clareza os princípios da Tua Igreja e a sã doutrina. Pois é necessário que também haja heresias, para que os aprovados se manifestem entre os fracos.

Mas, tendo então lido aqueles livros dos platônicos e aprendido com eles a buscar a verdade incorpórea, vi as Tuas coisas invisíveis, compreendidas por meio das coisas criadas; e, embora repelido, percebi o que era aquilo que as trevas da minha mente me impediam de contemplar, estando certo de que "Tu existias e eras infinito, e, contudo, não estavas espalhado pelo espaço, finito ou infinito; e de que Tu verdadeiramente és, Tu que és sempre o mesmo, sem variar em parte alguma nem em movimento algum; e de que todas as outras coisas vêm de Ti, tendo como único fundamento dessa certeza o fato de existirem".

Dessas coisas eu estava certo, mas ainda era inseguro demais para desfrutar de Ti. Falava muito, como um entendido; mas, se não tivesse buscado o Teu caminho em Cristo, nosso Salvador, teria acabado não como um entendido, mas como um perdido.

Pois eu já começara a desejar parecer sábio, estando cheio do meu próprio castigo; contudo, não chorava, mas zombava, inchado de conhecimento. Pois onde estava aquele amor que edifica sobre o fundamento da humildade, que é Cristo Jesus? Ou quando esses livros me ensinariam isso?

Por isso, creio, quiseste que eu encontrasse esses livros antes de estudar as Tuas Escrituras, para que ficasse gravado em minha memória como eles haviam me afetado; e para que depois, quando meu espírito fosse domado por Teus livros e minhas feridas fossem tocadas por Teus dedos curadores, eu pudesse discernir e distinguir entre presunção e confissão; entre aqueles que viam aonde deviam ir, mas não viam o caminho, e o caminho que leva não só a contemplar, mas a habitar a pátria bem-aventurada.

Pois, se eu tivesse sido formado primeiro em Tuas Santas Escrituras, e Tu Te tivesses tornado doce para mim pela familiaridade com elas, e só então eu tivesse encontrado aqueles outros volumes, talvez eles me tivessem afastado do terreno firme da piedade; ou, se eu tivesse permanecido naquela disposição saudável que delas havia adquirido, poderia ter pensado que ela poderia ser obtida apenas pelo estudo daqueles livros.

Foi então com o maior ardor que tomei aquele venerável escrito do Teu Espírito, sobretudo o apóstolo Paulo. Com isso, desapareceram aquelas dificuldades pelas quais ele antes me parecia contradizer a si mesmo, e o texto de seu discurso parecia não concordar com os testemunhos da Lei e dos Profetas.

E a face daquela palavra pura me apareceu una e sempre a mesma; e aprendi a me alegrar com tremor. Assim comecei; e toda verdade que eu havia lido naqueles outros livros encontrei aqui em meio ao louvor da Tua Graça; para que aquele que vê não se glorie como se não tivesse recebido não só aquilo que vê, mas também a capacidade de ver (pois o que tem ele que não tenha recebido?), e para que seja não apenas exortado a contemplar a Ti, que és sempre o mesmo, mas também curado para se apegar a Ti;

e para que aquele que não consegue enxergar ao longe possa ainda caminhar pela estrada pela qual poderá chegar, contemplar-Te e apegar-se a Ti.

Pois, ainda que o homem se alegre com a lei de Deus em seu íntimo, o que fará com aquela outra lei em seus membros, que luta contra a lei de sua mente e o torna cativo da lei do pecado que está em seus membros?

Pois Tu és justo, ó Senhor, mas nós pecamos e cometemos iniquidade, e agimos com maldade, e Tua mão pesou sobre nós, e fomos justamente entregues àquele antigo pecador, o rei da morte; porque ele persuadiu nossa vontade a ser como a sua, pela qual não permaneceu na Tua verdade. O que fará o homem miserável?

Quem o libertará do corpo de sua morte, senão somente Tua Graça, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, a quem geraste coeterno e formaste no princípio dos Teus caminhos, em quem o príncipe deste mundo nada encontrou digno de morte, mas ainda assim O matou; e o documento escrito que era contra nós foi apagado? Isso aqueles escritos não contêm.

Aquelas páginas não apresentam a imagem dessa piedade, as lágrimas da confissão, Teu sacrifício, um espírito aflito, um coração quebrantado e contrito, a salvação do povo, a Cidade Nupcial, o penhor do Espírito Santo, o Cálice da nossa Redenção. Ninguém canta ali: Não se submeterá minha alma a Deus? Pois Dele vem minha salvação.

Pois Ele é meu Deus e minha salvação, meu guardião; não mais serei abalado. Ninguém ali O ouve chamar: Venham a Mim, todos vocês que trabalham. Desprezam aprender com Ele, porque é manso e humilde de coração;

pois escondeste essas coisas dos sábios e prudentes e as revelaste aos pequeninos.

Pois uma coisa é, do cume da montanha coberto de vegetação, ver a terra da paz e não encontrar caminho até ela; e tentar em vão passar por caminhos intransitáveis, enfrentando fugitivos e desertores que os cercam, sob o comando de seu capitão, o leão e o dragão.

Outra coisa é seguir pelo caminho que leva até lá, guardado pelas tropas do General celestial; ali não saqueiam aqueles que desertaram do exército celestial, pois o evitam como um verdadeiro tormento. Essas coisas penetraram de modo maravilhoso no mais profundo de mim quando li aquele que é o menor dos Teus Apóstolos, meditei sobre Tuas obras e tremi intensamente.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VIII

✦

Ó meu Deus, permite que eu me lembre, com gratidão, das tuas misericórdias para comigo e as confesse a ti. Que meus ossos sejam banhados pelo teu amor e te digam: Quem é como tu, ó Senhor? Rompeste as minhas correntes; eu te oferecerei o sacrifício de ação de graças.

E contarei como as rompeste; e todos os que te adoram, ao ouvirem isso, dirão: "Bendito seja o Senhor, no céu e na terra; grande e maravilhoso é o seu nome." Tuas palavras haviam se firmado em meu coração, e tu me cercavas por todos os lados. Eu agora tinha certeza da tua vida eterna, embora a visse em figura e como através de um espelho.

Contudo, deixara de duvidar de que existia uma substância incorruptível, da qual provinha toda outra substância; e já não desejava ter mais certeza de ti, mas estar mais firme em ti. Quanto à minha vida temporal, porém, tudo era instável, e meu coração precisava ser purificado do velho fermento.

O Caminho, o próprio Salvador, muito me agradava, mas eu ainda receava passar por sua estreiteza. E tu me inspiraste a procurar Simpliciano, o que me pareceu bom, pois eu o considerava um bom servo teu, e tua graça brilhava nele. Eu também ouvira que, desde a juventude, ele vivera completamente dedicado a ti.

Agora já estava avançado em anos; e, por ter passado tão longa vida seguindo com tanto zelo os teus caminhos, parecia-me que devia ter adqui-

rido muita experiência; e assim era. Desse tesouro, eu desejava que ele me dissesse, depois de eu lhe expor minhas inquietações, qual seria a maneira mais adequada para alguém na minha situação andar por tuas veredas.

Pois eu via a igreja cheia; e um seguia por este caminho, outro por aquele. Mas me desagradava levar uma vida secular; agora que meus desejos já não me inflamavam, como antes, com esperanças de honra e lucro, era um fardo muito penoso suportar tão pesada servidão.

Pois, em comparação com tua doçura e com a beleza de tua casa, que eu amava, aquelas coisas já não me davam prazer. Mas eu ainda era cativo do amor de uma mulher; e o Apóstolo não me proibia de casar, embora me aconselhasse algo melhor, desejando sobretudo que todos os homens fossem como ele.

Eu, porém, sendo fraco, escolhia a condição mais indulgente; e só por causa disso era levado de um lado para outro em tudo o mais, enfraquecido e consumido por preocupações que me definhavam, porque, nas outras questões, era obrigado contra a vontade a me adaptar à vida de casado, à qual me entregara e da qual era cativo.

Eu ouvira da boca da Verdade que havia alguns eunucos que se tinham feito eunucos por causa do reino dos céus; mas, diz ele, quem puder aceitar isso, que aceite. Certamente são vãos todos os homens que ignoram a Deus e que, a partir das coisas boas que se veem, não conseguiram encontrar aquele que é bom.

Mas eu já não estava nessa vaidade; havia superado isso; e, pelo testemunho comum de todas as tuas criaturas, encontrara a ti, nosso Criador, e ao teu

Verbo, Deus contigo e, juntamente contigo, um só Deus, por quem criaste todas as coisas. Há ainda outro tipo de ímpios que, conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus nem lhe deram graças.

Nisso também eu havia caído, mas tua mão direita me sustentou, tirou-me dali, e tu me colocaste onde eu pudesse me recuperar. Pois disseste ao homem: Eis que o temor do Senhor é a sabedoria; e: Não desejes parecer sábio; porque aqueles que se declaravam sábios se tornaram tolos.

Mas eu agora havia encontrado a bela pérola que deveria ter comprado, vendendo tudo o que tinha, e hesitava.

Fui, então, a Simpliciano, pai de Ambrósio, agora bispo, no recebimento da tua graça, e a quem Ambrósio verdadeiramente amava como a um pai. Contei-lhe os labirintos de minhas andanças.

Mas, quando mencionei que havia lido certos livros dos platônicos que Vitorino, outrora professor de retórica em Roma, traduzira para o latim — e que, segundo eu ouvira, morrera cristão —, ele manifestou sua alegria por eu não ter encontrado os escritos de outros filósofos, cheios de enganos e falsidades, segundo os princípios elementares deste mundo, enquanto os platônicos, de muitas maneiras, conduziam à fé em Deus e em seu Verbo.

Então, para me exortar à humildade de Cristo, escondida dos sábios e revelada aos pequeninos, falou do próprio Vitorino, a quem conhecera muito intimamente enquanto estivera em Roma; e contou sobre ele o que não ocultarei.

Pois há nisso grande louvor à tua graça, que deve ser confessado a ti: como aquele homem idoso, tão instruído e hábil nas ciências liberais, que lera e

ponderara tantas obras dos filósofos; mestre de tantos nobres senadores, que também, como monumento à excelência com que exercera seu ofício, merecera e recebera uma estátua no Fórum Romano, o que os homens deste mundo consideram uma grande honra; ele, que até aquela idade fora adorador de ídolos e participante dos ritos sacrílegos aos quais quase toda a nobreza de Roma se entregara e inspirara no povo o amor por

Anúbis, divindade que ladra, e todos os deuses monstruosos de toda espécie, que lutaram contra Netuno, Vênus e Minerva:

a quem Roma, que antes os vencera, agora adorava, e a todos os quais o idoso Vitorino defendera por tantos anos com eloquência estrondosa; ele agora não se envergonhava de ser filho do teu Cristo e bebê recém-nascido da tua fonte; submetendo o pescoço ao jugo da humildade e curvando a fronte à vergonha da Cruz.

Ó Senhor, Senhor, que inclinaste os céus e desceste, tocaste os montes e eles fumegaram, por que meios entraste naquele peito? Ele costumava ler, como dizia Simpliciano, a Sagrada Escritura, procurava e examinava com o maior empenho todos os escritos cristãos e dizia a Simpliciano, não em público, mas em particular e como amigo: "Saiba que já sou cristão."

Ao que ele respondia: "Não acreditarei nisso nem o contarei entre os cristãos, a menos que o veja na Igreja de Cristo." O outro, brincando, retrucava: "Então são as paredes que fazem os cristãos?" E muitas vezes dizia que já era cristão; Simpliciano dava sempre a mesma resposta, e o outro sempre repetia a brincadeira das "paredes".

Pois temia ofender os amigos, orgulhosos adoradores de demônios, de cuja elevada dignidade babilônica, como dos cedros do Líbano que o Senhor ainda não derrubara, imaginava que cairia sobre ele o peso da inimizade.

Mas depois que, pela leitura e pela reflexão dedicada, ganhou firmeza, passou a temer ser negado por Cristo diante dos santos anjos caso agora tivesse medo de confessá-lo diante dos homens.

Pareceu-lhe que cometia uma grave ofensa ao se envergonhar dos sacramentos da humildade do teu Verbo e não se envergonhar dos ritos sacrílegos daqueles demônios orgulhosos, cujo orgulho imitara e cujos ritos adotara.

Tornou-se ousado diante da vaidade e envergonhado diante da verdade, e de repente, inesperadamente, disse a Simpliciano, como este me contou: "Vamos à igreja; quero me tornar cristão." E ele, sem se conter de alegria, foi com Vitorino.

E, depois de ser admitido ao primeiro sacramento e se tornar catecúmeno, pouco tempo depois também deu seu nome para ser regenerado pelo batismo, para espanto de Roma e alegria da Igreja. Os orgulhosos viram e se enfureceram; rangeram os dentes e se consumiram. Mas o Senhor Deus era a esperança do teu servo, e ele não dava atenção às vaidades e à loucura mentirosa.

⁂

Por fim, quando chegou a hora de fazer a profissão de fé — que em Roma aqueles que estão prestes a se aproximar da tua graça recitam de um lugar elevado, à vista de todos os fiéis, numa fórmula fixa de palavras aprendidas

de memória —, os presbíteros, disse ele, ofereceram a Vitorino a possibilidade de fazer sua profissão mais reservadamente, como se fazia com aqueles que pareciam propensos a se intimidar por timidez; mas ele preferiu professar sua salvação na presença da santa multidão.

"Pois não era a salvação que ensinava na retórica, e, no entanto, ele a professara publicamente; quanto menos, então, ao pronunciar tua palavra, deveria temer teu rebanho manso, ele que, ao proferir suas próprias palavras, não temera uma multidão furiosa!"

Quando, então, subiu para fazer sua profissão, todos, por conhecê-lo, sussurraram seu nome uns aos outros em tom de felicitação. E quem ali não o conhecia? E um murmúrio baixo percorreu todas as bocas da multidão alegre: Vitorino! Vitorino! Súbita foi a explosão de entusiasmo ao vê-lo; de repente se calaram para ouvi-lo.

Ele proclamou a verdadeira fé com admirável coragem, e todos desejavam acolhê-lo no mais íntimo do coração; sim, com seu amor e sua alegria o atraíam para lá, pois eram essas as mãos com que o atraíam.

Bom Deus! O que acontece no homem para que se alegre mais com a salvação de uma alma da qual já se perdera a esperança, e que foi libertada de um perigo maior, do que se sempre tivesse havido esperança para ela ou se o perigo tivesse sido menor?

Pois assim também tu, Pai misericordioso, te alegras mais com um só arrependido do que com noventa e nove justos que não precisam de arrependimento. E ouvimos com muita alegria, sempre que ouvimos, com que alegria a ovelha que se desviara é trazida de volta sobre os ombros do pastor, e

a moeda é devolvida ao teu tesouro, enquanto os vizinhos se alegram com a mulher que a encontrou; e a alegria da celebração solene de tua casa nos leva às lágrimas quando nela se lê sobre teu filho mais novo: que estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi encontrado.

Pois tu te alegras em nós e em teus santos anjos, santos pelo santo amor. Pois és sempre o mesmo; e todas as coisas que não permanecem as mesmas nem duram para sempre, tu as conheces eternamente da mesma maneira.

O que acontece, então, na alma quando ela sente mais prazer em encontrar ou recuperar as coisas que ama do que sentiria se sempre as tivesse possuído? Sim, outras coisas também dão testemunho disso; e tudo está cheio de testemunhas que clamam: "Assim é."

O comandante vencedor celebra seu triunfo; mas não teria vencido se não tivesse lutado; e quanto maior foi o perigo na batalha, tanto maior é a alegria no triunfo. A tempestade sacode os marinheiros, ameaça com o naufrágio; todos empalidecem diante da morte que se aproxima; o céu e o mar se acalmam, e eles se alegram imensamente, pois haviam sentido imenso medo.

Um amigo está doente, e seu pulso anuncia perigo; todos os que anseiam por sua recuperação adoecem com ele em espírito. Ele se recupera, embora ainda não caminhe com a força de antes; no entanto, há uma alegria que não existia quando antes caminhava são e forte.

Sim, os próprios prazeres da vida humana são obtidos por meio de dificuldades, não apenas daquelas que nos atingem de surpresa e contra a vontade, mas até de incômodos escolhidos por nós mesmos em busca do pra-

zer. Comer e beber não dão prazer se antes não vier o tormento da fome e da sede.

Os homens dados à bebida comem certos alimentos salgados para provocar um calor incômodo que, ao ser aliviado pela bebida, produz prazer. Também se determina que a noiva prometida não seja entregue de imediato, para que o homem, como marido, não dê pouco valor àquela por quem, como noivo, não suspirou.

Essa lei vale para a alegria impura e maldita; vale para a alegria permitida e legítima; vale para a mais pura perfeição da amizade; vale para aquele que estava morto e voltou à vida, que estava perdido e foi encontrado. Em toda parte, a maior alegria é precedida pela maior dor.

O que significa isso, ó Senhor meu Deus, se tu és eternamente alegria para ti mesmo e alguns seres ao teu redor sempre se alegram em ti? O que significa esse fluxo e refluxo de parte da criação, alternando entre o descontentamento e a reconciliação? É essa a medida que lhes coube?

É isso tudo o que lhes destinaste, tu que, dos céus mais altos à terra mais baixa, do começo do mundo ao fim dos tempos, do anjo ao verme, do primeiro movimento ao último, pões cada coisa em seu lugar e fazes cada uma existir a seu tempo, tudo bom segundo sua espécie? Ai de mim! Como és elevado nas maiores alturas e profundo nas maiores profundezas! E tu nunca te afastas, e nós mal conseguimos voltar a ti.

Levanta-te, Senhor, e age; desperta-nos e chama-nos de volta; acende-nos e atrai-nos; inflama-nos, torna-te doce para nós; que agora amemos, que corramos. Não são muitos os que, saindo de um inferno de cegueira mais pro-

fundo que o de Vitorino, voltam a ti, se aproximam e são iluminados, recebendo aquela Luz que dá aos que a recebem o poder, vindo de ti, de se tornarem teus filhos?

Mas, se são menos conhecidos entre os povos, até os que os conhecem se alegram menos por eles. Pois, quando muitos se alegram juntos, cada um também tem uma alegria mais intensa, porque se acendem e se inflamam uns aos outros. Ademais, os que são conhecidos por muitos influenciam mais pessoas para a salvação e abrem caminho para muitos os seguirem.

Por isso, também os que os precederam se alegram muito com eles, porque não se alegram apenas por eles. Pois jamais aconteça que, em teu tabernáculo, os ricos sejam favorecidos em relação aos pobres, ou os nobres em relação aos de origem humilde; visto que escolheste as coisas fracas do mundo para confundir as fortes; e escolheste as coisas humildes deste mundo e as desprezadas, e as que não são, para reduzir a nada as que são.

E, no entanto, até aquele que era o menor de teus apóstolos, por cuja língua fizeste ressoar essas palavras, quando, por meio de sua luta, o procônsul Paulo, vencido seu orgulho, foi levado a passar sob o suave jugo de teu Cristo e se tornou súdito do grande Rei, também ele quis trocar seu antigo nome, Saulo, pelo de Paulo, em testemunho de tão grande vitória.

Pois o inimigo é mais derrotado naquele sobre quem tem maior domínio e por meio de quem domina mais pessoas. Mas ele domina mais os orgulhosos por causa de sua nobreza e, por meio deles, domina mais pessoas por causa de sua autoridade.

Assim, quanto mais se estimava a conquista do coração de Vitorino, que o diabo havia mantido como uma posse inexpugnável, e da língua de Vitorino, arma poderosa e afiada com a qual havia matado muitos, tanto mais abundantemente teus filhos deviam se alegrar, porque nosso Rei havia amarrado o homem forte, e eles viam os utensílios dele serem tomados, purificados e preparados para tua honra, tornando-se úteis ao Senhor para toda boa obra.

⁂

Mas, quando aquele teu servo, Simpliciano, me contou isso sobre Vitorino, ardi de vontade de imitá-lo; pois era justamente para esse fim que ele o havia contado.

E, quando acrescentou que, nos dias do imperador Juliano, havia sido feita uma lei que proibia os cristãos de ensinar as ciências liberais ou a oratória, e que ele, obedecendo a essa lei, preferira abandonar a escola de palavras a abandonar tua Palavra, pela qual tornas eloquentes as línguas dos mudos, ele me pareceu tão feliz quanto resoluto, por ter encontrado assim a oportunidade de se dedicar somente a ti.

Era por isso que eu suspirava, preso como estava, não pelos ferros de outro, mas por minha própria vontade de ferro. O inimigo dominava minha vontade e, com ela, havia feito uma corrente para me prender. Pois da vontade perversa nasceu o desejo; e o desejo, quando servido, tornou-se hábito; e o hábito, quando não resistido, tornou-se necessidade.

Por esses elos, por assim dizer, unidos uns aos outros — razão pela qual chamei isso de corrente —, uma dura escravidão me mantinha cativo. Mas

aquela nova vontade que começara a existir em mim, de te servir livremente e desejar desfrutar de ti, ó Deus, única doçura segura, ainda não conseguia vencer minha antiga obstinação, fortalecida pelo tempo.

Assim, minhas duas vontades, uma nova e outra velha, uma carnal e outra espiritual, lutavam dentro de mim; e, com sua discórdia, dilaceravam minha alma.

Assim compreendi, por minha própria experiência, o que havia lido: que a carne deseja contra o espírito, e o espírito contra a carne. Em ambos os casos, era realmente eu; mas era mais eu naquilo que aprovava em mim do que naquilo que em mim desaprovava.

Pois, neste último caso, em grande parte já não era eu, porque em muito eu antes suportava contra a vontade do que agia de boa vontade. E, no entanto, fora por minha causa que o hábito adquirira esse poder de lutar contra mim, porque eu havia chegado voluntariamente aonde não queria estar. E quem tem o direito de contestar, se um castigo justo acompanha o pecador?

Eu já não tinha minha antiga desculpa de que ainda hesitava em me elevar acima do mundo e te servir porque a verdade ainda não me era completamente certa; pois agora também ela o era. Mas eu, ainda a serviço da terra, recusava-me a lutar sob tua bandeira e temia tanto ser libertado de todos os fardos quanto deveríamos temer ser sobrecarregados por eles.

Assim, a bagagem deste mundo presente me mantinha preso de modo agradável, como no sono; e os pensamentos com que eu meditava em ti

eram como os esforços dos que querem acordar, mas, vencidos por uma forte sonolência, voltam a mergulhar nela.

E, assim como ninguém deseja dormir para sempre, e todos, em seu juízo sóbrio, consideram melhor estar acordados, mas geralmente, sentindo um pesado torpor em todos os membros, adiam sacudir o sono e, embora um tanto contrariados, entregam-se a ele com prazer, mesmo depois da hora de levantar, assim eu estava certo de que seria muito melhor me entregar ao teu amor do que me abandonar à minha própria cobiça; mas, embora o primeiro caminho me convencesse e conquistasse minha aprovação, o segundo me agradava e me mantinha dominado.

E eu nada tinha a te responder quando me chamavas: Desperta, tu que dormes, levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará. E, quando me mostravas por todos os lados que era verdadeiro o que dizias, eu, convencido pela verdade, não tinha absolutamente nada a responder, a não ser aquelas palavras lentas e sonolentas: "Já, já", "daqui a pouco", "deixa-me só mais um pouco".

Mas o "daqui a pouco, daqui a pouco" nunca chegava, e meu "só mais um pouco" se prolongava por muito tempo; em vão eu me alegrava em tua lei segundo o homem interior, enquanto outra lei em meus membros se rebelava contra a lei de minha mente e me levava cativo sob a lei do pecado que estava em meus membros.

Pois a lei do pecado é a força do hábito, pela qual a mente é arrastada e mantida presa, mesmo contra sua vontade; mas com justiça, porque foi por vontade própria que caiu nele. Quem, então, me livraria, miserável como

eu era, do corpo desta morte, senão somente tua graça, por Jesus Cristo, nosso Senhor?

E agora contarei como me libertaste dos laços do desejo, pelos quais eu estava tão apertadamente preso à cobiça carnal, e da servidão às coisas do mundo; e confessarei teu nome, ó Senhor, meu auxílio e meu redentor. Em meio a uma inquietação crescente, eu cuidava de minhas ocupações habituais e diariamente suspirava por ti.

Frequentava tua Igreja sempre que estava livre das ocupações sob cujo peso eu gemia. Alípio estava comigo, agora, depois da terceira sessão, livre de seus trabalhos jurídicos, e aguardava a quem vender seus conselhos, assim como eu vendia a arte de falar, se é que o ensino pode transmiti-la.

Nebrídio havia então, em consideração à nossa amizade, concordado em ensinar como auxiliar de Verecundo, cidadão e gramático de Milão, amigo muito íntimo de todos nós, que desejava com insistência e reclamava de nosso grupo, pelo direito da amizade, uma ajuda fiel de que tanto precisava.

Nebrídio, portanto, não fora levado a isso por nenhum desejo de vantagem — pois poderia ter lucrado muito mais com seu saber, se assim quisesse —, mas, como amigo muito bondoso e gentil, não queria deixar de prestar um bom serviço nem desprezar nosso pedido.

Contudo, agia nisso com muita prudência, evitando tornar-se conhecido de pessoas importantes segundo este mundo, fugindo da distração de espírito que daí resultava e desejando manter a mente livre e desocupada, pelo

maior número de horas possível, para investigar, ler ou ouvir algo sobre a sabedoria.

⁂

Certo dia, estando Nebrídio ausente — não me lembro por quê —, veio visitar a mim e a Alípio um homem chamado Ponticiano, nosso conterrâneo por ser também africano, que ocupava um alto cargo na corte do imperador.

Não sei o que queria de nós, mas nos sentamos para conversar, e aconteceu que ele viu, sobre uma mesa de jogo diante de nós, um livro; pegou-o, abriu-o e, ao contrário do que esperava, descobriu que era o apóstolo Paulo, pois pensava que fosse algum daqueles livros em cujo ensino eu me desgastava.

Então, sorrindo e olhando para mim, manifestou sua alegria e surpresa por ter encontrado de repente esse livro, e somente ele, diante dos meus olhos. Pois ele era cristão e batizado, e muitas vezes se prostrava diante de ti, nosso Deus, na igreja, em orações frequentes e prolongadas.

Quando lhe disse que me dedicava com muito empenho àquelas Escrituras, surgiu, a partir de seu relato, uma conversa sobre Antão, o monge egípcio, cujo nome era muito respeitado entre teus servos, embora até aquela hora nos fosse desconhecido.

Ao descobrir isso, ele se demorou ainda mais no assunto, contando-nos sobre ele e admirando-se de nossa ignorância a respeito de alguém tão ilustre. Mas nós ficávamos maravilhados ao ouvir tuas obras admiráveis, tão plena-

mente atestadas, realizadas em tempos tão recentes, quase em nossos próprios dias, na verdadeira fé e na Igreja Católica.

Todos nos admirávamos: nós, por serem tão grandiosas; ele, por não terem chegado ao nosso conhecimento.

Daí sua conversa se voltou para os rebanhos nos mosteiros e seus santos modos de vida, um perfume agradável a Ti, e para os desertos fecundos da solidão, dos quais nada sabíamos. Havia também em Milão um mosteiro cheio de bons irmãos, fora dos muros da cidade, sob os cuidados protetores de Ambrósio, e nós não sabíamos disso.

Ele prosseguiu com sua conversa, e nós escutávamos em silêncio atento. Contou-nos então que certa tarde, em Tréveris, enquanto o imperador estava ocupado com os jogos do circo, ele e outros três companheiros saíram para passear nos jardins próximos aos muros da cidade. Como caminhavam em duplas, um deles se afastou com ele, e os outros dois seguiram sozinhos.

Estes, em seu passeio, deram com uma pequena casa habitada por alguns de Teus servos, pobres de espírito, aos quais pertence o reino dos céus, e ali encontraram um livrinho que continha a vida de Antônio. Um deles começou a lê-lo, a admirá-lo e a se entusiasmar com ele; e, enquanto lia, passou a pensar em abraçar aquela vida e abandonar seu serviço secular para Te servir.

Esses dois eram daqueles a quem chamam agentes dos negócios públicos. Então, de repente, tomado de um santo amor e de uma vergonha sensata, indignado consigo mesmo, olhou para o amigo e disse: "Dize-me, por fa-

vor, o que pretendemos alcançar com todos estes nossos esforços? Qual é o nosso objetivo? Para que trabalhamos?

Nossas esperanças na corte podem ir além de nos tornarmos favoritos do imperador? E nisso, o que não é frágil e cheio de perigos? Por quantos perigos passamos para chegar a um perigo ainda maior? E quando chegaremos lá? Mas amigo de Deus, se eu quiser, posso me tornar agora mesmo." Assim falou.

E, sofrendo as dores do nascimento de uma vida nova, voltou os olhos para o livro, continuou a ler e foi transformado por dentro, onde Tu vias, e sua mente se desprendeu do mundo, como logo se mostrou.

Pois, enquanto lia e as ondas de seu coração se agitavam para cima e para baixo, ele se enfureceu consigo mesmo por algum tempo; depois compreendeu e decidiu seguir um caminho melhor. E, já sendo Teu, disse ao amigo: "Agora me libertei daquelas nossas esperanças e estou decidido a servir a Deus; e começo a fazê-lo a partir desta hora, neste lugar.

Se não queres me imitar, não te oponhas." O outro respondeu que ficaria ao seu lado, para participar de tão gloriosa recompensa e de tão glorioso serviço. Assim, sendo ambos agora Teus, construíam a torre com o custo necessário: abandonar tudo o que tinham e seguir-Te.

Então Ponticiano e o outro que estava com ele, que haviam passeado por outras partes do jardim, chegaram àquele mesmo lugar à procura deles. Ao encontrá-los, lembraram-lhes que era hora de voltar, pois o dia já ia longe.

Mas eles, contando sua decisão e seu propósito, e como aquela vontade havia nascido e se firmado neles, pediram que, se não quisessem se juntar a

eles, não os perturbassem. Os outros, embora em nada tivessem mudado do que eram antes, ainda assim lamentaram sua própria condição, como ele afirmou, e os felicitaram piedosamente, recomendando-se às suas orações.

E assim, com o coração ainda preso à terra, foram embora para o palácio. Os outros dois, contudo, fixando o coração no céu, permaneceram na pequena casa. Ambos tinham noivas prometidas, que, ao saberem disso, também consagraram sua virgindade a Deus.

Esse foi o relato de Ponticiano. Mas Tu, Senhor, enquanto ele falava, me voltavas para mim mesmo, tirando-me de trás das minhas costas, onde eu me havia colocado por não querer olhar para mim; e me punhas diante do meu próprio rosto, para que eu visse como era imundo, como era torto e impuro, manchado e coberto de feridas.

Eu olhava e ficava horrorizado; e não encontrava para onde fugir de mim mesmo. E, se procurava desviar os olhos de mim, ele continuava seu relato, e Tu novamente me colocavas diante de mim mesmo e me empurravas para diante dos meus olhos, para que eu descobrisse minha iniquidade e a odiasse. Eu a conhecia, mas fingia não vê-la, fechava os olhos para ela e a esquecia.

Mas agora, quanto mais ardentemente eu amava aqueles de cujas disposições salutares ouvia falar, por terem se entregado inteiramente a Ti para serem curados, tanto mais eu me detestava ao me comparar com eles. Pois muitos anos meus, cerca de doze, já haviam passado desde os meus dezenove, quando a leitura do Hortênsio, de Cícero, me despertara um amor fervoroso pela sabedoria.

E eu ainda adiava rejeitar a felicidade meramente terrena e me dedicar à busca daquilo que, não só por ser encontrado, mas pela própria busca, devia ser preferido aos tesouros e reinos do mundo, mesmo já conquistados, e aos prazeres do corpo, mesmo que estivessem ao meu redor, à minha disposição.

Mas eu, infeliz, tão infeliz, já no começo da minha juventude, havia Te pedido castidade, dizendo: "Dá-me castidade e continência, mas ainda não." Pois temia que me ouvisses logo e logo me curasses da doença da concupiscência, que eu desejava ver satisfeita, em vez de extinta.

E eu havia vagado por caminhos tortuosos numa superstição sacrílega, sem estar de fato convencido dela, mas preferindo-a às outras crenças, que eu não investigava com espírito religioso, mas combatia com malícia.

⁂

Eu pensava que adiava de dia para dia rejeitar as esperanças deste mundo e seguir somente a Ti porque não via nada de certo para onde dirigir meus passos. E agora havia chegado o dia em que eu seria exposto diante de mim mesmo, e minha consciência me censuraria: "Onde estás agora, minha língua?

Dizias que, por uma verdade incerta, não querias abandonar a bagagem da vaidade; agora ela é certa, e, no entanto, esse fardo ainda te oprime, enquanto aqueles que nem se desgastaram tanto à sua procura, nem passaram dez anos ou mais pensando nela, tiveram os ombros aliviados e receberam asas para voar."

Assim eu era consumido por dentro e ficava profundamente perturbado por uma vergonha terrível, enquanto Ponticiano falava essas coisas. E ele, tendo concluído seu relato e o assunto que o trouxera, seguiu seu caminho; e eu me voltei para dentro de mim. O que não disse contra mim mesmo?

Com que açoites de condenação não castiguei minha alma, para que me acompanhasse em meu esforço de seguir-Te! Mas ela recuava; recusava-se, porém não se desculpava. Todos os argumentos haviam sido esgotados e refutados; restava um recuo silencioso. E ela temia, como temeria a morte, ser impedida de seguir a corrente daquele hábito pelo qual se consumia até a morte.

Então, nessa grande luta dentro da minha morada interior, que eu havia travado com força contra minha alma no quarto do meu coração, perturbado na mente e no rosto, voltei-me para Alípio.

"O que há de errado conosco?", exclamei. "O que é isso? O que acabaste de ouvir? Os sem instrução se levantam e tomam o céu à força, e nós, com todo o nosso saber e sem coragem, vê só como nos revolvemos na carne e no sangue! Temos vergonha de segui-los porque outros foram antes de nós, e não temos vergonha de nem sequer segui-los?"

Disse algumas palavras assim, e a febre da minha mente me arrancou de junto dele, enquanto ele, olhando para mim espantado, permanecia em silêncio. Pois meu tom não era o de costume; e minha testa, minhas faces, meus olhos, minha cor e meu tom de voz exprimiam meu estado de espírito mais do que as palavras que eu dizia.

Havia um pequeno jardim em nossa hospedagem, do qual podíamos dispor, assim como de toda a casa, pois o dono da casa, nosso anfitrião, não estava morando ali. Para lá me havia arrastado o tumulto do meu peito, onde ninguém pudesse impedir a luta ardente que eu travava comigo mesmo, até que ela terminasse de um modo que Tu conhecias, mas eu não.

Eu apenas estava transtornado para minha cura e morria para viver, sabendo o mal que eu era e sem saber o bem que em breve me tornaria. Retirei-me então para o jardim, e Alípio seguiu meus passos. Pois sua presença não diminuía minha solidão; e como poderia ele me abandonar tão perturbado? Sentamo-nos o mais longe possível da casa.

Eu estava com o espírito agitado, profundamente indignado por não entrar em Tua vontade e em Tua aliança, ó meu Deus, nas quais todos os meus ossos clamavam que eu entrasse e que exaltavam até os céus. E nelas não entramos por navios, carros ou a pé; nem precisamos percorrer a distância que eu havia percorrido da casa até o lugar onde estávamos sentados.

Pois não apenas ir, mas entrar ali, nada mais era do que querer ir, contudo querer com firmeza e inteiramente; sem ficar virando e revirando, de um lado para outro, uma vontade mutilada e dividida, que lutava, com uma parte afundando enquanto a outra se erguia.

Por fim, na própria febre da minha indecisão, fiz com o corpo muitos movimentos que às vezes as pessoas querem fazer, mas não podem, seja porque lhes faltam os membros, seja porque estes estão presos por amarras, enfraquecidos por doença ou impedidos de alguma outra maneira.

Assim, se arranquei os cabelos, bati na testa ou, entrelaçando os dedos, abracei o joelho, eu quis e fiz. Mas poderia ter querido e não ter feito, se a capacidade de movimento dos meus membros não tivesse obedecido.

Tantas coisas fiz, portanto, quando "querer" não era, por si só, "poder"; e não fazia aquilo que eu desejava fazer incomparavelmente mais e que, pouco depois, quando quisesse, seria capaz de fazer; porque, pouco depois, quando quisesse, quereria inteiramente. Pois nessas coisas a capacidade era uma só com a vontade, e querer era fazer; e, no entanto, não era feito.

E meu corpo obedecia mais facilmente ao mais fraco querer da minha alma, movendo os membros ao seu sinal, do que a alma obedecia a si mesma para realizar, somente na vontade, esse seu querer tão importante.

De onde vem essa monstruosidade? E para quê? Que Tua misericórdia brilhe para que eu possa perguntar, na esperança de que talvez me respondam os castigos secretos dos homens e aquelas dores tão sombrias dos filhos de Adão. De onde vem essa monstruosidade? E para quê? A mente ordena ao corpo, e ele obedece imediatamente; a mente ordena a si mesma, e encontra resistência.

A mente ordena que a mão se mova; e tamanha é a prontidão que mal se distingue a ordem da obediência. No entanto, a mente é mente, e a mão é corpo. A mente ordena à mente, a si mesma, que queira, e, no entanto, ela não quer. De onde vem essa monstruosidade? E para quê? Ela ordena a si mesma, digo eu, que queira, e não ordenaria se não quisesse; e aquilo que ordena não é feito.

Mas ela não quer inteiramente; por isso não ordena inteiramente. Pois ordena na medida em que quer; e, na medida em que não quer, aquilo que ordena não é feito. Pois a vontade ordena que haja uma vontade; não outra, mas ela mesma. Contudo, ela não ordena inteiramente, e por isso aquilo que ordena não existe.

Pois, se a vontade fosse inteira, nem sequer ordenaria que existisse, porque já existiria. Portanto, querer em parte e em parte não querer não é uma monstruosidade, mas uma doença da mente, que não se ergue por inteiro, sustentada pela verdade, porque é puxada para baixo pelo hábito. E por isso há duas vontades, porque uma delas não é inteira; e o que falta a uma, a outra tem.

⁂

Que desapareçam da Tua presença, ó Deus, como desaparecem os que falam em vão e seduzem a alma: aqueles que, observando que na deliberação havia duas vontades, afirmam que há em nós duas mentes de duas espécies, uma boa e outra má.

Eles próprios são verdadeiramente maus quando sustentam essas ideias más; e eles próprios se tornarão bons quando sustentarem a verdade e concordarem com ela, para que o Teu Apóstolo lhes possa dizer: Antes vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor.

Mas eles, querendo ser luz, não no Senhor, mas em si mesmos, e imaginando que a natureza da alma é aquilo que Deus é, tornam-se trevas ainda mais densas por uma terrível arrogância; pois se afastaram ainda mais de Ti, a verdadeira Luz que ilumina todo homem que vem ao mundo.

Prestem atenção ao que dizem e corem de vergonha: aproximem-se Dele e sejam iluminados, e o rosto de vocês não será coberto de vergonha. Quando eu deliberava sobre servir agora ao Senhor meu Deus, como havia muito me propusera, era eu quem queria, eu quem não queria, eu, eu mesmo. Eu nem queria por inteiro, nem deixava de querer por inteiro.

Por isso lutava comigo mesmo e era por mim mesmo dividido. E essa divisão me acontecia contra a minha vontade, mas indicava, não a presença de outra mente, e sim o castigo da minha própria mente. Portanto, já não era eu quem fazia aquilo, mas o pecado que habitava em mim; o castigo de um pecado cometido com maior liberdade, por ser eu um filho de Adão.

Pois, se há tantas naturezas contrárias quantas são as vontades em conflito, então haverá não apenas duas, mas muitas. Se um homem delibera se deve ir à reunião deles ou ao teatro, esses maniqueus gritam: Vejam, aqui estão duas naturezas: uma boa o atrai para cá; outra má o puxa de volta para lá. Pois de onde mais viria essa hesitação entre vontades em conflito?

Mas eu digo que ambas são más: tanto a que o atrai para eles como a que o puxa de volta para o teatro. Eles, porém, acreditam que a vontade que o atrai para eles só pode ser boa. E se um de nós deliberasse e, em meio à luta de suas duas vontades, ficasse indeciso entre ir ao teatro ou à nossa igreja? Esses maniqueus não ficariam também sem saber o que responder?

Pois ou teriam de confessar, o que de modo algum desejariam, que a vontade que leva à nossa igreja é boa, assim como a daqueles que receberam os mistérios da igreja deles e a eles estão ligados; ou teriam de supor duas naturezas más e duas almas más em conflito num só homem, e não seria verdade o que dizem, que há uma boa e outra má; ou teriam de se converter à

verdade e deixar de negar que, quando alguém delibera, uma só alma oscila entre vontades contrárias.

Que não digam mais, portanto, ao perceberem duas vontades em conflito num só homem, que o conflito se dá entre duas almas contrárias, de duas substâncias contrárias, provenientes de dois princípios contrários, um bom e outro mau.

Pois Tu, ó Deus verdadeiro, os refutas, os deténs e demonstras o erro deles; como quando, sendo más ambas as vontades, alguém delibera se deve matar um homem com veneno ou com a espada; se deve tomar esta ou aquela propriedade alheia, quando não pode tomar ambas; se deve comprar prazer pela luxúria ou guardar seu dinheiro por avareza; se deve ir ao circo ou ao teatro, caso ambos estejam abertos no mesmo dia; ou, como terceira opção, roubar a casa de outro, se tiver oportunidade; ou, como quarta, cometer adultério, se ao mesmo tempo também tiver meios para isso; encontrando-se tudo isso no mesmo instante e sendo tudo igualmente desejado, sem que tudo possa ser feito ao mesmo tempo: pois essas coisas dividem a mente entre quatro vontades em conflito, ou até mais, em meio à imensa variedade das coisas desejadas, e nem por isso eles alegam que há tantas substâncias diferentes.

Assim também acontece com as vontades que são boas. Pois eu lhes pergunto: é bom ter prazer em ler o Apóstolo? Ou é bom ter prazer num salmo sóbrio? Ou é bom conversar sobre o Evangelho? A cada pergunta responderão: "É bom." E se todas essas coisas derem igual prazer, todas ao mesmo tempo?

As diversas vontades não dividem a mente, enquanto a pessoa delibera sobre qual deve preferir? No entanto, todas são boas e permanecem em conflito até que uma seja escolhida, para a qual possa se dirigir a vontade inteira, antes dividida em muitas.

Assim também, quando a eternidade nos encanta no alto e o prazer de um bem temporal nos prende aqui embaixo, é a mesma alma que não quer isto ou aquilo com uma vontade inteira; e por isso é dividida por dolorosas perplexidades, enquanto, por causa da verdade, põe isto em primeiro lugar, mas, por causa do hábito, não deixa aquilo de lado.

Assim eu estava, doente da alma e atormentado, acusando-me com muito mais severidade do que de costume, revirando-me e debatendo-me em minha corrente, até que se rompesse por completo aquilo que agora mal me prendia, mas ainda me prendia.

E Tu, ó Senhor, me pressionavas no íntimo com uma severa misericórdia, redobrando os açoites do medo e da vergonha, para que eu não cedesse novamente e, deixando de romper aquele frágil laço que ainda restava, ele recuperasse a força e me prendesse ainda mais. Pois eu dizia comigo: "Que seja agora, que seja agora."

E, enquanto falava, quase o realizava: quase o fazia, mas não o fazia; contudo, não voltava ao meu estado anterior, mas me mantinha bem perto e tomava fôlego. E tentava novamente, e faltava um pouco menos, e um pouco menos, e quase tocava, quase alcançava aquilo; e, no entanto, não chegava lá, nem tocava, nem alcançava; hesitando em morrer para a morte e viver para a vida.

E o pior, a que eu estava habituado, tinha mais força sobre mim do que o melhor, a que não estava acostumado; e o próprio instante em que eu me tornaria diferente do que era, quanto mais se aproximava de mim, maior horror me causava; mas não me fazia recuar nem me afastava, apenas me mantinha em suspenso.

As mais fúteis futilidades e as vaidades das vaidades, minhas antigas amantes, ainda me prendiam; puxavam minha veste de carne e sussurravam suavemente: "Tu nos abandonas? E, a partir desse instante, nunca mais estaremos contigo, para sempre? E, a partir desse instante, isto ou aquilo nunca mais te será permitido, para sempre?"

E o que era que elas sugeriam naquilo que chamei de "isto ou aquilo"? O que sugeriam, ó meu Deus? Que a Tua misericórdia afaste isso da alma do Teu servo. Que impurezas sugeriam! Que vergonha!

E agora eu as ouvia muito menos que pela metade, e elas já não se mostravam abertamente nem me contradiziam, mas como que murmuravam às minhas costas e me puxavam às escondidas, quando eu me afastava, apenas para que olhasse para trás, para elas.

Ainda assim, elas me retardavam, de modo que eu hesitava em romper os laços, livrar-me delas e saltar para onde era chamado; e um hábito violento me dizia: "Pensas que podes viver sem elas?"

⁂

Mas agora ele falava muito fracamente. Pois, do lado para o qual eu voltara o rosto e para onde tremia de ir, apareceu-me a casta dignidade da Continência, serena, mas sem languidez, alegre, atraindo-me honradamente a vir

sem duvidar; e estendia, para me receber e abraçar, suas mãos santas, cheias de uma multidão de bons exemplos: ali havia tantos rapazes e moças, uma multidão de jovens e de pessoas de todas as idades, viúvas respeitáveis e virgens idosas; e em todos estava a própria Continência, não estéril, mas mãe fecunda de filhos de alegria, gerados por Ti, seu Esposo, ó Senhor.

E ela sorria para mim com uma zombaria persuasiva, como se dissesse: "Não podes fazer o que estes rapazes e estas moças podem? Ou será que eles o podem por si mesmos, e não no Senhor seu Deus? O Senhor seu Deus me deu a eles. Por que te apoias em ti mesmo e assim não consegues te manter de pé?

Lança-te sobre Ele, não temas: Ele não se afastará para que caias; lança-te sem medo sobre Ele, e Ele te receberá e te curará." E eu corava intensamente, porque ainda ouvia o murmúrio daquelas futilidades e permanecia em suspenso. E ela novamente parecia dizer: "Tapa os ouvidos para esses teus membros impuros sobre a terra, para que sejam mortificados.

Eles te falam de prazeres, mas não como a lei do Senhor teu Deus." Essa disputa em meu coração era apenas de mim contra mim mesmo. Mas Alípio, sentado bem ao meu lado, esperava em silêncio o desfecho de minha agitação incomum.

Mas, quando uma profunda reflexão reuniu, do fundo secreto da minha alma, toda a minha miséria e a amontoou diante dos olhos do meu coração, levantou-se uma grande tempestade, trazendo uma grande chuva de lágrimas.

Para poder derramá-las por inteiro, em suas manifestações naturais, levantei-me e me afastei de Alípio: a solidão me pareceu mais adequada ao ato de chorar; por isso me retirei para tão longe que nem mesmo a presença dele pudesse ser um peso para mim.

Assim eu estava então, e ele percebeu algo disso; pois creio que eu havia dito alguma coisa em que o tom da minha voz parecia sufocado pelo choro, e então me levantara. Ele ficou onde estávamos sentados, profundamente espantado.

Eu me lancei ao chão, não sei como, debaixo de uma figueira, dando livre curso às minhas lágrimas; e as torrentes dos meus olhos jorravam como um sacrifício agradável a Ti. E, embora não exatamente com estas palavras, mas com este sentido, muito Te falei: E Tu, ó Senhor, até quando? Até quando, Senhor, ficarás irado para sempre?

Não Te lembres de nossas antigas iniquidades, pois eu sentia que estava preso por elas. Ergui estas palavras dolorosas: Até quando, até quando, "amanhã e amanhã"? Por que não agora? Por que não pôr fim à minha impureza nesta hora?

Assim eu falava e chorava, na mais amarga contrição do meu coração, quando ouvi de uma casa vizinha uma voz, como de menino ou menina, não sei, cantando e repetindo muitas vezes: "Pega e lê; pega e lê."

Imediatamente, minha expressão mudou, e comecei a pensar com toda a atenção se as crianças costumavam cantar tais palavras em algum tipo de brincadeira; mas não conseguia me lembrar de já ter ouvido algo parecido. Então, contendo a torrente das minhas lágrimas, levantei-me, entendendo

aquilo como uma ordem de Deus para abrir o livro e ler o primeiro capítulo que encontrasse.

Pois eu tinha ouvido contar de Antão que, entrando durante a leitura do Evangelho, recebeu a advertência como se aquilo que estava sendo lido fosse dirigido a ele: Vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me. E por essa palavra divina ele imediatamente se converteu a Ti.

Voltei então, ansioso, ao lugar onde Alípio estava sentado, pois ali eu havia deixado o volume do Apóstolo quando me levantara. Peguei-o, abri-o e li em silêncio a passagem em que meus olhos primeiro caíram: Não em festas desregradas e bebedeiras, não em imoralidade sexual e devassidão, não em brigas e inveja; mas revistam-se do Senhor Jesus Cristo e não cuidem da carne para satisfazer seus desejos.

Não quis ler mais, nem precisava: pois, imediatamente ao terminar essa frase, como se uma luz de serenidade tivesse sido derramada em meu coração, todas as trevas da dúvida desapareceram.

Então, colocando o dedo entre as páginas, ou algum outro marcador, fechei o volume e, com o semblante sereno, contei a Alípio o que havia acontecido. E ele me mostrou assim o que se passara nele, sem que eu soubesse. Pediu para ver o que eu havia lido: eu lhe mostrei; e ele leu ainda além do ponto em que eu havia parado, e eu não sabia o que vinha a seguir.

Seguia-se isto: acolhei aquele que é fraco na fé; ele aplicou essas palavras a si mesmo e me revelou isso. E essa advertência o fortaleceu; e, com uma boa resolução e um propósito muito de acordo com seu caráter, no qual sempre

diferiu muito de mim para melhor, uniu-se a mim sem demora nem agitação. Dali fomos até minha mãe; contamos a ela; ela se alegrou.

Relatamos em ordem como tudo aconteceu; ela saltou de alegria, exultou e Te bendisse, a Ti, que podes fazer mais do que pedimos ou pensamos; pois percebeu que lhe havias concedido, a meu respeito, mais do que costumava implorar com seus gemidos lastimosos e cheios de tristeza.

Pois me converteste a Ti, de modo que eu já não buscava esposa nem qualquer esperança deste mundo, permanecendo naquela regra de fé em que me havias mostrado a ela numa visão, tantos anos antes.

E transformaste seu luto em alegria, muito mais abundante do que ela havia desejado, e de uma maneira muito mais preciosa e pura do que aquela que antes pedira, ao desejar netos gerados por mim.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO IX

✦

Ó Senhor, sou teu servo; sou teu servo e filho de tua serva: tu rompeste minhas correntes. Eu te oferecerei o sacrifício de louvor. Que meu coração e minha língua te louvem; sim, que todos os meus ossos digam: Ó Senhor, quem é semelhante a ti? Que eles digam, e tu me respondas e digas à minha alma: Eu sou tua salvação. Quem sou eu, e o que sou?

Que mal não houve em meus atos, ou, se não em meus atos, em minhas palavras, ou, se não em minhas palavras, em minha vontade? Mas tu, Senhor, és bom e misericordioso, e tua mão direita olhou para a profundidade de minha morte e esvaziou, do fundo do meu coração, aquele abismo de corrupção.

E toda essa tua dádiva consistiu em eu deixar de querer o que queria e passar a querer o que tu querias. Mas onde esteve, durante todos aqueles anos, e de que recanto baixo e profundo foi chamada, num instante, minha livre vontade, para que eu submetesse meu pescoço ao teu jugo suave e meus ombros ao teu fardo leve, ó Cristo Jesus, meu auxílio e meu Redentor?

Como de repente se tornou doce para mim ficar sem as doçuras daquelas futilidades! E aquilo de que eu temia me separar, agora era uma alegria deixar. Pois tu as expulsaste de mim, tu, verdadeira e suprema doçura.

Tu as expulsaste e, em seu lugar, entraste tu mesmo, mais doce que todo prazer, embora não para a carne e o sangue; mais luminoso que toda luz,

mas mais oculto que todas as profundezas; mais elevado que toda honra, mas não para os que se julgam elevados.

Agora minha alma estava livre das preocupações que a mordiam, de disputar favores e obter ganhos, de se revolver na imundície e de coçar a coceira da luxúria. E minha língua de criança falava livremente contigo, minha luz, minhas riquezas e minha saúde, o Senhor meu Deus.

E resolvi, diante de ti, retirar o serviço de minha língua dos mercados do trabalho das palavras, sem uma ruptura tumultuada, mas com um afastamento tranquilo, para que os jovens, que não estudavam tua lei nem tua paz, mas fantasias mentirosas e disputas judiciais, já não comprassem de minha boca armas para sua loucura.

E, muito oportunamente, faltavam agora pouquíssimos dias para as férias da vindima, e resolvi suportá-los, depois me despedir da maneira habitual e, tendo sido comprado por ti, não voltar a me pôr à venda. Nosso propósito era, portanto, conhecido por ti; mas, entre os homens, só nossos amigos o conheciam.

Pois havíamos combinado entre nós não o divulgar a ninguém, embora a nós, que já subíamos do vale de lágrimas e cantávamos aquele cântico de subida, tivesses dado flechas afiadas e brasas destruidoras contra a língua astuta, que, como se nos aconselhasse para nosso bem, procuraria nos contrariar e, por amor, nos devoraria como devora seu alimento.

Tu havias atravessado nossos corações com teu amor, e levávamos tuas palavras como que cravadas em nossas entranhas. E os exemplos de teus servos, que de escuros havias tornado luminosos e de mortos, vivos, reunidos

no depósito de nossos pensamentos, acendiam um fogo que consumia nosso pesado torpor, para que não afundássemos no abismo.

E nos inflamavam com tanta força que todos os sopros das línguas astutas dos que nos contradiziam só podiam nos fazer arder com mais intensidade, sem nos apagar.

Contudo, como, por causa de teu nome, que santificaste em toda a terra, esse nosso voto e propósito também poderia encontrar quem o elogiasse, parecia ostentação não esperar pelas férias, já tão próximas, mas abandonar antes do tempo uma profissão pública, exercida diante dos olhos de todos.

Assim, todos os que vissem esse meu ato e observassem como estava próximo o tempo da vindima, ao qual eu queria me antecipar, falariam muito de mim, como se eu tivesse desejado parecer alguém importante. E de que me serviria que as pessoas julgassem e discutissem meu propósito, e que falassem mal do bem que fazíamos?

Além disso, a princípio me havia perturbado que, naquele mesmo verão, em meio a um trabalho literário excessivo, meus pulmões começassem a fraquejar, tornando difícil respirar fundo, mostrando pela dor no peito que estavam lesionados e impedindo qualquer fala em voz plena ou prolongada.

Isso me havia perturbado porque quase me obrigava a abandonar aquele fardo do ensino ou, caso eu pudesse me curar e recuperar, ao menos interrompê-lo. Mas, quando surgiu e se firmou em mim o desejo pleno de ter tempo livre para reconhecer que tu és o Senhor, meu Deus, tu sabes, comecei até a me alegrar por ter essa segunda desculpa, que era verdadeira e po-

deria diminuir um pouco o desagrado daqueles que, por causa de seus filhos, desejavam que eu nunca tivesse a liberdade de teus filhos.

Cheio, então, dessa alegria, aguentei até passar aquele intervalo de tempo. Talvez fossem uns vinte dias, mas foram suportados com firmeza; suportados, pois a cobiça, que antes carregava uma parte daquele pesado trabalho, havia me deixado, e eu ficara sozinho e teria sido esmagado se a paciência não tivesse tomado seu lugar.

Talvez alguns de teus servos, meus irmãos, digam que pequei nisso: com o coração inteiramente voltado para teu serviço, permiti-me permanecer por uma hora sequer na cadeira da mentira. E eu não discutiria. Mas não perdoaste e apagaste também esse pecado, ó Senhor tão misericordioso, junto com meus outros pecados tão horríveis e mortais, na água santa?

Verecundo se consumia de preocupação com essa nossa felicidade, pois, retido por laços que o prendiam com muita força, via que ficaria separado de nós. Ele próprio ainda não era cristão, mas sua esposa era uma das fiéis; e, no entanto, essa circunstância o detinha e impedia, com mais rigidez que qualquer outra corrente, de seguir o caminho que agora havíamos começado.

Pois ele dizia que só se tornaria cristão sob condições que não podia cumprir. Ainda assim, ofereceu-nos gentilmente sua casa de campo para permanecermos nela pelo tempo que ficássemos ali. Tu, Senhor, o recompensarás na ressurreição dos justos, pois já lhe deste a parte que cabe aos justos.

Pois, embora em nossa ausência, quando já estávamos em Roma, ele tenha sido acometido por uma doença do corpo e, durante ela, tenha se tornado

cristão e um dos fiéis, partindo desta vida, tiveste misericórdia não só dele, mas também de nós, para que, lembrando a imensa bondade de nosso amigo para conosco, mas sem poder contá-lo entre os de teu rebanho, não fôssemos atormentados por uma tristeza insuportável.

Graças a ti, nosso Deus, somos teus. Tuas inspirações e consolações nos dizem que tu, fiel em tuas promessas, recompensas agora Verecundo por sua casa de campo em Cassicíaco, onde descansamos em ti da febre do mundo, com o frescor eterno de teu Paraíso, pois perdoaste seus pecados na terra, naquele monte fértil, naquele monte que produz leite, teu próprio monte.

⁂

Ele, portanto, estava triste naquele tempo, mas Nebrídio estava alegre. Pois, embora também ele, ainda sem ser cristão, tivesse caído no poço daquele erro tão pernicioso, acreditando que a carne de teu Filho era um fantasma, saiu de lá e passou a crer como nós. Ainda não havia recebido nenhum sacramento de tua Igreja, mas era um ardente buscador da verdade.

Não muito depois de nossa conversão e regeneração por teu batismo, quando ele também já era um membro fiel da Igreja Católica e te servia em perfeita castidade e continência entre os seus na África, tendo toda a sua casa se tornado cristã por meio dele, tu o libertaste da carne; e agora ele vive no seio de Abraão.

Seja o que for aquilo que esse seio significa, ali vive meu Nebrídio, meu doce amigo e teu filho, Senhor, de liberto feito filho adotivo: ali ele vive. Pois que outro lugar haveria para uma alma assim? Ali ele vive, naquele lu-

gar sobre o qual tanto me perguntava, a mim, um pobre homem sem experiência.

Agora já não aproxima o ouvido de minha boca, mas sua boca espiritual de tua fonte, e bebe o quanto pode receber, sabedoria na medida de sua sede, feliz para sempre. E não creio que esteja tão embriagado dela a ponto de se esquecer de mim, pois tu, Senhor, de quem ele bebe, te lembras de nós.

Assim estávamos então, consolando Verecundo, que, até onde a amizade permitia, se entristecia por nossa conversão ser daquela natureza, e exortando-o a se tornar fiel conforme sua condição, isto é, a de homem casado; e esperando que Nebrídio nos seguisse, o que, estando tão perto, ele quase já fazia.

E assim, enfim, aqueles dias passaram, pois longos e numerosos me pareciam, pelo amor que eu tinha à liberdade tranquila de poder cantar a ti, do mais profundo de meu ser: Meu coração te disse: Busquei teu rosto; teu rosto, Senhor, buscarei.

Chegou então o dia em que eu seria de fato libertado de meu cargo de professor de retórica, do qual já estava livre em pensamento. E assim aconteceu. Tu resgataste minha língua, assim como antes havias resgatado meu coração. E eu te bendisse, cheio de alegria, retirando-me com todos os meus para a casa de campo.

Meus livros podem testemunhar o que ali fiz por escrito, agora a serviço de ti, embora ainda, nesse tempo que era como uma pausa para respirar, eu estivesse ofegante por ter saído da escola do orgulho: tanto o que debati com

outros quanto o que debati comigo mesmo, a sós diante de ti. Do que tratei com Nebrídio, que estava ausente, minhas cartas dão testemunho.

E quando terei tempo para contar todos os grandes benefícios que nos concedeste naquela época, sobretudo quando me apresso em direção a misericórdias ainda maiores?

Pois minha lembrança me chama de volta, e é agradável para mim, Senhor, confessar a ti com que estímulos interiores me domaste; e como me nivelaste, rebaixando os montes e as colinas de minhas imaginações altivas, endireitando o que havia de torto em mim e alisando meus caminhos ásperos; e como também submeteste o irmão de meu coração, Alípio, ao nome de teu Filho único, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, nome que a princípio ele não se dignava a permitir que fosse incluído em nossos escritos.

Pois preferia que eles tivessem o aroma dos altos cedros das escolas, que o Senhor agora derrubou, ao das ervas salutares da Igreja, o antídoto contra as serpentes.

Ah, com que acentos eu falava contigo, meu Deus, quando lia os salmos de Davi, aqueles cânticos fiéis e sons de devoção que não admitem um espírito inchado de orgulho!

Eu ainda era catecúmeno e principiante no verdadeiro amor por ti, descansando naquela casa de campo com Alípio, também catecúmeno, e com minha mãe junto de nós, em vestes de mulher e com uma fé viril, com a tranquilidade da idade, o amor de mãe e a piedade cristã!

Ah, com que acentos eu me dirigia a ti naqueles salmos, e como eles me inflamavam por ti e me faziam arder de vontade de recitá-los, se possível,

pelo mundo inteiro, contra o orgulho da humanidade! E, no entanto, eles são cantados pelo mundo inteiro, e ninguém pode se esconder de teu calor. Com que tristeza intensa e amarga eu me indignava contra os maniqueus!

E, ao mesmo tempo, tinha pena deles, pois não conheciam aqueles sacramentos, aqueles remédios, e se enfureciam contra o antídoto que poderia curá-los de sua loucura.

Como eu desejava que eles estivessem então em algum lugar perto de mim e, sem que eu soubesse de sua presença, pudessem ver meu rosto e ouvir minhas palavras quando eu lia o quarto salmo naquele tempo de meu descanso, e ver como aquele salmo agia em mim: Quando clamei, o Deus de minha justiça me ouviu; na tribulação tu me deste alívio.

Tem misericórdia de mim, Senhor, e ouve minha oração. Quem dera pudessem ouvir o que eu dizia a respeito dessas palavras, sem que eu soubesse se estavam ouvindo, para que não pensassem que eu falava por causa deles!

Pois, na verdade, eu não diria as mesmas coisas, nem da mesma maneira, se percebesse que eles me ouviam e me viam; e, mesmo que as dissesse, eles não as receberiam como quando eu falava comigo e por mim diante de ti, a partir dos sentimentos espontâneos de minha alma.

Eu tremia de medo e de novo me inflamava de esperança e de alegria em Tua misericórdia, ó Pai; e tudo transbordava pelos meus olhos e pela minha voz, quando Teu bom Espírito, voltando-se para nós, dizia: Ó filhos dos homens, até quando tereis o coração insensível? Por que amais a vaidade e buscais a mentira? Pois eu havia amado a vaidade e buscado a mentira.

E Tu, Senhor, já havias engrandecido Teu Santo, ressuscitando-o dos mortos e colocando-o à Tua direita, de onde Ele enviaria do alto Aquele que havia prometido, o Consolador, o Espírito da verdade. E Ele já o havia enviado, mas eu não sabia; havia-o enviado porque já fora engrandecido, ressuscitando dos mortos e subindo ao céu.

Pois até então o Espírito ainda não havia sido dado, porque Jesus ainda não fora glorificado. E o profeta clama: Até quando tereis o coração insensível? Por que amais a vaidade e buscais a mentira? Sabei que o Senhor engrandeceu Seu Santo. Ele clama: Até quando? Ele clama: Sabei isto; e eu, por tanto tempo, sem saber, amei a vaidade e busquei a mentira.

Por isso ouvi e tremi, porque aquelas palavras eram dirigidas a pessoas como eu me lembrava de ter sido. Pois naquelas ilusões que eu havia tomado por verdades havia vaidade e mentira; e falei em voz alta muitas coisas, com fervor e veemência, na amargura de minhas lembranças. Quem dera me tivessem ouvido aqueles que ainda amam a vaidade e buscam a mentira!

Talvez se tivessem perturbado e a tivessem vomitado; e Tu os ouvirias quando clamassem a Ti; pois morreu por nós, com uma verdadeira morte na carne, Aquele que agora intercede por nós junto a Ti.

⁂

Li ainda: Irai-vos e não pequeis. E como me comovi, ó meu Deus, eu que agora havia aprendido a me indignar comigo mesmo pelas coisas passadas, para não pecar no futuro!

Sim, a me indignar com razão; pois não era outra natureza, a de um povo de trevas, que pecava em meu lugar, como dizem aqueles que não se indignam consigo mesmos e acumulam ira para o dia da ira e da revelação de Teu justo julgamento.

Meus bens já não estavam fora de mim, nem eram buscados com os olhos da carne naquele sol terreno; pois aqueles que querem obter alegria de fora logo se tornam vãos e se consomem nas coisas visíveis e passageiras, e, em seus pensamentos famintos, lambem até as sombras delas. Quem dera se cansassem de sua fome e dissessem: Quem nos mostrará coisas boas?

E nós diríamos, e eles ouviriam: A luz de Teu rosto está gravada sobre nós. Pois não somos aquela luz que ilumina todo ser humano, mas somos iluminados por Ti; para que, tendo sido outrora trevas, sejamos luz em Ti.

Quem dera pudessem ver a eterna Realidade interior, que eu havia saboreado e que me entristecia não poder lhes mostrar, enquanto me apresentavam o coração em seus olhos, que vagavam para longe de Ti, e diziam: Quem nos mostrará coisas boas?

Pois ali, onde eu me indignava comigo mesmo em meu quarto, onde sentia o coração ferido, onde havia oferecido um sacrifício, matando meu velho homem e começando o propósito de uma vida nova, depositando minha confiança em Ti — ali havias começado a me ser doce e havias posto alegria em meu coração. E eu clamava ao ler essas palavras por fora e encontrar sua verdade por dentro.

Tampouco desejava que os bens terrenos me multiplicassem; desperdiçando o tempo e sendo consumido pelo tempo; pois eu tinha, em Tua

eterna Essência simples, outro trigo, vinho e azeite.

E com um forte grito do coração clamei no verso seguinte: Ó, em paz! Ó, pelo Sempre o Mesmo! Ó, o que foi que ele disse? Eu me deitarei e dormirei; pois quem nos impedirá, quando se cumprir aquilo que está escrito: A morte foi tragada pela vitória?

E Tu és, de modo supremo, o Sempre o Mesmo, que não muda; e em Ti há um descanso que faz esquecer todo esforço, pois nenhum outro existe contigo, nem devemos buscar aquelas muitas outras coisas que não são o que Tu és; mas só Tu, Senhor, me fizeste habitar na esperança.

Eu lia e me inflamava; e não sabia o que fazer por aqueles surdos e mortos, entre os quais eu mesmo estivera, homem nocivo, que gritava com amargura e cegueira contra aqueles escritos, adoçados com o mel do céu e iluminados por Tua própria luz; e eu me consumia de zelo contra os inimigos desta Escritura.

Quando poderei recordar tudo o que aconteceu naqueles dias de descanso santo? Porém, não esqueci nem deixarei de mencionar a severidade de Teu açoite e a maravilhosa rapidez de Tua misericórdia.

Tu então me atormentaste com uma dor nos dentes; e, quando ela chegou a tal ponto que eu não conseguia falar, veio-me ao coração o desejo de pedir a todos os meus amigos presentes que orassem por mim a Ti, o Deus de toda forma de saúde. Escrevi isso numa tabuinha de cera e lhes dei para ler. Assim que dobramos os joelhos com humilde devoção, aquela dor desapareceu.

Mas que dor era aquela? E como desapareceu? Fiquei assombrado, ó meu Senhor, meu Deus; pois desde a infância eu nunca havia experimentado algo semelhante. E o poder de um sinal Teu me foi profundamente revelado; e, alegrando-me na fé, louvei Teu Nome.

E essa fé não me permitia ficar tranquilo quanto aos meus pecados passados, que ainda não me haviam sido perdoados por Teu batismo.

Terminadas as férias da vindima, avisei aos milaneses que providenciassem para seus estudantes outro mestre que lhes vendesse palavras; pois eu havia escolhido servir a Ti e, por causa de minha dificuldade para respirar e da dor no peito, não tinha condições de exercer o magistério.

E, por cartas, dei a conhecer a Teu bispo, o santo homem Ambrósio, meus antigos erros e meus desejos presentes, pedindo-lhe conselho sobre o que seria melhor ler de Tuas Escrituras, para me tornar mais preparado e apto a receber tão grande graça.

Ele recomendou o profeta Isaías; creio que por ser, mais do que os outros, um anunciador mais claro do Evangelho e do chamado dos gentios. Mas eu, não entendendo a primeira passagem que li e imaginando que todo o livro fosse assim, deixei-o de lado, para retomá-lo quando estivesse mais familiarizado com as palavras de nosso Senhor.

Então, quando chegou o tempo de inscrever meu nome, deixamos o campo e voltamos a Milão. Alípio também quis renascer em Ti comigo, já revestido da humildade que convém a Teus Sacramentos; e era tão valente em dominar o corpo que, com ousadia incomum, percorria descalço o chão gelado da Itália.

Levamos conosco o menino Adeodato, nascido de mim segundo a carne, fruto de meu pecado. Tu o havias feito de maneira excelente. Ainda não tinha quinze anos e, em inteligência, superava muitos homens respeitáveis e instruídos.

Reconheço diante de Ti os Teus dons, ó Senhor meu Deus, Criador de tudo e plenamente capaz de corrigir nossas deformidades; pois nada havia de meu naquele menino, a não ser o pecado. Quanto a o termos criado em Tua disciplina, foste Tu, e ninguém mais, que nos inspiraste a fazê-lo. Reconheço diante de Ti os Teus dons.

Há um livro nosso intitulado O Mestre; é um diálogo entre ele e mim. Tu sabes que todas as ideias ali atribuídas à pessoa que conversa comigo eram dele, quando tinha quinze anos. Descobri nele muitas outras coisas ainda mais admiráveis. Aquele talento me enchia de assombro. E quem, senão Tu, poderia ser o autor de tais maravilhas?

Logo tiraste sua vida da terra; e agora me lembro dele sem inquietação, sem nada temer por sua infância, por sua juventude ou por todo o seu ser. Nós o levamos conosco, nosso companheiro de idade na graça, para ser criado em Tua disciplina; e fomos batizados, e desapareceu nossa inquietação pela vida passada.

Naqueles dias, eu não me saciava da maravilhosa doçura de contemplar a profundidade de Teus desígnios para a salvação da humanidade. Como chorei em Teus Hinos e Cânticos, tocado no mais íntimo pelas vozes harmoniosas de Tua Igreja!

As vozes entravam em meus ouvidos, e a Verdade se derramava em meu coração, de onde transbordavam os sentimentos de minha devoção; as lágrimas corriam, e nelas eu era feliz.

⁂

Não fazia muito tempo que a Igreja de Milão havia começado a usar essa forma de consolo e exortação, com os irmãos unindo fervorosamente suas vozes e seus corações em harmonia. Pois havia um ano, ou pouco mais, que Justina, mãe do imperador Valentiniano, ainda criança, perseguia Teu servo Ambrósio em favor de sua heresia, à qual fora seduzida pelos arianos.

O povo devoto mantinha vigília na igreja, pronto a morrer com seu bispo, Teu servo. Ali minha mãe, Tua serva, que tinha grande parte naquelas inquietações e vigílias, vivia para a oração. Nós, ainda não aquecidos pelo calor de Teu Espírito, mesmo assim nos comovíamos ao ver a cidade assustada e inquieta.

Foi então que se instituiu pela primeira vez que se cantassem Hinos e Salmos, à maneira das Igrejas do Oriente, para que o povo não desfalecesse com o peso prolongado da tristeza; e daquele dia até hoje o costume permanece, sendo seguido também por várias, sim, quase todas as Tuas congregações em outras partes do mundo.

Foi então que, por meio de uma visão, revelaste a Teu bispo já mencionado onde estavam escondidos os corpos dos mártires Gervásio e Protásio, que havias conservado incorruptos por tantos anos em Teu tesouro secreto, para que os fizesses aparecer no momento oportuno e contivesses a fúria de uma mulher que era, contudo, imperatriz.

Pois, quando foram descobertos, desenterrados e transferidos com a devida honra para a Basílica Ambrosiana, não só foram curados os que eram atormentados por espíritos impuros, confessando os próprios demônios quem eram, mas também certo homem que havia muitos anos era cego, cidadão bem conhecido na cidade, ao perguntar e ouvir a razão da alegria agitada do povo, levantou-se de um salto e pediu a seu guia que o levasse até lá.

Ao chegar, pediu que lhe permitissem tocar com seu lenço a padiola de Teus santos, cuja morte é preciosa aos Teus olhos. Depois de fazer isso e levar o lenço aos olhos, eles imediatamente se abriram.

Daí se espalhou a notícia; daí arderam e brilharam Teus louvores; daí o espírito daquela inimiga, embora não se voltasse para a integridade da fé, recuou de sua fúria perseguidora. Graças a Ti, ó meu Deus. De onde e para onde conduziste assim minha lembrança, para que eu também reconhecesse essas coisas diante de Ti? Embora grandes, eu as havia deixado passar no esquecimento.

E, no entanto, mesmo então, quando o perfume de Teus unguentos era tão fragrante, não corríamos atrás de Ti. Por isso eu chorava ainda mais ao ouvir o canto de Teus Hinos, antes suspirando por Ti e enfim respirando em Ti, até onde o sopro pode entrar nesta nossa casa de erva.

Tu, que fazes os homens viverem em harmonia numa mesma casa, uniste a nós também Evódio, um jovem de nossa própria cidade. Ele era funcionário da corte e, antes de nós, havia se convertido a Ti e sido batizado; deixando o serviço do mundo, preparou-se para o Teu. Estávamos juntos, prestes a morar juntos em nosso propósito de devoção.

Procurávamos onde poderíamos servir-Te com mais proveito e voltávamos juntos para a África. Nessa viagem, quando já estávamos em Óstia, minha mãe deixou esta vida. Omite muita coisa, pois tenho muita pressa. Recebe minhas confissões e ações de graças, ó meu Deus, pelas inúmeras coisas sobre as quais me calo.

Mas não omitirei nada do que minha alma quiser expressar a respeito daquela Tua serva que me deu à luz, tanto na carne, para que eu nascesse para esta luz passageira, como no coração, para que eu nascesse para a Luz eterna. Quero falar dos dons que vinham de Ti nela, e não dos que fossem dela mesma, pois ela não criou nem educou a si própria.

Tu a criaste; nem seu pai nem sua mãe sabiam que pessoa nasceria deles. E o cetro do Teu Cristo, a disciplina do Teu Filho único, numa casa cristã, bom membro de Tua Igreja, educou-a no Teu temor.

Entretanto, pela boa educação que recebera, ela costumava elogiar menos o cuidado de sua mãe do que o de certa serva muito idosa, que havia carregado seu pai quando criança, como os pequenos costumam ser carregados nas costas das meninas mais velhas.

Por esse motivo, por sua idade avançada e por sua excelente conduta, ela era muito respeitada pelos chefes daquela família cristã. Por isso também lhe confiaram o cuidado das filhas de seu senhor, ao qual se dedicava com atenção, contendo-as com firmeza, quando necessário, com santa severidade, e ensinando-as com prudência e seriedade.

Pois, fora dos horários em que recebiam alimento com muita moderação à mesa dos pais, ela não lhes permitia beber nem mesmo água, ainda que es-

tivessem ardendo de sede.

Assim evitava um mau costume e acrescentava este conselho saudável: "Agora vocês bebem água porque não têm vinho à sua disposição; mas, quando se casarem e se tornarem donas de adegas e despensas, desprezarão a água, enquanto o costume de beber permanecerá."

Com esse método de ensino e a autoridade que possuía, ela refreava a avidez da infância e acostumava a própria sede delas a uma moderação tão excelente que elas não queriam aquilo que não deviam.

⁂

E, no entanto, como Tua serva contou a mim, seu filho, o gosto pelo vinho havia se insinuado nela. Pois, quando seus pais, como era costume, mandavam que ela, tida por uma moça sóbria, tirasse vinho do tonel, ela segurava o recipiente sob a abertura e, antes de despejar o vinho na jarra, provava um pouco com a ponta dos lábios, pois seus impulsos naturais rejeitavam uma quantidade maior.

Fazia isso sem nenhum desejo de beber, mas pela exuberância da juventude, que transborda em brincadeiras alegres, geralmente contidas nos jovens pela seriedade dos mais velhos.

E assim, acrescentando àquele pouco outros pequenos goles a cada dia — pois quem despreza as pequenas coisas cairá pouco a pouco —, adquiriu o hábito de beber avidamente sua pequena taça quase cheia de vinho. Onde estava então aquela velha prudente, com suas proibições tão firmes?

Alguma coisa poderia vencer uma doença secreta, se Tua mão curadora, ó Senhor, não velasse por nós? Ausentes o pai, a mãe e os responsáveis, mas presente Tu, que crias, que chamas e que também por meio daqueles que estão acima de nós realizas algo para a salvação de nossas almas, o que fizeste então, ó meu Deus? Como a curaste? Como lhe devolveste a saúde?

Não fizeste sair de outra alma uma censura dura e cortante, como uma lanceta tirada de Teu arsenal secreto, e com um só toque removeste toda aquela impureza? Pois uma serva, que costumava acompanhá-la à adega, discutindo, como acontece, com sua jovem senhora, quando estavam a sós, censurou-a por esse defeito com um insulto muito amargo, chamando-a de beberrona.

Ferida no mais íntimo por essa censura, ela viu a feiura de sua falta e imediatamente a condenou e abandonou. Assim como os amigos que bajulam corrompem, os inimigos que censuram muitas vezes corrigem. Contudo, Tu os recompensas pelo que eles próprios pretenderam, e não pelo que realizas por meio deles.

Pois aquela serva, em sua raiva, procurou magoar sua jovem senhora, e não corrigi-la; e fez isso em particular, ou porque a hora e o lugar da discussão assim as encontraram, ou para que ela mesma não provocasse ira por revelar aquilo tão tarde.

Mas Tu, Senhor, que governas tudo no céu e na terra, que diriges aos Teus propósitos as correntes mais profundas e a turbulência da maré dos tempos, sujeita ao Teu governo, curaste uma alma por meio da própria doença de outra, para que ninguém, ao observar isso, atribua à própria força a mu-

dança de alguém que desejava corrigir, mesmo quando essa pessoa se corrige por suas palavras.

Criada assim com modéstia e sobriedade, e submetida aos pais mais por Ti do que a Ti pelos pais, assim que chegou à idade de casar, foi dada a um marido e o serviu como a seu senhor. Empenhava-se em conquistá-lo para Ti, anunciando-Te a ele por sua conduta, com a qual Tu a adornavas, tornando-a digna de respeito, amável e admirável aos olhos do marido.

Suportava as infidelidades dele sem jamais discutir com ele por esse motivo. Pois esperava que Tua misericórdia viesse sobre ele, para que, crendo em Ti, se tornasse casto. Além disso, ele era ardente tanto nos afetos como na ira; mas ela havia aprendido a não contrariar o marido quando estava irado, nem por atos nem sequer por palavras.

Apenas quando ele se acalmava e ficava tranquilo, disposto a ouvi-la, ela explicava suas ações, caso ele tivesse se ofendido precipitadamente. Enfim, enquanto muitas mulheres casadas, cujos maridos eram mais mansos, traziam até no rosto marcas humilhantes e, em conversas íntimas, censuravam a conduta dos maridos, ela censurava a língua delas, dando-lhes, como de brincadeira, um conselho sério: "Desde o momento em que ouviram a leitura dos documentos do casamento, deveriam considerá-los contratos pelos quais se tornaram servas; e assim, lembrando-se de sua condição, não deveriam se levantar contra seus senhores."

E elas, sabendo que marido irascível ela suportava, admiravam-se de que nunca se tivesse ouvido nem percebido por qualquer sinal que Patrício havia batido na esposa, ou que houvera alguma desavença doméstica entre

eles, nem por um só dia. Quando lhe perguntavam em particular o motivo disso, ela lhes ensinava a prática que mencionei acima.

As esposas que a seguiam viam seus benefícios e agradeciam; as que não a seguiam não encontravam alívio e sofriam.

Também sua sogra, a princípio enfurecida contra ela pelos cochichos de servos maldosos, foi de tal modo conquistada por seu respeito, sua paciência perseverante e sua mansidão que, por iniciativa própria, revelou ao filho quais eram as línguas intrometidas que haviam perturbado a paz doméstica entre ela e a nora, pedindo-lhe que as corrigisse.

Então, depois que ele, atendendo à mãe e para manter a boa ordem da família, castigou com açoites os denunciados, conforme o desejo de quem os havia denunciado, ela prometeu a mesma recompensa a qualquer um que, para agradá-la, lhe falasse mal da nora. Como ninguém mais se atreveu, elas passaram a viver juntas na admirável doçura de uma bondade recíproca.

Também concedeste este grande dom, ó meu Deus, minha misericórdia, àquela boa serva Tua, em cujo ventre me criaste: entre pessoas que divergiam e estavam em discórdia, sempre que podia, ela se mostrava uma pacificadora tão dedicada que, ouvindo de ambos os lados as coisas mais amargas, como aquelas que uma ira crescente e mal digerida costuma fazer explodir, quando o rancor das inimizades é exalado em conversas azedas com um amigo presente contra um inimigo ausente, nunca revelava de um ao outro coisa alguma, a não ser o que pudesse contribuir para a reconciliação deles.

Isso poderia me parecer um pequeno bem, se eu não conhecesse, para minha tristeza, inúmeras pessoas que, por algum contágio horrível e disseminado do pecado, não só revelam às pessoas mutuamente iradas o que foi dito com raiva, mas ainda acrescentam coisas que nunca foram ditas.

No entanto, a uma humanidade compassiva deveria parecer pouco deixar de alimentar ou aumentar a hostilidade com palavras más, se não procurasse também apagá-la com palavras boas. Assim era ela, pois Tu mesmo, seu Mestre mais íntimo, a ensinavas na escola do coração.

⁂

Por fim, ela conquistou para Ti o próprio marido, já perto do fim de sua vida terrena; e, depois que ele se tornou crente, ela não teve de se queixar daquilo que havia suportado dele antes que cresse.

Era também serva dos Teus servos; todos os que a conheceram muito Te louvavam, honravam e amavam nela, pois, pelo testemunho dos frutos de uma conduta santa, percebiam Tua presença em seu coração.

Pois havia sido esposa de um só homem, havia retribuído aos pais seus cuidados, havia governado sua casa com devoção, era estimada por suas boas obras e havia criado os filhos, sofrendo por eles as dores do parto tantas vezes quantas os via se afastarem de Ti.

Enfim, de todos nós, Teus servos, ó Senhor — a quem permites falar de Teu próprio dom —, nós que, antes que ela adormecesse em Ti, vivíamos unidos, tendo recebido a graça do Teu batismo, ela cuidou como se fosse mãe de todos nós; e nos serviu como se fosse filha de todos nós.

Já se aproximava o dia em que ela deixaria esta vida — dia que Tu conhecias bem e nós desconhecíamos —, quando aconteceu, por uma disposição de Teus caminhos secretos, como creio, que ela e eu estávamos a sós, apoiados numa janela que dava para o jardim da casa onde nos hospedávamos em Óstia.

Ali, afastados do barulho das pessoas, recuperávamos as forças das fadigas de uma longa jornada, preparando-nos para a viagem por mar. Conversávamos então a sós, com muita doçura; e, esquecendo o que ficava para trás e avançando para o que estava à frente, procurávamos saber entre nós, na presença da Verdade, que és Tu, como seria a vida eterna dos santos, que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e que não entrou no coração humano.

Mas, com a boca de nosso coração, ansiávamos pelas correntes celestiais de Tua fonte, a fonte da vida, que está junto de Ti, para que, recebendo seu orvalho conforme nossa capacidade, pudéssemos de algum modo meditar sobre tão elevado mistério.

E, quando nossa conversa chegou ao ponto de reconhecermos que o mais elevado prazer dos sentidos terrenos, na mais pura luz material, diante da doçura daquela vida, não era digno sequer de menção, muito menos de comparação, nós nos elevamos com um afeto mais ardente para Aquele que é "sempre o mesmo" e passamos, pouco a pouco, por todas as coisas corpóreas, até pelo próprio céu, de onde o sol, a lua e as estrelas brilham sobre a terra.

Sim, subíamos ainda mais, pela meditação interior, pela conversa e pela admiração de Tuas obras; chegamos à nossa própria mente e a ultrapassamos,

para alcançar aquela região de abundância inesgotável, onde alimentas Israel para sempre com o alimento da verdade, e onde a vida é a Sabedoria, por quem são feitas todas estas coisas, as que existiram e as que existirão.

Ela não é feita, mas é, como foi e como será para sempre; ou melhor, nela não existem o "ter sido" e o "vir a ser", mas apenas o "ser", pois ela é eterna. Porque "ter sido" e "vir a ser" não são eternos.

E, enquanto conversávamos e ansiávamos por ela, nós a tocamos de leve com todo o esforço de nosso coração; suspiramos e ali deixamos presas as primícias do Espírito; e voltamos às palavras pronunciadas por nossa boca, nas quais a palavra falada tem princípio e fim. E o que se compara à Tua Palavra, nosso Senhor, que permanece em si mesmo sem envelhecer e renova todas as coisas?

Dizíamos então: Se para alguém se calasse o tumulto da carne, se calassem as imagens da terra, das águas e do ar, se calasse também a abóbada do céu, e até a própria alma se calasse para si mesma e, deixando de pensar em si, se elevasse acima de si; se calassem todos os sonhos e revelações imaginárias, toda língua e todo sinal, e tudo o que existe apenas de passagem, pois, se alguém pudesse ouvir, todas essas coisas dizem: Não fizemos a nós mesmas, mas nos fez Aquele que permanece para sempre — se então, depois de dizerem isso, elas também se calassem, tendo apenas despertado nossos ouvidos para Aquele que as fez, e só Ele falasse, não por meio delas, mas por si mesmo, para que ouvíssemos Sua Palavra, não por alguma língua de carne, nem pela voz de um Anjo, nem pelo som do trovão, nem pelo enigma obscuro de uma comparação, mas pudéssemos ouvir Aquele que amamos nessas coisas, pudéssemos ouvir a Ele mesmo sem elas (como nós dois agora

nos esforçávamos e, num pensamento veloz, tocávamos aquela Sabedoria Eterna que permanece acima de tudo); se isso pudesse continuar, e fossem afastadas outras visões de natureza muito diferente, e essa única visão arrebatasse, absorvesse e envolvesse quem a contemplasse nessas alegrias interiores, de modo que a vida fosse para sempre como aquele único instante de compreensão pelo qual agora suspirávamos; não seria isso: Entra na alegria do teu Senhor? E quando será isso? Quando todos ressuscitarmos, embora nem todos sejamos transformados?

Essas coisas eu dizia e, mesmo que não fosse exatamente dessa maneira e com essas mesmas palavras, ainda assim, Senhor, Tu sabes que naquele dia, quando falávamos dessas coisas e este mundo com todos os seus prazeres se tornava desprezível para nós enquanto conversávamos, minha mãe disse: "Filho, de minha parte, já não encontro prazer em coisa alguma nesta vida.

O que ainda faço aqui e para que estou aqui, não sei, agora que minhas esperanças neste mundo se realizaram. Havia uma coisa pela qual eu desejava permanecer por algum tempo nesta vida: ver-te cristão católico antes de morrer. Meu Deus me concedeu isso ainda mais abundantemente, pois agora também te vejo desprezar a felicidade terrena e tornar-te Seu servo: o que faço aqui?"

Não me lembro do que lhe respondi a essas coisas. Pois, apenas cinco dias depois, ou não muito mais, ela adoeceu com febre; e, durante essa doença, certo dia desmaiou e por algum tempo ficou alheia a estas coisas visíveis. Corremos para junto dela; mas logo recobrou os sentidos e, olhando para mim e para meu irmão, que estávamos ao seu lado, perguntou: "Onde eu estava?"

Então, olhando fixamente para nós, espantada com a nossa dor, disse: "Aqui vocês enterrarão sua mãe." Fiquei em silêncio e contive o choro; mas meu irmão disse alguma coisa, desejando para ela, como destino mais feliz, que morresse em sua própria terra, e não num lugar estranho.

Diante disso, ela o olhou com inquietação, repreendendo-o com os olhos porque ele ainda se prendia a essas coisas, e então, olhando para mim, disse: "Veja o que ele diz." E, pouco depois, disse a nós dois: "Coloquem este corpo em qualquer lugar; que a preocupação com isso não perturbe vocês de modo algum.

Só lhes peço isto: que se lembrem de mim no altar do Senhor, onde quer que estejam." E, tendo expressado esse desejo com as palavras que pôde, calou-se, afligida pelo agravamento da doença.

⁂

Mas eu, considerando os Teus dons, Deus invisível, que infundes nos corações dos Teus fiéis, dos quais brotam frutos admiráveis, alegrava-me e Te dava graças, lembrando o que já sabia: quanto cuidado e preocupação ela sempre tivera com o lugar de sua sepultura, que havia providenciado e preparado para si junto ao corpo do marido.

Pois, como tinham vivido juntos em grande harmonia, ela também desejava (tão pouco a mente humana consegue compreender as coisas divinas) acrescentar isso àquela felicidade e deixar entre as pessoas a lembrança de que, depois de sua peregrinação além dos mares, fora permitido que os restos terrenos daquele casal unido se reunissem sob a mesma terra.

Mas eu não sabia quando essa vaidade começara a desaparecer de seu coração pela plenitude da Tua bondade, e me alegrava, admirado com o que ela assim me revelara; embora, de fato, também naquela nossa conversa à janela, quando ela disse: "O que ainda faço aqui?", não tivesse demonstrado desejo algum de morrer em sua própria terra.

Depois também ouvi dizer que, quando já estávamos em Óstia, ela, com a confiança de uma mãe, num dia em que eu estava ausente, conversou com alguns amigos meus sobre o desprezo por esta vida e a bênção da morte.

E, quando eles se admiraram de tamanha coragem que Tu havias dado a uma mulher e perguntaram se ela não tinha medo de deixar seu corpo tão longe de sua cidade, respondeu: "Nada fica longe de Deus; nem há motivo para temer que, no fim do mundo, Ele não reconheça de onde deve me ressuscitar."

Assim, no nono dia de sua doença, no quinquagésimo sexto ano de sua vida e no trigésimo terceiro da minha, aquela alma devota e santa foi libertada do corpo.

Fechei seus olhos; e, com isso, uma imensa tristeza inundou meu coração e começava a transbordar em lágrimas; ao mesmo tempo, por uma ordem violenta da minha mente, meus olhos fizeram secar por completo a fonte delas; e como eu sofria nessa luta! Mas, quando ela deu seu último suspiro, o menino Adeodato irrompeu num lamento alto; então, contido por todos nós, calou-se.

Do mesmo modo, também foi contido e silenciado um sentimento infantil em mim, que, pela voz juvenil de meu coração, procurava se expressar no

choro. Pois não julgávamos adequado celebrar aquele funeral com lamentos chorosos e gemidos; porque é assim que, em geral, se expressa a dor pelos mortos, como se fossem infelizes ou estivessem inteiramente mortos; mas ela nem era infeliz em sua morte, nem estava inteiramente morta.

Disso estávamos convencidos por bons motivos: o testemunho de sua boa conduta e de sua fé sincera.

O que, então, me causava tão profunda dor por dentro, senão uma ferida recente, aberta pela ruptura repentina daquele costume tão doce e querido de vivermos juntos?

Eu me alegrava, de fato, com seu testemunho, quando, naquela última doença, entremeando suas demonstrações de carinho aos meus cuidados, ela me chamou de "dedicado" e mencionou, com grande ternura e amor, que nunca ouvira de minha boca palavra alguma dura ou de censura contra ela.

Mas, ó meu Deus, que nos fizeste, que comparação pode haver entre a honra que lhe prestei e sua servidão por mim? Privado, então, do tão grande consolo que encontrava nela, minha alma ficou ferida, e era como se tivesse sido despedaçada aquela vida que, da dela e da minha juntas, se tornara uma só.

Quando o menino parou de chorar, Evódio tomou o Saltério e começou a cantar, com toda a nossa casa lhe respondendo, o salmo: Cantarei a Ti a misericórdia e os juízos, ó Senhor.

Ao ouvirem o que estávamos fazendo, muitos irmãos e mulheres devotas se reuniram; e, enquanto aqueles a quem cabia esse serviço preparavam o sepultamento, como era costume, eu, numa parte da casa onde podia fazê-lo

adequadamente, conversava sobre algo apropriado à ocasião com os que não julgaram conveniente me deixar sozinho.

E com esse bálsamo da verdade aliviava aquele tormento que Tu conhecias, enquanto eles, sem saber, ouviam atentamente e imaginavam que eu não sentia tristeza alguma.

Mas aos Teus ouvidos, onde nenhum deles me ouvia, eu censurava a fraqueza dos meus sentimentos e continha a torrente da minha dor, que por um momento cedia; mas voltava como uma maré, sem, contudo, irromper em lágrimas nem alterar meu semblante; ainda assim, eu sabia o que estava reprimindo em meu coração.

E, muito descontente por essas coisas humanas terem tanto poder sobre mim, coisas que necessariamente acontecem segundo a ordem e a disposição de nossa condição natural, com uma nova dor eu me entristecia por minha tristeza, e assim me consumia num sofrimento duplo.

E então o corpo foi levado para o sepultamento; fomos e voltamos sem lágrimas. Pois nem mesmo durante aquelas orações que dirigimos a Ti, quando o Sacrifício de nosso resgate foi oferecido por ela, estando já o corpo junto à sepultura, como é costume ali, antes de ser nela colocado, nem mesmo durante aquelas orações eu chorei; no entanto, passei o dia inteiro profundamente triste em segredo e, com a mente perturbada, pedia a Ti, como podia, que curasses minha dor, mas Tu não o fizeste; gravando, creio eu, em minha memória, por esse único exemplo, como é forte o laço de todo hábito, mesmo sobre uma alma que já se alimenta de uma Palavra que não engana.

Também me pareceu bom ir tomar banho, pois ouvira dizer que o banho recebera seu nome (balneum) do grego Balaneion, por expulsar a tristeza da mente. E também isto confesso à Tua misericórdia, Pai dos órfãos: tomei banho e continuei como estava antes de tomá-lo. Pois a amargura da tristeza não pôde sair de meu coração pelo suor.

Então dormi, acordei e percebi que minha dor se havia suavizado bastante; e, enquanto estava sozinho em minha cama, lembrei-me daqueles versos verdadeiros do Teu Ambrósio. Pois Tu és o

"Criador de tudo, o Senhor, E Governante das alturas, Que, vestindo o dia de luz, derramaste Sobre a noite suaves sonos, Para que em nossos membros a força Para o trabalho se renove, E se ergam os corações que desfalecem e se encolhem, E as tristezas sejam vencidas."

⁂

E então, pouco a pouco, retomei minhas antigas lembranças da Tua serva, de sua santa conduta para contigo, de sua santa ternura e atenção para conosco, das quais eu fora privado de repente; e tive vontade de chorar diante de Ti, por ela e por mim, por sua causa e pela minha.

E deixei correr as lágrimas que antes contivera, para que transbordassem tanto quanto quisessem, repousando meu coração sobre elas; e ele encontrou descanso nelas, pois era aos Teus ouvidos, e não aos de um homem que teria interpretado meu choro com desprezo. E agora, Senhor, por escrito eu o confesso a Ti.

Leia quem quiser e interprete como quiser; e, se encontrar pecado nisso, em eu ter chorado minha mãe por uma pequena parte de uma hora (a mãe

que por então estava morta aos meus olhos, que por muitos anos chorara por mim para que eu vivesse aos Teus olhos), que não zombe de mim; mas, antes, se for alguém de grande caridade, que ele próprio chore diante de Ti pelos meus pecados, Tu que és o Pai de todos os irmãos do Teu Cristo.

Mas agora, com o coração curado daquela ferida pela qual ele poderia parecer censurável por um sentimento terreno, derramo diante de Ti, nosso Deus, em favor daquela Tua serva, lágrimas de natureza muito diferente, que brotam de um espírito abalado ao pensar nos perigos de toda alma que morre em Adão.

E, embora ela, tendo recebido vida em Cristo ainda antes de ser libertada da carne, tivesse vivido para o louvor do Teu nome por sua fé e conduta, ainda assim não ouso dizer que, desde o momento em que a regeneraste pelo batismo, nenhuma palavra tenha saído de sua boca contra o Teu Mandamento.

Teu Filho, a Verdade, disse: Quem disser a seu irmão: Tolo, estará sujeito ao fogo do inferno. E ai até mesmo da vida louvável dos seres humanos, se, deixando de lado a misericórdia, Tu a examinasses. Mas, porque não és rigoroso ao investigar os pecados, esperamos com confiança encontrar algum lugar junto de Ti.

Mas quem enumera diante de Ti seus verdadeiros méritos, o que enumera diante de Ti senão os Teus próprios dons? Que os seres humanos reconhecessem sua condição humana; e que aquele que se gloria se gloriasse no Senhor.

Por isso, ó meu Louvor e minha Vida, Deus do meu coração, deixando de lado por um momento as boas obras dela, pelas quais Te dou graças com alegria, venho agora suplicar-Te pelos pecados de minha mãe. Escuta-me, eu Te peço, pelo Remédio de nossas feridas, que foi suspenso no madeiro e agora, sentado à Tua direita, intercede junto a Ti por nós.

Sei que ela agiu com misericórdia e perdoou de coração as dívidas de seus devedores; perdoa também Tu as dívidas dela, quaisquer que tenha contraído em tantos anos, desde a água da salvação. Perdoa-lhe, Senhor, perdoa, eu Te suplico; não a leves a julgamento.

Que Tua misericórdia se eleve acima de Tua justiça, pois Tuas palavras são verdadeiras, e prometeste misericórdia aos misericordiosos; foste Tu que lhes concedeste ser assim, Tu que terás misericórdia de quem quiseres ter misericórdia e terás compaixão de quem tiveste compaixão.

E creio que já fizeste o que peço; mas aceita, ó Senhor, as ofertas espontâneas de minha boca. Pois ela, quando já se aproximava o dia de sua morte, não se preocupou em ter o corpo envolto em tecidos suntuosos ou embalsamado com especiarias; nem desejou um túmulo escolhido com esmero ou ser sepultada em sua própria terra.

Não nos fez essas recomendações; desejou apenas que seu nome fosse lembrado junto ao Teu Altar, ao qual havia servido sem faltar um único dia. Ali, ela sabia, era oferecido o santo Sacrifício, pelo qual é apagado o documento de dívida que havia contra nós; por meio dele foi vencido o inimigo que, somando nossas faltas e procurando do que nos acusar, nada encontrou naquele em quem vencemos.

Quem Lhe restituirá o sangue inocente? Quem Lhe devolverá o preço com que nos comprou, para assim nos tirar dele? Ao Sacramento desse nosso resgate, Tua serva ligou sua alma pelo vínculo da fé. Que ninguém a afaste de Tua proteção; que nem o leão nem o dragão se interponham pela força ou pela fraude.

Pois ela não responderá que nada deve, para não ser condenada e capturada pelo astuto acusador; responderá, porém, que seus pecados lhe foram perdoados por aquele a quem ninguém pode restituir o preço que Ele, que nada devia, pagou por nós.

Que ela descanse, então, em paz com o marido, antes e depois do qual nunca teve outro; a ele obedeceu, dando frutos para Ti com paciência, para que também o ganhasse para Ti.

E inspira, ó Senhor meu Deus, inspira Teus servos, meus irmãos, Teus filhos, meus senhores, a quem sirvo com a voz, o coração e a pena, para que todos os que lerem estas Confissões se lembrem, junto ao Teu Altar, de Mônica, Tua serva, e de Patrício, outrora seu marido, por cujos corpos Tu me trouxeste a esta vida, de um modo que desconheço.

Que se lembrem com devoto afeto daqueles que foram meus pais nesta luz passageira, meus irmãos sob Ti, nosso Pai, em nossa Mãe católica, e meus concidadãos naquela Jerusalém eterna pela qual Teu povo peregrino suspira desde seu Êxodo até o retorno para lá.

Assim, que o último pedido que minha mãe me fez seja atendido com maior abundância por meio de minhas confissões do que por minhas orações, graças às orações de muitos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO X

✦

Que eu Te conheça, Senhor, Tu que me conheces: que eu Te conheça como sou conhecido. Força da minha alma, entra nela e prepara-a para Ti, para que a tenhas e conserves sem mancha nem ruga. Esta é a minha esperança, por isso falo; e nesta esperança me alegro, quando minha alegria é saudável.

As outras coisas desta vida merecem tanto menos pesar quanto mais se sofre por elas; e tanto mais pesar quanto menos os homens sofrem por elas. Pois eis que amas a verdade, e quem a pratica vem para a luz. É isso que desejo fazer em meu coração diante de Ti, na confissão; e em meus escritos, diante de muitas testemunhas.

E de Ti, Senhor, diante de cujos olhos o abismo da consciência humana está nu, o que poderia ficar escondido em mim, mesmo que eu não quisesse confessá-lo? Pois eu esconderia a Ti de mim, e não a mim de Ti.

Mas agora, como meus gemidos testemunham que estou descontente comigo mesmo, Tu resplandeces, és agradável, amado e desejado; para que eu me envergonhe de mim, renuncie a mim mesmo e escolha a Ti, e não agrade a Ti nem a mim mesmo senão em Ti. Por isso, Senhor, estou aberto diante de Ti, seja eu o que for; e já disse com que fruto me confesso a Ti.

Não o faço com palavras e sons da carne, mas com as palavras da minha alma e o clamor do pensamento que Teus ouvidos conhecem. Pois, quando sou mau, confessar-me a Ti nada mais é do que estar descontente comigo mesmo; mas, quando sou santo, nada mais é do que não atribuir isso a mim

mesmo: porque Tu, Senhor, abençoas o piedoso, mas primeiro o justificas quando ainda é ímpio.

Assim, meu Deus, minha confissão diante de Ti se faz em silêncio e não em silêncio. Pois, quanto ao som, é silenciosa; quanto ao afeto, clama em alta voz. Porque nada digo de correto aos homens que Tu não tenhas antes ouvido de mim; nem ouves de mim coisa alguma assim que Tu não me tenhas dito primeiro.

Que tenho eu, então, a ver com os homens, para que ouçam minhas confissões — como se pudessem curar todas as minhas enfermidades —, gente curiosa para conhecer a vida dos outros e preguiçosa para corrigir a própria? Por que procuram ouvir de mim o que sou, se não querem ouvir de Ti o que eles mesmos são?

E como sabem, quando me ouvem falar de mim mesmo, se digo a verdade, visto que ninguém sabe o que há no homem, a não ser o espírito do homem que nele está? Mas, se ouvem de Ti acerca de si mesmos, não podem dizer: "O Senhor mente." Pois o que é ouvir de Ti a respeito de si mesmos, senão conhecer a si mesmos?

E quem conhece e diz: "É falso", a menos que ele próprio esteja mentindo? Mas, porque o amor crê em todas as coisas — isto é, entre aqueles que ele une a si e torna um só —, eu também, Senhor, me confessarei a Ti de modo que os homens possam ouvir, embora eu não lhes possa demonstrar se minha confissão é verdadeira; ainda assim, creem em mim aqueles cujos ouvidos o amor abre para me ouvir.

Mas Tu, Médico do meu íntimo, mostra-me claramente que fruto posso colher ao fazer isso. Pois as confissões dos meus pecados passados, que perdoaste e encobriste para me abençoares em Ti, transformando minha alma pela fé e pelo Teu Sacramento, quando lidas e ouvidas, despertam o coração, para que não adormeça no desespero e diga: "Não posso", mas desperte no amor da Tua misericórdia e na doçura da Tua graça, pela qual quem é fraco se torna forte, quando por ela toma consciência da própria fraqueza.

E os bons se alegram ao ouvir os males passados daqueles que agora estão livres deles, não porque são males, mas porque existiram e já não existem. Com que fruto, então, Senhor meu Deus, a quem minha consciência se confessa diariamente, confiando mais na esperança da Tua misericórdia do que na própria inocência, com que fruto, pergunto, confesso por este livro também aos homens, na Tua presença, o que sou agora, e não o que fui?

Pois aquele outro fruto eu já vi e mencionei. Mas o que sou agora, no próprio momento em que faço estas confissões, muitos desejam saber, tanto os que me conheceram como os que não me conheceram, os que me ouviram ou ouviram falar de mim; mas seus ouvidos não estão junto ao meu coração, onde sou o que sou, seja eu o que for.

Desejam, então, ouvir-me confessar o que sou por dentro, onde nem seus olhos, nem seus ouvidos, nem seu entendimento podem alcançar; desejam isso, dispostos a crer — mas saberão? Pois o amor, pelo qual são bons, lhes diz que não minto em minhas confissões; e esse amor, neles, crê em mim.

Mas com que fruto desejam ouvir isso? Desejam alegrar-se comigo, ao ouvirem o quanto, por Tua dádiva, me aproximo de Ti? E orar por mim, ao ouvirem o quanto meu próprio peso me retém? A esses me revelarei. Pois não

é pequeno fruto, Senhor meu Deus, que muitos Te deem graças por nós, e que muitos Te supliquem em nosso favor.

Que o coração fraterno ame em mim o que ensinas que deve ser amado, e lamente em mim o que ensinas que deve ser lamentado. Que seja um coração fraterno, e não alheio, nem como o dos filhos estrangeiros, cuja boca fala vaidades e cuja mão direita é uma mão direita de iniquidade, mas aquele coração fraterno que, quando me aprova, se alegra por mim e, quando me desaprova, se entristece por mim; porque, quer aprove, quer desaprove, ele me ama.

A esses me revelarei: respirarão aliviados por minhas boas ações, suspirarão por minhas más ações. Minhas boas ações são determinações Tuas e dádivas Tuas; as más são minhas ofensas e Teus julgamentos. Que respirem aliviados por umas e suspirem pelas outras; e que hinos e pranto subam à Tua presença dos corações de meus irmãos, Teus incensários.

E Tu, Senhor, recebe com agrado o incenso do Teu santo templo, tem misericórdia de mim segundo Tua grande misericórdia, por amor do Teu próprio nome; e, sem abandonar de modo algum o que começaste, aperfeiçoa minhas imperfeições.

Este é o fruto de minhas confissões sobre o que sou, e não sobre o que fui: confessar isso não apenas diante de Ti, numa exultação secreta com tremor e numa tristeza secreta com esperança, mas também aos ouvidos dos filhos dos homens que creem, que compartilham minha alegria e minha mortalidade, meus concidadãos e companheiros de peregrinação, que foram adiante ou hão de seguir depois, companheiros do meu caminho.

Estes são Teus servos, meus irmãos, que desejas que sejam Teus filhos; meus senhores, a quem me ordenas servir, se eu quiser viver contigo e de Ti. Mas essa Tua Palavra pouco seria se apenas ordenasse pela fala e não fosse à frente pela ação.

É isso, então, que faço em atos e palavras; é isso que faço sob Tuas asas; em enorme perigo eu estaria se minha alma não estivesse submetida a Ti sob Tuas asas, e se minha fraqueza não fosse conhecida por Ti. Sou pequeno, mas meu Pai vive para sempre, e meu Guardião me basta.

Pois é o mesmo que me gerou e me defende; e Tu mesmo és todo o meu bem; Tu, Todo-Poderoso, que estás comigo, sim, antes que eu esteja contigo. Àqueles, então, a quem me ordenas servir, revelarei não o que fui, mas o que sou agora e o que ainda sou. Mas nem eu julgo a mim mesmo. Assim, portanto, desejo ser ouvido.

⁂

Pois Tu, Senhor, me julgas: porque, embora ninguém conheça as coisas de um homem, a não ser o espírito do homem que nele está, ainda há algo no homem que nem o próprio espírito do homem que nele está conhece. Mas Tu, Senhor, que o fizeste, conheces tudo nele. Contudo, embora eu me despreze diante de Ti e me considere pó e cinza, conheço de Ti algo que não conheço de mim mesmo.

E, de fato, agora vemos por um espelho, de modo obscuro, ainda não face a face. Assim, enquanto estou ausente de Ti, estou mais presente a mim mesmo do que a Ti; e, no entanto, sei de Ti que de modo algum estás su-

jeito ao sofrimento; mas, quanto a mim, não sei a quais tentações posso resistir e a quais não posso.

E há esperança, porque Tu és fiel e não permitirás que sejamos tentados além do que podemos suportar; mas, com a tentação, também darás uma saída, para que possamos suportá-la. Confessarei, então, o que sei de mim mesmo; confessarei também o que não sei de mim mesmo.

Pois o que sei de mim mesmo, sei porque me iluminas; e o que não sei de mim mesmo continuarei sem saber até que minha escuridão se torne como o meio-dia diante da Tua face.

Eu Te amo, Senhor, sem dúvida alguma, mas com plena certeza. Feriste meu coração com Tua palavra, e eu Te amei. Sim, também o céu, a terra e tudo o que neles existe, de todos os lados, me dizem que Te ame; e não deixam de dizer isso a todos, para que não tenham desculpa.

Mas, de maneira mais profunda, terás misericórdia de quem quiseres ter misericórdia, e terás compaixão de quem tiveste compaixão; caso contrário, o céu e a terra anunciam Teus louvores a ouvidos surdos. Mas o que amo quando Te amo?

Não a beleza dos corpos, nem a bela harmonia do tempo, nem o brilho da luz, tão agradável aos nossos olhos, nem as doces melodias de variados cantos, nem o aroma de flores, unguentos e especiarias, nem o maná e o mel, nem membros agradáveis aos abraços da carne.

Nada disso amo quando amo meu Deus; e, no entanto, amo uma espécie de luz, de melodia, de fragrância, de alimento e de abraço quando amo meu Deus: a luz, a melodia, a fragrância, o alimento e o abraço do meu ho-

mem interior; onde brilha para minha alma aquilo que o espaço não pode conter, e onde soa aquilo que o tempo não leva embora, e onde exala seu perfume aquilo que o sopro não dispersa, e onde tem sabor aquilo que o comer não diminui, e onde se prende a mim aquilo que a saciedade não separa. É isso que amo quando amo meu Deus.

E o que é isso? Perguntei à terra, e ela me respondeu: "Não sou Ele"; e tudo o que nela existe confessou o mesmo. Perguntei ao mar, às profundezas e aos seres vivos que rastejam, e eles responderam: "Não somos teu Deus; procura acima de nós." Perguntei ao ar em movimento; e todo o ar, com seus habitantes, respondeu: "Anaxímenes se enganou; não sou Deus."

Perguntei aos céus, ao sol, à lua e às estrelas. "Nós também", disseram, "não somos o Deus que procuras." E respondi a todas as coisas que cercam a porta da minha carne: "Vocês me disseram a respeito do meu Deus que não são Ele; digam-me algo sobre Ele." E clamaram em alta voz: "Ele nos fez."

Minhas perguntas eram meus pensamentos sobre elas; e a beleza de sua forma dava a resposta. E voltei-me para mim mesmo e disse a mim mesmo: "Quem és tu?" E respondi: "Um homem." E eis que em mim se apresentam a mim alma e corpo, um por fora, a outra por dentro. Por qual deles devo procurar meu Deus?

Eu O havia procurado pelo corpo, da terra ao céu, até onde podia enviar mensageiros, os raios dos meus olhos. Mas o interior é melhor, pois a ele, que presidia e julgava, todos os mensageiros do corpo relatavam as respostas do céu, da terra e de tudo o que neles existe, que diziam: "Não somos Deus, mas Ele nos fez."

Meu homem interior conheceu essas coisas pelo serviço do exterior: eu, o interior, as conheci; eu, a mente, pelos sentidos do meu corpo. Perguntei a toda a estrutura do mundo a respeito do meu Deus; e ela me respondeu: "Não sou Ele, mas Ele me fez."

Não é esta figura corpórea visível a todos cujos sentidos são perfeitos? Por que, então, ela não diz o mesmo a todos? Animais pequenos e grandes a veem, mas não podem interrogá-la, porque nenhuma razão governa seus sentidos para julgar o que eles relatam.

Mas os homens podem interrogá-la, de modo que as coisas invisíveis de Deus sejam claramente vistas, sendo compreendidas pelas coisas que foram feitas; porém, pelo amor que têm a elas, tornam-se seus sujeitos, e os sujeitos não podem julgar.

As criaturas também não respondem aos que as interrogam, a menos que estes possam julgar; nem mudam sua voz (isto é, sua aparência) quando um homem apenas vê e outro, vendo, interroga, de modo a parecerem de uma maneira a este e de outra àquele.

Antes, apresentando-se da mesma maneira a ambos, elas são mudas para um e falam ao outro; ou melhor, falam a todos, mas só entendem aqueles que comparam sua voz, recebida de fora, com a verdade interior. Pois a verdade me diz: "Nem o céu, nem a terra, nem qualquer outro corpo é o teu Deus."

A própria natureza deles diz isto a quem os vê: "São uma massa; uma massa é menor numa de suas partes do que no todo." Agora falo a ti, ó minha alma: tu és minha melhor parte, pois animas a massa do meu corpo, dando-

lhe vida, que nenhum corpo pode dar a outro corpo; mas teu Deus é, até para ti, a Vida da tua vida.

⁂

O que amo, então, quando amo meu Deus? Quem é ele, que está acima do ponto mais alto da minha alma? Pela minha própria alma subirei até ele. Passarei além daquela força pela qual estou unido ao meu corpo e encho de vida toda a sua estrutura.

Tampouco posso encontrar meu Deus por meio dessa força, pois assim o cavalo e a mula, que não têm entendimento, poderiam encontrá-lo, já que é pela mesma força que também seus corpos vivem.

Mas há outra força, não apenas aquela pela qual dou vida, mas também aquela pela qual dou sensibilidade à minha carne, que o Senhor formou para mim: ordenando ao olho que não ouvisse e ao ouvido que não visse, mas ao olho que por ele eu visse, e ao ouvido que por ele eu ouvisse; e a cada um dos outros sentidos, seus lugares e funções próprios.

Embora sejam diversos, eu, uma só mente, exerço essas funções por meio deles. Passarei também além dessa minha força, pois o cavalo e a mula também a têm, já que também percebem por meio do corpo.

Passarei, então, também além dessa força da minha natureza, subindo aos poucos até aquele que me fez. E chego aos campos e aos espaçosos palácios da minha memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens, trazidas até ela de coisas de toda espécie percebidas pelos sentidos.

Ali se guarda também tudo o que pensamos, seja ampliando, diminuindo ou alterando de qualquer outra maneira as coisas que os sentidos alcançaram; e tudo o mais que lhe foi confiado e ali depositado, que o esquecimento ainda não engoliu e sepultou.

Quando entro ali, peço que seja trazido o que quero, e algumas coisas vêm imediatamente; outras precisam ser procuradas por mais tempo e são retiradas, por assim dizer, de algum depósito interior; outras irrompem em grupos e, enquanto uma coisa é desejada e procurada, elas surgem como se dissessem: "Por acaso sou eu?"

Com a mão do meu coração, eu as afasto da face da minha lembrança, até que aquilo que desejo seja revelado e apareça diante de mim, saindo de seu lugar secreto. Outras coisas surgem prontamente, numa ordem contínua, conforme são chamadas; as primeiras abrem caminho para as seguintes e, ao fazê-lo, desaparecem de vista, prontas para vir quando eu quiser. Tudo isso acontece quando repito alguma coisa de cor.

Ali todas as coisas são preservadas de maneira distinta e agrupadas em categorias gerais, tendo cada uma entrado por seu próprio caminho: a luz e todas as cores e formas dos corpos, pelos olhos; pelos ouvidos, toda espécie de sons; todos os cheiros, pelo caminho das narinas; todos os sabores, pela boca; e, pela sensação de todo o corpo, o que é duro ou macio, quente ou frio, áspero, pesado ou leve, tanto no exterior quanto no interior do corpo.

Tudo isso é recebido por aquele grande porto da memória, em suas inúmeras sinuosidades secretas e inexprimíveis, para estar disponível e ser trazido quando necessário; cada coisa entra por sua própria porta e ali é guardada.

Contudo, não são as próprias coisas que entram; somente as imagens das coisas percebidas ficam ali à disposição, para que o pensamento as recorde.

Quem pode dizer como essas imagens se formam, embora seja claramente visível por qual sentido cada uma foi trazida e armazenada? Pois, mesmo enquanto estou na escuridão e no silêncio, posso produzir cores em minha memória, se quiser, e distinguir o preto do branco e quaisquer outras cores que eu queira.

E os sons não se intrometem nem perturbam a imagem recebida pelos meus olhos, que estou revendo, embora também estejam ali, adormecidos e guardados, por assim dizer, à parte. Pois também os chamo, e logo aparecem.

E, embora minha língua esteja quieta e minha garganta muda, posso assim cantar quanto quiser; nem aquelas imagens de cores, que ainda assim estão ali, se intrometem e interrompem quando se pede outra reserva, que entrou pelos ouvidos. Assim, recordo à vontade as outras coisas, acumuladas e armazenadas pelos outros sentidos.

Sim, distingo o perfume dos lírios do das violetas, embora não esteja cheirando nada; e prefiro o mel ao vinho doce, o liso ao áspero, sem naquele momento provar nem tocar coisa alguma, mas apenas recordar.

Faço essas coisas dentro de mim, naquele vasto pátio da minha memória. Pois ali estão presentes comigo o céu, a terra, o mar e tudo o que pude pensar a respeito deles, além do que esqueci. Ali também me encontro comigo mesmo e me recordo de mim, de quando, onde e o que fiz, e de quais sentimentos me acompanhavam.

Ali está tudo de que me lembro, seja por experiência própria, seja pelo testemunho de outros. Dessa mesma reserva, combino continuamente com o passado novas e novas semelhanças de coisas que experimentei ou nas quais acreditei com base no que experimentei; e daí deduzo ações, acontecimentos e esperanças futuras, e sobre tudo isso volto a refletir como se estivesse presente.

"Farei isto ou aquilo", digo a mim mesmo naquele grande depósito da minha mente, repleto de imagens de tantas e tão grandes coisas, "e isto ou aquilo acontecerá em seguida."

"Quem dera acontecesse isto ou aquilo!" "Deus afaste isto ou aquilo!" Assim falo comigo mesmo; e, quando falo, as imagens de tudo de que falo estão presentes, vindas do mesmo tesouro da memória; nem eu falaria de qualquer dessas coisas se faltassem as imagens.

Grande é essa força da memória, imensamente grande, ó meu Deus; uma câmara ampla e sem limites! Quem jamais sondou seu fundo? E, no entanto, ela é uma força minha e pertence à minha natureza; nem eu mesmo compreendo tudo o que sou. Portanto, a mente é estreita demais para conter a si mesma. E onde estaria aquilo que ela não contém de si mesma? Estaria fora dela, e não dentro?

Como, então, ela não compreende a si mesma? Uma extraordinária admiração me surpreende, o espanto se apodera de mim diante disso. E os homens saem para admirar as alturas das montanhas, as ondas poderosas do mar, as largas correntes dos rios, a extensão do oceano e os percursos das estrelas, e passam por si mesmos sem se deter.

Nem se admiram de que, quando falei de todas essas coisas, eu não as visse com meus olhos e, no entanto, não pudesse ter falado delas se naquele momento não visse realmente, no interior da minha memória, as montanhas, as ondas, os rios e as estrelas que havia visto, e aquele oceano em cuja existência acredito, com os mesmos vastos espaços entre eles, como se os visse lá fora.

Contudo, ao vê-los com meus olhos, não os trouxe para dentro de mim pelo ato de ver; nem são eles próprios que estão comigo, mas apenas suas imagens. E sei por qual sentido do corpo cada um deles se imprimiu em mim.

⁂

Mas a capacidade imensurável da minha memória não retém apenas essas coisas. Aqui também está tudo o que aprendi das ciências liberais e ainda não esqueci, levado, por assim dizer, a algum lugar interior, que, no entanto, não é um lugar; e não são as imagens dessas coisas, mas as próprias coisas.

Pois o que é a literatura, o que é a arte de argumentar, quantos tipos de questões existem, tudo o que sei dessas coisas existe em minha memória de tal maneira que não recebi a imagem e deixei de fora a coisa, nem que ela tenha soado e desaparecido como uma voz gravada no ouvido por uma impressão que permite recordá-la como se soasse, quando já não soa; nem como um cheiro que, ao passar e se dissipar no ar, afeta o olfato e daí transmite à memória uma imagem de si mesmo, que renovamos ao recordar; nem como um alimento, que de fato já não tem sabor no ventre e, no entanto, de certa maneira ainda tem sabor na memória; nem como qualquer

coisa que o corpo percebe pelo tato e que, retirada de nós, a memória ainda concebe.

Pois essas coisas não são transmitidas à memória; somente suas imagens são captadas com admirável rapidez e guardadas, por assim dizer, em maravilhosos compartimentos, de onde são maravilhosamente trazidas pelo ato de recordar.

Mas agora, quando ouço que há três tipos de questões: "Se a coisa existe? O que ela é? De que tipo ela é?", retenho de fato as imagens dos sons de que essas palavras se compõem e sei que esses sons passaram pelo ar com um ruído e agora já não existem.

Mas as próprias coisas significadas por esses sons, nunca as alcancei com nenhum sentido do meu corpo, nem jamais as distingui senão em minha mente; contudo, guardei em minha memória não suas imagens, mas elas próprias. Que digam, se puderem, como entraram em mim; pois percorri todos os caminhos da minha carne e não consigo descobrir por qual deles entraram.

Pois os olhos dizem: "Se aquelas imagens tinham cor, nós as relatamos." Os ouvidos dizem: "Se emitiam sons, nós as demos a conhecer." As narinas dizem: "Se tinham cheiro, passaram por nós." O paladar diz: "Se não têm sabor, não me pergunte." O tato diz: "Se não tem dimensão, não o toquei; se não o toquei, não dei notícia dele."

De onde e como essas coisas entraram em minha memória? Não sei como. Pois, quando as aprendi, não depositei confiança na mente de outro homem, mas as reconheci na minha; e, aprovando-as como verdadeiras, con-

fiei-as a ela, guardando-as, por assim dizer, de onde pudesse trazê-las quando quisesse.

Estavam, portanto, em meu coração antes mesmo de eu as aprender, mas não estavam em minha memória. Onde, então? Ou por que, quando foram ditas, eu as reconheci e disse: "É assim, é verdade", a menos que já estivessem na memória, mas tão afastadas e como que sepultadas em recantos mais profundos que, se a sugestão de outra pessoa não as tivesse trazido à luz, talvez eu não fosse capaz de concebê-las?

Por isso descobrimos que aprender essas coisas, cujas imagens não recebemos pelos sentidos, mas que percebemos interiormente por si mesmas, sem imagens, tais como são, nada mais é do que acolhê-las pelo pensamento e, prestando atenção, cuidar para que aquelas coisas que a memória antes continha ao acaso e sem ordem sejam guardadas como que ao alcance da mão, nessa mesma memória onde antes estavam desconhecidas, dispersas e esquecidas, e assim ocorram prontamente à mente que se familiarizou com elas.

E quantas coisas dessa espécie minha memória contém, que já foram descobertas e, como eu disse, colocadas como que ao alcance da mão, e que se diz que aprendemos e passamos a conhecer!

Se eu deixasse de trazê-las à mente por algum breve tempo, elas tornariam a ficar tão sepultadas e deslizariam, por assim dizer, de volta aos recantos mais profundos, que seria preciso novamente extraí-las de lá pelo pensamento, como se fossem novas, pois não têm outra morada.

Mas precisam ser reunidas de novo para que possam ser conhecidas; isto é, precisam, por assim dizer, ser recolhidas de sua dispersão, de onde deriva a palavra "cogitação". Pois cogo (reunir) e cogito (reunir de novo) têm entre si a mesma relação que ago e agito, facio e factito.

Mas a mente se apropriou dessa palavra (cogitação), de modo que se diz propriamente ser cogitado, ou pensado, aquilo que é "reunido de novo", isto é, juntado na mente, e não aquilo que é "reunido" de uma maneira qualquer.

A memória contém também incontáveis princípios e leis dos números e das dimensões, nenhum dos quais foi impresso por qualquer sentido corporal, pois não têm cor, nem som, nem sabor, nem cheiro, nem podem ser tocados. Ouvi o som das palavras pelas quais são designados quando se fala deles; mas os sons são diferentes das coisas.

Pois os sons são diferentes em grego e em latim; mas as coisas não são gregas, nem latinas, nem de qualquer outra língua. Vi as linhas dos arquitetos, finíssimas, como um fio de aranha; mas elas ainda são diferentes: não são as imagens daquelas linhas que os olhos da carne me mostraram. Conhece-as quem as reconhece dentro de si sem qualquer concepção de um corpo.

Percebi também os números das coisas com que contamos por todos os sentidos do meu corpo; mas os números com que contamos são diferentes, não são imagens daqueles e, por isso, existem de fato. Quem não os vê, que zombe de mim por dizer estas coisas; e eu terei pena dele enquanto ele zomba de mim.

Lembro-me de todas estas coisas e lembro-me de como as aprendi. Também ouvi e me lembro de muitas objeções inteiramente falsas feitas contra elas; embora sejam falsas, não é falso que me lembro delas. E lembro-me também de ter distinguido entre aquelas verdades e estas falsidades apresentadas contra elas.

E percebo que distinguir estas coisas agora é diferente de lembrar que muitas vezes as distingui, quando muitas vezes pensei nelas. Lembro-me, portanto, de ter compreendido muitas vezes estas coisas; e aquilo que agora distingo e compreendo, guardo na memória para que mais tarde possa me lembrar de que o compreendo agora.

Assim, lembro-me também de ter me lembrado; e, se mais tarde eu recordar que agora fui capaz de me lembrar destas coisas, será pela força da memória que o recordarei.

⁂

A mesma memória contém também os sentimentos da minha mente, mas não da mesma maneira como a própria mente os contém quando os sente; contém-nos de modo bem diferente, segundo uma capacidade que lhe é própria. Pois, sem me alegrar, lembro-me de ter me alegrado; e, sem tristeza, recordo minha tristeza passada.

Revejo sem medo o fato de um dia ter sentido medo; e, sem desejo, trago à lembrança um desejo passado. Às vezes, pelo contrário, lembro-me com alegria de minha tristeza de outrora e, com tristeza, da alegria. Isso não é de admirar no que diz respeito ao corpo, pois a mente é uma coisa, e o corpo, outra.

Portanto, se me lembro com alegria de alguma dor passada do corpo, isso não é tão admirável. Mas, visto que esta mesma memória é a mente — pois, quando confiamos alguma coisa a alguém para que a guarde na memória, dizemos: "Veja se guarda isso na mente"; e, quando esquecemos, dizemos: "Isso não me veio à mente" e "Isso me escapou da mente", chamando a própria memória de mente —, sendo assim, como é que, quando me lembro com alegria de minha tristeza passada, a mente tem alegria e a memória tem tristeza; a mente está alegre pela alegria que há nela, mas a memória não está triste pela tristeza que há nela?

Será que a memória não pertence à mente? Quem dirá isso? A memória é, então, como que o estômago da mente, e a alegria e a tristeza são como alimentos doces e amargos; quando entregues à memória, é como se passassem para o estômago, onde podem ser guardados, mas não saboreados. É ridículo imaginar que essas coisas sejam iguais; e, no entanto, não são inteiramente diferentes.

Mas é da minha memória que retiro o que digo quando afirmo que há quatro perturbações da mente: desejo, alegria, medo e tristeza. E tudo o que posso discutir a respeito delas, dividindo cada uma em suas espécies subordinadas e definindo-a, encontro na memória o que dizer e de lá o retiro.

Contudo, não sou perturbado por nenhuma dessas perturbações quando, trazendo-as à mente, lembro-me delas; e, mesmo antes de eu as recordar e trazer de volta, elas estavam lá; por isso, pela recordação, puderam ser retiradas de lá. Talvez, então, assim como o alimento é trazido de volta do estômago pela ruminação, essas coisas sejam trazidas da memória pela recordação.

Por que, então, quem discute, ao recordar dessa maneira, não saboreia na boca de sua reflexão a doçura da alegria ou o amargor da tristeza? Será que a comparação falha nesse ponto porque não há semelhança em todos os aspectos? Pois quem falaria de bom grado dessas coisas se, cada vez que mencionássemos a aflição ou o medo, fôssemos obrigados a ficar tristes ou amedrontados?

E, no entanto, não poderíamos falar delas se não encontrássemos em nossa memória, não apenas os sons dos nomes, segundo as imagens impressas pelos sentidos do corpo, mas também as noções das próprias coisas, que nunca recebemos por nenhuma via do corpo, mas que a própria mente, percebendo-as pela experiência de suas paixões, entregou à memória, ou que a memória reteve por si mesma, sem que lhe fossem entregues.

Mas quem pode dizer com facilidade se isso se dá por imagens ou não? Assim, menciono uma pedra, menciono o sol, sem que as próprias coisas estejam presentes aos meus sentidos, mas suas imagens estão presentes à minha memória.

Menciono uma dor corporal, mas ela não está presente em mim quando nada me dói; contudo, se sua imagem não estivesse presente à minha memória, eu não saberia o que dizer a respeito dela, nem distinguiria, ao falar, a dor do prazer.

Menciono a saúde do corpo; estando eu com o corpo saudável, a própria coisa está presente em mim; contudo, se sua imagem também não estivesse presente em minha memória, eu de modo algum poderia recordar o que o som desse nome significa.

Tampouco os doentes, ao ouvirem mencionar a saúde, reconheceriam aquilo de que se fala se a mesma imagem não fosse retida pela força da memória, embora a própria coisa estivesse ausente do corpo. Menciono os números com que contamos; e não são suas imagens, mas eles próprios que estão presentes em minha memória.

Menciono a imagem do sol, e essa imagem está presente em minha memória. Pois não recordo a imagem de sua imagem, mas a própria imagem se apresenta a mim quando a trago à mente. Menciono a memória e reconheço o que menciono. E onde o reconheço, senão na própria memória? Será que ela também está presente a si mesma por sua imagem, e não por si mesma?

E quando menciono o esquecimento e, ao mesmo tempo, reconheço o que menciono? Como o reconheceria se não me lembrasse dele? Não falo do som do nome, mas da coisa que ele significa; se eu a tivesse esquecido, não poderia reconhecer o que esse som significa.

Assim, quando me lembro da memória, a própria memória está, por si mesma, presente a si mesma; mas, quando me lembro do esquecimento, estão presentes tanto a memória como o esquecimento: a memória pela qual me lembro e o esquecimento de que me lembro. Mas o que é o esquecimento, senão a privação da memória?

Como, então, ele está presente para que eu me lembre dele, se, quando está presente, não posso me lembrar? Mas, se aquilo de que nos lembramos é o que guardamos na memória e, no entanto, se não nos lembrássemos do esquecimento, jamais poderíamos, ao ouvir seu nome, reconhecer a coisa por ele significada, então o esquecimento é retido pela memória.

Ele está, portanto, presente para que não o esqueçamos, e, estando presente, esquecemos. Deve-se entender disso que o esquecimento, quando nos lembramos dele, não está presente à memória por si mesmo, mas por sua imagem; porque, se estivesse presente por si mesmo, não nos faria lembrar, mas esquecer. Quem poderá investigar isso agora? Quem compreenderá como isso acontece?

Senhor, de fato me esforço nisso, e me esforço dentro de mim mesmo; tornei-me um solo pesado que exige suor demais do rosto. Pois agora não estamos investigando as regiões do céu, nem medindo as distâncias das estrelas, nem examinando o equilíbrio da terra. Sou eu mesmo quem se lembra, eu, a mente. Não é tão admirável que aquilo que eu mesmo não sou esteja longe de mim.

Mas o que está mais perto de mim do que eu mesmo? E, no entanto, não compreendo a força da minha própria memória, embora não possa sequer mencionar a mim mesmo sem ela. Pois o que direi, quando está claro para mim que me lembro do esquecimento? Direi que aquilo de que me lembro não está em minha memória?

Ou direi que o esquecimento está em minha memória para que eu não esqueça? Ambas as coisas seriam completamente absurdas. Que terceira possibilidade existe? Como posso dizer que é a imagem do esquecimento que minha memória retém, e não o próprio esquecimento, quando me lembro dele?

Como poderia dizer isso, visto que, quando a imagem de alguma coisa é impressa na memória, a própria coisa precisa primeiro estar presente para que dela se imprima essa imagem?

Pois é assim que me lembro de Cartago, assim de todos os lugares onde estive, assim dos rostos das pessoas que vi e das coisas comunicadas pelos outros sentidos; assim também da saúde ou da doença do corpo.

Pois, quando essas coisas estavam presentes, minha memória recebeu delas imagens que, estando presentes em mim, eu poderia contemplar e trazer de volta à mente quando me lembrasse delas em sua ausência.

Portanto, se esse esquecimento é retido na memória por sua imagem, e não por si mesmo, é evidente que ele próprio esteve presente alguma vez para que sua imagem pudesse ser captada. Mas, quando esteve presente, como gravou sua imagem na memória, visto que o esquecimento, com sua presença, apaga até aquilo que encontra já registrado?

E, no entanto, seja de que maneira for, embora essa maneira ultrapasse o que se pode conceber e explicar, tenho certeza de que também me lembro do próprio esquecimento, pelo qual se apaga aquilo de que nos lembramos.

⁂

Grande é o poder da memória, algo que causa temor, ó meu Deus, uma multiplicidade profunda e sem limites; e isso é a mente, e isso sou eu mesmo. O que sou, então, ó meu Deus? De que natureza sou? Uma vida variada e múltipla, imensa além de toda medida.

Vê os campos, as grutas e as cavernas de minha memória, incontáveis e incontavelmente cheios de incontáveis espécies de coisas, seja por imagens, como todos os corpos; seja pela presença real, como as artes; seja por certas noções ou impressões, como os sentimentos da mente, que a memória re-

tém mesmo quando a mente não os sente, embora tudo o que está na memória esteja também na mente — por tudo isso eu corro, eu voo; mergulho de um lado e de outro, até onde posso, e não há fim.

Tão grande é a força da memória, tão grande a força da vida, mesmo na vida mortal do ser humano. O que farei, então, ó tu, minha verdadeira vida, meu Deus? Passarei até mesmo além desta minha capacidade chamada memória; sim, passarei além dela para me aproximar de ti, ó doce Luz. O que me dizes?

Vê, estou subindo através da minha mente em direção a ti, que permaneces acima de mim. Sim, agora passarei além desta minha capacidade chamada memória, desejando chegar a ti por onde se pode chegar a ti, e unir-me a ti por onde alguém pode unir-se a ti.

Pois até os animais e as aves têm memória; caso contrário, não poderiam voltar às suas tocas e aos seus ninhos, nem fazer muitas outras coisas a que estão acostumados; na verdade, não poderiam se acostumar a coisa alguma sem a memória. Passarei, então, também além da memória, para chegar àquele que me separou dos animais de quatro patas e me fez mais sábio que as aves do céu.

Passarei também além da memória, e onde te encontrarei, tu, doçura verdadeiramente boa e certa? E onde te encontrarei? Se te encontrar fora da minha memória, então não te retenho em minha memória. E como te encontrarei, se não me lembro de ti?

Pois a mulher que perdera sua moeda e a procurava com uma luz, se não se lembrasse dela, nunca a teria encontrado. Pois, quando a encontrou, como

saberia se era a mesma, se não se lembrasse dela? Lembro-me de ter procurado e encontrado muitas coisas; e sei disso porque, quando procurava alguma delas e me perguntavam: "É esta?"

"É aquela?", eu continuava dizendo "Não", até que me apresentassem aquilo que eu procurava. Se não me lembrasse daquilo, fosse o que fosse, mesmo que me fosse apresentado, eu não o encontraria, porque não poderia reconhecê-lo. E assim acontece sempre que procuramos e encontramos alguma coisa perdida.

Entretanto, quando alguma coisa desaparece por acaso da vista, mas não da memória, como acontece com qualquer corpo visível, sua imagem ainda fica guardada dentro de nós, e nós a procuramos até que seja restituída à vista; e, quando a encontramos, nós a reconhecemos pela imagem que está dentro de nós.

E não dizemos que encontramos o que estava perdido, a menos que o reconheçamos; nem podemos reconhecê-lo, a menos que nos lembremos dele. Mas aquilo se perdera para os olhos e permanecera na memória.

Mas o que acontece quando a própria memória perde alguma coisa, como ocorre quando esquecemos e procuramos para poder recordar? Onde, afinal, buscamos, senão na própria memória?

E ali, se por acaso uma coisa nos é apresentada no lugar de outra, nós a rejeitamos, até que encontremos o que procuramos; e, quando isso acontece, dizemos: "É isto"; o que não diríamos se não o reconhecêssemos, nem o reconheceríamos se não nos lembrássemos dele. E, no entanto, nós o havíamos esquecido.

Ou será que não nos escapara por inteiro, mas procurávamos a parte perdida por meio da parte que ainda conservávamos? Pois a memória sentia que não reunia tudo o que costumava reunir e, como que mutilada pela redução de seu antigo hábito, exigia a restituição daquilo que lhe faltava.

Por exemplo, se vemos alguém conhecido ou pensamos nele e, tendo esquecido seu nome, tentamos recuperá-lo, qualquer outro nome que nos ocorre não se liga a essa pessoa, porque não costumava ser pensado junto com ela; por isso é rejeitado, até que se apresente aquele no qual o conhecimento repousa tranquilamente, como em seu objeto habitual.

E de onde ele se apresenta, senão da própria memória? Pois, mesmo quando o reconhecemos ao sermos lembrados por outra pessoa, é de lá que ele vem. Porque não acreditamos nele como em algo novo, mas, ao recordá-lo, admitimos que o nome mencionado está certo. Mas, se ele tivesse sido inteiramente apagado da mente, não nos lembraríamos dele, mesmo quando alguém nos lembrasse.

Pois ainda não esquecemos por completo aquilo que nos lembramos de ter esquecido. Portanto, aquilo que esquecemos por completo, embora perdido, nem sequer podemos procurar.

Como, então, eu te procuro, Senhor? Pois, quando te procuro, meu Deus, procuro uma vida feliz. Eu te procurarei, para que minha alma viva. Pois meu corpo vive por minha alma, e minha alma por ti. Como, então, procuro uma vida feliz, se não a possuo até poder dizer, no momento em que devo dizê-lo: "Basta"? Como a procuro?

Pela lembrança, como se a tivesse esquecido, lembrando-me de que a esquecera? Ou desejando conhecê-la como uma coisa desconhecida, que nunca conheci ou que esqueci a ponto de nem sequer me lembrar de que a esquecera? Não é uma vida feliz o que todos querem, sem que ninguém deixe inteiramente de querê-la? Onde a conheceram, para que tanto a queiram?

Onde a viram, para que tanto a amem? Na verdade, nós a possuímos, mas não sei como. Sim, há outra maneira de possuí-la, pela qual quem a possui é feliz; e há os que são felizes na esperança. Estes a possuem em grau menor do que aqueles que a possuem de fato; ainda assim, estão em melhor situação do que os que não são felizes nem de fato nem na esperança.

Mas até estes, se não a possuíssem de algum modo, não desejariam tanto ser felizes; e é certíssimo que o desejam. Portanto, eles a conheceram, não sei como, e assim a possuem por alguma forma de conhecimento, que não sei qual é; e fico perplexo ao pensar se ela está na memória.

Pois, se está, então já fomos felizes alguma vez; se todos individualmente ou naquele homem que primeiro pecou, no qual também todos morremos e de quem todos nascemos na miséria, isso não investigo agora. Pergunto apenas se a vida feliz está na memória. Pois não a amaríamos se não a conhecêssemos.

Ouvimos seu nome e todos confessamos que desejamos aquilo que ele designa, pois não nos agrada apenas o som. Quando um grego o ouve em latim, não se alegra, porque não sabe o que se diz; mas nós, latinos, nos alegramos, como ele também se alegraria se o ouvisse em grego; porque a pró-

pria coisa que gregos, latinos e homens de todas as outras línguas desejam com tanto ardor não é grega nem latina.

Portanto, ela é conhecida de todos, pois, se lhes perguntassem a uma só voz se desejam ser felizes, responderiam sem dúvida que sim. E isso não poderia acontecer se a própria coisa designada por esse nome não estivesse guardada na memória deles.

⁂

Mas será como alguém que, tendo visto Cartago, se lembra dela? Não. Pois uma vida feliz não se vê com os olhos, porque não é um corpo. Será, então, como nos lembramos dos números? Não. Pois quem os tem em seu conhecimento não procura mais alcançá-los; mas temos a vida feliz em nosso conhecimento e por isso a amamos, e ainda assim desejamos alcançá-la, para sermos felizes.

Será, então, como nos lembramos da eloquência? Não. Pois, embora também ao ouvir esse nome alguns se lembrem daquilo que ele designa, sem ainda serem eloquentes, e muitos desejem sê-lo, o que mostra que a conhecem, eles observaram pelos sentidos do corpo que outros são eloquentes, sentiram prazer nisso e desejam ser como eles.

É verdade que não sentiriam esse prazer sem algum conhecimento interior da eloquência, nem desejariam ser como eles se não sentissem esse prazer. Mas não experimentamos a vida feliz nos outros por nenhum sentido do corpo. Será, então, como nos lembramos da alegria?

Talvez; pois me lembro de minha alegria mesmo quando estou triste, assim como me lembro de uma vida feliz quando estou infeliz. E nunca vi, ouvi,

cheirei, provei ou toquei minha alegria com os sentidos do corpo; mas a experimentei em minha mente quando me alegrei, e o conhecimento dela ficou preso à minha memória, de modo que posso recordá-la às vezes com desgosto, outras com saudade, conforme a natureza das coisas nas quais me lembro de ter encontrado alegria.

Pois até em coisas vergonhosas estive mergulhado numa espécie de alegria; e agora, ao recordá-las, eu as detesto e amaldiçoo. Outras vezes, encontrei alegria em coisas boas e honestas, que recordo com saudade, embora talvez já não estejam presentes; e por isso recordo com tristeza a alegria passada.

Onde, então, e quando experimentei minha vida feliz, para que eu me lembre dela, a ame e a deseje? E não sou apenas eu, ou mais uns poucos, mas todos nós desejamos ser felizes; e, se não soubéssemos o que isso é por algum conhecimento seguro, não o desejaríamos com uma vontade tão segura.

Mas como se explica que, se perguntarem a dois homens se desejam ir à guerra, um talvez responda que sim e o outro que não; mas, se lhes perguntarem se desejam ser felizes, ambos dirão imediatamente que sim, sem nenhuma dúvida? E não seria por outra razão que um iria à guerra e o outro não, senão para serem felizes.

Será que, assim como um busca sua alegria nesta coisa e outro naquela, todos concordam no desejo de serem felizes, do mesmo modo que, se lhes perguntassem, diriam que desejam ter alegria, e é a essa alegria que chamam vida feliz? Assim, embora um obtenha essa alegria por um meio e outro por outro, todos têm um único fim que se esforçam por alcançar: a alegria.

E, sendo ela uma coisa que todos devem admitir ter experimentado, encontra-se na memória e é reconhecida sempre que se menciona o nome de uma vida feliz.

Longe de mim, Senhor, longe do coração de teu servo, que aqui se confessa a ti, longe de mim pensar que sou feliz por sentir uma alegria qualquer. Pois há uma alegria que não é dada aos ímpios, mas àqueles que te amam por ti mesmo, e cuja alegria és tu mesmo. E esta é a vida feliz: alegrar-se em ti, de ti, por ti; é esta, e não há outra. Pois aqueles que pensam haver outra buscam alguma outra alegria, e não a verdadeira. Ainda assim, sua vontade não deixa de buscar alguma aparência de alegria.

Não é certo, então, que todos desejem ser felizes, pois aqueles que não desejam alegrar-se em ti, o que é a única vida feliz, não desejam verdadeiramente a vida feliz.

Ou será que todos os homens a desejam, mas, porque a carne deseja contra o Espírito e o Espírito contra a carne, de modo que não podem fazer o que querem, entregam-se ao que podem e se contentam com isso, porque não querem aquilo que não conseguem fazer com força suficiente para se tornarem capazes?

Pois pergunto a qualquer pessoa se prefere alegrar-se na verdade ou na falsidade. Tão pouco hesitarão em dizer "na verdade" quanto em dizer que desejam ser felizes, pois uma vida feliz é alegria na verdade; e isso é alegrar-se em ti, que és a Verdade, ó Deus, minha luz, salvação de meu rosto, meu Deus.

Esta é a vida feliz que todos desejam; esta vida, a única feliz, todos desejam; alegrar-se na verdade, todos desejam. Encontrei muitos que desejavam enganar; que desejasse ser enganado, nenhum. Onde, então, conheceram essa vida feliz, senão onde também conhecem a verdade? Pois também a amam, já que não desejam ser enganados.

E, quando amam uma vida feliz, que nada mais é do que alegrar-se na verdade, então também amam a verdade; e não a amariam se não houvesse alguma noção dela em sua memória. Por que, então, não se alegram nela? Por que não são felizes?

Porque estão mais fortemente presos a outras coisas, que têm mais poder para torná-los infelizes do que aquilo de que se lembram tão vagamente tem para torná-los felizes. Pois ainda há um pouco de luz nos homens; que caminhem, que caminhem, para que as trevas não os alcancem.

⁂

Mas por que a "verdade gera ódio", e o homem que te pertence, ao pregar a verdade, torna-se inimigo deles, se amam a vida feliz, que nada mais é do que alegrar-se na verdade?

Não será porque a verdade é amada de tal modo que aqueles que amam qualquer outra coisa desejam que aquilo que amam seja a verdade e, por não quererem ser enganados, não querem ser convencidos de que estão sendo enganados? Por isso odeiam a verdade por causa daquilo que amaram no lugar dela. Amam a verdade quando ela ilumina; odeiam-na quando ela repreende.

Pois, como não querem ser enganados e querem enganar, amam-na quando ela se revela a eles e odeiam-na quando ela os revela. Por isso ela lhes dará esta retribuição: aqueles que não querem ser revelados por ela, ela os revela contra a vontade deles, mas não se revela a eles.

Assim, assim, sim, assim age a mente humana: cega e doente, suja e disforme, deseja ficar escondida, mas não quer que coisa alguma lhe fique escondida. No entanto, recebe o contrário: ela mesma não fica escondida da Verdade, mas a Verdade fica escondida dela. Mesmo assim, tão infeliz, prefere alegrar-se com coisas verdadeiras a alegrar-se com falsidades.

Será feliz, então, quando, sem que nenhuma distração se interponha, se alegrar naquela única Verdade pela qual todas as coisas são verdadeiras.

Vê quanto espaço percorri em minha memória à tua procura, Senhor; e não te encontrei fora dela. Nem encontrei coisa alguma a teu respeito que não tivesse guardado na memória desde que te conheci. Pois, desde que te conheci, não me esqueci de ti. Onde encontrei a Verdade, ali encontrei meu Deus, a própria Verdade; e, desde que a conheci, não a esqueci.

Portanto, desde que te conheci, tu habitas em minha memória; e ali te encontro quando me lembro de ti e me alegro em ti. Estas são minhas santas alegrias, que me deste em tua misericórdia, olhando para minha pobreza.

Mas onde habitas em minha memória, Senhor? Onde habitas nela? Que morada preparaste para ti? Que santuário construíste para ti? Deste à minha memória esta honra: habitar nela; mas em que parte dela habitas, é isso que estou considerando.

Pois, ao pensar em ti, fui além daquelas partes que também os animais possuem, porque não te encontrei ali entre as imagens das coisas corporais; e cheguei àquelas partes às quais confiei os afetos de minha mente, e também não te encontrei ali.

E entrei na própria sede da minha mente (que ela tem em minha memória, visto que a mente também se lembra de si mesma), e tampouco estavas ali. Pois, assim como não és uma imagem corporal, nem um afeto de um ser vivo (como quando nos alegramos, nos entristecemos, desejamos, tememos, lembramos, esquecemos ou fazemos coisas semelhantes), também não és a própria mente, porque és o Senhor Deus da mente; e todas essas coisas mudam, mas tu permaneces imutável acima de todas, e ainda assim te dignaste habitar em minha memória desde que te conheci.

E por que procuro agora em que lugar dela habitas, como se houvesse lugares nela? Tenho certeza de que habitas nela, pois tenho me lembrado de ti desde que te conheci, e ali te encontro quando te trago à lembrança.

Onde, então, te encontrei para que pudesse te conhecer? Pois não estavas em minha memória antes que eu te conhecesse. Onde, então, te encontrei para que pudesse te conhecer, senão em ti, acima de mim? Não há lugar algum; vamos para trás e para a frente, e não há lugar.

Em toda parte, ó Verdade, escutas todos os que te pedem conselho, e respondes a todos ao mesmo tempo, embora te consultem sobre muitos assuntos. Respondes com clareza, embora nem todos ouçam com clareza. Todos te consultam sobre o que querem, embora nem sempre ouçam o que querem.

Teu melhor servo é aquele que procura menos ouvir de ti aquilo que ele mesmo quer, e mais querer aquilo que de ti ouve.

Tarde demais te amei, ó Beleza dos dias antigos, e ainda assim sempre nova! Tarde demais te amei! E eis que estavas dentro de mim, e eu fora, e ali te procurava; eu, disforme, mergulhava entre aquelas belas formas que havias criado. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Mantinham-me longe de ti coisas que, se não existissem em ti, não existiriam de modo algum.

Chamaste, gritaste e rompeste minha surdez. Brilhaste, resplandeceste e dissipaste minha cegueira. Exalaste perfumes, e eu respirei e suspirei por ti. Provei, e tenho fome e sede. Tocaste-me, e ardi por tua paz.

Quando eu me unir a ti com todo o meu ser, em parte alguma terei tristeza ou sofrimento; e minha vida viverá plenamente, por estar completamente cheia de ti. Mas agora, como elevas aqueles a quem enches, sou um peso para mim mesmo porque não estou cheio de ti. Alegrias lamentáveis lutam com tristezas alegres; e de que lado está a vitória, não sei. Ai de mim!

Senhor, tem piedade de mim. Minhas tristezas más lutam com minhas alegrias boas; e de que lado está a vitória, não sei. Ai de mim! Senhor, tem piedade de mim. Ai de mim! Eis que não escondo minhas feridas; tu és o Médico, eu, o doente; tu és misericordioso, eu, miserável. Não é a vida do homem sobre a terra toda ela uma provação? Quem deseja problemas e dificuldades?

Tu ordenas que sejam suportados, não amados. Ninguém ama o que suporta, embora ame suportar. Pois, embora se alegre por suportar, preferiria que nada houvesse para suportar. Na adversidade, anseio pela prosperi-

dade; na prosperidade, temo a adversidade. Que lugar há entre essas duas condições, onde a vida do homem não seja toda ela uma provação?

Ai das prosperidades do mundo, uma e outra vez, pelo medo da adversidade e pela corrupção da alegria! Ai das adversidades do mundo, uma e outra vez, e uma terceira, pelo anseio de prosperidade, porque a própria adversidade é dura e pelo receio de que ela destrua a capacidade de suportar. Não é a vida do homem sobre a terra toda ela uma provação, sem intervalo algum?

⁂

E toda a minha esperança está somente em tua imensa misericórdia. Dá o que ordenas e ordena o que quiseres. Tu nos ordenas a continência; e quando soube, diz alguém, que ninguém pode ser continente se Deus não lhe conceder isso, também fazia parte da sabedoria saber de quem ela é um dom.

Pela continência, de fato, somos reunidos e reconduzidos ao Uno, de onde nos dispersamos em muitas coisas. Pois pouco te ama aquele que ama contigo alguma coisa que não ama por ti. Ó amor, que sempre ardes e nunca te consomes! Ó caridade, meu Deus, inflama-me. Tu ordenas a continência: dá-me o que ordenas e ordena o que quiseres.

De fato, tu me ordenas a continência diante do desejo da carne, do desejo dos olhos e da ambição do mundo. Tu ordenas que eu me abstenha do concubinato; e, quanto ao próprio casamento, aconselhaste algo melhor do que aquilo que permitiste. E, como me concedeste isso, assim se fez, mesmo antes de eu me tornar um ministro do teu Sacramento.

Mas ainda vivem em minha memória (da qual tanto falei) as imagens dessas coisas que meu mau hábito ali fixou; elas me perseguem, sem força quando estou acordado, mas, no sono, chegam não apenas a dar prazer, como também a obter consentimento e algo muito semelhante à realidade.

Sim, a ilusão da imagem exerce tanto poder sobre minha alma e minha carne que, durante o sono, visões falsas me persuadem daquilo de que, acordado, as verdadeiras não conseguem me persuadir. Acaso não sou eu mesmo, Senhor meu Deus? E, no entanto, há tanta diferença entre mim e mim mesmo naquele instante em que passo da vigília para o sono ou volto do sono para a vigília!

Onde está então a razão que, acordada, resiste a tais sugestões? E, mesmo que as próprias coisas se imponham a ela, permanece inabalável. Será que ela se fecha junto com os olhos? Será que adormece com os sentidos do corpo?

E como é que muitas vezes, mesmo durante o sono, resistimos e, lembrando-nos de nosso propósito e permanecendo nele com toda a castidade, não damos consentimento a tais seduções?

E, no entanto, há tamanha diferença que, quando acontece de outro modo, ao acordarmos voltamos à paz de consciência; e por essa mesma diferença descobrimos que não fizemos aquilo que, ainda assim, lamentamos que de alguma forma tenha sido feito em nós.

Não és poderoso, Deus Todo-Poderoso, para curar todas as doenças de minha alma e, por tua graça mais abundante, apagar até os impulsos impuros do meu sono? Aumentarás, Senhor, cada vez mais teus dons em mim, para

que minha alma me siga até ti, livre do visgo da concupiscência; para que não se rebele contra si mesma e, mesmo em sonhos, não apenas deixe de cometer, por meio de imagens dos sentidos, aquelas corrupções degradantes, até a contaminação da carne, mas nem sequer consinta nelas.

Pois fazer com que nada desse tipo tenha sobre os afetos puros, mesmo de quem dorme, a menor influência, nem mesmo aquela que um pensamento poderia conter — realizar isso, não apenas ao longo da vida, mas já na minha idade atual, não é difícil para o Todo-Poderoso, que és capaz de fazer além de tudo o que pedimos ou pensamos.

Mas o que ainda sou nessa espécie de mal que há em mim, eu o confessei ao meu bom Senhor, alegrando-me com temor por aquilo que me deste e lamentando aquilo em que ainda sou imperfeito; esperando que aperfeiçoes tuas misericórdias em mim até a paz perfeita, que meu homem exterior e interior terá contigo quando a morte for tragada pela vitória.

Há outro mal do dia, que eu desejaria que lhe bastasse. Pois, comendo e bebendo, reparamos o desgaste diário de nosso corpo, até que destruas tanto o ventre quanto o alimento, quando matares meu vazio com uma plenitude maravilhosa e revestires este ser incorruptível de uma incorruptibilidade eterna.

Mas agora essa necessidade me é doce, e contra essa doçura luto para não ser levado cativo; e travo uma guerra diária por meio de jejuns, muitas vezes submetendo meu corpo; e minhas dores são afastadas pelo prazer. Pois a fome e a sede são, de certo modo, dores; queimam e matam como uma febre, a menos que o remédio dos alimentos venha em nosso auxílio.

E, como ele está ao nosso alcance pelas consolações de teus dons, com os quais a terra, a água e o ar servem à nossa fraqueza, nossa calamidade recebe o nome de satisfação.

Tu me ensinaste isto: que eu deveria me dispor a tomar o alimento como remédio. Mas, enquanto passo do desconforto do vazio à satisfação de me alimentar, nessa própria passagem a armadilha da concupiscência me cerca. Pois essa passagem é prazer, e não há outro caminho para chegar aonde necessariamente temos de chegar.

E, sendo a saúde a razão de comer e beber, junta-se a ela, como acompanhante, um prazer perigoso, que quase sempre procura ir à sua frente, para que eu faça por causa dele aquilo que digo fazer, ou desejo fazer, por causa da saúde. E os dois não têm a mesma medida; pois o que basta para a saúde é pouco demais para o prazer.

E muitas vezes não se sabe ao certo se é o cuidado necessário com o corpo que ainda pede sustento, ou se é o engano voluptuoso da gula que oferece seus serviços.

Nessa incerteza, a alma infeliz se alegra e nela prepara uma desculpa para se proteger, contente por não estar claro o que basta à medida da saúde, para que, sob o manto da saúde, possa disfarçar a busca de satisfação.

Procuro resistir diariamente a essas tentações, e invoco tua mão direita, e a ti entrego minhas perplexidades, porque ainda não tenho uma orientação firme a esse respeito.

Ouço a voz do meu Deus ordenando: Não deixem que seus corações fiquem sobrecarregados com excessos de comida e embriaguez. A embria-

guez está longe de mim; terás misericórdia para que ela não se aproxime de mim. Mas o excesso de comida às vezes se insinua em teu servo; terás misericórdia para que ele fique longe de mim.

Pois ninguém pode ser continente se tu não lhe concederes isso. Muitas coisas nos dás quando as pedimos; e todo bem que recebemos antes de pedir, de ti o recebemos; sim, nós o recebemos antes justamente para que depois reconhecêssemos isso. Nunca fui bêbado, mas conheci bêbados que tornaste sóbrios.

De ti, por conseguinte, veio que aqueles que nunca foram assim não o fossem, como de ti veio que aqueles que o foram não continuassem a ser; e de ti veio que ambos soubessem de quem isso veio. Ouvi outra voz tua: Não sigas teus desejos e afasta-te do teu prazer.

Sim, por teu favor ouvi aquilo que muito amei: nem, se comermos, teremos abundância; nem, se não comermos, sofreremos falta; o que significa que uma coisa não me tornará próspero, nem a outra, miserável. Ouvi também outro dizer: Pois aprendi a estar contente em qualquer condição em que me encontre; sei viver na abundância e sei passar necessidade.

Tudo posso por meio de Cristo, que me fortalece. Eis um soldado do exército celestial, não o pó que somos. Mas lembra-te, Senhor, de que somos pó e de que do pó fizeste o homem; e ele estava perdido e foi encontrado. E não poderia fazer isso por si mesmo, porque aquele que tanto amei, ao dizer isso pelo sopro de tua inspiração, era feito do mesmo pó.

Tudo posso, diz ele, por meio daquele que me fortalece. Fortalece-me, para que eu possa. Dá o que ordenas e ordena o que quiseres. Ele confessa ter re-

cebido e, quando se gloria, gloria-se no Senhor. Ouvi outro suplicar que pudesse receber.

Tira de mim, diz ele, os desejos do ventre; de onde se vê, ó meu santo Deus, que és tu quem concede quando se faz aquilo que ordenas que seja feito.

⁂

Tu me ensinaste, bom Pai, que, para os puros, todas as coisas são puras; mas que é mau para o homem comer causando escândalo; e que toda criatura tua é boa, e nada deve ser rejeitado quando recebido com ação de graças; e que a comida não nos torna agradáveis a Deus; e que ninguém deve nos julgar pelo que comemos ou bebemos; e que aquele que come não despreze aquele que não come; e aquele que não come não julgue aquele que come.

Essas coisas aprendi: graças a ti, louvor a ti, meu Deus, meu Mestre, que bates aos meus ouvidos e iluminas meu coração; livra-me de toda tentação. Não temo a impureza da comida, mas a impureza do desejo.

Sei que a Noé foi permitido comer toda espécie de carne própria para alimento; que Elias foi alimentado com carne; que aquele dotado de admirável abstinência não se contaminou ao se alimentar de seres vivos, os gafanhotos.

Sei também que Esaú foi enganado pelo desejo de lentilhas; e que Davi se censurou por desejar um pouco de água; e que nosso Rei foi tentado, não a respeito de carne, mas de pão. Por isso, também o povo no deserto mereceu repreensão, não por desejar carne, mas porque, no desejo de comida, murmurou contra o Senhor.

Colocado, portanto, em meio a essas tentações, luto diariamente contra a cobiça no comer e no beber. Pois ela não é de tal natureza que eu possa decidir eliminá-la de uma vez por todas e nunca mais tocar nela, como poderia fazer com o concubinato. Assim, é preciso manter as rédeas da garganta equilibradas entre a frouxidão e o rigor.

E quem é, Senhor, que não se deixa levar um pouco além dos limites da necessidade? Seja quem for, é alguém grandioso; que engrandeça teu Nome. Mas eu não sou assim, pois sou um homem pecador.

Contudo, também engrandeço teu nome; e intercede junto a ti por meus pecados aquele que venceu o mundo, contando-me entre os membros fracos de seu corpo; porque teus olhos viram o que nele é imperfeito, e em teu livro todos serão escritos.

Os atrativos dos aromas não me preocupam muito. Quando ausentes, não sinto sua falta; quando presentes, não os recuso; mas estou sempre pronto a ficar sem eles. Assim me parece; talvez eu me engane.

Pois também é uma triste escuridão essa que esconde de mim as capacidades que há em meu interior; de modo que minha mente, ao investigar a si mesma sobre suas próprias forças, não se atreve a confiar prontamente em si; porque até aquilo que está nela permanece, em grande parte, oculto, a menos que a experiência o revele.

E ninguém deve se sentir seguro nesta vida, que é toda chamada de provação, supondo que aquele que pôde passar de pior a melhor não possa também passar de melhor a pior. Nossa única esperança, nossa única confiança, nossa única promessa segura é tua misericórdia.

Os prazeres do ouvido me haviam enredado e dominado com mais força; mas tu me soltaste e libertaste. Agora, nas melodias às quais tuas palavras dão alma, quando cantadas com voz doce e afinada, encontro um pouco de repouso; porém, sem ficar preso a elas, de modo que posso me desprender quando quero.

Mas, junto com as palavras que lhes dão vida e pelas quais encontram entrada em mim, essas melodias procuram um lugar de alguma importância em meus afetos, e mal consigo lhes atribuir um lugar adequado.

Pois às vezes me parece que lhes dou mais honra do que convém, sentindo que as próprias palavras santas, quando assim cantadas, elevam nossas mentes de maneira mais santa e fervorosa à chama da devoção do que quando não são cantadas; e que os diversos afetos de nosso espírito, numa doce variedade, têm suas medidas próprias na voz e no canto, por alguma correspondência oculta que os desperta.

Mas esse prazer da carne, ao qual a alma não deve se entregar para não se enfraquecer, muitas vezes me engana: os sentidos não servem à razão a ponto de segui-la pacientemente; antes, tendo sido admitidos apenas por causa dela, esforçam-se até para correr à sua frente e conduzi-la. Assim, nessas coisas peco sem perceber, mas depois tomo consciência disso.

Em outras ocasiões, evitando com ansiedade excessiva esse mesmo engano, erro por rigor demais; e às vezes a tal ponto que desejo ver afastada de meus ouvidos, e também dos da Igreja, toda a melodia da doce música usada no Saltério de Davi; e me parece mais seguro aquele modo de que me lembro de ter ouvido falar muitas vezes a respeito de Atanásio, bispo de Alexan-

dria, que fazia o leitor do salmo recitá-lo com tão pouca inflexão de voz que mais parecia falar do que cantar.

Mas, por outro lado, quando me lembro das lágrimas que derramei ao ouvir o canto dos salmos de tua Igreja, no início de minha fé recuperada; e de como agora me comovem as coisas cantadas, e não o canto, quando são cantadas com voz clara e modulação muito adequada, reconheço a grande utilidade dessa prática.

Assim, oscilo entre o perigo do prazer e o benefício comprovado; mais inclinado, embora sem emitir uma opinião irrevogável, a aprovar o costume de cantar na igreja, para que, pelo prazer dos ouvidos, as mentes mais fracas possam se elevar ao sentimento de devoção.

Porém, quando me acontece de ser mais comovido pela voz do que pelas palavras cantadas, confesso ter cometido um pecado que merece castigo, e então preferiria não ouvir música. Vede agora meu estado; chorai comigo e chorai por mim, todos vós que regulais os sentimentos em vosso interior de modo que deles resulte uma boa ação.

Pois a vós que não agis, essas coisas não vos dizem respeito. Mas tu, Senhor meu Deus, escuta; olha, vê, tem misericórdia e cura-me, tu, em cuja presença me tornei um problema para mim mesmo; e essa é minha fraqueza.

⁂

Resta o prazer destes olhos de minha carne, a respeito do qual devo fazer minhas confissões aos ouvidos de teu templo, esses ouvidos fraternos e devotos; e assim concluir as tentações do desejo da carne, que ainda me assal-

tam, enquanto gemo intensamente e desejo ser revestido de minha morada do céu. Os olhos amam formas belas e variadas, e cores vivas e suaves.

Que essas coisas não ocupem minha alma; que Deus a ocupe, ele que fez essas coisas, de fato muito boas, mas meu bem é ele, e não elas. E elas me impressionam durante todo o dia, enquanto estou acordado, e não me é dado descanso delas, como às vezes, no silêncio, tenho descanso dos sons musicais e de todas as vozes.

Pois essa rainha das cores, a luz, banhando tudo o que vemos, onde quer que eu esteja durante o dia, passando por mim em formas variadas, me agrada enquanto estou ocupado com outras coisas e não presto atenção nela. E ela se enreda em mim com tanta força que, se de repente é retirada, é procurada com saudade; e, se fica ausente por muito tempo, entristece a mente.

Ó tu, Luz que Tobias viu quando, com estes olhos fechados, ensinava ao filho o caminho da vida; e ele mesmo ia à frente com os pés da caridade, sem jamais se desviar. Ou que Isaque viu quando seus olhos carnais, pesados e fechados pela velhice, receberam a graça de que ele abençoasse os filhos sem os reconhecer, mas os reconhecesse ao abençoá-los.

Ou que Jacó viu quando também ele, cego pela idade avançada, com o coração iluminado, lançou luz, nas pessoas de seus filhos, sobre as diferentes linhagens do povo futuro, neles anunciadas; e pôs as mãos, misticamente cruzadas, sobre os netos que teve por José, não como o pai deles, guiado pelos olhos do corpo, procurava corrigir a posição delas, mas como ele mesmo discernia interiormente.

Esta é a luz, ela é uma só, e todos os que a veem e amam são um só. Mas aquela luz corporal de que falei tempera a vida deste mundo, para os que cegamente a amam, com uma doçura sedutora e perigosa. Porém, os que sabem te louvar por ela, "ó Senhor, criador de tudo", a incluem nos hinos a ti e não são tomados por ela em seu sono. Assim eu gostaria de ser.

Resisto a essas seduções dos olhos, para que não sejam enredados os pés com que ando em teu caminho; e elevo a ti meus olhos invisíveis, para que retires meus pés da armadilha. A todo momento tu os retiras, pois estão enredados.

Não deixas de retirá-los, enquanto muitas vezes me enredo nas armadilhas colocadas por todos os lados; porque tu, que guardas Israel, não cochilarás nem dormirás.

Quantas incontáveis frivolidades, feitas por diversas artes e ofícios, em nossas roupas, calçados, utensílios e toda espécie de obras, também em pinturas e imagens variadas, excedendo em muito todo uso necessário e moderado e todo significado piedoso, os homens acrescentaram para tentar seus próprios olhos!

Por fora, seguem o que eles mesmos fazem; por dentro, abandonam aquele por quem foram feitos e destroem aquilo que foram feitos para ser! Mas eu, meu Deus e minha Glória, também por isso te canto um hino e consagro louvor àquele que me consagra, porque os belos modelos que, pelas almas dos homens, chegam às suas mãos habilidosas vêm daquela Beleza que está acima de nossas almas, pela qual minha alma suspira dia e noite.

Mas os criadores e admiradores das belezas exteriores tiram dela a regra para julgá-las, mas não para usá-las. E ele está ali, embora não o percebam, para que não se desviem, mas guardem sua força para ti e não a dispersem num cansaço prazeroso.

E eu, embora diga e veja isso, enredo meus passos nessas belezas exteriores; mas tu me libertas, Senhor, tu me libertas, porque tua bondade amorosa está diante de meus olhos. Pois sou apanhado em minha miséria, e tu me libertas em tua misericórdia; às vezes sem que eu perceba, quando apenas de leve me detive nelas; outras vezes com dor, porque fiquei firmemente preso a elas.

A isso se acrescenta outra forma de tentação, perigosa de muitas outras maneiras. Pois, além daquele desejo da carne que consiste no deleite de todos os sentidos e prazeres, no qual seus escravos, que se afastam de ti, se desgastam e perecem, a alma tem, por meio desses mesmos sentidos do corpo, certo desejo vão e curioso, encoberto pelo nome de conhecimento e aprendizado, não de se deleitar na carne, mas de fazer experiências por meio da carne.

Como sua sede está no apetite de conhecer, e a visão é o sentido mais usado para adquirir conhecimento, na linguagem divina ele é chamado de desejo dos olhos. Pois ver é próprio dos olhos; contudo, usamos essa palavra também para os outros sentidos, quando os empregamos na busca do conhecimento.

Pois não dizemos: escuta como relampeja, ou cheira como resplandece, ou prova como brilha, ou toca como cintila; pois de todas essas coisas dizemos que são vistas. E, no entanto, dizemos não só: vê como brilha, o que so-

mente os olhos podem perceber; mas também: vê como soa, vê como cheira, vê que gosto tem, vê como é duro.

E assim a experiência geral dos sentidos, como foi dito, é chamada de desejo dos olhos, porque os outros sentidos, por semelhança, atribuem a si a função de ver, na qual os olhos têm a primazia, quando procuram algum conhecimento.

Mas por isso se pode distinguir com mais clareza quando o objeto dos sentidos é o prazer e quando é a curiosidade; pois o prazer procura objetos belos, melodiosos, perfumados, saborosos, macios; mas a curiosidade, para experimentar, procura também seus contrários, não para sofrer incômodo, mas pelo desejo de experimentá-los e conhecê-los.

Pois que prazer há em ver num cadáver mutilado aquilo que fará alguém estremecer? E, no entanto, se ele estiver por perto, as pessoas acorrem para lá, para se entristecer e empalidecer. Até no sono têm medo de vê-lo. Como se, quando acordadas, alguém as obrigasse a vê-lo, ou alguma notícia de sua beleza as atraísse para lá!

Assim também acontece com os outros sentidos, que seria demorado examinar um a um. Dessa doença da curiosidade vêm todos aqueles espetáculos estranhos apresentados no teatro. Daí os homens passam a investigar os poderes ocultos da natureza, o que está além de nossa finalidade, cujo conhecimento não traz proveito e nos quais os homens nada desejam além de saber.

Daí também a busca das artes mágicas com esse mesmo objetivo de conhecimento pervertido. Daí também, na própria religião, Deus é posto à prova

quando se exigem dele sinais e maravilhas, desejados sem nenhuma boa finalidade, apenas para fazer uma experiência.

⁂

Neste deserto tão vasto, cheio de armadilhas e perigos, eis que cortei muitas dessas coisas e as expulsei do meu coração, conforme me concedeste, ó Deus da minha salvação.

E, no entanto, quando ousarei dizer, já que tantas coisas desse tipo zumbem por todos os lados em nossa vida diária — quando ousarei dizer que nada disso prende minha atenção ou desperta em mim um interesse ocioso?

É verdade que os teatros já não me arrebatam, nem me interessa conhecer o curso dos astros, nem minha alma jamais consultou os espíritos dos mortos; detesto todos os mistérios sacrílegos. De ti, ó Senhor meu Deus, a quem devo servir com humildade e de coração inteiro, com que artifícios e sugestões o inimigo procura me afastar, levando-me a desejar algum sinal!

Mas eu te suplico, por nosso Rei e por nossa pátria pura e santa, Jerusalém: assim como está longe de mim consentir nisso, que esteja sempre cada vez mais longe. Mas, quando te peço pela salvação de alguém, meu propósito e minha intenção são muito diferentes. Tu me concedes e me concederás seguir-te de boa vontade, fazendo o que queres.

Apesar disso, quem pode contar em quantas coisas insignificantes e desprezíveis nossa curiosidade é tentada todos os dias, e quantas vezes cedemos? Quantas vezes começamos como se apenas tolerássemos pessoas contando

histórias vãs, para não ofender os fracos; depois, aos poucos, passamos a nos interessar por elas!

Já não vou ao circo para ver um cão perseguindo uma lebre; mas, se passo pelo campo, essa perseguição talvez me distraia até de algum pensamento importante e arraste minha atenção atrás dela: não que eu desvie o corpo do animal que monto, mas ainda assim inclino minha mente para lá.

E, se tu, depois de me fazeres ver minha fraqueza, não me advertisses logo a elevar-me a ti por alguma reflexão sobre a própria cena, ou a desprezá-la inteiramente e seguir adiante, eu ficaria parado, absorto nela. E quando, sentado em casa, uma lagartixa apanhando moscas, ou uma aranha enredando as que se precipitam em suas teias, tantas vezes prende minha atenção?

A coisa é diferente porque são apenas pequenos animais? A partir deles, passo a louvar-te, maravilhoso Criador e Ordenador de tudo, mas não é isso que primeiro atrai minha atenção. Uma coisa é levantar-se depressa, outra é não cair. E minha vida está cheia dessas coisas; e minha única esperança é tua maravilhosa e grande misericórdia.

Pois, quando nosso coração se torna o receptáculo dessas coisas e fica sobrecarregado com multidões dessa abundante vaidade, nossas orações também são muitas vezes interrompidas e distraídas por elas; e, enquanto em tua presença dirigimos a voz do nosso coração aos teus ouvidos, essa ocupação tão importante é interrompida pela invasão de não sei que pensamentos ociosos.

Devemos então contar também isso entre as coisas de pouca importância? Ou poderá alguma coisa nos trazer de volta à esperança, além de tua plena

misericórdia, já que começaste a nos transformar?

E tu sabes até onde já me transformaste, tu que primeiro me curaste do desejo de me justificar, para assim perdoares todas as minhas outras iniquidades, curares todas as minhas enfermidades, resgatares a vida da corrupção, coroares-me de misericórdia e compaixão e satisfazeres meu desejo com coisas boas; tu que refreaste meu orgulho com o temor de ti e submeteste meu pescoço ao teu jugo. E agora eu o carrego, e ele é leve para mim, porque assim prometeste e assim o fizeste; e, na verdade, ele já era assim, e eu não sabia, quando temia tomá-lo sobre mim.

Mas, ó Senhor, tu, o único Senhor sem orgulho, porque és o único Senhor verdadeiro, que não tem senhor: será que esse terceiro tipo de tentação também cessou em mim, ou poderá cessar ao longo de toda esta vida? Refiro-me ao desejo de ser temido e amado pelos homens, sem nenhum outro fim senão encontrar nisso uma alegria que não é alegria.

Que vida miserável e que vanglória vergonhosa! É sobretudo daí que vem o fato de os homens não te amarem nem temerem com pureza. Por isso resistes aos orgulhosos e dás graça aos humildes; sim, fazes ressoar teu trovão sobre as ambições do mundo, e os fundamentos dos montes tremem.

Como certas funções da sociedade humana tornam necessário ser amado e temido pelos homens, o adversário de nossa verdadeira felicidade nos ataca com força, espalhando por toda parte suas armadilhas de "muito bem, muito bem"; para que, agarrando-nos avidamente a elas, sejamos apanhados de surpresa, separemos nossa alegria de tua verdade e a coloquemos na falsidade dos homens; e nos agrade sermos amados e temidos, não por tua causa, mas em teu lugar.

Assim, tendo sido feitos semelhantes a ele, ele poderá tê-los como seus, não nos laços do amor, mas nas correntes do castigo; ele, que decidiu estabelecer seu trono no norte, para que, nas trevas e no frio, eles o servissem, imitando-te de modo perverso e distorcido.

Mas nós, ó Senhor, eis que somos teu pequeno rebanho; toma-nos como teus, estende tuas asas sobre nós e deixa-nos voar debaixo delas. Sê tu nossa glória; que sejamos amados por tua causa, e que tua palavra seja temida em nós. Quem deseja ser louvado pelos homens quando tu o censuras não será defendido pelos homens quando tu o julgares, nem libertado quando tu o condenares.

Mas, quando um homem é louvado por algum dom que lhe deste — sem que se esteja louvando o pecador nos desejos de sua alma, nem bendizendo aquele que pratica a impiedade — e ele se alegra mais com o louvor a si mesmo do que por possuir o dom pelo qual é louvado, também ele é louvado enquanto tu o reprovas; melhor é quem louvou do que aquele que é louvado.

Pois um encontrou prazer no dom de Deus presente no homem; o outro se agradou mais do dom do homem do que do dom de Deus.

Por essas tentações somos atacados todos os dias, ó Senhor; sem cessar somos atacados. Nossa fornalha diária é a língua dos homens. E também nisso nos ordenas o domínio de nós mesmos. Dá o que ordenas e ordena o que quiseres. Tu conheces, a esse respeito, os gemidos do meu coração e as torrentes dos meus olhos.

Pois não consigo saber até que ponto estou mais limpo dessa praga, e temo muito meus pecados ocultos, que teus olhos conhecem e os meus não. Pois, nos outros tipos de tentação, tenho algum meio de examinar a mim mesmo; neste, quase nenhum.

Pois, ao afastar minha mente dos prazeres da carne e da curiosidade ociosa, vejo quanto avancei quando passo sem eles, renunciando a eles ou não os tendo. Pois então pergunto a mim mesmo: quanto me incomoda, mais ou menos, não os ter?

Quanto às riquezas, que são desejadas para servir a uma, a duas ou a todas as três concupiscências, se a alma não consegue discernir se as despreza quando as possui, pode abandoná-las para assim pôr-se à prova.

Mas, para ficar sem louvor e nisso experimentar nossas forças, será que precisamos viver mal, sim, de maneira tão depravada e atroz que ninguém possa nos conhecer sem nos detestar? Que loucura maior se pode dizer ou imaginar? Mas, se o louvor costuma e deve acompanhar uma vida boa e boas obras, devemos renunciar à sua companhia tão pouco quanto à própria vida boa.

No entanto, não sei se consigo passar bem ou mal sem alguma coisa, a menos que ela esteja ausente.

⁂

O que então te confesso nesse tipo de tentação, ó Senhor? O que, senão que me agrada o louvor, mas a própria verdade me agrada mais do que o louvor? Pois, se me fosse proposta a escolha entre ser louvado por todos os homens, estando delirantemente enganado em tudo, ou ser censurado por to-

dos, estando firme e plenamente estabelecido na verdade, vejo o que deveria escolher.

Ainda assim, eu gostaria que a aprovação de outra pessoa nem sequer aumentasse minha alegria por qualquer bem que há em mim. Mas reconheço que ela a aumenta; e não só isso: a censura a diminui. E, quando me perturbo com essa minha miséria, ocorre-me uma desculpa cujo valor tu, ó Deus, conheces, pois ela me deixa na incerteza.

Pois, já que nos ordenaste não apenas o domínio de nós mesmos, isto é, de quais coisas devemos afastar nosso amor, mas também a justiça, isto é, a que devemos dedicá-lo, e quiseste que amássemos não apenas a ti, mas também ao próximo, muitas vezes, quando me agrada um louvor sensato, parece-me que me agrado do progresso ou da boa disposição do meu próximo; ou que me entristeço pelo mal que há nele, quando o ouço censurar o que não compreende ou o que é bom.

Pois às vezes me entristeço com o louvor que recebo, seja quando louvam em mim coisas das quais eu mesmo não gosto, seja quando qualidades menores e insignificantes são mais estimadas do que deveriam.

Mas, por outro lado, como sei se fico assim porque não quero que aquele que me louva discorde de mim a meu respeito; não por estar movido pela preocupação com ele, mas porque essas mesmas coisas boas que me agradam em mim me agradam mais quando também agradam a outra pessoa?

Pois, de algum modo, não sou louvado quando não é louvado o juízo que faço de mim mesmo, já que ou se louvam coisas que me desagradam, ou se

louvam mais aquelas que me agradam menos. Estarei então em dúvida a meu respeito nessa questão?

Eis que em ti, ó Verdade, vejo que não devo ser tocado pelos louvores a mim por minha própria causa, mas pelo bem do meu próximo. E não sei se é isso que acontece comigo. Pois nisso conheço menos a mim mesmo do que a ti. Agora te suplico, ó meu Deus: revela-me também a mim mesmo, para que eu possa confessar aos meus irmãos, que devem orar por mim, em que me encontro ferido.

Que eu examine a mim mesmo outra vez, com mais cuidado. Se, quando sou louvado, sou tocado pelo bem do meu próximo, por que sou menos tocado quando outro é censurado injustamente do que quando sou eu? Por que me fere mais a censura lançada contra mim do que a lançada contra outro, com a mesma injustiça, diante de mim? Também não sei isso?

Ou será, afinal, que engano a mim mesmo e não pratico a verdade diante de ti em meu coração e em minha língua? Afasta de mim essa loucura, ó Senhor, para que minha própria boca não seja para mim o óleo do pecador a ungir minha cabeça.

Sou pobre e necessitado; mas estou em melhor condição quando, em gemidos ocultos, me desagrado de mim mesmo e busco tua misericórdia, até que aquilo que falta em meu estado imperfeito seja renovado e aperfeiçoado, até chegar àquela paz que o olhar dos orgulhosos não conhece.

No entanto, a palavra que sai da boca e as ações conhecidas pelos homens trazem consigo uma tentação perigosíssima por meio do amor ao louvor: ele, para estabelecer certa excelência nossa, solicita e reúne a aprovação dos

homens. Ele me tenta mesmo quando o reprovo em mim, pelo próprio fato de ser reprovado; e muitas vezes se gloria ainda mais vaidosamente do próprio desprezo pela vanglória. Assim, aquilo de que se gloria já não é desprezo pela vanglória, pois não a despreza quando se gloria.

Também dentro, no íntimo, há outro mal, que nasce de uma tentação semelhante; por ele os homens se tornam vaidosos, agradando a si mesmos em si mesmos, embora não agradem aos outros, ou lhes desagradem, ou não se importem em agradar-lhes.

Mas, agradando a si mesmos, desagradam muito a ti, não apenas por encontrarem prazer em coisas que não são boas, como se fossem boas, mas também em teus bens, como se fossem deles; ou, mesmo reconhecendo que são teus, como se os tivessem por seus próprios méritos; ou, mesmo reconhecendo que vêm de tua graça, sem contudo se alegrarem fraternalmente, mas invejando essa graça nos outros.

Em todos esses perigos e sofrimentos, e em outros semelhantes, tu vês o tremor do meu coração; e sinto mais que minhas feridas são curadas por ti do que que não sejam infligidas por mim.

Por onde não andaste comigo, ó Verdade, ensinando-me o que evitar e o que desejar, quando eu Te apresentava o que conseguia descobrir aqui embaixo e Te consultava? Com meus sentidos exteriores, tanto quanto podia, examinei o mundo e observei a vida que meu corpo recebe de mim, assim como esses meus sentidos.

Daí entrei nos recantos de minha memória, naquelas numerosas e espaçosas câmaras, maravilhosamente providas de incontáveis reservas; e refleti e

fiquei assombrado, pois nada dessas coisas conseguia discernir sem Ti, e em nenhuma delas encontrava a Ti.

Tampouco eu mesmo era Tu: eu, que descobri essas coisas, que as percorri todas e me esforcei para distinguir e avaliar cada uma segundo seu valor, aceitando algumas pelo testemunho de meus sentidos, interrogando outras que sentia misturadas comigo mesmo, contando e distinguindo os próprios sentidos que me davam testemunho, e, no vasto tesouro de minha memória, revolvendo algumas coisas, guardando outras, retirando outras.

Nem eu mesmo, quando fazia isso, isto é, aquela minha capacidade pela qual o fazia, era Tu, pois Tu és a luz permanente, que eu consultava a respeito de todas essas coisas: se existiam, o que eram e como deviam ser avaliadas; e eu Te ouvia orientar-me e dar-me ordens.

Isso faço muitas vezes, isso me dá prazer, e, na medida em que posso me libertar dos deveres necessários, recorro a esse prazer. E em todas essas coisas que percorro enquanto Te consulto, não consigo encontrar lugar seguro para minha alma senão em Ti, onde meus membros dispersos possam ser reunidos e nada de mim se afaste de Ti.

E às vezes me concedes um sentimento muito incomum no mais íntimo de minha alma, que se eleva a uma doçura extraordinária; se ela se tornasse perfeita em mim, não sei o que nela não pertenceria à vida futura.

Mas, por causa de meus miseráveis fardos, volto a afundar nessas coisas inferiores, sou arrastado de volta pelo antigo costume, fico preso e choro muito, mas continuo firmemente preso. Tanto nos oprime o peso de um

mau costume. Aqui posso ficar, mas não quero; lá quero ficar, mas não posso; de ambos os modos, sou miserável.

⁂

Assim, considerei as doenças de meus pecados nessa tríplice cobiça e pedi o auxílio de Tua mão direita. Pois, com o coração ferido, contemplei Teu esplendor e, repelido, disse: "Quem pode chegar até lá? Fui lançado para longe da vista de Teus olhos."

Tu és a Verdade que governa tudo, mas eu, por minha avidez, não queria de fato abrir mão de Ti; queria, porém, possuir uma mentira junto contigo, assim como ninguém desejaria mentir de tal maneira que ele próprio ignorasse a verdade. Assim, perdi a Ti, porque não Te dignas a ser possuído junto com uma mentira.

Quem eu poderia encontrar para me reconciliar contigo? Deveria recorrer aos anjos? Por meio de que orações? De que sacramentos? Muitos, procurando voltar a Ti e incapazes de fazê-lo por si mesmos, tentaram isso, pelo que ouço, e caíram no desejo de visões extraordinárias, sendo considerados dignos de ser enganados.

Pois, cheios de si, procuravam a Ti pelo orgulho do saber, estufando o peito em vez de bater nele; e assim, pela afinidade de seus corações, atraíram para si os príncipes do ar, cúmplices de seu orgulho, pelos quais foram enganados por meio de influências mágicas, enquanto procuravam um mediador por quem pudessem ser purificados, e não havia nenhum.

Pois era o diabo, transformando-se em anjo de luz. E muito seduzia a carne orgulhosa o fato de ele não ter um corpo de carne. Pois eles eram mortais e

pecadores; mas Tu, Senhor, com quem orgulhosamente procuravam se reconciliar, és imortal e sem pecado.

Mas um mediador entre Deus e o homem deve ter algo semelhante a Deus e algo semelhante aos homens; para que, sendo em ambos os aspectos semelhante ao homem, não esteja longe de Deus; ou, sendo em ambos semelhante a Deus, não seja diferente demais do homem, deixando assim de ser mediador.

Aquele mediador enganador, portanto, pelo qual, em Teus juízos secretos, o orgulho mereceu ser iludido, tem uma coisa em comum com o homem: o pecado; outra, ele quer parecer ter em comum com Deus; e, por não estar revestido da mortalidade da carne, quer se vangloriar de ser imortal.

Mas, como o salário do pecado é a morte, ele tem isto em comum com os homens: ser condenado à morte junto com eles.

Mas o verdadeiro Mediador, que em Tua misericórdia secreta mostraste aos humildes e enviaste para que, também por Seu exemplo, aprendessem essa mesma humildade, esse Mediador entre Deus e o homem, o homem Cristo Jesus, apareceu entre os pecadores mortais e o Justo imortal; mortal com os homens, justo com Deus: para que, sendo o salário da justiça a vida e a paz, Ele, por uma justiça unida a Deus, anulasse a morte dos pecadores, agora tornados justos, morte que quis ter em comum com eles.

Por isso Ele foi revelado aos santos de antigamente, para que assim fossem salvos pela fé em Sua Paixão futura, como nós pela fé nessa Paixão já passada. Pois, como homem, Ele era Mediador; mas, como o Verbo, não estava

no meio entre Deus e o homem, porque era igual a Deus, e Deus com Deus, e juntos um só Deus.

Como nos amaste, bom Pai, que não poupaste Teu único Filho, mas O entregaste por nós, ímpios! Como nos amaste, por quem Aquele que não considerou usurpação ser igual a Ti se submeteu até à morte na cruz, Ele, o único livre entre os mortos, tendo poder para entregar Sua vida e poder para retomá-la: por nós, diante de Ti, Vencedor e Vítima, e por isso Vencedor, porque Vítima; por nós, diante de Ti, Sacerdote e Sacrifício, e por isso Sacerdote, porque Sacrifício; fazendo de nós, de servos, Teus filhos, por ter nascido de Ti e nos servido.

Por isso, minha esperança é firme Nele: a de que curarás todas as minhas enfermidades por meio Daquele que está sentado à Tua direita e intercede por nós; do contrário, eu perderia a esperança. Pois muitas e grandes são minhas enfermidades; muitas são, e grandes; mas Teu remédio é mais poderoso.

Poderíamos imaginar que Teu Verbo estivesse longe de qualquer união com o homem e perder a esperança em nós mesmos, se Ele não tivesse se feito carne e habitado entre nós.

Aterrorizado por meus pecados e pelo peso de minha miséria, eu havia pensado em meu coração e decidido fugir para o deserto; mas Tu me impediste e me fortaleceste, dizendo: Por isso Cristo morreu por todos, para que os que vivem já não vivam para si mesmos, mas para Aquele que morreu por eles.

Vê, Senhor, lanço sobre Ti minha preocupação, para que eu viva e contemple as maravilhas de Tua lei. Tu conheces minha falta de habilidade e minhas enfermidades; ensina-me e cura-me. Ele, Teu único Filho, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento, resgatou-me com Seu sangue.

Que os orgulhosos não falem mal de mim, porque medito sobre meu resgate, como e bebo e o partilho; e, pobre, desejei saciar-me Dele, entre os que comem e ficam saciados; e os que O procuram louvarão o Senhor.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XI

✦

Senhor, já que a eternidade é Tua, ignoras o que Te digo? Ou vês no tempo o que se passa no tempo? Por que, então, ponho em ordem diante de Ti tantos relatos? Não, certamente, para que os conheças por meu intermédio, mas para despertar minha devoção e a de meus leitores por Ti, para que todos possamos dizer: Grande é o Senhor e muito digno de louvor.

Já disse e direi de novo: por amor ao Teu amor faço isto. Pois também oramos, e, no entanto, a Verdade disse: Vosso Pai sabe do que precisais antes que peçais.

São, portanto, nossos sentimentos que abrimos diante de Ti, confessando nossas misérias e Tuas misericórdias para conosco, para que nos libertes por completo, já que começaste, a fim de que deixemos de ser infelizes em nós mesmos e sejamos felizes em Ti; pois nos chamaste a ser pobres de espírito, mansos, a chorar, a ter fome e sede de justiça, a ser misericordiosos, puros de coração e promotores da paz.

Vê, eu Te contei muitas coisas, como pude e como quis, porque primeiro quiseste que eu as confessasse a Ti, meu Senhor e meu Deus. Pois Tu és bom, pois Tua misericórdia dura para sempre.

Mas como serei capaz de expressar, com a língua de minha pena, todas as Tuas exortações, todos os Teus terrores, consolos e orientações, pelos quais me levaste a pregar Tua Palavra e a ministrar Teu Sacramento ao Teu povo?

E, se eu for capaz de expressá-los em ordem, as gotas do tempo me são preciosas; há muito ardo de desejo de meditar em Tua lei e nela confessar a Ti meu saber e minha falta de saber, o raiar da Tua luz e os restos da minha escuridão, até que a fraqueza seja consumida pela força.

E não gostaria que nada mais me roubasse aquelas horas que encontro livres das necessidades de revigorar meu corpo e as forças da minha mente, e do serviço que devemos aos homens, ou que, mesmo sem dever, ainda assim prestamos.

Ó Senhor, meu Deus, dá ouvidos à minha oração, e que Tua misericórdia escute meu desejo, pois ele não se preocupa apenas comigo, mas quer servir ao amor fraterno; e Tu vês meu coração e sabes que é assim. Quero oferecer-Te em sacrifício o serviço de meu pensamento e de minha língua; dá-me Tu aquilo que eu possa Te oferecer.

Pois sou pobre e necessitado, e Tu és rico para todos os que Te invocam; Tu, a quem nenhuma preocupação pode atingir, cuidas de nós. Circuncida meus lábios interiores e exteriores, livrando-os de toda imprudência e de toda mentira; que Tuas Escrituras sejam minhas puras delícias; que eu não me engane nelas nem engane outros por meio delas.

Senhor, escuta e tem piedade, ó Senhor, meu Deus, Luz dos cegos e Força dos fracos; sim, também Luz dos que veem e Força dos fortes; escuta minha alma e ouve seu clamor das profundezas. Pois, se Teus ouvidos não estiverem conosco também nas profundezas, aonde iremos? Para onde clamaremos? Teu é o dia, e Tua é a noite; ao Teu sinal os instantes passam voando.

Concede-nos uma parte deles para meditarmos nas coisas ocultas da Tua lei, e não a feches para nós que batemos à porta. Pois não foi em vão que quiseste que fossem escritos os mistérios obscuros de tantas páginas; nem essas florestas deixam de ter seus cervos, que nelas se recolhem, percorrem seus caminhos e passeiam, alimentam-se, deitam-se e ruminam.

Aperfeiçoa-me, Senhor, e revela-os a mim. Eis que Tua voz é minha alegria; Tua voz supera a abundância dos prazeres. Dá-me aquilo que amo, pois eu amo, e isso Tu me deste; não abandones Teus próprios dons, nem desprezes Tua erva verde que tem sede.

Que eu Te confesse tudo o que encontrar em Teus livros, ouça a voz do louvor, beba de Ti e medite nas maravilhas da Tua lei, desde o princípio, em que fizeste o céu e a terra, até o reinado eterno da Tua cidade santa contigo.

Senhor, tem misericórdia de mim e ouve meu desejo. Pois ele não se volta, creio eu, para as coisas da terra, nem para o ouro e a prata, as pedras preciosas, as roupas esplêndidas, as honras e os cargos, os prazeres da carne ou as coisas necessárias ao corpo e a esta vida de nossa peregrinação; tudo isso será acrescentado aos que buscam Teu reino e Tua justiça.

Vê, ó Senhor, meu Deus, onde está meu desejo. Os ímpios me falaram de delícias, mas elas não são como Tua lei, Senhor. Vê onde está meu desejo. Vê, Pai, vê, olha e aprova; e que seja agradável aos olhos da Tua misericórdia que eu encontre graça diante de Ti, para que o íntimo de Tuas palavras se abra a mim, que bato à porta.

Suplico por nosso Senhor Jesus Cristo, Teu Filho, o Homem da Tua mão direita, o Filho do homem, que estabeleceste para Ti como Teu Mediador e

nosso, por meio de quem nos buscaste quando não Te buscávamos, mas nos buscaste para que Te buscássemos — Tua Palavra, por meio de quem fizeste todas as coisas e, entre elas, também a mim; Teu Filho Unigênito, por meio de quem chamaste à adoção o povo que crê e, nele, também a mim —; suplico-Te por Ele, que está sentado à Tua direita e intercede junto a Ti por nós, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento.

São esses que busco em Teus livros. Dele escreveu Moisés; isso Ele mesmo diz; isso diz a Verdade.

Quero ouvir e compreender como "No princípio fizeste o céu e a terra". Moisés escreveu isso, escreveu e partiu, passou daqui, de Ti para Ti; e agora não está diante de mim. Pois, se estivesse, eu o seguraria e lhe perguntaria, e por Ti lhe suplicaria que me revelasse essas coisas, e aproximaria os ouvidos do meu corpo dos sons que saíssem de sua boca.

E, se ele falasse hebraico, em vão o som atingiria meus sentidos, e nada dele chegaria à minha mente; mas, se falasse latim, eu saberia o que ele dizia. Mas como saberia se ele dizia a verdade? E, mesmo que eu soubesse isso, seria por meio dele que o saberia?

Na verdade, dentro de mim, no íntimo, no aposento de meus pensamentos, a Verdade, que não é hebraica, nem grega, nem latina, nem bárbara, sem órgãos de voz ou língua, nem som de sílabas, diria: "É verdade", e eu logo diria com confiança àquele Teu homem: "Dizes a verdade".

Como, então, não posso perguntar a ele, a Ti, a Ti suplico, ó Verdade, de quem ele estava cheio ao dizer a verdade; a Ti, meu Deus, suplico: perdoa

meus pecados; e Tu, que concedeste a ele, Teu servo, dizer essas coisas, concede também a mim compreendê-las.

Eis que os céus e a terra existem; proclamam que foram criados, pois mudam e variam. Mas tudo aquilo que não foi feito e, ainda assim, existe não tem em si nada que antes não tivesse; pois é isso que significa mudar e variar.

Proclamam também que não fizeram a si mesmos: "Existimos porque fomos feitos; portanto, antes de existirmos, não existíamos para que pudéssemos fazer a nós mesmos". Ora, a evidência da coisa é a voz dos que falam.

Portanto, Tu, Senhor, os fizeste; Tu, que és belo, pois eles são belos; Tu, que és bom, pois eles são bons; Tu, que existes, pois eles existem; contudo, não são belos, nem bons, nem existem como Tu, seu Criador; comparados contigo, não são belos, nem bons, nem existem. Isso sabemos, graças a Ti. E nosso conhecimento, comparado ao Teu conhecimento, é ignorância.

⁂

Mas como fizeste o céu e a terra? E qual foi o instrumento de Tua obra tão poderosa? Pois não foi como um artesão humano, que forma um corpo a partir de outro, segundo o discernimento de sua mente, a qual pode, de algum modo, revesti-lo de uma forma como a que vê em si mesma com seu olhar interior.

E de onde lhe viria a capacidade de fazer isso, se Tu não tivesses feito essa mente? E ele dá forma ao que já existe e tem um ser, como a argila, a pedra, a madeira, o ouro ou coisas semelhantes. E de onde viriam essas coisas, se Tu não as tivesses estabelecido?

Tu fizeste o corpo do artesão; Tu, a mente que comanda seus membros; Tu, a matéria de que ele faz alguma coisa; Tu, a compreensão com que ele aprende sua arte e vê por dentro o que faz por fora; Tu, os sentidos de seu corpo, pelos quais, como por um intérprete, ele pode transmitir da mente à matéria aquilo que faz e informar à mente o que foi feito, para que ela, em seu íntimo, consulte a verdade que a governa e saiba se foi bem-feito ou não.

Todas essas coisas Te louvam, Criador de tudo. Mas como as fazes? Como, ó Deus, fizeste o céu e a terra? Certamente, não foi no céu nem na terra que fizeste o céu e a terra; nem no ar ou nas águas, pois estes também pertencem ao céu e à terra; nem foi no mundo inteiro que fizeste o mundo inteiro, porque não havia lugar onde fazê-lo antes que fosse feito para existir.

Também não tinhas nas mãos coisa alguma da qual pudesses fazer o céu e a terra. Pois de onde terias algo que não tivesses feito, para dele fazer alguma coisa? Pois o que existe, senão porque Tu existes? Portanto, falaste, e foram feitos, e em Tua Palavra os fizeste.

Mas como falaste? Da maneira como a voz saiu da nuvem, dizendo: Este é meu Filho amado? Pois aquela voz passou e desapareceu, começou e terminou; as sílabas soaram e passaram, a segunda depois da primeira, a terceira depois da segunda, e assim por diante, em ordem, até a última depois das demais, e o silêncio depois da última.

Daí fica completamente claro e evidente que o movimento de uma criatura a expressou, sendo ele próprio temporal, a serviço da Tua vontade eterna. E essas Tuas palavras, criadas por um tempo, o ouvido exterior transmitiu à alma inteligente, cujo ouvido interior estava atento à Tua Palavra eterna.

Mas ela comparou essas palavras que soavam no tempo com Tua Palavra eterna no silêncio e disse: "É diferente, muito diferente. Essas palavras estão muito abaixo de mim e nem sequer existem, pois fogem e passam; mas a Palavra de meu Senhor permanece acima de mim para sempre".

Se, portanto, com palavras que soam e passam disseste que o céu e a terra fossem feitos, e assim fizeste o céu e a terra, havia uma criatura corporal antes do céu e da terra, por cujos movimentos no tempo aquela voz pudesse percorrer seu curso no tempo.

Mas nada havia de corporal antes do céu e da terra; ou, se havia, certamente tinhas criado, sem uma voz passageira como essa, aquilo de que farias essa voz passageira, pela qual dirias: Sejam feitos o céu e a terra. Pois, fosse o que fosse aquilo de que tal voz fosse feita, se não tivesse sido feito por Ti, não poderia existir de modo algum.

Por qual Palavra, então, falaste para que fosse feito um corpo, por meio do qual, por sua vez, essas palavras pudessem ser feitas?

Tu nos chamas, então, a compreender a Palavra, Deus contigo, que és Deus, a qual é pronunciada eternamente, e por ela todas as coisas são ditas eternamente. Pois o que foi dito não foi dito em sequência, terminando uma coisa para que a seguinte pudesse ser dita, mas tudo ao mesmo tempo e eternamente.

Caso contrário, temos tempo e mudança, e não verdadeira eternidade nem verdadeira imortalidade. Isso eu sei, ó meu Deus, e dou graças. Sei e Te confesso, Senhor; e comigo sabe e Te bendiz todo aquele que não é ingrato à Verdade segura.

Sabemos, Senhor, sabemos; pois, na medida em que algo deixa de existir depois de ter existido, e passa a existir sem antes ter existido, nessa medida morre e nasce. Por conseguinte, nada em Tua Palavra cede lugar ou toma o lugar de outra coisa, porque ela é verdadeiramente imortal e eterna.

Por isso, à Palavra coeterna contigo dizes de uma só vez e eternamente tudo o que dizes; e tudo o que dizes que seja feito é feito; e não fazes de outro modo senão dizendo; e, no entanto, nem todas as coisas que fazes dizendo são feitas ao mesmo tempo ou são eternas.

Por quê, eu te peço, ó Senhor, meu Deus? De certo modo eu compreendo; mas não sei como expressar isso, a não ser dizendo que tudo o que começa a existir e deixa de existir começa e termina quando, em tua Razão eterna, se sabe que deve começar ou terminar; nessa Razão nada começa nem termina. Essa é tua Palavra, que é também "o Princípio, porque também nos fala".

Assim, no Evangelho, Ele fala por meio da carne; e essa voz soou exteriormente aos ouvidos dos homens, para que cressem nela e a buscassem interiormente, e a encontrassem na Verdade eterna, onde o bom e único Mestre ensina a todos os seus discípulos.

Ali, Senhor, ouço tua voz falando comigo; pois quem nos ensina é quem nos fala; mas quem não nos ensina, ainda que fale, não fala a nós. E quem nos ensina, senão a Verdade imutável?

Pois, mesmo quando somos advertidos por uma criatura mutável, apenas somos conduzidos à Verdade imutável; ali aprendemos verdadeiramente, enquanto permanecemos e a ouvimos, e nos alegramos muito com a voz do

Esposo, que nos restitui Àquele de quem recebemos o ser. E por isso Ele é o Princípio, pois, se não permanecesse, não haveria para onde voltar quando nos desviássemos.

Mas, quando voltamos do erro, é por meio do conhecimento; e, para que possamos conhecer, Ele nos ensina, porque é o Princípio e nos fala.

⁂

Nesse Princípio, ó Deus, fizeste o céu e a terra, em tua Palavra, em teu Filho, em teu Poder, em tua Sabedoria, em tua Verdade; falando de modo maravilhoso e criando de modo maravilhoso. Quem poderá compreender? Quem poderá expressar isso? O que é isso que brilha através de mim e toca meu coração sem feri-lo, e me faz estremecer e arder?

Estremeço por ser diferente disso; ardo por ser semelhante a isso. É a Sabedoria, a própria Sabedoria que brilha através de mim, dissipando minha névoa, que logo volta a me envolver, quando desfaleço longe dela, por causa das trevas que se acumulam sobre mim como castigo.

Pois minha força se abate na necessidade, de modo que não consigo sustentar minhas bênçãos, até que tu, Senhor, que perdoaste todas as minhas iniquidades, cures todas as minhas enfermidades.

Pois também resgatarás minha vida da corrupção, e me coroarás de bondade amorosa e ternas misericórdias, e satisfarás meu desejo com coisas boas, porque minha juventude será renovada como a da águia. Pois na esperança somos salvos; por isso aguardamos com paciência tuas promessas.

Quem puder, que te ouça falar interiormente por teu oráculo; eu clamarei com ousadia: Como são maravilhosas tuas obras, ó Senhor! Na Sabedoria fizeste todas elas; e essa Sabedoria é o Princípio, e nesse Princípio fizeste o céu e a terra.

Vê: não estão cheios de seu velho fermento aqueles que nos dizem: "O que Deus fazia antes de fazer o céu e a terra? Pois, se estava inativo e nada fazia, por que não continua assim de agora em diante e para sempre, como estava antes?

Pois, se surgiu em Deus algum novo movimento e uma nova vontade de fazer uma criatura que nunca antes havia feito, como seria verdadeira eternidade aquela em que surge uma vontade que não existia? Pois a vontade de Deus não é uma criatura, mas é anterior à criatura, já que nada poderia ser criado se a vontade do Criador não o tivesse precedido.

A vontade de Deus pertence, portanto, à sua própria Substância. E, se surgiu na Substância de Deus algo que antes não existia, essa Substância não pode ser verdadeiramente chamada eterna. Mas, se desde a eternidade a vontade de Deus era que a criatura existisse, por que a criatura também não existia desde a eternidade?"

Os que assim falam ainda não te compreendem, ó Sabedoria de Deus, Luz das almas; ainda não compreendem como são feitas as coisas que por ti e em ti são feitas. No entanto, esforçam-se para compreender as coisas eternas, enquanto seu coração oscila entre os movimentos das coisas passadas e futuras e continua instável.

Quem o deterá e o firmará, para que se aquiete por um momento e por um momento contemple a glória daquela Eternidade sempre imóvel, e a compare com os tempos que nunca ficam imóveis, e veja que não há comparação possível; e que um tempo longo só pode se tornar longo por muitos movimentos que passam e não podem se prolongar todos ao mesmo tempo; mas que, no Eterno, nada passa, e tudo está presente, ao passo que nenhum tempo está inteiramente presente de uma só vez; e que todo o tempo passado é impelido pelo tempo futuro, e todo o futuro sucede ao passado; e que todo o passado e todo o futuro são criados e fluem daquilo que está sempre presente?

Quem deterá o coração do homem, para que fique quieto e veja como a eternidade, sempre imóvel, nem passada nem futura, profere os tempos passados e futuros? Pode minha mão fazer isso, ou pode a mão de minha boca, por meio da fala, realizar coisa tão grande?

Vê, respondo a quem pergunta: "O que Deus fazia antes de fazer o céu e a terra?" Não respondo como se conta que alguém respondeu por brincadeira, escapando à dificuldade da pergunta: "Estava preparando o inferno para os que investigam os mistérios". Uma coisa é responder a perguntas, outra é zombar de quem pergunta.

Assim, não respondo desse modo; pois prefiro responder "não sei" àquilo que não sei a provocar risos à custa de quem pergunta sobre coisas profundas e conseguir elogios para quem responde com falsidades.

Mas digo que tu, nosso Deus, és o Criador de toda criatura; e, se pelo nome "céu e terra" se entende toda criatura, digo com ousadia que, antes de Deus

fazer o céu e a terra, Ele não fez coisa alguma. Pois, se fez algo, o que fez, senão uma criatura?

E quem dera eu soubesse tudo o que desejo saber para meu proveito, assim como sei que nenhuma criatura foi feita antes que alguma criatura fosse feita.

Mas, se alguma mente divagante vagueia pelas imagens de tempos passados e se espanta de que tu, Deus todo-poderoso, que tudo crias e tudo sustentas, Criador do céu e da terra, tenhas deixado de realizar tão grande obra por incontáveis eras, antes de decidires fazê-la, que desperte e considere que se espanta com ideias falsas.

Pois de onde poderiam ter passado incontáveis eras que tu não fizeste, tu que és o Autor e Criador de todas as eras? Ou que tempos poderiam existir que não tivessem sido feitos por ti? Ou como poderiam passar, se nunca existiram? Sendo tu, portanto, o Criador de todos os tempos, se houve algum tempo antes de fazeres o céu e a terra, por que dizem que deixaste de agir?

Pois esse mesmo tempo tu fizeste, e os tempos não poderiam passar antes que os fizesses. Mas, se antes do céu e da terra não havia tempo, por que se pergunta o que fazias então? Pois não havia "então" quando não havia tempo.

E não é pelo tempo que precedes o tempo; caso contrário, não precederias todos os tempos. Mas precedes todas as coisas passadas pela sublimidade de uma eternidade sempre presente; e ultrapassas todas as futuras, porque

são futuras e, quando chegarem, serão passadas; mas tu és o Mesmo, e teus anos não têm fim.

Teus anos nem vêm nem vão, enquanto os nossos vêm e vão, para que todos possam vir. Teus anos permanecem juntos, porque permanecem; e os anos que chegam não expulsam os que partem, pois eles não passam; mas os nossos só estarão todos completos quando já não existirem.

Teus anos são um só dia; e teu dia não se repete a cada dia, mas é Hoje, pois teu Hoje não cede lugar ao amanhã, já que também não substitui o ontem. Teu Hoje é a Eternidade; por isso geraste Aquele que é coeterno contigo, a quem disseste: Hoje eu te gerei. Fizeste todas as coisas; e existes antes de todos os tempos; e nunca houve um tempo em que não houvesse tempo.

Portanto, não houve tempo algum em que nada tivesses feito, porque fizeste o próprio tempo. E nenhum tempo é coeterno contigo, porque tu permaneces; mas, se os tempos permanecessem, não seriam tempos. Pois o que é o tempo? Quem pode explicar isso de modo fácil e breve? Quem pode sequer compreendê-lo em pensamento, a ponto de dizer uma palavra a respeito dele?

Mas o que mencionamos em nossas conversas com mais familiaridade e conhecimento do que o tempo? E compreendemos quando falamos dele; compreendemos também quando ouvimos outra pessoa falar dele. O que é, então, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; se quero explicá-lo a quem pergunta, não sei.

Contudo, digo com ousadia que sei que, se nada passasse, não haveria tempo passado; e, se nada estivesse por vir, não haveria tempo futuro; e, se

nada existisse, não haveria tempo presente. Como existem, então, esses dois tempos, o passado e o futuro, se o passado já não existe e o futuro ainda não existe?

Mas o presente, se fosse sempre presente e nunca passasse a ser passado, de fato não seria tempo, mas eternidade. Se o tempo presente, para ser tempo, só vem a existir porque passa a ser passado, como podemos dizer que ele existe, se a causa de sua existência é que deixará de existir? Assim, só podemos dizer verdadeiramente que o tempo existe porque tende a não existir?

⁂

E, no entanto, dizemos "um tempo longo" e "um tempo curto", mas apenas a respeito do tempo passado ou futuro. Chamamos de tempo passado longo, por exemplo, cem anos atrás; e de tempo futuro longo, cem anos adiante. Mas chamamos de tempo passado curto, digamos, dez dias atrás; e de tempo futuro curto, dez dias adiante. Mas em que sentido é longo ou curto aquilo que não existe?

Pois o passado já não existe, e o futuro ainda não existe. Portanto, não digamos "é longo", mas, a respeito do passado, "foi longo"; e, a respeito do futuro, "será longo". Ó meu Senhor, minha Luz, também aqui tua Verdade não zombará do homem? Pois aquele tempo passado que foi longo era longo quando já havia passado ou quando ainda era presente?

Pois só podia ser longo quando existia algo que pudesse ser longo; mas, depois de passado, já não existia; por isso, aquilo que de modo algum existia também não podia ser longo.

Não digamos, por conseguinte, "o tempo passado foi longo", pois não encontraremos o que foi longo, já que, desde que passou, não existe mais; digamos, porém, "aquele tempo presente foi longo", porque, quando era presente, era longo.

Pois ainda não havia passado a ponto de deixar de existir; e, por isso, existia algo que podia ser longo; mas, depois que passou, também deixou de ser longo aquilo que deixou de existir.

Vejamos, então, ó alma humana, se o tempo presente pode ser longo; pois a ti é dado sentir e medir a duração do tempo. O que me responderás? Cem anos, quando presentes, são um tempo longo? Vê primeiro se cem anos podem estar presentes.

Pois, se o primeiro desses anos está em curso agora, ele é presente, mas os outros noventa e nove estão por vir e, portanto, ainda não existem; mas, se o segundo ano está em curso, um já passou, outro é presente e os demais estão por vir.

E assim, se tomarmos como presente qualquer ano no meio desses cem, todos os anteriores serão passados e todos os posteriores serão futuros; portanto, cem anos não podem estar presentes.

Mas vê ao menos se esse único ano que agora está em curso é, ele próprio, presente; pois, se o mês em curso é o primeiro, os demais estão por vir; se é o segundo, o primeiro já passou e os demais ainda não existem. Portanto, nem mesmo o ano em curso é presente; e, se não está presente como um todo, então o ano não é presente.

Pois doze meses formam um ano; desses meses, apenas o mês em curso é presente; os demais são passados ou futuros. Embora nem mesmo esse mês em curso esteja presente, mas apenas um dia; os demais estão por vir, se for o primeiro dia; já passaram, se for o último; se for algum dos dias do meio, ele estará entre o passado e o futuro.

Vê como o tempo presente, o único que achamos que poderia ser chamado longo, fica reduzido à duração de apenas um dia. Mas examinemos também isso, pois nem mesmo um dia está presente por inteiro.

Ele se compõe de vinte e quatro horas de noite e de dia: a primeira tem todas as outras por vir; a última as tem no passado; e qualquer uma das intermediárias tem no passado as que a precedem e por vir as que a seguem. Sim, essa única hora passa em partículas fugazes. Tudo o que dela já se foi é passado; tudo o que resta está por vir.

Se pudermos conceber um instante de tempo que não possa ser dividido nas menores partículas de momentos, somente ele poderá ser chamado presente. Mas ele voa do futuro para o passado com tamanha rapidez que não se prolonga pela menor demora. Pois, se assim fosse, ele se dividiria em passado e futuro. O presente não tem extensão.

Onde está, então, o tempo que podemos chamar longo? Está por vir? Dele não dizemos: "É longo", porque ainda não existe para ser longo; mas dizemos: "Será longo". Quando, portanto, ele existirá?

Pois, se enquanto ainda estiver por vir não será longo, porque aquilo que pode ser longo ainda não existe, e se só será longo quando começar a existir, passando do futuro, que ainda não existe, para o presente, de modo que

exista algo que possa ser longo, então o tempo presente clama, com as palavras acima, que não pode ser longo.

E, no entanto, Senhor, percebemos intervalos de tempo, os comparamos e dizemos que uns são mais curtos e outros mais longos. Medimos também quanto este tempo é mais longo ou mais curto que aquele e respondemos: "Este é o dobro ou o triplo; e aquele, apenas uma vez, ou exatamente tanto quanto aquele outro".

Mas medimos os tempos enquanto passam, percebendo-os; quanto aos tempos passados, que já não existem, ou aos futuros, que ainda não existem, quem pode medi-los? A menos que alguém se atreva a dizer que se pode medir o que não existe. Assim, enquanto o tempo passa, ele pode ser percebido e medido; mas, quando já passou, não pode, porque não existe.

Eu pergunto, Pai, não afirmo: ó meu Deus, governa-me e guia-me. "Quem me dirá que não existem três tempos, como aprendemos quando meninos e ensinamos aos meninos — passado, presente e futuro —, mas somente o presente, porque os outros dois não existem?

Ou eles também existem, e, quando o futuro se torna presente, sai de algum lugar secreto, e assim também, ao se retirar, passa de presente a passado? Pois onde aqueles que predisseram coisas futuras as viram, se elas ainda não existem? Porque aquilo que não existe não pode ser visto.

E os que relatam coisas passadas não poderiam relatá-las se não as distinguissem na mente; e, se elas não existissem, de modo algum poderiam ser distinguidas. Portanto, as coisas passadas e futuras existem."

⁂

Permite-me, Senhor, continuar a buscar. Ó minha esperança, não deixes que meu propósito seja frustrado. Pois, se os tempos passados e futuros existem, eu gostaria de saber onde estão. Ainda que eu não consiga saber isso, sei que, onde quer que estejam, não estão ali como futuros ou passados, mas como presentes.

Pois, se ali também forem futuros, ainda não estão ali; se ali também forem passados, já não estão ali. Por conseguinte, onde quer que esteja aquilo que existe, só existe como presente.

Contudo, quando se relatam fatos passados, o que se retira da memória não são as próprias coisas que passaram, mas palavras concebidas a partir das imagens dessas coisas, que, ao passarem pelos sentidos, deixaram rastros na mente.

Assim, minha infância, que já não existe, está no tempo passado, que já não existe; mas agora, quando recordo sua imagem e falo dela, eu a vejo no presente, porque ela ainda está em minha memória.

Se também há uma causa semelhante para predizer coisas futuras, de modo que as imagens de coisas que ainda não existem possam ser percebidas de antemão, já existentes, confesso, ó meu Deus, que não sei.

Isto, de fato, eu sei: em geral, pensamos de antemão em nossas ações futuras, e esse pensamento antecipado está presente, mas a ação em que pensamos ainda não existe, porque está por vir. Quando nos pusermos a realizá-la e começarmos a fazer aquilo em que estávamos pensando, então essa ação existirá, porque já não será futura, mas presente.

Seja como for, por conseguinte, essa percepção secreta e antecipada das coisas futuras, só pode ser visto aquilo que existe. Mas o que existe agora não é futuro, e sim presente. Assim, quando se diz que as coisas futuras são vistas, não são vistas as próprias coisas, que ainda não existem, isto é, que hão de existir, mas talvez suas causas ou seus sinais, que já existem.

Portanto, essas causas ou sinais não são futuros, mas presentes para aqueles que agora veem aquilo a partir do qual o futuro, concebido de antemão na mente, é predito. Essas concepções antecipadas, por sua vez, existem agora; e aqueles que predizem essas coisas veem as concepções presentes diante de si. Que a numerosa variedade das coisas me forneça agora algum exemplo.

Vejo a aurora e anuncio que o sol está para nascer. O que vejo é presente; o que anuncio está por vir: não o sol, que já existe, mas o nascer do sol, que ainda não existe. E, no entanto, se eu não imaginasse em minha mente o próprio nascer do sol, como faço agora ao falar dele, não poderia predizê-lo.

Mas nem essa aurora que percebo no céu é o nascer do sol, embora o preceda, nem o é essa imagem de minha mente. Ambos são vistos agora, presentes, para que aquilo que há de acontecer possa ser predito. As coisas futuras, portanto, ainda não existem; e, se ainda não existem, não existem; e, se não existem, não podem ser vistas. Contudo, podem ser preditas a partir de coisas presentes, que já existem e são vistas.

Tu, portanto, que governas tua criação, de que maneira ensinas às almas as coisas futuras? Pois tu as ensinaste aos teus profetas. De que maneira tu, para quem nada está por vir, ensinas as coisas futuras? Ou, antes, a respeito do futuro, ensinas coisas presentes? Pois aquilo que não existe também não pode ser ensinado. Esse caminho está muito além da minha compreensão; é

elevado demais para mim, não posso alcançá-lo. Mas, por ti, poderei, quando te dignares conceder isso, ó doce luz dos meus olhos ocultos.

O que agora está claro e evidente é que nem as coisas futuras nem as passadas existem. Tampouco é correto dizer: "Existem três tempos: passado, presente e futuro". Mas talvez fosse correto dizer: "Existem três tempos: um presente das coisas passadas, um presente das coisas presentes e um presente das coisas futuras".

Pois esses três existem de algum modo na alma, mas não os vejo em outro lugar: o presente das coisas passadas é a memória; o presente das coisas presentes é a visão; o presente das coisas futuras é a expectativa. Se nos for permitido falar assim, vejo três tempos e reconheço que são três.

Que se diga também: "Existem três tempos: passado, presente e futuro", segundo nossa maneira incorreta de falar. Vê, não me oponho, não contradigo nem critico, desde que se entenda o que assim se diz: que nem aquilo que há de existir existe agora, nem aquilo que passou.

Pois são poucas as coisas de que falamos com propriedade, e da maioria falamos sem propriedade; ainda assim, entende-se o que queremos dizer.

Eu dizia há pouco, portanto, que medimos os tempos enquanto passam, para podermos dizer: este tempo é o dobro daquele; ou este dura exatamente tanto quanto aquele; e assim também quanto a quaisquer outras partes do tempo que possam ser medidas. Por isso, como eu disse, medimos os tempos enquanto passam.

E, se alguém me perguntasse: "Como sabes?", eu poderia responder: "Sei que medimos, e não podemos medir coisas que não existem; e as coisas pas-

sadas e futuras não existem". Mas como medimos o tempo presente, visto que ele não tem extensão? Ele é medido enquanto passa, mas, depois que tiver passado, não será medido, pois não haverá nada para medir.

Mas de onde, por onde e para onde ele passa enquanto é medido? De onde, senão do futuro? Por onde, senão pelo presente? Para onde, senão para o passado? Portanto, daquilo que ainda não existe, através daquilo que não tem extensão, para aquilo que já não existe. Mas o que medimos, senão o tempo em alguma extensão?

Pois não dizemos uma vez, o dobro, o triplo, igual, nem qualquer outra expressão semelhante que usamos para falar do tempo, a não ser acerca de extensões de tempo. Em que extensão, então, medimos o tempo que passa? No futuro, de onde ele vem? Mas não medimos o que ainda não existe. Ou no presente, por onde passa? Mas não medimos o que não tem extensão. Ou no passado, para onde passa? Mas tampouco medimos aquilo que já não existe.

Minha alma arde de desejo de conhecer este enigma tão intrincado. Não o mantenhas fechado, ó Senhor meu Deus, Pai bondoso; por Cristo eu te suplico: não escondas do meu desejo essas coisas tão comuns e, no entanto, ocultas, impedindo-o de penetrá-las. Mas permite que elas se revelem por tua misericórdia que ilumina, ó Senhor. A quem perguntarei a respeito dessas coisas?

E a quem confessarei minha ignorância com mais proveito do que a ti, a quem não incomodam estes meus estudos, tão ardentemente voltados para tuas Escrituras? Dá-me aquilo que amo, pois eu amo, e foste tu que me deste esse amor. Dá-me, Pai, tu que verdadeiramente sabes dar boas dádi-

vas aos teus filhos. Dá-me, porque me propus a conhecer, e terei aflição até que me reveles isso.

Por Cristo eu te suplico, em seu nome, Santo dos santos, que ninguém me perturbe. Pois eu cri, e por isso falo. Esta é minha esperança, para isto vivo: para contemplar as delícias do Senhor. Vê, fizeste envelhecer meus dias, e eles passam, e eu não sei como.

E falamos de tempo e tempo, de tempos e tempos: "Quanto tempo faz que ele disse isso"; "quanto tempo faz que ele fez isso"; e "quanto tempo faz que vi aquilo"; e "esta sílaba tem o dobro da duração daquela única sílaba breve". Dizemos essas palavras e as ouvimos, somos compreendidos e compreendemos.

Elas são muito claras e comuns, e, no entanto, essas mesmas coisas estão profundamente ocultas, e descobri-las seria algo novo.

⁂

Ouvi certa vez de um homem instruído que os movimentos do sol, da lua e das estrelas constituíam o tempo, e não concordei. Pois por que não seriam, antes, os movimentos de todos os corpos os tempos?

Ou, se as luzes do céu parassem e uma roda de oleiro continuasse a girar, não haveria tempo com que pudéssemos medir essas voltas e dizer que ela se movia em intervalos iguais ou, se girasse às vezes mais devagar e outras vezes mais depressa, que algumas voltas eram mais longas e outras mais curtas? Ou, enquanto disséssemos isso, não estaríamos também falando no tempo?

Ou haveria em nossas palavras algumas sílabas breves e outras longas por outro motivo que não fosse o fato de umas soarem por menos tempo e outras por mais tempo? Deus, concede aos homens ver, numa coisa pequena, conhecimentos comuns às coisas grandes e pequenas. As estrelas e as luzes do céu também servem de sinais e para marcar as estações, os anos e os dias; assim é.

Contudo, nem eu diria que o giro daquela roda de madeira era um dia, nem ele diria que, por isso, não era tempo.

Desejo conhecer a força e a natureza do tempo, pelo qual medimos os movimentos dos corpos e dizemos, por exemplo, que este movimento dura duas vezes mais que aquele.

Pois pergunto: visto que "dia" não designa apenas a permanência do sol sobre a terra, segundo a qual o dia é uma coisa e a noite outra, mas também todo o seu percurso de leste a leste novamente, segundo o qual dizemos "passaram tantos dias", incluindo a noite quando dizemos "tantos dias", sem contar as noites à parte; visto, então, que um dia se completa pelo movimento do sol e por seu percurso de leste a leste novamente, pergunto: é apenas o movimento que faz o dia, ou a duração em que esse movimento se completa, ou ambos?

Pois, se o primeiro for o dia, teríamos um dia mesmo que o sol concluísse esse percurso num espaço de tempo tão pequeno quanto uma hora. Se for a segunda, não se completaria um dia se entre um nascer do sol e outro houvesse apenas uma duração tão curta quanto uma hora; o sol teria de dar vinte e quatro voltas para completar um dia.

Se forem ambos, não se poderia chamar de dia nem o percurso inteiro do sol no espaço de uma hora, nem o tempo que passasse enquanto o sol permanecesse parado, ainda que fosse tanto quanto o sol costuma levar para completar todo o seu percurso, de uma manhã à outra.

Portanto, não perguntarei agora o que é aquilo que se chama dia, mas o que é o tempo, pelo qual, medindo o percurso do sol, diríamos que ele se concluiu na metade do tempo habitual, caso se concluísse num espaço tão pequeno quanto doze horas; e, comparando os dois tempos, chamaríamos este de tempo simples e aquele de tempo duplo, mesmo supondo que o sol percorresse sua volta de leste a leste ora nesse tempo simples, ora nesse tempo duplo.

Que ninguém me diga, então, que os movimentos dos corpos celestes constituem os tempos, porque, quando, pela oração de um homem, o sol ficou parado até que ele pudesse concluir vitoriosamente sua batalha, o sol ficou parado, mas o tempo continuou. Pois aquela batalha foi travada e encerrada no espaço de tempo que lhe coube. Percebo, então, que o tempo é uma certa extensão. Mas será que o percebo ou apenas me parece que o percebo? Tu, Luz e Verdade, me mostrarás.

Tu me ordenas concordar se alguém definir o tempo como "movimento de um corpo"? Não me ordenas. Pois ouço que nenhum corpo se move senão no tempo; isso tu dizes. Mas não ouço que o movimento de um corpo seja o tempo; isso tu não dizes. Pois, quando um corpo se move, não é pelo tempo que meço quanto dura seu movimento, desde que começou a se mover até que parou?

E, se eu não vi quando começou e ele continua a se mover de modo que eu não veja quando termina, não posso medi-lo, a não ser, talvez, desde o momento em que comecei a vê-lo até deixar de vê-lo.

E, se observo por muito tempo, só posso dizer que é um tempo longo, mas não quanto dura; porque, quando dizemos "quanto dura", fazemos uma comparação, como "isto dura tanto quanto aquilo", ou "duas vezes mais que aquilo", ou algo semelhante.

Mas, quando podemos marcar as distâncias entre os lugares de onde parte e aonde chega o corpo que se move, ou suas partes, caso se mova como num torno, então podemos dizer com precisão em quanto tempo se completou o movimento daquele corpo ou de sua parte, deste lugar até aquele.

Portanto, visto que o movimento de um corpo é uma coisa, e aquilo pelo qual medimos quanto ele dura é outra, quem não vê qual dos dois deve ser chamado de tempo?

Pois, se um corpo às vezes se move e às vezes fica parado, então medimos pelo tempo não apenas seu movimento, mas também sua imobilidade; e dizemos: "ficou parado tanto tempo quanto se moveu", ou "ficou parado duas ou três vezes mais tempo do que se moveu", ou qualquer outra duração que nossa medição tenha determinado ou estimado, mais ou menos, como costumamos dizer. O tempo, portanto, não é o movimento de um corpo.

E confesso a ti, Senhor, que ainda não sei o que é o tempo; e novamente confesso a ti, Senhor, que sei que digo isso no tempo, e que, tendo falado por muito tempo sobre o tempo, esse próprio "muito tempo" só é longo

pela duração do tempo. Como, então, sei disso, se não sei o que é o tempo? Ou será que não sei expressar o que sei? Ai de mim, que nem sequer sei o que não sei.

Vê, meu Deus: diante de ti não minto; meu coração é tal como digo. Tu acenderás minha lâmpada; tu, Senhor meu Deus, iluminarás minha escuridão.

⁂

Não te confessa minha alma, com toda a verdade, que eu meço os tempos? Então eu meço, meu Deus, e não sei o que meço? Meço o movimento de um corpo no tempo; e não meço o próprio tempo? Ou poderia eu medir quanto dura o movimento de um corpo, e em quanto tempo ele pode ir deste lugar àquele, sem medir o tempo em que se move? Como, então, meço esse mesmo tempo?

Medimos um tempo mais longo por um mais curto, como medimos o comprimento de uma percha pelo de um côvado? Pois assim parece que medimos, pela duração de uma sílaba breve, a duração de uma sílaba longa, e dizemos que esta é o dobro da outra.

Assim medimos a duração das estrofes pela duração dos versos, e a duração dos versos pela duração dos pés, e a duração dos pés pela duração das sílabas, e a duração das sílabas longas pela duração das breves; não medimos pelas páginas, pois então medimos espaços, não tempos, mas quando pronunciamos as palavras e elas passam, e dizemos: “é uma estrofe longa, porque é composta de tantos versos; são versos longos, porque consistem em

tantos pés; são pés longos, porque se prolongam por tantas sílabas; é uma sílaba longa, porque tem o dobro da duração de uma breve".

Mas nem assim obtemos uma medida segura do tempo, porque pode acontecer que um verso mais curto, pronunciado mais demoradamente, tome mais tempo que um mais longo, pronunciado às pressas. E o mesmo vale para um verso, um pé, uma sílaba. Por isso me pareceu que o tempo não é outra coisa senão um prolongamento; mas de quê, não sei; e me pergunto se não será da própria mente.

Pois o que meço, eu te peço, meu Deus, quando digo, de modo indefinido, "este tempo é mais longo que aquele", ou, de modo definido, "este é o dobro daquele"? Sei que meço o tempo; e, no entanto, não meço o tempo futuro, pois ele ainda não existe; nem o presente, porque não se prolonga por extensão alguma; nem o passado, porque já não existe. O que meço, então? Os tempos que passam, e não os que passaram? Pois foi isso que eu disse.

Coragem, minha mente, e avança com vigor. Deus é nosso auxílio; ele nos fez, e não nós mesmos. Avança até onde a verdade começa a despontar. Suponhamos, agora, que a voz de um corpo comece a soar, e soe, e continue soando; e escuta: ela cessa. Agora há silêncio, e aquela voz passou, já não é uma voz.

Antes de soar, era futura e não podia ser medida, porque ainda não existia; e agora não pode, porque já não existe. Por conseguinte, enquanto soava, podia ser medida, porque então havia algo que se pudesse medir. Mas nem mesmo então ela permanecia estável, pois seguia passando e desaparecendo. Seria justamente por isso que podia ser medida?

Pois, enquanto passava, estendia-se por algum espaço de tempo, de modo que pudesse ser medida, já que o presente não tem extensão. Se, portanto, naquele momento podia ser medida, suponhamos agora que outra voz tenha começado a soar e ainda soe num tom contínuo, sem nenhuma interrupção.

Vamos medi-la enquanto soa, pois, quando deixar de soar, terá passado, e nada restará para ser medido; vamos de fato medi-la e dizer quanto dura. Mas ela ainda soa, e só pode ser medida desde o instante em que começou até o momento em que terminou. Pois é justamente o intervalo entre os dois que medimos, isto é, de algum começo até algum fim.

Por isso, uma voz que ainda não terminou não pode ser medida de modo que se possa dizer quanto é longa ou curta; nem pode ser chamada de igual a outra, ou de duas vezes a duração de uma só, ou algo semelhante. Mas, quando termina, já não existe. Como, então, pode ser medida?

E, no entanto, medimos os tempos; mas não os que ainda não existem, nem os que já não existem, nem os que não se estendem por alguma duração, nem os que não têm limites. Não medimos os tempos futuros, nem os passados, nem os presentes, nem os que passam; e, no entanto, medimos os tempos.

“Deus Creator omnium”: este verso de oito sílabas alterna sílabas breves e longas. As quatro breves, a primeira, a terceira, a quinta e a sétima, têm, então, duração simples em relação às quatro longas, a segunda, a quarta, a sexta e a oitava.

Cada uma destas tem o dobro da duração de cada uma daquelas: eu as pronuncio, avalio e verifico que é assim, como percebe qualquer pessoa pelos sentidos. Portanto, pelos próprios sentidos, meço uma sílaba longa por uma breve e percebo que ela tem o dobro da duração; mas, quando uma soa depois da outra, se a primeira é breve e a segunda longa, como reterei a breve e como, ao medir, a aplicarei à longa, para verificar que esta tem o dobro da duração, visto que a longa só começa a soar quando a breve deixa de soar?

E será que meço essa própria sílaba longa como presente, se só a meço depois de terminada? Ora, seu término é seu desaparecimento. O que é, então, que meço? Onde está a sílaba breve pela qual meço? Onde está a longa que meço?

Ambas soaram, voaram, passaram, já não existem; e, no entanto, eu meço e respondo com confiança, até onde se pode confiar num sentido exercitado, que, quanto ao espaço de tempo, esta sílaba tem duração simples e aquela, dupla. E, no entanto, eu não poderia fazer isso se elas já não tivessem passado e terminado.

Portanto, não são elas mesmas, que agora não existem, que meço, mas algo em minha memória que ali permanece fixo.

É em ti, minha mente, que meço os tempos. Não me interrompas, isto é, não interrompas a ti mesma com o tumulto das tuas impressões. Em ti meço os tempos; a impressão que as coisas, ao passarem, causam em ti permanece mesmo depois que elas se foram; é essa impressão, ainda presente, que meço, e não as coisas que passam para produzi-la. É isso que meço quando meço os tempos.

Portanto, ou isso é o tempo, ou eu não meço os tempos. E quando medimos o silêncio e dizemos que este silêncio durou tanto tempo quanto aquela voz? Não estendemos nosso pensamento à medida de uma voz, como se ela soasse, para podermos assim avaliar os intervalos de silêncio num dado espaço de tempo?

Pois, embora a voz e a língua estejam quietas, ainda assim percorremos em pensamento poemas, versos e qualquer outro discurso, ou as dimensões dos movimentos, e avaliamos, quanto aos espaços de tempo, quanto dura isto em relação àquilo, exatamente como se os pronunciássemos em voz alta.

Se alguém quiser emitir um som prolongado e tiver decidido em pensamento quanto ele deverá durar, já terá percorrido em silêncio um espaço de tempo e, guardando-o na memória, começa a emitir aquele som, que continua soando até chegar ao fim proposto. Sim, ele já soou e ainda soará; pois a parte que terminou já soou, e o restante soará.

E assim ele segue passando, até que a atenção presente transfira o futuro para o passado; o passado aumenta à medida que o futuro diminui, até que, consumido o futuro, tudo seja passado.

⁂

Mas como diminui ou se consome esse futuro que ainda não existe? Ou como aumenta esse passado que já não existe, a não ser porque, na mente que realiza isso, acontecem três coisas? Pois ela espera, presta atenção e se lembra; de modo que aquilo que espera passa, por meio daquilo a que presta atenção, para aquilo de que se lembra.

Quem, portanto, nega que as coisas futuras ainda não existem? E, no entanto, há na mente uma expectativa das coisas futuras. E quem nega que as coisas passadas já não existem? E, no entanto, ainda há na mente uma memória das coisas passadas. E quem nega que o tempo presente não tem extensão, porque passa num instante?

E, no entanto, nossa atenção permanece, e por meio dela aquilo que estará presente segue até se tornar ausente. Portanto, não é o tempo futuro que é longo, pois ele ainda não existe; um futuro longo é “uma longa expectativa do futuro”. Nem é o tempo passado, que agora não existe, que é longo; um passado longo é “uma longa memória do passado”.

Estou prestes a recitar um Salmo que conheço. Antes de começar, minha expectativa se estende por ele inteiro; mas, quando começo, tudo o que dele vou separando e deixando no passado se estende pela minha memória; assim, a vida desta minha ação se divide entre minha memória, quanto ao que recitei, e a expectativa, quanto ao que estou prestes a recitar; mas a "atenção" está presente em mim, para que, por meio dela, o que era futuro seja transportado e se torne passado.

Quanto mais isso se repete, mais a expectativa se encurta e a memória se amplia, até que toda a expectativa finalmente se esgote, quando toda aquela ação, já terminada, tiver passado para a memória.

E o que acontece no Salmo inteiro acontece também em cada uma de suas partes e em cada uma de suas sílabas; o mesmo acontece naquela ação mais longa da qual este Salmo pode fazer parte; o mesmo acontece na vida inteira do ser humano, da qual todas as suas ações são partes; o mesmo acon-

tece ao longo de toda a era dos filhos dos homens, da qual todas as vidas humanas são partes.

Mas, porque Tua bondade amorosa é melhor que todas as vidas, eis que minha vida é apenas dispersão, e Tua mão direita me sustentou em meu Senhor, o Filho do homem, o Mediador entre Ti, o Uno, e nós, que somos muitos, muitos também por nossas múltiplas dispersões em meio a muitas coisas, para que, por meio Dele, eu possa alcançar Aquele em Quem fui alcançado e possa ser reunido, deixando minha antiga maneira de viver, para seguir o Uno, esquecendo o que ficou para trás e, não distendido, mas estendido, não para as coisas que virão e passarão, mas para as que estão adiante, sem dispersão, mas com toda a atenção, prossigo em busca do prêmio de meu chamado celestial, onde poderei ouvir a voz de Teu louvor e contemplar Tuas delícias, que não estão por vir nem passarão.

Mas agora meus anos se gastam em lamento. E Tu, Senhor, és meu consolo, meu Pai eterno, mas fui fragmentado em meio aos tempos, cuja ordem desconheço; e meus pensamentos, as próprias entranhas de minha alma, são rasgados e dilacerados por uma diversidade tumultuosa, até que eu volte a me reunir e flua para Ti, purificado e fundido pelo fogo de Teu amor.

E agora permanecerei e me firmarei em Ti, em meu molde, Tua verdade; nem suportarei as perguntas dos homens que, por uma doença que lhes serve de castigo, têm sede de mais do que podem conter e dizem: "O que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?" Ou: "Como Lhe veio à mente criar alguma coisa, se nunca antes havia criado coisa alguma?"

Concede-lhes, Senhor, que reflitam bem sobre o que dizem e descubram que não se pode afirmar "nunca" quando não há "tempo". Portanto, dizer

que Ele "nunca havia criado", que mais significa senão dizer que havia criado "em tempo nenhum"? Vejam, pois, que não pode haver tempo sem um ser criado, e deixem de dizer essa coisa vã.

Que também eles se estendam para as coisas que estão adiante e compreendam que Tu és, antes de todos os tempos, o eterno Criador de todos os tempos, e que nenhum tempo é coeterno Contigo, nem criatura alguma, mesmo que haja alguma criatura anterior a todos os tempos.

Senhor meu Deus, que profundidade há nesse recanto de Teus mistérios, e para tão longe dele me lançaram as consequências de minhas transgressões! Cura meus olhos, para que eu possa participar da alegria de Tua luz.

Certamente, se houver uma mente dotada de conhecimento e presciência tão vastos que conheça todas as coisas passadas e futuras como conheço um Salmo bem conhecido, essa mente será verdadeiramente maravilhosa e espantosa a ponto de causar temor; pois nada do passado, nada do que virá nas eras futuras estará mais oculto a ela do que estava oculto a mim, quando eu cantava aquele Salmo, o que e quanto dele já havia passado desde o início, e o que e quanto ainda restava até o fim.

Mas longe esteja de Ti, Criador do Universo, Criador das almas e dos corpos, longe esteja de Ti conhecer dessa maneira todas as coisas passadas e futuras. Tu as conheces de maneira muito, muito mais maravilhosa e muito mais misteriosa.

Pois os sentimentos de quem canta o que conhece ou ouve uma canção bem conhecida variam pela expectativa das palavras que virão e pela lem-

brança das que já passaram, e seus sentidos se dividem; nada disso acontece Contigo, que és imutavelmente eterno, isto é, o eterno Criador das mentes.

Assim como no Princípio conhecias o céu e a terra, sem qualquer mudança em Teu conhecimento, assim também no Princípio criaste o céu e a terra, sem qualquer dispersão de Tua ação. Quem compreende, que Te confesse; e quem não compreende, que Te confesse.

Oh, como és elevado, e, no entanto, os humildes de coração são Tua morada; pois Tu levantas os que estão abatidos, e não caem aqueles cuja elevação és Tu.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XII

✦

Meu coração, ó Senhor, tocado pelas palavras da Tua Santa Escritura, ocupa-se de muitas coisas em meio à pobreza desta minha vida. E por isso, na maioria das vezes, a pobreza do entendimento humano é abundante em palavras, porque a investigação tem mais a dizer que a descoberta, e pedir demora mais que obter, e nossa mão que bate tem mais trabalho que nossa mão que recebe.

Temos a promessa; quem a tornará sem efeito? Se Deus é por nós, quem pode ser contra nós? Peçam, e receberão; procurem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo aquele que pede recebe; aquele que procura encontra; e àquele que bate, a porta será aberta. Estas são as Tuas próprias promessas; e quem precisa temer ser enganado, quando é a Verdade que promete?

A humildade da minha língua confessa à Tua Grandeza que Tu fizeste o céu e a terra; este céu que vejo e esta terra que piso, da qual vem esta terra que carrego comigo; Tu a fizeste. Mas onde está aquele céu dos céus, ó Senhor, de que ouvimos falar nas palavras do Salmo: O céu dos céus pertence ao Senhor; mas a terra Ele deu aos filhos dos homens?

Onde está aquele céu que não vemos, diante do qual tudo isto que vemos é terra? Pois este conjunto de corpos, que não está inteiro em toda parte, recebeu assim sua porção de beleza nestas regiões inferiores, das quais a mais baixa é esta nossa terra; mas, diante daquele céu dos céus, até o céu da nossa terra é apenas terra.

Sim, não seria absurdo chamar de terra esses dois grandes corpos, em comparação com aquele céu desconhecido, que pertence ao Senhor, e não aos filhos dos homens.

E esta terra era então invisível e sem forma, e havia uma profundidade de abismo que não sei descrever, sobre a qual não havia luz, porque ela não tinha forma. Por isso ordenaste que se escrevesse que as trevas estavam sobre a face do abismo; que seriam elas, senão a ausência de luz? Pois, se houvesse luz, onde estaria ela, senão no alto, acima de tudo e iluminando?

Onde, portanto, não havia luz, que era a presença das trevas, senão a ausência de luz? As trevas estavam, pois, sobre ele, porque a luz não estava sobre ele; assim como, onde não há som, há silêncio. E que é haver silêncio ali, senão não haver som ali? Não foste Tu, ó Senhor, que ensinaste à alma deste que se confessa a Ti?

Não me ensinaste, Senhor, que, antes de dares forma e variedade a essa matéria informe, não havia nada: nem cor, nem figura, nem corpo, nem espírito? E, no entanto, não era um nada absoluto; pois havia certa ausência de forma, sem beleza alguma.

Como, então, se deveria chamá-la, para que pudesse ser de algum modo comunicada aos de entendimento mais lento, senão por alguma palavra comum? E o que se pode encontrar, entre todas as partes do mundo, mais próximo de uma absoluta ausência de forma que a terra e o abismo?

Pois, ocupando o nível mais baixo, eles são menos belos que as outras partes mais elevadas, todas transparentes e brilhantes. Por que, então, não posso entender que a ausência de forma da matéria, que Tu criaste sem beleza

para dela fazer este belo mundo, seja adequadamente indicada aos homens pelo nome de terra invisível e sem forma?

Assim, quando o pensamento procura o que os sentidos poderiam conceber sob essa expressão e diz a si mesmo: "Não é uma forma inteligível, como a vida ou a justiça, porque é a matéria dos corpos; nem é objeto dos sentidos, porque, sendo invisível e sem forma, não havia nela objeto algum para a visão ou para os sentidos"; enquanto o pensamento humano assim fala consigo mesmo, pode tentar conhecê-la ignorando-a, ou ignorá-la conhecendo-a.

Mas eu, Senhor, se quisesse, com minha língua e minha pena, confessar a Ti tudo o que Tu mesmo me ensinaste sobre essa matéria — cujo nome eu antes ouvia sem compreender, quando me falavam dela pessoas que também não a compreendiam —, eu a concebia como tendo inúmeras e diversas formas e, portanto, não a concebia de modo algum; minha mente agitava de um lado para outro "formas" repugnantes e horríveis, sem ordem alguma, mas ainda assim "formas"; e eu a chamava sem forma, não porque lhe faltasse toda forma, mas porque tinha formas das quais minha mente, se lhe fossem apresentadas, se afastaria, por serem estranhas e discordantes, e com as quais a fragilidade humana se perturbaria.

E ainda assim aquilo que eu concebia era sem forma, não por estar privado de toda forma, mas em comparação com formas mais belas; e a verdadeira razão me convencia de que eu devia despojá-la inteiramente de todo e qualquer vestígio de forma, se quisesse conceber a matéria absolutamente sem forma; e eu não conseguia.

Pois era mais fácil imaginar que aquilo que fosse privado de toda forma não existisse de modo algum do que conceber algo entre a forma e o nada, que nem tivesse forma nem fosse nada, um quase nada sem forma.

Assim, minha mente deixou de interrogar meu espírito a esse respeito, pois ele estava cheio de imagens de corpos dotados de forma, que mudava e variava como queria; e voltei minha atenção para os próprios corpos e examinei mais profundamente sua capacidade de mudar, pela qual deixam de ser o que foram e começam a ser o que não eram; e suspeitei que essa mesma passagem de uma forma a outra ocorresse por meio de certo estado sem forma, e não por um puro nada; mas eu desejava saber isso, e não apenas suspeitar.

Se, então, minha voz e minha pena quisessem confessar a Ti tudo, todos os nós que desataste para mim nessa questão, que leitor teria perseverança para compreender tudo? Nem por isso meu coração deixará de Te dar honra e um cântico de louvor por essas coisas que não consegue expressar.

Pois a capacidade de mudar das coisas mutáveis é, ela própria, capaz de receber todas as formas nas quais essas coisas mutáveis se transformam. E essa capacidade de mudar, o que é? É alma? É corpo? É aquilo que constitui a alma ou o corpo?

Se alguém pudesse dizer "um nada que é algo", um "é e não é", eu diria que era isso; e, no entanto, de algum modo ela já existia então, pois era capaz de receber essas figuras visíveis e compostas.

Mas de onde lhe vinha esse grau de existência, senão de Ti, de Quem vêm todas as coisas, na medida em que existem? Mas estão tanto mais distantes

de Ti quanto menos se parecem Contigo; pois não se trata de distância de lugar.

Tu, portanto, Senhor, que não és de um modo em um lugar e de outro em outro, mas és o Mesmo, e o Mesmo, e o Mesmo, Santo, Santo, Santo, Senhor Deus Todo-Poderoso, criaste no Princípio, que vem de Ti, na Tua Sabedoria, que nasceu da Tua própria Substância, alguma coisa, e a criaste do nada.

Pois criaste o céu e a terra; não de Ti mesmo, pois assim teriam sido iguais ao Teu Filho Unigênito e, por isso, também a Ti; mas de modo algum seria justo que alguma coisa que não viesse de Ti fosse igual a Ti.

E não havia nada além de Ti de que pudesses criá-los, ó Deus, Trindade Una e Unidade Trina; e por isso criaste do nada o céu e a terra: uma coisa grande e uma coisa pequena; pois és Todo-Poderoso e Bom, para fazer boas todas as coisas, tanto o grande céu como a pequena terra.

Tu existias, e nada mais havia de que criasses o céu e a terra; coisas de duas espécies: uma próxima de Ti, a outra próxima do nada; uma à qual somente Tu serias superior; a outra, à qual nada seria inferior.

⁂

Mas aquele céu dos céus era para Ti mesmo, ó Senhor; a terra, contudo, que deste aos filhos dos homens, para ser vista e tocada, não era como agora a vemos e tocamos. Pois era invisível, sem forma, e havia um abismo sobre o qual não havia luz; ou seja, as trevas estavam acima do abismo, isto é, mais do que dentro do abismo.

Porque este abismo de águas, agora visível, tem, mesmo em suas profundezas, uma luz própria de sua natureza, perceptível em algum grau aos peixes e aos seres que rastejam em seu fundo. Mas todo aquele abismo era quase nada, porque até então era inteiramente sem forma; contudo, já havia aquilo que podia receber forma.

Pois Tu, Senhor, fizeste o mundo de uma matéria sem forma, que do nada fizeste quase nada, para dela fazer essas grandes coisas que nós, filhos dos homens, admiramos. Pois muito admirável é este céu corpóreo; a respeito desse firmamento entre água e água, no segundo dia, depois da criação da luz, disseste: Que seja feito; e foi feito.

A esse firmamento chamaste céu; céu, isto é, em relação a esta terra e a este mar, que fizeste no terceiro dia, dando uma figura visível à matéria sem forma, que fizeste antes de todos os dias. Pois já havias feito também um céu antes de todos os dias; mas aquele era o céu deste céu; porque no princípio havias feito o céu e a terra.

Mas essa mesma terra que fizeste era matéria sem forma, porque era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo; dessa terra invisível e sem forma, dessa ausência de forma, desse quase nada, podias fazer todas estas coisas de que este mundo mutável se compõe, mas que não permanece; sua própria capacidade de mudar se mostra no fato de que nele se podem observar e contar os tempos.

Pois os tempos se fazem pelas alterações das coisas, enquanto as figuras, cuja matéria é a terra invisível já mencionada, variam e se transformam.

E por isso o Espírito, que ensina ao Teu servo, ao contar que no Princípio criaste o céu e a terra, nada diz dos tempos, nada dos dias. Pois, na verdade, aquele céu dos céus que criaste no Princípio é uma criatura intelectual que, embora de modo algum seja coeterna Contigo, a Trindade, participa da Tua eternidade e, pela doçura daquela felicíssima contemplação de Ti mesmo, contém firmemente sua própria capacidade de mudar; e, unida intimamente a Ti, sem queda alguma desde sua primeira criação, está situada além de toda a sucessão das mudanças dos tempos.

Sim, nem essa própria ausência de forma da terra, invisível e sem forma, é contada entre os dias. Pois, onde não há figura nem ordem, nada vem nem vai; e, onde isso não acontece, claramente não há dias nem sucessão alguma de intervalos de tempo.

Oh, que a Luz, a Verdade, a Luz do meu coração fale comigo, e não minhas próprias trevas. Caí nelas e fiquei obscurecido; mas mesmo dali, mesmo dali eu Te amava. Afastei-me do caminho e me lembrei de Ti. Ouvi Tua voz atrás de mim, chamando-me a voltar, e mal a ouvi, por causa do tumulto dos inimigos da paz. E agora, eis que volto aflito, ansiando por Tua fonte.

Que ninguém me impeça! Dela beberei, e assim viverei. Que eu não seja minha própria vida; por mim mesmo vivi mal, fui morte para mim mesmo; e em Ti revivo. Fala Tu comigo, conversa Tu comigo. Acreditei nos Teus Livros, e suas palavras estão cheias de mistério.

Já me disseste com voz forte, ó Senhor, ao ouvido interior, que és eterno, Tu que és o único a possuir a imortalidade; pois não podes mudar de figura

nem de movimento, nem Tua vontade é alterada pelos tempos, visto que nenhuma vontade que varia é imortal.

Isso está claro para mim diante de Ti, e peço-Te que fique cada vez mais claro; e, à medida que isso se manifesta, que eu permaneça com sobriedade sob Tuas asas.

Também me disseste com voz forte, ó Senhor, ao ouvido interior, que fizeste todas as naturezas e substâncias que não são o que Tu mesmo és, e que, no entanto, existem; e que somente não vem de Ti aquilo que não existe, e o movimento da vontade que se afasta de Ti, que és, em direção àquilo que existe em menor grau, porque tal movimento é transgressão e pecado; e que o pecado de ninguém Te causa dano nem perturba a ordem do Teu governo, do princípio ao fim.

Isso está claro para mim diante de Ti, e peço-Te que fique cada vez mais claro; e, à medida que isso se manifesta, que eu permaneça com sobriedade sob Tuas asas.

Também me disseste com voz forte, ao meu ouvido interior, que tampouco é coeterna contigo aquela criatura cuja felicidade és somente Tu e que, com a mais perseverante pureza, alimentando-se de Ti, em nenhum lugar e em nenhum momento manifesta sua mutabilidade natural; e, estando Tu sempre presente junto dela, a quem ela se mantém unida com todo o seu afeto, sem ter futuro a esperar nem levar para o passado aquilo de que se lembra, não é alterada por mudança alguma nem dispersa em tempo algum.

Ó criatura bem-aventurada, se tal criatura existe, por se apegar à Tua bem-aventurança; feliz em Ti, seu eterno Habitante e seu Iluminador! E não encontro nome mais adequado para chamar o céu dos céus, que pertence ao Senhor, do que Tua casa, que contempla Tuas delícias sem se desviar em busca de outra coisa; uma só mente pura, unida na mais perfeita harmonia por aquele estado firme de paz dos espíritos santos, os cidadãos da Tua cidade nas regiões celestes, muito acima daquelas regiões celestes que vemos.

⁂

Por isso possa a alma, cuja peregrinação se prolonga por terras distantes, por isso possa ela compreender, se agora tem sede de Ti, se suas lágrimas agora se tornaram seu pão, enquanto diariamente lhe dizem: Onde está o teu Deus? Se agora ela Te pede uma só coisa e a deseja: morar em Tua casa todos os dias de sua vida (e o que é sua vida, senão Tu?

E o que são Teus dias, senão Tua eternidade, assim como Teus anos que não acabam, porque és sempre o mesmo?); por isso, então, possa a alma que for capaz compreender quanto estás, eterno, acima de todos os tempos; pois Tua casa, que em tempo algum partiu para uma terra distante, embora não seja coeterna contigo, por se manter contínua e infalivelmente unida a Ti, não sofre a instabilidade dos tempos.

Isso está claro para mim diante de Ti; e, suplico-Te, que se torne cada vez mais claro para mim, e que, ao se revelar, eu permaneça com sobriedade sob Tuas asas.

Eis que há, não sei bem qual, uma ausência de forma nessas mudanças das últimas e mais baixas criaturas; e quem me dirá (a não ser alguém que, pelo

vazio de seu próprio coração, vagueia e se agita entre suas próprias fantasias?), quem, senão alguém assim, me diria que, se toda figura se desfizesse e se consumisse de tal modo que só restasse aquela ausência de forma pela qual uma coisa mudava e passava de uma figura a outra, ela poderia apresentar as sucessões dos tempos? Pois claramente não poderia, porque, sem a variedade dos movimentos, não há tempos; e não há variedade onde não há figura.

Consideradas essas coisas, na medida em que me concedes, ó meu Deus, na medida em que me estimulas a bater e na medida em que abres para mim quando bato, encontro duas coisas que fizeste fora dos limites do tempo, e nenhuma delas é coeterna contigo.

Uma, tão formada que, sem qualquer interrupção da contemplação, sem qualquer intervalo de mudança, embora mutável, permanece sem mudar e pode desfrutar plenamente de Tua eternidade e imutabilidade; a outra, tão sem forma que não possuía aquilo que pudesse passar de uma forma a outra, seja de movimento, seja de repouso, de modo a ficar sujeita ao tempo.

Mas não a deixaste assim sem forma, porque, antes de todos os dias, criaste no Princípio o Céu e a Terra, as duas coisas de que falei. Mas a Terra era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo.

Nessas palavras nos é apresentada a ausência de forma (para que, por meio delas, sejam conduzidas aos poucos as mentes incapazes de conceber uma completa privação de toda forma que, ainda assim, não chegue a ser nada), a partir da qual pudesse ser criado outro Céu, juntamente com uma terra visível e bem formada, e as águas dispostas de diversas maneiras, e tudo o mais que, na formação do mundo, se registra ter sido criado ao longo de

dias; e isso por serem de natureza tal que nelas possam ocorrer as mudanças sucessivas dos tempos, estando sujeitas a alterações determinadas de movimentos e de formas.

É isso, então, o que entendo, ó meu Deus, quando ouço Tua Escritura dizer: No princípio Deus fez o Céu e a Terra; e a Terra era invisível e sem forma, e as trevas estavam sobre o abismo, sem mencionar em que dia os criaste.

É isso o que entendo: que, por causa do Céu dos céus — aquele Céu intelectual, cujas Inteligências conhecem tudo de uma só vez, não em parte, não obscuramente, não por meio de um espelho, mas como um todo, com clareza, face a face; não esta coisa agora e aquela depois, mas, como disse, conhecem tudo de uma só vez, sem qualquer sucessão dos tempos — e por causa da terra invisível e sem forma, sem qualquer sucessão dos tempos, sucessão que apresenta "esta coisa agora, aquela depois", pois onde não há forma não há distinção entre as coisas; é, portanto, por causa dessas duas coisas, uma primordial e formada, outra primordial e sem forma; uma, céu, mas o Céu do céu, e a outra, terra, mas a terra invisível e sem forma; por causa dessas duas coisas, entendo eu, Tua Escritura disse, sem mencionar dias: No Princípio Deus criou o Céu e a Terra.

Pois logo acrescentou de que terra falava; e também, ao registrar que o Firmamento foi criado no segundo dia e chamado Céu, nos dá a entender de qual Céu Ele havia falado antes, sem mencionar dias.

Admirável profundidade de Tuas palavras! Eis que sua superfície está diante de nós, convidativa para os pequenos; e, no entanto, elas têm uma pro-

fundidade admirável. Ó meu Deus, que profundidade admirável! Contemplá-la causa temor: um temor de reverência e um tremor de amor.

Odeio intensamente os inimigos delas; quem dera os matasses com Tua espada de dois gumes, para que deixassem de ser seus inimigos! Pois assim desejo que morram para si mesmos, a fim de que vivam para Ti.

Mas eis outros que não criticam, e sim exaltam o livro do Gênesis: "O Espírito de Deus", dizem eles, "que escreveu essas coisas por meio de Seu servo Moisés, não queria que essas palavras fossem entendidas assim; não queria que fossem entendidas como dizes, mas de outra maneira, como dizemos nós". A eles, tendo a Ti mesmo por juiz, ó Deus de todos, respondo assim.

"Afirmareis que é falso aquilo que a Verdade me diz com voz forte ao meu ouvido interior acerca da Eternidade do Criador: que Sua substância de modo algum é alterada pelo tempo, e que Sua vontade não está separada de Sua substância? Por isso, Ele não quer uma coisa agora e outra depois, mas uma só vez, de uma só vez e sempre quer todas as coisas que quer; não repetidas vezes, nem ora isto, ora aquilo; nem passa a querer o que antes não queria, nem deixa de querer o que antes queria; porque uma vontade assim é mutável, e nada que seja mutável é eterno; mas nosso Deus é eterno.

Além disso, aquilo que Ele me diz ao meu ouvido interior: a expectativa das coisas futuras se torna visão quando elas chegam, e essa mesma visão se torna memória quando elas passam. Ora, todo pensamento que assim varia é mutável; e nada que seja mutável é eterno; mas nosso Deus é eterno."

Essas coisas deduzo, reúno e descubro que meu Deus, o Deus eterno, não fez criatura alguma por uma nova vontade, nem Seu conhecimento admite

algo transitório. “Que direis, então, ó contestadores? Essas coisas são falsas?”

“Não”, dizem eles. “E então? É falso que toda natureza já formada, ou matéria capaz de receber forma, só existe a partir daquele que é supremamente bom, porque existe de modo supremo?”

“Também não negamos isso”, dizem eles. “E então? Negais que exista certa criatura sublime, unida ao Deus verdadeiro e verdadeiramente eterno por um amor tão puro que, embora não seja coeterna com Ele, não se separa dele nem se desfaz na variedade e na sucessão dos tempos, mas repousa na mais verdadeira contemplação somente dele?”

Porque Tu, ó Deus, Te mostras àquele que Te ama tanto quanto ordenas, e lhe bastas; por isso ele não se afasta de Ti, nem se volta para si mesmo. Essa é a casa de Deus, não feita de matéria terrena, nem de massa celeste corpórea, mas espiritual, e participante de Tua eternidade, porque permanece para sempre sem se desviar.

Pois a firmaste para todo o sempre; deste-lhe uma lei que ela não transgredirá. E, no entanto, ela não é coeterna contigo, ó Deus, porque não é sem princípio, pois foi feita.

⁂

Pois, embora não encontremos tempo algum antes dela, já que a sabedoria foi criada antes de todas as coisas, não se trata daquela Sabedoria inteiramente igual e coeterna contigo, nosso Deus, Seu Pai, e por quem todas as coisas foram criadas, e em quem, como no Princípio, criaste o céu e a terra;

mas daquela sabedoria que foi criada, isto é, a natureza intelectual, que, ao contemplar a luz, é luz.

Pois esta, embora criada, também é chamada sabedoria. Mas a diferença que há entre a Luz que ilumina e a que é iluminada é a mesma que há entre a Sabedoria que cria e a que é criada, assim como entre a Justiça que justifica e a justiça produzida pela justificação.

Pois nós também somos chamados Tua justiça; assim diz certo servo Teu: Para que nele nos tornássemos a justiça de Deus. Portanto, visto que certa sabedoria criada foi criada antes de todas as coisas, a mente racional e intelectual daquela Tua cidade pura, nossa mãe que está no alto e é livre e eterna nos céus (em que céus, senão naqueles que Te louvam, o Céu dos céus?

Pois esse também é o Céu dos céus que pertence ao Senhor); embora não encontremos tempo algum antes dela (porque aquilo que foi criado antes de todas as coisas precede também a criação do tempo), ainda assim a Eternidade do próprio Criador é anterior a ela, e dele, ao ser criada, recebeu o princípio, não do tempo, pois o próprio tempo ainda não existia, mas de sua criação.

Assim, ela procede de Ti, nosso Deus, de modo a ser inteiramente distinta de Ti, e não o mesmo que Tu; pois, embora não encontremos tempo nem antes dela nem mesmo nela (já que lhe cabe contemplar sempre Tua face e nunca se afasta dela, razão pela qual nenhuma mudança a altera), ainda assim existe nela a possibilidade de mudar, pela qual se tornaria escura e fria, se não fosse por se manter unida a Ti com forte afeto, brilhando e ardendo por Ti como um meio-dia perpétuo.

Ó casa tão luminosa e deliciosa! Amei tua beleza e o lugar onde habita a glória do meu Senhor, teu construtor e possuidor. Que minha peregrinação suspire por ti, e digo àquele que te fez: que Ele também tome posse de mim em ti, pois também me fez. Andei perdido como uma ovelha desgarrada; contudo, espero ser levado de volta a ti sobre os ombros de meu Pastor, teu construtor.

"Que me dizeis, ó contestadores a quem eu falava, vós que, no entanto, credes que Moisés foi o santo servo de Deus e que seus livros são os oráculos do Espírito Santo? Não é essa a casa de Deus, que de fato não é coeterna com Deus, mas que, segundo sua medida, é eterna nos céus, onde buscais em vão as mudanças dos tempos, porque não as encontrareis? Pois aquilo para o qual é sempre bom manter-se firmemente unido a Deus ultrapassa toda extensão e todos os períodos recorrentes do tempo."

"É", dizem eles. "Então, de tudo aquilo que meu coração proclamou em voz alta ao meu Deus, quando interiormente ouviu a voz de Seu louvor, que parte afirmais ser falsa? Que a matéria era sem forma e que nela, por não haver forma, não havia ordem? Mas, onde não havia ordem, não podia haver sucessão dos tempos; e, no entanto, esse 'quase nada', por não ser absolutamente nada, certamente procedia daquele de quem procede tudo o que existe, em qualquer grau de existência." "Isso também", dizem eles, "não negamos."

Com estes, que admitem serem verdadeiras todas essas coisas que Tua Verdade sussurra à minha alma, converso agora um pouco em Tua presença, ó meu Deus. Quanto aos que negam essas coisas, que ladrem e ensurdeçam a

si mesmos quanto quiserem; tentarei persuadi-los a se aquietarem e abrir neles um caminho para Tua palavra.

Mas, se recusarem e me repelirem, suplico, ó meu Deus, que não fiques em silêncio comigo. Fala a verdade em meu coração, pois só Tu falas assim; e eu os deixarei sozinhos, soprando a poeira lá fora e levantando-a contra os próprios olhos.

Quanto a mim, entrarei em meu quarto e ali cantarei a Ti um cântico de amor, gemendo com gemidos inexprimíveis em minha peregrinação e lembrando-me de Jerusalém, com o coração erguido para ela: Jerusalém, minha pátria, Jerusalém, minha mãe, e de Ti mesmo, que reinas sobre ela, seu Iluminador, Pai, Guardião, Esposo, o deleite puro e forte, a alegria firme e todos os bens indizíveis, sim, todos de uma só vez, porque és o único Bem soberano e verdadeiro.

E não me desviarei até que reúnas tudo o que sou, tirando-me deste estado disperso e desordenado para a paz daquela nossa mãe tão querida, onde já estão as primícias de meu espírito, de onde me vem a certeza dessas coisas, e até que dês forma e firmeza para sempre a tudo o que sou, ó meu Deus, minha Misericórdia.

Mas àqueles que não afirmam serem falsas todas essas verdades, que honram Tua santa Escritura, apresentada pelo santo Moisés, colocando-a, como nós, no ponto mais alto da autoridade a ser seguida, e que, ainda assim, me contradizem em alguma coisa, respondo deste modo: julga Tu mesmo, ó nosso Deus, entre minhas Confissões e as contradições desses homens.

⁂

Pois eles dizem: "Embora essas coisas sejam verdadeiras, Moisés não tinha em mente aquelas duas coisas quando, por revelação do Espírito, disse: No princípio Deus criou o céu e a terra. Pelo nome de céu, ele não indicou aquela criatura espiritual ou intelectual que sempre contempla a face de Deus; nem, pelo nome de terra, aquela matéria sem forma."

"O que, então?" "Aquele homem de Deus", dizem eles, "quis dizer o que nós dizemos; foi isso que declarou com aquelas palavras." "O quê?" "Pelo nome de céu e terra, ele quis primeiro indicar", dizem eles, "de maneira geral e resumida, todo este mundo visível, para depois, pela enumeração dos diversos dias, dispor em detalhe e, por assim dizer, parte por parte, todas aquelas coisas que o Espírito Santo se agradou de anunciar desse modo.

Pois aquele povo a quem falava era tão rude e carnal que ele o julgou apto a receber apenas o conhecimento das obras de Deus que eram visíveis." Concordam, porém, que as palavras terra invisível e sem forma, e aquele abismo escuro, do qual se mostra depois que todas essas coisas visíveis que todos conhecemos foram feitas e ordenadas durante aqueles "dias", podem, sem incoerência, ser entendidas como essa matéria primeira sem forma.

E se agora outro dissesse que "essa mesma falta de forma e confusão da matéria foi primeiro expressa pelo nome de céu e terra porque dela foi criado e aperfeiçoado este mundo visível, com todas as naturezas que nele aparecem de modo tão evidente, mundo que muitas vezes é chamado pelo nome de céu e terra"?

E se outro ainda dissesse que "não é inadequado chamar a natureza invisível e a visível de céu e terra; e, assim, toda a criação, que Deus fez em Sua Sabedoria, isto é, no Princípio, estava compreendida nessas duas palavras?

Contudo, uma vez que todas as coisas foram feitas, não da substância de Deus, mas do nada, pois não são o mesmo que Deus é, e há em todas elas uma natureza mutável, quer permaneçam, como a casa eterna de Deus, quer se transformem, como a alma e o corpo do homem, por isso a matéria comum a todas as coisas visíveis e invisíveis, ainda sem forma, embora capaz de recebê-la, da qual seriam criados tanto o céu como a terra, isto é, a criatura invisível e a visível quando formadas, foi designada pelos mesmos nomes dados à terra invisível e sem forma e às trevas sobre o abismo, mas com esta distinção: por terra invisível e sem forma entende-se a matéria corporal, antes de receber as características de qualquer forma; e por trevas sobre o abismo, a matéria espiritual, antes de sofrer qualquer contenção de sua fluidez ilimitada ou receber qualquer luz da Sabedoria?"

Ainda resta a alguém dizer, se quiser, que "as naturezas já aperfeiçoadas e formadas, visíveis e invisíveis, não são indicadas pelo nome de céu e terra quando lemos: No princípio Deus fez o céu e a terra; mas que o começo ainda sem forma das coisas, a matéria apta a receber forma e elaboração, foi chamado por esses nomes porque nele estavam contidas de maneira confusa, ainda não distinguidas por suas qualidades e formas, todas aquelas coisas que, agora dispostas em ordem, são chamadas Céu e Terra, sendo um a criação espiritual e a outra a corporal."

Depois de ouvir e considerar bem todas essas coisas, não discutirei por causa de palavras, pois isso não serve para nada, a não ser para a ruína dos

ouvintes. Mas a lei é boa para edificar, se alguém a usa legitimamente, pois sua finalidade é o amor, que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera.

E nosso Mestre bem sabia de quais dois mandamentos fez depender toda a Lei e os Profetas. E em que isso me prejudica, ó meu Deus, Tu que és a luz secreta dos meus olhos, enquanto confesso com zelo essas coisas, já que por essas palavras se podem entender diversas coisas, todas elas verdadeiras?

Em que, pergunto, isso me prejudica, se minha opinião sobre o que o autor pensava é diferente da opinião de outro? Todos nós, leitores, de fato nos esforçamos por descobrir e compreender o sentido pretendido por aquele que lemos; e, como acreditamos que ele fala a verdade, não ousamos imaginar que tenha dito algo que nós mesmos sabemos ou julgamos ser falso.

Portanto, enquanto cada um procura entender nas Santas Escrituras o mesmo que o autor entendeu, que mal há se alguém entende aquilo que Tu, luz de todas as mentes que dizem a verdade, lhe mostras ser verdadeiro, embora aquele que ele lê não tenha entendido isso, visto que também ele entendeu uma verdade, ainda que não esta verdade?

Pois é verdade, ó Senhor, que fizeste o céu e a terra; e também é verdade que o Princípio é Tua Sabedoria, na qual crias tudo; e é verdade ainda que este mundo visível tem como suas partes maiores o céu e a terra, que abrangem, em poucas palavras, todas as naturezas feitas e criadas.

E também é verdade que tudo o que é mutável nos faz compreender certa falta de forma, pela qual recebe uma forma, ou se modifica, ou se transforma. É verdade que não está sujeito ao tempo aquilo que se apega de tal

modo à Forma imutável que, embora sujeito à mudança, nunca muda. É verdade que aquela falta de forma, que é quase nada, não pode estar sujeita à mudança dos tempos.

É verdade que aquilo de que uma coisa é feita pode, por certo modo de falar, ser chamado pelo nome da coisa que dele se faz; por isso, aquela matéria sem forma da qual foram feitos o céu e a terra podia ser chamada céu e terra. É verdade que, entre as coisas que têm forma, nenhuma está mais próxima de não ter forma do que a terra e o abismo.

É verdade que Tu, de quem procedem todas as coisas, fizeste não só toda coisa criada e formada, mas tudo o que é capaz de ser criado e formado. É verdade que tudo o que recebe forma daquilo que não tinha forma era informe antes de ser formado.

Dessas verdades, das quais não duvidam aqueles cujo olho interior tornaste capaz de ver tais coisas e que acreditam firmemente que Teu servo Moisés falou no Espírito da verdade, de todas elas, portanto, escolhe uma aquele que diz: No Princípio Deus fez o céu e a terra; isto é, "em Sua Palavra, coeterna com Ele mesmo, Deus fez a criatura inteligível e a sensível, ou a espiritual e a corporal".

Outra escolhe aquele que diz: No Princípio Deus fez o céu e a terra; isto é, "em Sua Palavra, coeterna com Ele mesmo, Deus fez toda a massa deste mundo corporal, juntamente com todas aquelas criaturas visíveis e conhecidas que ele contém".

Outra escolhe aquele que diz: No Princípio Deus fez o céu e a terra; isto é, "em Sua Palavra, coeterna com Ele mesmo, Deus fez a matéria sem forma

das criaturas espirituais e corporais".

Outra escolhe aquele que diz: No Princípio Deus criou o céu e a terra; isto é, "em Sua Palavra, coeterna com Ele mesmo, Deus criou a matéria sem forma da criatura corporal, na qual céu e terra ainda se encontravam confusos, e que, agora distintos e formados, vemos hoje na massa deste mundo".

Outra escolhe aquele que diz: No princípio Deus fez o céu e a terra; isto é, "no próprio começo da criação e de Sua obra, Deus fez aquela matéria sem forma, que continha em si, de maneira confusa, tanto o céu como a terra; dela, depois de formados, eles agora se destacam e aparecem, com tudo o que neles existe".

⁂

E, quanto ao entendimento das palavras seguintes, escolhe para si uma dentre todas aquelas verdades quem diz: Mas a terra era invisível e sem forma, e havia trevas sobre o abismo; isto é, "aquela coisa corporal que Deus fez ainda era uma matéria sem forma de coisas corporais, sem ordem, sem luz".

Outra escolhe quem diz: A terra era invisível e sem forma, e havia trevas sobre o abismo; isto é, "todo este conjunto, que se chama céu e terra, ainda era uma matéria sem forma e escura, da qual seriam feitos o céu corporal e a terra corporal, com todas as coisas neles existentes, que são conhecidas por nossos sentidos corporais".

Outra escolhe quem diz: A terra era invisível e sem forma, e havia trevas sobre o abismo; isto é, "todo este conjunto, que se chama céu e terra, ainda era uma matéria sem forma e escura, da qual seriam feitos tanto aquele céu

inteligível, chamado em outra passagem Céu dos céus, como a terra, isto é, toda a natureza corporal, nome sob o qual também está compreendido este céu corporal; em uma palavra, da qual seria criada toda criatura visível e invisível".

Outra escolhe quem diz: A terra era invisível e sem forma, e havia trevas sobre o abismo; "a Escritura não chamou aquela falta de forma pelo nome de céu e terra; mas aquela matéria sem forma, diz ele, já existia, e foi chamada terra invisível e sem forma e trevas sobre o abismo; dela havia dito antes que Deus fizera o céu e a terra, a saber, a criatura espiritual e a corporal".

Outra escolhe quem diz: A terra era invisível e sem forma, e havia trevas sobre o abismo; isto é, "já existia certa matéria sem forma, da qual a Escritura havia dito antes que Deus fez o céu e a terra, a saber, toda a massa corporal do mundo, dividida em duas grandes partes, superior e inferior, com todas as criaturas comuns e conhecidas que nelas existem".

Pois, se alguém tentasse contestar estas duas últimas opiniões, dizendo: "Se vocês não admitem que essa ausência de forma da matéria parece ser chamada pelo nome de céu e terra, então havia algo que Deus não havia feito, do qual faria o céu e a terra; pois a Escritura não nos disse que Deus fez essa matéria, a menos que entendamos que ela é designada pelo nome de céu e terra, ou apenas de terra, quando se diz: No princípio Deus fez o céu e a terra; de modo que, no que vem a seguir, e a terra era invisível e sem forma (embora lhe tenha agradado chamar assim a matéria informe), devemos entender que não se trata de outra matéria, mas daquela que Deus fez, da qual está escrito acima: Deus fez o céu e a terra."

Os defensores de qualquer uma daquelas duas últimas opiniões, ao ouvirem isso, responderão: "Não negamos que essa matéria informe tenha sido de fato criada por Deus, aquele Deus de quem vêm todas as coisas, muito boas; pois, assim como afirmamos ser um bem maior aquilo que é criado e formado, também reconhecemos ser um bem menor aquilo que é tornado capaz de receber criação e forma, mas que ainda assim é bom.

Dizemos, porém, que a Escritura não registrou que Deus fez essa ausência de forma, assim como não registrou muitas outras coisas, como os querubins, os serafins e aqueles de que o Apóstolo fala expressamente: Tronos, Dominações, Principados, Potestades. É inteiramente evidente que Deus fez todas essas coisas.

Ou, se naquilo que se diz, Ele fez o céu e a terra, todas as coisas estão compreendidas, o que diremos das águas sobre as quais se movia o Espírito de Deus? Pois, se elas estão incluídas nessa palavra terra, como pode então esse nome de terra significar a matéria informe, quando vemos as águas tão belas?

Ou, se assim se entende, por que está escrito que, dessa mesma ausência de forma, foi feito o firmamento, chamado céu, e não está escrito que as águas foram feitas? Pois as águas não permanecem informes e invisíveis, já que as vemos correr de maneira tão bela.

Mas, se receberam essa beleza quando Deus disse: Reúnam-se as águas debaixo do firmamento, de modo que a própria reunião delas tenha sido sua formação, o que se dirá daquelas águas acima do firmamento? Pois, se fossem informes, não seriam dignas de lugar tão honroso, e tampouco está escrito por qual palavra foram formadas.

Se, portanto, o Gênesis silencia sobre Deus ter feito alguma coisa, que, no entanto, nem a fé sã nem o entendimento bem fundamentado duvidam que Deus tenha feito, e nenhum ensinamento sensato ousará afirmar que essas águas sejam coeternas com Deus, pelo fato de as encontrarmos mencionadas no livro do Gênesis, mas não encontrarmos quando foram criadas, por que, já que a verdade nos ensina, não deveríamos entender que a matéria informe, que essa Escritura chama de terra invisível e sem forma e de abismo tenebroso, foi criada por Deus do nada e, portanto, não é coeterna com ele, embora esse relato tenha deixado de mostrar quando ela foi criada?"

Depois de ouvir e compreender essas coisas, conforme a fraqueza da minha capacidade, que confesso a ti, Senhor, que a conheces, vejo que podem surgir duas espécies de divergência quando algo é relatado em palavras por narradores verdadeiros: uma a respeito da verdade das coisas, outra a respeito do sentido pretendido pelo narrador.

Pois uma coisa é investigar o que é verdadeiro acerca da criação das criaturas; outra é investigar o que Moisés, esse excelente ministro da tua fé, queria que seu leitor e ouvinte entendessem por aquelas palavras.

Quanto à primeira espécie, afastem-se todos os que imaginam conhecer como verdade aquilo que é falso; e, quanto à outra, afastem-se também todos os que imaginam que Moisés escreveu coisas falsas.

Mas que eu esteja unido em ti, Senhor, àqueles que se alimentam da tua verdade, e com eles encontre em ti minha alegria, na amplitude da caridade; e que juntos nos aproximemos das palavras do teu livro e nelas bus-

quemos o teu sentido por meio do sentido pretendido pelo teu servo, por cuja pena tu as transmitiste.

⁂

Mas qual de nós, entre tantas verdades que se apresentam aos que investigam aquelas palavras, conforme as diversas maneiras de entendê-las, descobrirá aquele único sentido a ponto de afirmar: "Foi isso que Moisés pensou" e "Foi isso que ele quis que se entendesse naquele relato", com a mesma confiança com que diria: "Isto é verdadeiro", quer Moisés tenha pensado isto ou aquilo?

Pois vê, meu Deus: eu, teu servo, que neste livro te prometi um sacrifício de confissão e peço que, por tua misericórdia, eu possa cumprir minhas promessas a ti, posso, com a mesma confiança com que afirmo que em teu mundo imutável criaste todas as coisas visíveis e invisíveis, afirmar também que Moisés não quis dizer outra coisa além desta quando escreveu: No princípio Deus fez o céu e a terra?

Não. Porque não vejo em sua mente que ele pensava nisso ao escrever essas coisas, como vejo em tua verdade que isso é certo. Pois ele poderia ter em mente o começo da criação por Deus quando disse: No princípio; e, por céu e terra, poderia querer dizer, nesse trecho, nenhuma natureza formada e aperfeiçoada, fosse espiritual ou corporal, mas ambas apenas começadas e ainda informes.

Pois percebo que, qualquer uma das duas coisas que tivesse sido dita, poderia ter sido dita com verdade; mas qual das duas ele tinha em mente nessas palavras, isso não percebo da mesma maneira.

Contudo, quer tenha sido um desses dois sentidos, quer algum outro que não mencionei aqui, aquilo que esse homem tão grande viu em sua mente quando pronunciou essas palavras, não duvido que o tenha visto verdadeiramente e expressado de maneira adequada.

Que ninguém, portanto, me perturbe dizendo: Moisés não pensava como você diz, mas como eu digo. Pois, se alguém me perguntasse: "Como você sabe que Moisés pensava aquilo que você deduz de suas palavras?", eu deveria aceitar de bom grado a pergunta e talvez respondesse como fiz acima, ou de modo mais extenso, se ele insistisse.

Mas, quando diz: "Moisés não quis dizer o que você diz, mas o que eu digo", e, no entanto, não nega que aquilo que cada um de nós diz possa ser verdadeiro, ó meu Deus, vida dos pobres, em cujo seio não há contradição, derrama em meu coração um orvalho que o abrande, para que eu suporte com paciência os que me dizem isso, não porque tenham um Espírito divino e tenham visto no coração do teu servo aquilo que dizem, mas porque são orgulhosos; não conhecem a opinião de Moisés, mas amam a própria, não porque seja verdadeira, mas porque é deles.

Do contrário, amariam igualmente outra opinião verdadeira, assim como amo o que dizem quando dizem a verdade: não porque seja deles, mas porque é verdadeiro; e, justamente por ser verdadeiro, não pertence a eles. Mas, se o amam porque é verdadeiro, então pertence tanto a eles como a mim, pois é comum a todos os que amam a verdade.

Porém, quando insistem que Moisés não quis dizer o que eu digo, mas o que eles dizem, isso não me agrada, não amo isso; pois, ainda que assim

fosse, essa sua precipitação não pertence ao conhecimento, mas à presunção, e nasceu da vaidade, e não da compreensão.

Por isso, Senhor, teus juízos são temíveis, pois tua verdade não é minha, nem dele, nem de outro, mas pertence a todos nós, a quem chamas publicamente para dela participar, advertindo-nos de maneira temível que não a consideremos nossa propriedade particular, para que não sejamos privados dela.

Pois quem reivindica como exclusivamente seu aquilo que propões ao desfrute de todos, e quer possuir como próprio aquilo que pertence a todos, é expulso do que é comum para o que é seu; isto é, da verdade para a mentira. Pois quem fala mentira fala do que lhe é próprio.

Ouve, ó Deus, tu que és o melhor juiz; Verdade em pessoa, ouve o que direi a esse contestador; ouve, pois falo diante de ti e diante de meus irmãos, que usam legitimamente a tua lei, tendo por fim a caridade; ouve e vê, se te agrada, o que lhe direi.

Pois esta é a palavra fraterna e pacífica com que lhe respondo: "Se ambos vemos que é verdadeiro o que você diz, e ambos vemos que é verdadeiro o que eu digo, onde, peço a você, vemos isso? Nem eu em você, nem você em mim; mas ambos na própria Verdade imutável, que está acima de nossas almas."

Se, portanto, não discutimos sobre a própria luz do Senhor Deus, por que discutimos sobre os pensamentos do nosso próximo, que não podemos ver como vemos a Verdade imutável? Pois, se o próprio Moisés nos aparecesse e

dissesse: "Foi isso que eu quis dizer", nem assim o veríamos, mas acreditaríamos nele.

Não nos enchamos, portanto, de orgulho em favor de um contra outro, além do que está escrito; amemos o Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma e de todo o nosso entendimento, e o nosso próximo como a nós mesmos.

Se não acreditarmos que Moisés teve em vista esses dois preceitos da caridade em tudo o que quis dizer naqueles livros, faremos de Deus um mentiroso, imaginando sobre a intenção de nosso companheiro de serviço algo diferente do que ele nos ensinou.

Vê agora como é insensato, em tamanha abundância de sentidos inteiramente verdadeiros que se podem extrair daquelas palavras, afirmar precipitadamente qual deles Moisés teve principalmente em mente e, com disputas prejudiciais, ofender a própria caridade, pela qual disse tudo aquele cujas palavras procuramos explicar.

E, no entanto, meu Deus, tu que elevas minha humildade e és o repouso do meu trabalho, que ouves minhas confissões e perdoas meus pecados: já que me ordenas amar meu próximo como a mim mesmo, não posso acreditar que tenhas dado a Moisés, teu servo fiel, um dom menor do que eu desejaria ou pediria que me tivesses dado, se eu tivesse nascido no tempo dele e tu me tivesses colocado naquele ofício, para que, pelo serviço do meu coração e da minha língua, fossem transmitidos aqueles livros que, por tanto tempo depois, haveriam de beneficiar todas as nações e, em todo o mundo, pela altura de sua autoridade, superar todas as declarações de ensinamentos falsos e orgulhosos.

Eu certamente teria desejado, se então fosse Moisés — pois todos viemos da mesma massa, e o que é o homem, senão que te lembras dele? —, eu teria desejado, se então fosse o que ele era e tivesse recebido de ti a ordem de escrever o livro do Gênesis, que me fossem dados tal poder de expressão e tal estilo que aqueles que ainda não conseguem entender como Deus criou não rejeitassem essas palavras por estarem além de sua capacidade; e que aqueles que já tivessem alcançado esse entendimento encontrassem, naquelas poucas palavras do teu servo, qualquer opinião verdadeira a que tivessem chegado pela reflexão, sem que ela tivesse sido deixada de lado; e, se outro homem, pela luz da verdade, tivesse descoberto outra, que também ela pudesse ser encontrada nessas mesmas palavras.

⁂

Pois, assim como uma fonte, contida num espaço estreito, é mais abundante e fornece água a mais correntes por espaços maiores do que qualquer uma dessas correntes que, depois de uma longa distância, dela deriva, assim também o relato daquele Teu servidor, destinado a beneficiar muitos que haveriam de discorrer sobre ele, transborda de uma pequena medida de palavras em correntes da mais clara verdade.

Delas, cada um pode tirar para si a verdade que conseguir acerca desses assuntos, um esta verdade, outro aquela, desenvolvendo-as em discursos mais extensos. Pois alguns, quando leem ou ouvem essas palavras, imaginam que Deus, semelhante a um homem ou a alguma massa dotada de poder ilimitado, por uma decisão nova e repentina, criou fora de si, como que a certa distância, o céu e a terra, dois grandes corpos, um acima e outro abaixo, nos quais todas as coisas deveriam estar contidas.

E, quando ouvem: Deus disse: Faça-se, e foi feito, imaginam palavras que começaram e terminaram, soando no tempo e desaparecendo; depois que elas passaram, veio a existir aquilo a que se ordenara que existisse; e outras coisas semelhantes, sugeridas pela familiaridade dos homens com o mundo material.

Nessas pessoas, ainda pequenas e carnais, enquanto sua fraqueza é amparada por essa maneira humilde de falar, como no colo de uma mãe, a fé se fortalece de modo saudável, e por ela têm como certo que Deus fez todas as naturezas que seus olhos contemplam ao redor numa variedade admirável.

Mas, se alguém, desprezando essas palavras como simples demais, com uma fraqueza orgulhosa se aventurar para fora do ninho protetor, cairá, ai dele, miseravelmente. Tem piedade, Senhor Deus, para que os que passam pelo caminho não pisem o passarinho ainda sem penas, e envia Teu anjo para devolvê-lo ao ninho, a fim de que viva até poder voar.

Mas outros, para quem essas palavras já não são um ninho, mas recantos frutíferos de sombra profunda, veem os frutos ali escondidos, voam alegremente ao redor e, com cantos felizes, procuram e colhem esses frutos.

Pois, ao lerem ou ouvirem essas palavras, veem que todos os tempos passados e futuros são ultrapassados por Tua permanência eterna e imutável; e, no entanto, que não existe criatura formada no tempo que não tenha sido feita por Ti. Como Tua vontade é o mesmo que Tu és, fizeste todas as coisas sem nenhuma mudança de vontade, nem por uma vontade que antes não existia.

E essas coisas não foram feitas de Ti mesmo, à Tua própria semelhança, que é a forma de todas as coisas, mas do nada: uma dessemelhança sem forma, que deveria receber forma por Tua semelhança, voltando-se para Tua Unidade segundo a capacidade que lhes foi determinada, na medida concedida a cada coisa em sua espécie, para que todas fossem feitas muito boas.

Quer permaneçam ao Teu redor, quer, afastadas por graus no tempo e no espaço, produzam ou sofram as belas variações do Universo. Essas coisas eles veem e, na pequena medida que aqui lhes é possível, alegram-se na luz de Tua verdade.

Outro dirige a mente para o que está dito: No Princípio Deus fez o céu e a terra; e nisso contempla a Sabedoria, o Princípio, porque ela também nos fala. Outro também dirige a mente para as mesmas palavras e entende por Princípio o começo das coisas criadas: No princípio Ele fez, como se estivesse dito: Ele fez primeiro.

E, entre os que entendem No Princípio como: "Em Tua Sabedoria criaste o céu e a terra", um acredita que ali se chama céu e terra à matéria da qual o céu e a terra seriam criados; outro, às naturezas já formadas e distintas; outro, a uma natureza formada, e esta espiritual, sob o nome de Céu, e à outra sem forma, uma matéria corporal, sob o nome de Terra.

Por sua vez, aqueles que, pelos nomes céu e terra, entendem a matéria ainda sem forma, da qual o céu e a terra seriam formados, também não a entendem de uma única maneira.

Um entende a matéria da qual seriam levadas à perfeição tanto a criatura inteligível quanto a sensível; outro, somente aquela da qual seria feita esta massa corporal sensível, que contém em seu vasto seio estas naturezas visíveis e comuns.

Também os que acreditam que as criaturas já ordenadas e dispostas são chamadas, nessa passagem, de céu e terra não têm o mesmo entendimento. Um entende tanto as invisíveis quanto as visíveis; outro, somente as visíveis, nas quais contemplamos este céu luminoso e esta terra escura, com as coisas que neles estão contidas.

Mas aquele que entende No Princípio Ele fez apenas como se estivesse dito: Primeiro Ele fez, só pode entender corretamente céu e terra como a matéria do céu e da terra, isto é, de toda a criação inteligível e corporal. Pois, se quiser entender por isso o universo já formado, será justo perguntar-lhe: "Se Deus fez isso primeiro, o que fez depois?"

E, depois do universo, ele nada encontrará; por isso terá de ouvir, contra a vontade, outra pergunta: "Como Deus fez isso primeiro, se nada fez depois?" Mas, quando diz que Deus fez a matéria primeiro sem forma e depois formada, não há absurdo, desde que seja capaz de distinguir o que precede pela eternidade, o que pelo tempo, o que pela preferência e o que pela origem.

Pela eternidade, como Deus é anterior a todas as coisas; pelo tempo, como a flor é anterior ao fruto; pela preferência, como o fruto é anterior à flor; pela origem, como o som é anterior à melodia. Dessas quatro maneiras, a primeira e a última são compreendidas com extrema dificuldade; as duas intermediárias, facilmente.

Pois é uma visão rara e elevada demais contemplar Tua Eternidade, Senhor, fazendo, sem mudar, as coisas mutáveis e, por isso, sendo anterior a elas. E quem, por sua vez, tem entendimento tão penetrante que consiga, sem grande esforço, distinguir de que modo o som é anterior à melodia?

É porque a melodia é um som formado; e uma coisa sem forma pode existir, enquanto aquilo que não existe não pode receber forma. Assim, a matéria é anterior à coisa feita; não porque a faça, pois ela mesma é, antes, feita; nem é anterior por um intervalo de tempo.

Pois não emitimos primeiro, no tempo, sons sem forma, sem cantar, para depois adaptá-los ou moldá-los na forma de um canto, como a madeira ou a prata, das quais se faz uma arca ou um vaso.

Pois esses materiais precedem também no tempo as formas das coisas feitas deles, mas no canto não é assim: quando se canta, ouve-se seu som; não há primeiro um som sem forma que depois recebe a forma de um canto. Pois cada som, assim que é produzido, desaparece, e não podes encontrar nada que possas recuperar e compor com arte.

Assim, o canto está completamente em seu som, e esse som é sua matéria. E ela recebe forma para que seja uma melodia; por isso, como eu disse, a matéria do som é anterior à forma da melodia.

Não é anterior por algum poder que tenha de fazê-lo uma melodia, pois o som de modo algum é o artífice da melodia; é algo corporal, sujeito à alma que canta, para que dele faça uma melodia.

Também não é anterior no tempo, pois é emitido junto com a melodia; nem anterior pela preferência, pois um som não é melhor que uma melo-

dia, já que a melodia não é apenas um som, mas um som belo. É, porém, anterior pela origem, porque a melodia não recebe forma para se tornar som, mas o som recebe forma para se tornar melodia.

Por esse exemplo, entenda quem puder como a matéria das coisas foi feita primeiro e chamada céu e terra, porque dela foram feitos o céu e a terra. Contudo, ela não foi feita primeiro no tempo, porque as formas das coisas dão origem ao tempo; mas ela era sem forma e agora, no tempo, é percebida pelos sentidos juntamente com sua forma.

E, no entanto, nada se pode dizer dessa matéria senão como se fosse anterior no tempo, embora em valor seja a última, porque as coisas formadas são superiores às coisas sem forma, e seja precedida pela Eternidade do Criador: para que assim houvesse, a partir do nada, aquilo de que alguma coisa pudesse ser criada.

⁂

Nessa diversidade de opiniões verdadeiras, que a própria Verdade produza a concórdia. E que nosso Deus tenha misericórdia de nós, para que usemos a lei legitimamente, tendo por finalidade do mandamento o amor puro.

Se, à luz disso, alguém me perguntar: "Qual dessas interpretações era o sentido pretendido por Teu servo Moisés?", esta não seria a linguagem de minhas Confissões se eu não Te confessasse: "Não sei". E, contudo, sei que esses sentidos são verdadeiros, com exceção daqueles carnais, dos quais falei o que me pareceu necessário.

E mesmo os pequeninos cheios de esperança que assim pensam têm este benefício: as palavras de Teu Livro não os assustam, pois apresentam coisas

elevadas com humildade e, com poucas palavras, um sentido abundante.

E todos nós que, como confesso, vemos e expressamos a verdade transmitida nessas palavras, amemos uns aos outros e, juntos, amemos a Ti, nosso Deus, fonte da verdade, se temos sede dela, e não de vaidades.

Sim, honremos de tal modo esse Teu servo, encarregado de transmitir esta Escritura, cheio de Teu Espírito, que acreditemos que, quando escreveu essas coisas por Tua revelação, pretendeu aquilo que, entre esses sentidos, mais se distingue tanto pela luz da verdade quanto pela abundância de seus benefícios.

Assim, quando um diz: "Moisés quis dizer o que eu digo", e outro: "Não, o que eu digo", creio falar com mais reverência ao dizer: "Por que não o que ambos dizem, se ambos são verdadeiros?"

E, se houver um terceiro ou um quarto, ou se qualquer outro vir outra verdade nessas palavras, por que não acreditar que viu todas elas aquele por meio de quem o Deus Único ajustou as santas Escrituras ao entendimento de muitos, que nelas veriam coisas verdadeiras, mas diversas?

Pois eu, certamente — e digo isso de coração, sem receio —, se fosse escrever algo que devesse ter autoridade suprema, preferiria escrever de tal modo que qualquer verdade que alguém pudesse perceber sobre esses assuntos fosse transmitida por minhas palavras, a expor meu próprio sentido com tanta clareza que excluísse os demais, os quais, não sendo falsos, não poderiam me ofender.

Portanto, meu Deus, não serei tão precipitado a ponto de não acreditar que concedeste o mesmo àquele grande homem. Sem dúvida, quando escreveu

aquelas palavras, ele percebeu e considerou toda a verdade que pudemos encontrar nelas, e também toda aquela que não pudemos nem ainda podemos encontrar, mas que nelas pode ser encontrada.

Por fim, Senhor, que és Deus, e não carne e sangue, se um homem viu menos, poderia alguma coisa ficar oculta a Teu bom Espírito, que me conduzirá à terra da retidão, daquilo que Tu mesmo, por essas palavras, haverias de revelar aos leitores nos tempos futuros, embora aquele por meio de quem elas foram ditas talvez tenha pensado em apenas um entre muitos sentidos verdadeiros?

Se assim for, que o sentido em que ele pensou seja o mais elevado de todos. Mas a nós, Senhor, revela esse mesmo sentido ou qualquer outro verdadeiro que Te agrade, para que, quer nos reveles o mesmo que revelaste àquele Teu servo, quer algum outro por ocasião daquelas palavras, sejas Tu a nos alimentar, e não o erro a nos enganar.

Vê, Senhor meu Deus, quanto escrevemos sobre poucas palavras, quanto, eu Te peço! Que forças nossas, ou mesmo que eras, bastariam para tratar assim de todos os Teus livros? Permite-me, então, confessar-me a Ti mais brevemente nestes e escolher um sentido verdadeiro, certo e bom que me inspires, embora muitos se apresentem onde muitos podem se apresentar.

Seja esta a regra de minha confissão: se eu disser aquilo que Teu servidor pretendeu, isso é o certo e o melhor; pois é isso que devo buscar. Se, porém, não o alcançar, que eu diga ao menos aquilo que Tua Verdade quis me dizer pelas palavras dele, ela que também lhe revelou o que quis.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XIII

✦

Eu Te invoco, ó meu Deus, minha misericórdia, que me criaste e não Te esqueceste de mim quando eu me esquecia de Ti. Eu Te chamo para dentro da minha alma, que preparas para Ti pelo desejo que Tu mesmo lhe inspiras.

Não me abandones agora que Te invoco, Tu que Te antecipaste a mim antes que eu Te chamasse e insististe comigo por tantos chamados repetidos e variados, para que eu Te ouvisse de longe, me convertesse e Te invocasse, a Ti que me chamavas para que voltasse; pois Tu, Senhor, apagaste todos os meus maus merecimentos, para não me retribuíres aquilo com que me afastei de Ti; e Te antecipaste a todos os meus bons merecimentos, para recompensares a obra de Tuas mãos, com que me fizeste; porque, antes que eu existisse, Tu existias; e eu não era coisa alguma à qual pudesses conceder a existência; e, no entanto, eis que existo, por Tua bondade, que antecede tudo aquilo que fizeste de mim e tudo aquilo de que me fizeste.

Pois nem precisavas de mim, nem sou um bem de tal natureza que possa ser útil a Ti, meu Senhor e Deus; nem ao Te servir, como se Te cansasses ao trabalhar, ou como se Teu poder pudesse ser menor sem meu serviço; nem ao cultivar Teu serviço como uma terra que permaneceria sem cultivo se eu não Te cultivasse; mas Te sirvo e adoro para receber de Ti o bem de existir, pois de Ti vem que eu tenha uma existência capaz de alcançar esse bem.

Pois é da plenitude de Tua bondade que Tua criatura subsiste, para que um bem que de modo algum poderia Te ser útil, nem era da Tua própria

substância (pois assim seria igual a Ti), pudesse, porém, existir, já que podia ser feito por Ti. Pois o que mereceram de Ti o céu e a terra, que fizeste no Princípio?

Digam aquelas naturezas espirituais e corporais que fizeste em Tua Sabedoria em que mereceram de Ti depender dela, mesmo naquele estado inicial e sem forma de cada uma, espiritual ou corporal, prestes a se perder numa liberdade sem medida e numa dessemelhança muito distante de Ti — sendo a natureza espiritual, embora sem forma, superior à corporal, mesmo formada, e a corporal, embora sem forma, melhor do que se não fosse absolutamente nada —, e assim dependerem de Teu Verbo, permanecendo sem forma, a menos que pelo mesmo Verbo fossem reconduzidas à Tua Unidade, recebessem forma e, por Ti, o único Bem soberano, se tornassem todas muito boas. Como mereceram de Ti existir sequer sem forma, já que nem isso teriam sido senão por Ti?

Como a matéria corporal mereceu de Ti existir sequer invisível e sem forma? Pois nem isso seria se Tu não a tivesses feito e, portanto, como não existia, não podia merecer de Ti ser feita.

Ou como a criatura espiritual ainda em seu início poderia merecer de Ti sequer oscilar nas trevas como o abismo — diferente de Ti, a menos que, pelo mesmo Verbo, se voltasse para Aquele por quem foi criada e, iluminada por Ele, se tornasse luz, embora não em igualdade, mas em conformidade com aquela Forma que é igual a Ti?

Pois, assim como num corpo existir não é o mesmo que ser belo, caso contrário ele não poderia ser disforme, também para um espírito criado viver

não é o mesmo que viver sabiamente; caso contrário, seria sábio de modo imutável.

Mas é bom para ele apegar-se sempre a Ti, para que não perca, ao se afastar de Ti, a luz que recebeu ao se voltar para Ti, e não recaia numa vida semelhante ao abismo tenebroso.

Pois também nós, que quanto à alma somos uma criatura espiritual, afastados de Ti, nossa luz, fomos outrora trevas naquela vida; e ainda lutamos em meio aos restos de nossas trevas, até que em Teu Filho único nos tornemos Tua justiça, como os montes de Deus. Pois temos sido Teus juízos, que são como o grande abismo.

Aquilo que disseste no princípio da criação, Haja luz, e houve luz, entendo, com razão, que se refere à criatura espiritual, porque já havia uma espécie de vida que podias iluminar. Mas, assim como ela não tinha direito de exigir de Ti uma vida que pudesse ser iluminada, também agora que existia não tinha direito de exigir ser iluminada.

Pois seu estado sem forma não poderia Te agradar, a menos que ela se tornasse luz, e isso não por simplesmente existir, mas por contemplar a luz que ilumina e apegar-se a ela; de modo que deve somente à Tua graça o fato de viver e viver feliz, tendo sido voltada, por uma mudança para melhor, para Aquilo que não pode mudar para pior nem para melhor; e isso só Tu és, porque só Tu simplesmente és; para Ti, viver não é uma coisa e viver feliz outra, pois Tu mesmo és Tua própria Felicidade.

O que poderia faltar, então, ao Teu bem, que és Tu mesmo, ainda que essas coisas nunca tivessem existido ou permanecessem sem forma? Tu as fi-

zeste, não por alguma necessidade, mas pela plenitude de Tua bondade, contendo-as e conduzindo-as à forma, sem que isso significasse que Tua alegria se completava por elas.

Pois, sendo Tu perfeito, a imperfeição delas Te desagrada, e por isso foram aperfeiçoadas por Ti e Te agradam; não como se fosses imperfeito e, pelo aperfeiçoamento delas, também tivesses de ser aperfeiçoado. Pois Teu bom Espírito pairava sobre as águas, sem ser sustentado por elas, como se nelas repousasse.

Pois aqueles sobre os quais se diz que Teu bom Espírito repousa, Ele os faz repousar em Si mesmo. Mas Tua vontade incorruptível e imutável, inteiramente suficiente a si mesma, pairava sobre aquela vida que tinhas criado, para a qual viver não é o mesmo que viver feliz, pois ela também vive oscilando em suas próprias trevas; resta-lhe, portanto, voltar-se para Aquele por quem foi feita, viver cada vez mais junto à fonte da vida, ver a luz em Sua luz e ser aperfeiçoada, iluminada e embelezada.

Eis que agora a Trindade me aparece como num espelho, de modo obscuro, e essa Trindade és Tu, meu Deus, porque Tu, ó Pai, Naquele que é o Princípio de nossa sabedoria, que é Tua Sabedoria, nascida de Ti mesmo, igual a Ti e coeterna, isto é, em Teu Filho, criaste o céu e a terra.

Muito já dissemos sobre o céu dos céus, sobre a terra invisível e sem forma e sobre o abismo tenebroso, em referência à instabilidade errante de sua deformidade espiritual, se não se tivesse voltado para Aquele de quem recebera o grau de vida que então possuía e, por Sua iluminação, se tornado uma vida bela e o céu daquele céu que depois foi colocado entre água e água.

E sob o nome de Deus eu então entendia o Pai, que fez essas coisas, e sob o nome de Princípio, o Filho, em quem Ele as fez; e, crendo, como eu cria, em meu Deus como Trindade, procurei mais adiante em Suas santas palavras, e eis que Teu Espírito se movia sobre as águas. Eis a Trindade, meu Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, Criador de toda a criação.

⁂

Mas qual foi a razão, ó Luz que dizes a verdade? A Ti elevo meu coração; que ele não me ensine vaidades; dissipa suas trevas e dize-me, eu Te peço, por nossa mãe, a caridade, dize-me a razão, eu Te peço, pela qual, depois de mencionar o céu, a terra invisível e sem forma e as trevas sobre o abismo, Tua Escritura só então menciona Teu Espírito.

Foi porque convinha que Ele fosse dado a conhecer como Aquele que pairava acima, e isso não podia ser dito sem que primeiro se mencionasse aquilo sobre o qual se poderia entender que Teu Espírito pairava? Pois Ele não pairava acima do Pai nem do Filho, nem se poderia dizer com propriedade que pairava acima se não pairasse sobre coisa alguma.

Era preciso, então, falar primeiro daquilo sobre o qual Ele poderia pairar, e depois Daquele de quem convinha falar somente como pairando. Mas por que não convinha que Ele fosse dado a conhecer de outro modo, senão como Aquele que pairava acima?

Daqui, quem puder acompanhe com seu entendimento Teu Apóstolo, quando assim fala: Porque Teu amor foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado; e quando, a respeito dos dons espirituais, nos ensina e mostra um caminho mais excelente, o da caridade; e

quando dobra os joelhos diante de Ti por nós, para que conheçamos o conhecimento sublime do amor de Cristo.

E por isso, desde o princípio, Ele pairava nas alturas, acima das águas. A quem direi isso? Como falar do peso dos maus desejos, que nos leva para baixo, ao abismo profundo, e de como a caridade nos ergue de novo por Teu Espírito, que pairava acima das águas? A quem direi isso? Como o direi? Pois não é no espaço que afundamos e emergimos.

O que pode ser mais semelhante e, no entanto, menos parecido? São afetos, são amores: a impureza de nosso espírito escorrendo para baixo pelo amor às preocupações, e a santidade do Teu nos erguendo pelo amor ao repouso sem inquietação; para que elevemos nossos corações a Ti, onde Teu Espírito paira acima das águas, e cheguemos àquele repouso sublime, quando nossa alma tiver atravessado as águas que não oferecem apoio.

Os anjos se afastaram, a alma humana se afastou e, assim, mostraram o abismo naquela profundeza tenebrosa, preparado para toda a criação espiritual, se Tu não tivesses dito desde o princípio, Haja luz, e não tivesse havido luz, e se toda inteligência obediente de Tua Cidade celeste não tivesse se apegado a Ti e repousado em Teu Espírito, que paira imutavelmente sobre tudo o que é mutável.

De outro modo, até o céu dos céus teria sido, em si mesmo, um abismo tenebroso; agora, porém, é luz no Senhor. Pois até naquela miserável inquietação dos espíritos que se afastaram e descobriram suas próprias trevas, ao serem despidos da veste de Tua luz, revelas suficientemente quão nobre fizeste a criatura racional, à qual nada menor que Tu basta para conceder um repouso feliz; portanto, nem ela mesma se basta.

Pois Tu, ó nosso Deus, iluminarás nossas trevas; de Ti vem nossa veste de luz; e então nossas trevas serão como o meio-dia. Dá-Te a mim, ó meu Deus, restitui-Te a mim; eis que amo, e, se isso é pouco, quero amar com mais força.

Não posso medir para saber quanto amor ainda me falta, até que minha vida corra para Teus abraços e não se afaste, até ficar escondida no lugar oculto de Tua Presença. Só sei isto: ai de mim fora de Ti, não apenas fora, mas também dentro de mim mesmo; e toda abundância que não seja meu Deus é vazio para mim.

Mas o Pai ou o Filho também não pairavam acima das águas? Se isso significa estar no espaço, como um corpo, então nem o Espírito Santo pairava; mas, se significa a imutável elevação da Divindade acima de todas as coisas mutáveis, então tanto o Pai como o Filho e o Espírito Santo pairavam sobre as águas.

Por que, então, isso é dito apenas de Teu Espírito, por que é dito apenas Dele? Como se estivesse num lugar Aquele que não está num lugar, de quem somente está escrito que é Teu dom? Em Teu Dom repousamos; nele desfrutamos de Ti. Nosso repouso é nosso lugar. O amor nos eleva até lá, e Teu bom Espírito ergue nossa humildade das portas da morte.

Em Tua boa vontade está nossa paz. O corpo, por seu próprio peso, tende para seu próprio lugar. O peso não leva apenas para baixo, mas para o lugar próprio de cada coisa. O fogo tende para cima, a pedra para baixo. São impelidos por seu próprio peso, procuram seus próprios lugares.

O óleo derramado debaixo da água sobe acima dela; a água derramada sobre o óleo afunda abaixo dele. São impelidos por seus próprios pesos a procurar seus próprios lugares. Fora de sua ordem, ficam inquietos; restituídos à ordem, repousam. Meu peso é meu amor; por ele sou levado aonde quer que eu seja levado.

Nós nos inflamamos, por Teu Dom somos acesos e levados para o alto; ardemos por dentro e avançamos. Subimos por Teus caminhos que estão em nosso coração e cantamos um cântico de subida; ardemos por dentro com Teu fogo, com Teu bom fogo, e seguimos, porque subimos para a paz de Jerusalém; pois me alegrei com aqueles que me disseram: Subiremos à casa do Senhor.

Ali Tua boa vontade nos colocou, para que nada mais desejemos além de permanecer ali para sempre.

Feliz criatura que, sendo diferente de Ti, não conheceu outra condição senão esta: assim que foi criada, sem intervalo algum, por Teu Dom, que paira acima de tudo o que é mutável, foi elevada por aquele chamado com que disseste: Faça-se a luz, e a luz se fez.

Em nós, porém, isso aconteceu em momentos diferentes, pois éramos trevas e somos feitos luz; mas, daquela criatura, só se diz o que teria sido se não tivesse sido iluminada. E isso é dito como se antes ela tivesse sido instável e escura, para que assim aparecesse a causa pela qual se tornou diferente, a saber: voltando-se para a Luz que não se apaga, tornou-se luz.

Quem puder, compreenda isso; peça a Ti. Por que haveria de me incomodar, como se eu pudesse iluminar qualquer pessoa que vem a este mundo?

⁂

Quem de nós compreende a Trindade Todo-Poderosa? E, no entanto, quem não fala dela, se é realmente dela que fala? Rara é a alma que, ao falar dela, sabe do que fala. E discutem e disputam; contudo, sem paz, ninguém contempla essa visão. Eu gostaria que as pessoas considerassem estas três coisas que existem dentro de si mesmas.

Essas três coisas são, de fato, muito diferentes da Trindade: apenas indico onde podem se exercitar e, ali, experimentar e sentir o quanto estão distantes. Ora, as três coisas de que falei são: Ser, Conhecer e Querer. Pois eu Sou, Conheço e Quero: Sou alguém que Conhece e Quer; e Conheço a mim mesmo como alguém que É e Quer; e Quero Ser e Conhecer.

Nessas três coisas, por conseguinte, perceba quem puder como a vida é inseparável, sim, uma só vida, uma só mente e uma só essência; e, por fim, como há uma distinção inseparável, mas ainda assim uma distinção. Certamente cada pessoa tem isso diante de si; que olhe para dentro de si mesma, veja e me diga.

Mas, quando descobrir e puder dizer alguma coisa a respeito delas, não pense, por isso, que encontrou Aquele que está acima delas, Imutável, que É imutavelmente, Conhece imutavelmente e Quer imutavelmente; nem que descobriu se, por causa dessas três coisas, há também em Deus uma Trindade, ou se todas as três estão em Cada Um, de modo que as três pertencem a Cada Um; ou se é de ambas as maneiras ao mesmo tempo, de modo maravilhoso, simples e, contudo, múltiplo, sendo Ela própria um limite para Si mesma dentro de Si mesma, mas sem limites; pelo que Ela é, é

Conhecida por Si mesma e basta a Si mesma, imutavelmente a Mesma, pela abundante grandeza de Sua Unidade.

Quem pode conceber isso com facilidade? Quem poderia expressá-lo de alguma maneira? Quem ousaria, de qualquer modo, pronunciar-se a respeito precipitadamente?

Prossegue em tua confissão; dize ao Senhor teu Deus, ó minha fé: Santo, Santo, Santo, ó Senhor meu Deus, em Teu Nome fomos batizados, Pai, Filho e Espírito Santo; em Teu Nome batizamos, Pai, Filho e Espírito Santo, porque também entre nós, em Seu Cristo, Deus fez o céu e a terra, a saber, o povo espiritual e o povo carnal de Sua Igreja.

Sim, e nossa terra, antes de receber a forma da doutrina, era invisível e sem forma; e estávamos cobertos pelas trevas da ignorância. Pois Tu castigaste o ser humano por sua iniquidade, e Teus juízos eram para ele como o grande abismo. Mas, porque Teu Espírito pairava sobre as águas, Tua misericórdia não abandonou nossa miséria, e disseste: Faça-se a luz.

Arrependam-se, pois o reino dos céus está próximo. Arrependam-se, faça-se a luz. E, porque nossa alma estava perturbada dentro de nós, nós nos lembramos de Ti, ó Senhor, desde a terra do Jordão e daquele monte igual a Ti, mas pequeno por nossa causa; e nossas trevas nos desagradaram, nós nos voltamos para Ti e a luz se fez. E eis que antes éramos trevas, mas agora somos luz no Senhor.

Mas ainda pela fé, e não pela visão, pois pela esperança somos salvos; mas a esperança que se vê não é esperança. Ainda um abismo chama outro abismo, mas agora ao som de Tuas cascatas.

Ainda aquele que diz: Não pude falar a vocês como a pessoas espirituais, mas como a carnais, ainda ele mesmo não considera ter alcançado, e se esquece das coisas que ficaram para trás, e se estende para as que estão à frente, e geme sob o peso que carrega, e sua alma tem sede do Deus Vivo, como o cervo dos cursos de água, e diz: Quando irei?

Deseja ser revestido de sua morada que vem do céu e chama este abismo inferior, dizendo: Não se conformem com este mundo, mas sejam transformados pela renovação de sua mente. E não sejam crianças no entendimento, mas sejam crianças na maldade, para que no entendimento sejam perfeitos; e: Ó gálatas insensatos, quem enfeitiçou vocês?

Mas agora já não com sua própria voz, e sim com a Tua, Tu que enviaste do alto Teu Espírito, por meio Daquele que subiu às alturas e abriu as comportas de Seus dons, para que a força de Suas correntes alegrasse a cidade de Deus.

Por Ele suspira esse amigo do Noivo, tendo agora as primícias do Espírito guardadas junto Dele, mas ainda gemendo dentro de si, à espera da adoção, isto é, da redenção de seu corpo; por Ele suspira, como membro da Noiva; por Ele sente ciúme, como amigo do Noivo; por Ele sente ciúme, não por si mesmo; porque é ao som de Tuas cascatas, e não com sua própria voz, que chama aquele outro abismo, por quem sente ciúme e teme que, assim como a serpente enganou Eva com sua astúcia, também a mente deles seja corrompida e se afaste da pureza que há em nosso Noivo, Teu Filho único.

Oh, que luz de beleza será aquela, quando O virmos como Ele é, e tiverem passado aquelas lágrimas que têm sido meu alimento dia e noite, enquanto todos os dias me dizem: Onde está agora o teu Deus?

Eis que eu também digo: Ó meu Deus, onde estás? Vê onde estás! Em Ti respiro um pouco, quando derramo minha alma a sós, com voz de alegria e louvor, o som de quem celebra uma festa. E, no entanto, ela volta a ficar triste, porque recai e se torna um abismo, ou melhor, percebe que ainda é um abismo.

A ela fala minha fé, que acendeste para iluminar meus pés na noite: Por que estás triste, ó minha alma, e por que me perturbas? Espera no Senhor; Sua palavra é uma lâmpada para teus pés: espera e persevera, até que passe a noite, mãe dos ímpios, até que passe a ira do Senhor, da qual também nós fomos outrora filhos, nós que antes éramos trevas, cujos restos carregamos conosco em nosso corpo, morto por causa do pecado; até que o dia amanheça e as sombras fujam.

Espera no Senhor; pela manhã estarei em Tua presença e Te contemplarei; para sempre confessarei a Ti. Pela manhã estarei em Tua presença e verei a salvação de meu rosto, meu Deus, que também dará vida a nossos corpos mortais, pelo Espírito que habita em nós, porque, em Sua misericórdia, Ele pairou sobre nosso abismo interior, escuro e flutuante.

Dele recebemos nesta peregrinação uma garantia, para que agora sejamos luz, enquanto somos salvos pela esperança e somos filhos da luz e filhos do dia, não filhos da noite nem das trevas, que, contudo, antes fomos. Entre eles e nós, nesta incerteza do conhecimento humano, só Tu fazes a separação; Tu, que sondas nossos corações e chamas à luz dia e às trevas noite.

Pois quem nos distingue, senão Tu? E o que temos que não tenhamos recebido de Ti? Da mesma massa são feitos vasos para honra, da qual também outros são feitos para desonra.

⁂

Ou quem, senão Tu, nosso Deus, fez para nós esse firmamento de autoridade sobre nós em Tua Divina Escritura? Como está dito: Pois o céu será dobrado como um rolo; e agora está estendido sobre nós como uma pele. Pois Tua Divina Escritura tem autoridade mais elevada desde que aqueles mortais por meio dos quais a distribuis entre nós passaram pela morte.

E Tu sabes, Senhor, Tu sabes como vestiste os seres humanos com peles quando, pelo pecado, se tornaram mortais. Por isso estendeste como uma pele o firmamento de Teu livro, isto é, Tuas palavras harmoniosas, que, pelo ministério de homens mortais, estendeste sobre nós.

Pois foi pela própria morte deles que aquele sólido firmamento de autoridade, nas palavras Tuas que eles divulgaram, se estendeu de maneira mais elevada sobre todos os que estão debaixo dele; enquanto viviam aqui, não se estendia de maneira tão elevada. Ainda não havias estendido o céu como uma pele; ainda não havias ampliado em todas as direções a glória da morte deles.

Que olhemos, ó Senhor, para os céus, obra de Teus dedos; afasta de nossos olhos aquela nuvem que estendeste debaixo deles. Ali está Teu testemunho, que dá sabedoria aos pequeninos: aperfeiçoa, ó meu Deus, Teu louvor pela boca das crianças e dos que ainda mamam.

Pois não conhecemos outros livros que tanto destruam o orgulho, que tanto destruam o inimigo e o defensor que resiste à Tua reconciliação defendendo seus próprios pecados. Não conheço, Senhor, não conheço outras

palavras tão puras, que tanto me persuadam a confessar, que tornem meu pescoço flexível a Teu jugo e me convidem a Te servir sem recompensa.

Permite que eu as compreenda, bom Pai; concede isso a mim, que estou colocado debaixo delas, porque para aqueles que estão debaixo delas é que Tu as estabeleceste.

Há outras águas acima deste firmamento, creio que imortais e separadas da corrupção terrena. Que louvem Teu Nome, que Te louvem, o povo acima dos céus, Teus anjos, que não precisam erguer os olhos para este firmamento nem conhecer Tua Palavra pela leitura.

Pois eles sempre contemplam Teu rosto e ali leem, sem sílabas que se sucedam no tempo, o que quer Tua vontade eterna; leem, escolhem, amam. Estão sempre lendo, e nunca passa aquilo que leem; pois, escolhendo e amando, leem a própria imutabilidade de Teu desígnio.

Seu livro nunca se fecha, nem seu rolo se dobra, pois Tu mesmo és isso para eles, e o és eternamente; porque os colocaste acima deste firmamento, que estabeleceste firmemente sobre a fraqueza do povo de baixo, para que ali erguessem os olhos e aprendessem Tua misericórdia, anunciando no tempo a Ti, que fizeste os tempos.

Pois Tua misericórdia, ó Senhor, está nos céus, e Tua verdade chega até as nuvens. As nuvens passam, mas o céu permanece. Os pregadores de Tua palavra passam desta vida para outra; mas Tua Escritura permanece estendida sobre os povos até o fim do mundo. Porém, também o céu e a terra passarão, mas Tuas palavras não passarão.

Porque o rolo será enrolado, e a erva sobre a qual estava estendido passará com toda a sua beleza; mas Tua Palavra permanece para sempre, ela que agora nos aparece sob a imagem obscura das nuvens e através do espelho dos céus, e não como é; porque também nós, embora muito amados por Teu Filho, ainda não se manifestou o que seremos.

Ele olha pelas grades de nossa carne, falou-nos com ternura, inflamou-nos, e corremos atrás de Seus aromas. Mas, quando Ele se manifestar, então seremos semelhantes a Ele, pois O veremos como Ele é. Como Ele é, Senhor, será nossa visão.

Pois só Tu conheces plenamente como és, Tu que és imutavelmente, conheces imutavelmente e queres imutavelmente. E Tua Essência Conhece e Quer imutavelmente; e Teu Conhecimento É e Quer imutavelmente; e Tua Vontade É e Conhece imutavelmente.

E não parece justo a Teus olhos que, assim como a Luz Imutável conhece a Si mesma, também seja conhecida por aquilo que é iluminado e mutável. Por isso minha alma é como uma terra sem água, pois, assim como não pode iluminar a si mesma por suas próprias forças, também não pode satisfazer a si mesma por suas próprias forças. Pois assim está em Ti a fonte da vida, assim como em Tua luz veremos a luz.

Quem reuniu os amargurados numa só sociedade? Pois todos eles têm um único fim, uma felicidade temporal e terrena, para cuja conquista fazem todas as coisas, embora oscilem de um lado para outro com uma variedade incontável de preocupações. Quem, Senhor, senão tu, disse: Reúnam-se as águas num só lugar, e apareça a terra seca, que tem sede de ti?

Pois o mar também é teu, e tu o fizeste, e tuas mãos prepararam a terra seca. E não é a amargura das vontades humanas, mas a reunião das águas, que recebe o nome de mar; pois tu refreias os desejos perversos das almas humanas e lhes estabeleces limites, até onde lhes é permitido avançar, para que suas ondas se quebrem umas contra as outras: e assim fazes delas um mar, pela ordem do teu domínio sobre todas as coisas.

Mas as almas que têm sede de ti e que aparecem diante de ti, separadas da sociedade do mar por outros limites, tu as regas com uma fonte de água doce, para que a terra produza seu fruto e, por tua ordem, Senhor Deus, nossa alma faça brotar obras de misericórdia segundo sua espécie, amando nosso próximo ao socorrer suas necessidades corporais, tendo em si a semente segundo sua semelhança, quando, pelo sentimento de nossa própria fraqueza, nos compadecemos a ponto de socorrer os necessitados; ajudando-os como desejaríamos ser ajudados se estivéssemos em igual necessidade; não apenas nas coisas fáceis, como a erva que produz semente, mas também na proteção que oferecemos com nosso auxílio, empregando nossas melhores forças, como a árvore que produz fruto: isto é, fazendo o bem ao livrar das mãos do poderoso aquele que sofre injustiça e ao lhe dar o abrigo da proteção pela força vigorosa de um julgamento justo.

⁂

Assim, Senhor, assim, eu te suplico: faze brotar, como tu o fazes, como concedes alegria e capacidade; brote a verdade da terra, e a justiça olhe do céu, e haja luzes no firmamento. Repartamos nosso pão com os famintos e acolhamos em nossa casa os pobres sem abrigo. Vistamos os que estão nus e não desprezemos os de nossa própria carne.

Depois que esses frutos tiverem brotado da terra, vê que isso é bom: e resplandeça nossa luz temporal; e nós mesmos, passando dessa fecundidade inferior da ação ao prazer da contemplação, alcançando no alto a Palavra da Vida, apareçamos como luzes no mundo, apegados ao firmamento de tua Escritura.

Pois ali nos ensinas a distinguir as coisas do entendimento das coisas dos sentidos, como o dia da noite; ou as almas dedicadas às coisas do entendimento daquelas dedicadas às coisas dos sentidos, de modo que agora não sejas apenas tu, no segredo do teu julgamento, como antes de o firmamento ser feito, a separar a luz das trevas, mas que também teus filhos espirituais, colocados e dispostos nesse mesmo firmamento, agora que tua graça se manifesta pelo mundo inteiro, possam iluminar a terra, separar o dia da noite e servir de sinais dos tempos: de que as coisas antigas passaram e, eis, todas as coisas se tornaram novas; de que nossa salvação está mais próxima do que quando cremos; de que a noite já vai avançada e o dia se aproxima; e de que coroarás teu ano com bênçãos, enviando os trabalhadores de tua bondade à tua colheita, em cuja semeadura outros trabalharam, enviando-os também a outro campo, cuja colheita será no fim.

Assim atendes às orações de quem pede e abençoas os anos dos justos; mas tu és o mesmo e, em teus anos que não acabam, preparas um celeiro para nossos anos passageiros. Pois, por uma decisão eterna, concedes à terra bênçãos celestiais nas épocas apropriadas.

Pois a um é dada pelo Espírito a palavra de sabedoria, como que a luz menor; a outro, a fé; a outro, o dom com a luz da verdade clara, como que para governar o dia.

A outro, a palavra de conhecimento pelo mesmo Espírito, como que a luz menor; a outro, a fé; a outro, o dom de curar; a outro, a realização de milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, diversas espécies de línguas. E todos esses são como estrelas.

Pois todas essas coisas são realizadas por um só e mesmo Espírito, que distribui a cada um o que lhe cabe conforme sua vontade, fazendo as estrelas aparecerem claramente para o proveito de todos.

Mas a palavra de conhecimento, na qual estão contidos todos os Sacramentos, que variam em suas épocas como a lua, e aqueles outros conhecimentos dos dons, enumerados em ordem como estrelas, por ficarem aquém daquele brilho da sabedoria que alegra o dia antes mencionado, servem apenas para governar a noite.

Pois são necessários àqueles a quem teu tão prudente servo não podia falar como a espirituais, mas como a carnais; ele mesmo, que fala de sabedoria entre os perfeitos.

Mas o homem natural, como uma criança em Cristo, alimentada com leite, até que se fortaleça para o alimento sólido e seus olhos se tornem capazes de contemplar o Sol, não habite numa noite desprovida de toda luz, mas se contente com a luz da lua e das estrelas.

Assim nos falas, nosso Deus sapientíssimo, em teu Livro, teu firmamento, para que possamos discernir todas as coisas numa admirável contemplação, embora ainda em sinais e em tempos, e em dias, e em anos.

Mas primeiro, lavem-se, purifiquem-se; afastem o mal de suas almas e de diante dos meus olhos, para que apareça a terra seca. Aprendam a fazer o

bem, façam justiça ao órfão, defendam a causa da viúva, para que a terra produza a erva verde para alimento e a árvore que dá fruto; e venham, vamos discutir juntos, diz o Senhor, para que haja luzes no firmamento do céu e elas iluminem a terra.

Aquele homem rico perguntou ao bom Mestre o que deveria fazer para alcançar a vida eterna. Que o bom Mestre lhe diga, ele a quem o homem considerava apenas um homem, mas que é bom porque é Deus; que lhe diga que, se quiser entrar na vida, deve guardar os mandamentos: que afaste de si a amargura da malícia e da maldade; não mate, não cometa adultério, não roube, não dê falso testemunho; para que apareça a terra seca e produza a honra ao pai e à mãe e o amor ao próximo.

Tudo isso, diz ele, tenho guardado. De onde vêm, então, tantos espinhos, se a terra é fértil? Vai, arranca os matagais da cobiça que se alastram; vende o que tens e enche-te de frutos, dando aos pobres, e terás um tesouro no céu; e segue o Senhor, se queres ser perfeito, unido àqueles entre os quais fala de sabedoria aquele que sabe o que distribuir ao dia e à noite, para que também tu o saibas e para ti haja luzes no firmamento do céu; isso não acontecerá se teu coração não estiver ali; e ele também não estará ali se ali não estiver teu tesouro, como ouviste do bom Mestre. Mas aquela terra estéril se entristeceu; e os espinhos sufocaram a palavra.

Mas vocês, geração escolhida, vocês, coisas fracas do mundo, que abandonaram tudo para seguir o Senhor, sigam-no e confundam os poderosos; sigam-no, belos pés, e brilhem no firmamento, para que os céus declarem sua glória, separando a luz dos perfeitos, embora não sejam como os anjos, das trevas dos pequeninos, embora estes não sejam desprezados.

Brilhem sobre a terra; e o dia, iluminado pelo sol, transmita ao dia a palavra de sabedoria; e a noite, brilhando com a lua, revele à noite a palavra de conhecimento. A lua e as estrelas brilham para a noite; contudo, a noite não as obscurece, pois elas lhe dão luz na medida que lhe cabe.

Pois eis que, como se Deus dissesse: Haja luzes no firmamento do céu, veio de repente do céu um som como o sopro de um vento impetuoso, e apareceram línguas repartidas, como de fogo, e ele pousou sobre cada um deles. E foram feitas luzes no firmamento do céu, tendo a palavra da vida.

Corram por toda parte, fogos santos, fogos belos; pois vocês são a luz do mundo e não são colocados debaixo de um cesto; aquele a quem vocês se apegam foi exaltado e exaltou vocês. Corram por toda parte e tornem-se conhecidos de todas as nações.

⁂

Que o mar também conceba e dê à luz suas obras; e que as águas produzam a criatura que se move e tem vida. Pois vocês, separando o precioso do desprezível, tornam-se a boca de Deus, por meio da qual ele diz: Produzam as águas, não a criatura viva que a terra produz, mas a criatura que se move e tem vida, e as aves que voam sobre a terra.

Pois teus Sacramentos, ó Deus, pelo ministério de teus santos, moveram-se entre as ondas das tentações do mundo para santificar os gentios em teu Nome, em teu Batismo.

E, em meio a essas coisas, realizaram-se muitas grandes maravilhas, como grandes baleias; e as vozes de teus mensageiros voaram sobre a terra, no fir-

mamento aberto de teu Livro, que foi colocado acima deles como a autoridade sob a qual deveriam voar, aonde quer que fossem.

Pois não há fala nem língua em que sua voz não seja ouvida, visto que seu som percorreu toda a terra, e suas palavras chegaram aos confins do mundo, porque tu, Senhor, os multiplicaste com tua bênção.

Acaso digo algo falso, ou misturo e confundo, sem distinguir o conhecimento claro dessas coisas no firmamento do céu das obras materiais no mar agitado e debaixo do firmamento do céu?

Pois, mesmo daquelas coisas cujo conhecimento é substancial e definido, sem nenhum aumento por geração, como luzes de sabedoria e conhecimento, as operações materiais são muitas e diversas; e, surgindo uma coisa de outra, elas se multiplicam com tua bênção, ó Deus, que aliviaste o enfado dos sentidos mortais, para que, assim, uma única coisa na compreensão de nossa mente possa ser apresentada e expressa de muitas maneiras pelos movimentos do corpo.

As águas produziram esses Sacramentos, mas em tua palavra. As necessidades dos povos afastados da eternidade de tua verdade os produziram, mas em teu Evangelho; pois as próprias águas os fizeram surgir, e sua amargura doentia foi a causa de eles serem enviados em tua Palavra.

Agora, belas são todas as coisas que fizeste; mas eis que tu mesmo és indizivelmente mais belo, tu que fizeste tudo; se Adão não tivesse se afastado de ti, nunca teria fluído dele a água salobra do mar, isto é, o gênero humano tão profundamente curioso, que se avoluma de modo tempestuoso e se agita sem descanso de um lado para outro; e então não haveria necessidade

de teus ministros realizarem, em meio a muitas águas, de maneira corporal e sensível, atos e palavras misteriosos. Pois é isso que agora me parecem significar aquelas criaturas que se movem e voam, por meio das quais os povos, iniciados e consagrados por Sacramentos corporais, não avançariam mais se sua alma não tivesse vida espiritual e se, depois da palavra de admissão, ela não dirigisse o olhar para a perfeição.

E assim, em Tua Palavra, não a profundeza do mar, mas a terra separada da amargura das águas produz, não a criatura que se move e tem vida, mas a alma vivente.

Pois agora ela já não precisa do batismo, como os pagãos precisam e como ela mesma precisava quando estava coberta pelas águas; (pois não há outra entrada no reino dos céus, já que determinaste que esta fosse a entrada): nem busca a maravilha dos milagres para chegar à fé; pois já não é daquelas que, se não veem sinais e prodígios, não creem, agora que a terra fiel está separada das águas amargadas pela incredulidade; e as línguas são um sinal, não para os que creem, mas para os que não creem.

Tampouco essa terra que fundaste sobre as águas precisa das criaturas voadoras que, à Tua palavra, as águas produziram. Envia a ela Tua palavra por meio de Teus mensageiros: pois falamos do trabalho deles, mas és Tu quem trabalha neles para que façam surgir nela uma alma vivente.

A terra a produz, porque a terra é a razão de eles realizarem essa obra na alma; assim como o mar foi a razão de trabalharem sobre as criaturas que se movem e têm vida e sobre as aves que voam sob o firmamento do céu, das quais a terra não precisa; embora ela se alimente daquele peixe que foi ti-

rado das profundezas, naquela mesa que preparaste na presença dos que creem.

Pois foi para isso que Ele foi tirado das profundezas, para alimentar a terra seca; e a ave, embora criada no mar, multiplica-se sobre a terra. Pois a incredulidade humana foi a razão das primeiras pregações dos Evangelistas; mas também os fiéis são por elas exortados e abençoados de muitas maneiras, dia após dia.

A alma vivente, porém, tem seu princípio na terra: pois só aos que já estão entre os fiéis aproveita abster-se do amor deste mundo, para que assim sua alma viva para Ti, ela que estava morta enquanto vivia nos prazeres; nos prazeres que trazem a morte, Senhor, pois Tu, Senhor, és a alegria que dá vida ao coração puro.

Agora, então, que Teus ministros trabalhem sobre a terra — não como sobre as águas da incredulidade, pregando e falando por meio de milagres, Sacramentos e palavras místicas; coisas nas quais a ignorância, mãe da admiração, poderia fixar a atenção, por reverência àqueles sinais secretos.

Pois essa é a entrada na fé para os filhos de Adão que se esqueceram de Ti, enquanto se escondem de Tua face e se tornam um abismo escuro. Mas que Teus ministros trabalhem agora como em terra seca, separada dos redemoinhos do grande abismo: e que sejam um modelo para os fiéis, vivendo diante deles e os estimulando à imitação.

Pois assim os homens ouvem de modo a não apenas ouvir, mas também praticar. Busquem o Senhor, e sua alma viverá, para que a terra produza a

alma vivente. Não se conformem com o mundo. Abstenham-se dele: a alma vive evitando aquilo que, ao desejar, a faz morrer.

Abstenham-se da ferocidade desenfreada do orgulho, da voluptuosidade indolente do luxo e do que falsamente se chama conhecimento: para que assim as feras sejam domadas, os animais sejam submetidos ao jugo e as serpentes se tornem inofensivas.

Pois esses são os movimentos de nossa mente representados por uma alegoria; isto é, a altivez do orgulho, o deleite da luxúria e o veneno da curiosidade são os movimentos de uma alma morta; pois a alma não morre a ponto de perder todo movimento; ela morre porque abandona a fonte da vida, e assim é tomada por este mundo passageiro e se conforma com ele.

⁂

Mas Tua palavra, ó Deus, é a fonte da vida eterna; e não passa: por isso, esse afastamento da alma é contido por Tua palavra, quando nos é dito: Não se conformem com este mundo; para que assim a terra, na fonte da vida, produza uma alma vivente; isto é, uma alma tornada continente em Tua Palavra, por meio de Teus Evangelistas, seguindo os seguidores de Teu Cristo.

Pois isso é segundo sua espécie; porque o homem costuma imitar seu amigo. Sejam como eu sou (diz ele), pois eu também sou como vocês. Assim, nessa alma vivente haverá boas feras, na mansidão de suas ações (pois ordenaste: Conduz teus negócios com mansidão, e assim serás amado por todos os homens); e bons animais, que, se comerem, não terão em excesso, nem, se não comerem, terão falta de coisa alguma; e boas serpentes, que não sejam perigosas para causar dano, mas prudentes para se precaver; e

que investiguem esta natureza temporal apenas o suficiente para que a eternidade seja vista com clareza, compreendida por meio das coisas criadas.

Pois essas criaturas obedecem à razão quando, impedidas de nos dominar para nossa morte, vivem e são boas.

Pois vê, ó Senhor, nosso Deus, nosso Criador: quando nossos afetos foram afastados do amor do mundo, pelo qual morremos ao viver mal; e começaram a ser uma alma vivente, por meio de uma vida boa; e Tua palavra, que falaste por Teu apóstolo, se cumpre em nós: Não se conformem com este mundo; segue-se também aquilo que logo acrescentaste, dizendo: Mas sejam transformados pela renovação de sua mente; já não segundo sua espécie, como se seguissem o próximo que foi à sua frente, nem como se vivessem segundo o exemplo de algum homem melhor (pois não disseste: "Seja feito o homem segundo sua espécie", mas: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança), para que pudéssemos discernir qual é Tua vontade.

Pois foi com esse propósito que aquele Teu servidor (que gerou filhos pelo Evangelho) falou, para não os ter para sempre como crianças, às quais teria de alimentar com leite e cuidar como uma ama; sejam transformados (diz ele) pela renovação de sua mente, para que possam discernir qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Por isso, não dizes: "Seja feito o homem", mas: Façamos o homem. Nem disseste: "segundo sua espécie"; mas: à nossa imagem e semelhança. Pois o homem, renovado em sua mente, contemplando e compreendendo Tua verdade, não precisa de um homem como guia, de modo a seguir sua espécie; mas, sob Tua direção, discerne qual é Tua boa, agradável e perfeita

vontade: sim, Tu o ensinas, agora que se tornou capaz, a discernir a Trindade da Unidade e a Unidade da Trindade.

Por isso, ao que é dito no plural, Façamos o homem, acrescenta-se no singular: E Deus fez o homem; e ao que é dito no plural, À nossa semelhança, acrescenta-se no singular: À imagem de Deus.

Assim o homem é renovado no conhecimento de Deus, segundo a imagem Daquele que o criou: e, tornando-se espiritual, julga todas as coisas (todas as coisas que devem ser julgadas), mas ele mesmo não é julgado por ninguém.

Mas o fato de ele julgar todas as coisas corresponde ao seu domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre todos os animais domésticos e as feras, sobre toda a terra e sobre todo ser que rasteja pela terra.

Pois ele faz isso pelo entendimento de sua mente, pelo qual percebe as coisas do Espírito de Deus; ao passo que, de outro modo, o homem, colocado em posição de honra, não tinha entendimento, é comparado aos animais irracionais e se tornou semelhante a eles.

Portanto, em Tua Igreja, ó nosso Deus, segundo a graça que lhe concedeste (pois somos obra Tua, criados para as boas obras), não só os que exercem autoridade espiritual, mas também os que estão espiritualmente sujeitos aos que exercem autoridade sobre eles — pois desse modo fizeste o homem, macho e fêmea, em Tua graça espiritual, na qual, quanto ao sexo do corpo, não há homem nem mulher, porque não há judeu nem grego, escravo nem livre —, as pessoas espirituais (tanto as que exercem autoridade como as que obedecem) julgam espiritualmente; não aquele conhecimento espiri-

tual que brilha no firmamento (pois não devem julgar uma autoridade tão suprema), nem podem julgar Teu próprio Livro, mesmo que algo nele não brilhe com clareza; pois submetemos a ele nosso entendimento e temos por certo que mesmo aquilo que está oculto aos nossos olhos é dito de modo justo e verdadeiro.

Pois assim o homem, embora já espiritual e renovado no conhecimento de Deus segundo a imagem Daquele que o criou, deve ser cumpridor da lei, não juiz. Tampouco julga a distinção entre homens espirituais e carnais, conhecidos aos Teus olhos, ó nosso Deus, e que ainda não se revelaram a nós por suas obras, para que pudéssemos conhecê-los por seus frutos: mas Tu, Senhor, já os conheces, e os separaste e chamaste em segredo antes mesmo que o firmamento fosse feito.

Tampouco ele, embora espiritual, julga os povos inquietos deste mundo; pois que lhe cabe julgar os de fora, sem saber quais deles virão depois para a doçura de Tua graça e quais permanecerão na amargura perpétua da impiedade?

Portanto, o homem, que fizeste à Tua própria imagem, não recebeu domínio sobre as luzes do céu, nem sobre aquele céu oculto, nem sobre o dia e a noite, aos quais deste nome antes da fundação do céu, nem sobre o ajuntamento das águas, que é o mar; mas ele recebeu domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre todos os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os seres que rastejam pela terra.

Pois ele julga e aprova o que considera certo e rejeita o que considera errado, seja na celebração daqueles Sacramentos pelos quais são iniciados aqueles que Tua misericórdia procura em muitas águas; seja naquele em

que é apresentado aquele Peixe que, tirado das profundezas, serve de alimento à terra devota; seja nas expressões e nos sinais das palavras, sujeitos à autoridade de Teu Livro — sinais que saem da boca e ressoam, voando, por assim dizer, sob o firmamento, ao interpretar, explicar, discursar, debater, consagrar ou orar a Ti, para que o povo possa responder: Amém.

A pronúncia em voz alta de todas essas palavras é motivada pelo abismo deste mundo e pela cegueira da carne, que não pode ver os pensamentos; de modo que é necessário falar em voz alta aos ouvidos; assim, embora as aves voadoras se multipliquem sobre a terra, têm sua origem nas águas.

O homem espiritual também julga, aprovando o que é certo e rejeitando o que encontra de errado nas obras e na vida dos fiéis; em suas esmolas, como se a terra produzisse fruto, e na alma vivente, que vive pelo domínio dos afetos, na castidade, no jejum, nas santas meditações; e nas coisas que são percebidas pelos sentidos do corpo. Sobre tudo isso se diz agora que ele julga, pois também tem poder de corrigir.

⁂

Mas o que é isso, e que espécie de mistério é esse? Eis que abençoas a humanidade, ó Senhor, para que cresça, se multiplique e encha a terra; não nos dás com isso uma indicação para compreendermos algo? Por que não abençoaste também a luz, à qual chamaste dia; nem o firmamento do céu, nem as luzes, nem as estrelas, nem a terra, nem o mar?

Eu poderia dizer que Tu, ó Deus, que nos criaste à Tua imagem, eu poderia dizer que foi de Teu agrado conceder essa bênção especialmente ao homem; se não tivesses igualmente abençoado os peixes e as baleias, para que

crescessem, se multiplicassem e enchessem as águas do mar, e para que as aves se multiplicassem sobre a terra.

Eu poderia dizer também que essa bênção pertencia propriamente às criaturas que se reproduzem segundo sua espécie, se a tivesse encontrado concedida às árvores frutíferas, às plantas e aos animais da terra.

Mas não se diz às ervas, nem às árvores, nem aos animais, nem às serpentes: Cresçam e se multipliquem; embora todos eles, assim como os peixes, as aves ou os homens, cresçam pela reprodução e perpetuem sua espécie.

Que direi então, ó Verdade, minha Luz? Que isso foi dito sem propósito e sem sentido? Não, ó Pai de bondade, longe esteja de um ministro da tua palavra dizer tal coisa. E, se não entendo o que queres dizer com essa expressão, que aqueles que me superam, isto é, os que têm mais entendimento do que eu, façam melhor uso dela, conforme tu, meu Deus, deste a cada um compreender.

Mas que também a minha confissão seja agradável aos teus olhos, pois nela te confesso que creio, Senhor, que não disseste isso em vão; nem ocultarei o que esta passagem me sugere. Pois é verdadeiro, e não vejo o que me impediria de entender assim as palavras figuradas da tua Bíblia.

Pois sei que uma coisa entendida de uma só maneira pela mente pode ser representada de muitas maneiras por expressões corporais; e que uma coisa representada de uma só maneira por uma expressão corporal pode ser entendida de muitas maneiras pela mente.

Vê como o único amor a Deus e ao nosso próximo é expresso corporalmente por tantos sacramentos, por inúmeras línguas e, em cada língua, por incon-

táveis modos de falar. Assim os descendentes das águas crescem e se multiplicam. Observa ainda, quem quer que leias isto: vê o que a Escritura transmite e a voz pronuncia de uma só maneira: No princípio Deus criou o céu e a terra.

Não é isso entendido de muitas maneiras, sem o engano do erro, mas por diversas formas de sentidos verdadeiros? Assim os descendentes do homem crescem e se multiplicam.

Se, portanto, considerarmos a natureza das próprias coisas, não alegoricamente, mas em seu sentido próprio, então a expressão crescei e multiplicai-vos se aplica a todas as coisas que vêm de sementes.

Mas, se tratarmos essas palavras como ditas em sentido figurado — o que suponho ser antes a intenção da Escritura, que certamente não atribui sem motivo essa bênção apenas aos descendentes dos animais aquáticos e do homem —, então veremos que a "multidão" pertence tanto às criaturas espirituais quanto às corporais, como no céu e na terra; aos justos e aos injustos, como na luz e nas trevas; aos autores santos que nos serviram como ministros da Lei, como no firmamento estabelecido entre as águas e as águas; à comunidade dos povos ainda na amargura da incredulidade, como no mar; ao zelo das almas santas, como na terra seca; às obras de misericórdia próprias desta vida presente, como nas plantas que dão sementes e nas árvores que dão frutos; aos dons espirituais apresentados para a edificação, como nas luzes do céu; e aos afetos moldados para a moderação, como na alma vivente.

Em todos esses casos encontramos multidões, abundância e crescimento; mas aquilo que cresce e se multiplica de tal modo que uma coisa possa ser

expressa de muitas maneiras, e uma expressão entendida de muitas maneiras, só encontramos nos sinais expressos corporalmente e nas coisas concebidas pela mente.

Pelos sinais pronunciados corporalmente entendemos as gerações das águas, necessariamente ocasionadas pela profundidade da carne; pelas coisas concebidas pela mente, as gerações humanas, por causa da fecundidade da razão. E cremos, Senhor, que foi para esse fim que disseste a essas espécies: Crescei e multiplicai-vos.

Pois, nessa bênção, entendo que nos concedeste o poder e a capacidade tanto de expressar de várias maneiras o que entendemos de uma só, como de entender de várias maneiras o que lemos apresentado obscuramente de uma só.

Assim se enchem as águas do mar, que só são movidas por significações diversas; assim também se enche a terra com o crescimento humano, terra cuja secura se revela em seu anseio, e sobre a qual governa a razão.

Também gostaria de dizer, Senhor meu Deus, o que a passagem seguinte da Escritura me traz à mente; sim, direi, e sem medo. Pois direi a verdade, inspirando-me tu mesmo aquilo que quiseste que eu transmitisse a partir dessas palavras. Mas só por tua inspiração creio dizer a verdade, pois tu és a Verdade, e todo homem é mentiroso.

Portanto, quem diz uma mentira fala do que é seu; para que eu diga a verdade, falarei do que é teu. Vê, tu nos deste como alimento toda planta que dá semente sobre toda a terra, e toda árvore em que há fruto que produz semente.

E não somente a nós, mas também a todas as aves do céu, aos animais da terra e a todos os seres que rastejam; mas aos peixes e às grandes baleias não os deste. Ora, dissemos que esses frutos da terra significavam e representavam, numa alegoria, as obras de misericórdia que a terra fecunda fornece para as necessidades desta vida.

Uma terra assim era o devoto Onesíforo, a cuja casa concedeste misericórdia, porque muitas vezes reanimou o teu Paulo e não se envergonhou de suas correntes. Assim também fizeram os irmãos, e tal fruto deram aqueles que, vindos da Macedônia, supriram o que lhe faltava.

Mas como ele se entristeceu por certas árvores que não lhe ofereciam o fruto que lhe era devido, quando diz: Na minha primeira defesa, ninguém ficou ao meu lado; todos me abandonaram. Peço a Deus que isso não lhes seja levado em conta.

Pois esses frutos são devidos aos que nos ministram a doutrina espiritual a partir de seu entendimento dos mistérios divinos; e lhes são devidos como homens; sim, também lhes são devidos como alma vivente, que se oferece como exemplo em todo domínio de si; e também lhes são devidos como criaturas aladas, por suas bênçãos que se multiplicam sobre a terra, pois sua voz se espalhou por todas as terras.

⁂

Mas são alimentados por esses frutos aqueles que neles se alegram; e neles não se alegram aqueles cujo deus é o próprio ventre. Pois, mesmo para aqueles que os oferecem, o fruto não está nas coisas oferecidas, mas na disposição com que as oferecem. Quanto àquele que servia a Deus, e não ao

próprio ventre, vejo claramente por que se alegrou; eu o vejo e me alegro com ele.

Pois ele havia recebido dos filipenses o que lhe tinham enviado por Epafrodito; e, ainda assim, percebo por que se alegrou. Pois se alimentava daquilo que lhe dava alegria; porque, falando a verdade, diz ele: Alegrei-me muito no Senhor porque agora, por fim, o cuidado de vocês por mim floresceu de novo; vocês já tinham esse cuidado, mas ele havia se tornado cansativo para vocês.

Esses filipenses, portanto, haviam secado de tanto cansaço e como que murchado para produzir esse fruto de uma boa obra; e ele se alegra por eles, porque voltaram a florescer, e não por si mesmo, porque supriram suas necessidades. Por isso acrescenta: Não digo isso por estar passando necessidade, pois aprendi a estar satisfeito em qualquer situação em que me encontre.

Sei viver na pobreza e sei viver na abundância; em toda parte e em todas as coisas fui instruído tanto a estar saciado como a ter fome, tanto a ter abundância como a passar necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece.

Com que te alegras então, ó grande Paulo? Com que te alegras? De que te alimentas, ó homem renovado no conhecimento de Deus, segundo a imagem daquele que te criou, tu, alma vivente de tanto domínio de si, tu, língua semelhante às aves que voam, que fala mistérios? Pois é a tais criaturas que esse alimento é devido. O que te alimenta? A alegria.

Ouçamos o que vem a seguir: Porém, vocês fizeram bem em tomar parte na minha aflição. É com isso que ele se alegra, é disso que se alimenta: porque

fizeram bem, e não porque foi aliviado o aperto daquele que te diz: Tu me deste espaço quando eu estava angustiado; pois ele sabia viver na abundância e passar necessidade em ti, que o fortaleces.

Pois vocês, filipenses, também sabem, diz ele, que no início do Evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja compartilhou comigo na questão de dar e receber, a não ser vocês. Pois, mesmo em Tessalônica, vocês me enviaram ajuda para as minhas necessidades mais de uma vez.

Ele agora se alegra porque voltaram a essas boas obras; e fica contente porque floresceram de novo, como um campo fértil que recupera seu verde.

Seria por causa de suas próprias necessidades, já que disse: Vocês me enviaram ajuda para as minhas necessidades? É por isso que ele se alegra? Certamente não. Mas como sabemos disso? Porque ele mesmo diz logo em seguida: Não porque eu deseje uma dádiva, mas desejo fruto. Aprendi contigo, meu Deus, a distinguir entre dádiva e fruto.

A dádiva é a própria coisa que oferece aquele que compartilha conosco esses bens necessários, como dinheiro, comida, bebida, roupa, abrigo, ajuda; mas o fruto é a vontade boa e reta de quem dá. Pois o bom Mestre não disse apenas: Quem recebe um profeta, mas acrescentou: em nome de um profeta; nem disse apenas: Quem recebe um justo, mas acrescentou: em nome de um justo.

Assim, de fato, um receberá a recompensa de um profeta, e o outro, a recompensa de um justo. Tampouco diz apenas: Quem der um copo de água fria a um dos meus pequeninos; mas acrescentou: em nome de um discípulo; e assim conclui: Em verdade lhes digo, não perderá sua recompensa.

A dádiva é receber um profeta, receber um justo, dar um copo de água fria a um discípulo; mas o fruto é fazer isso em nome de um profeta, em nome de um justo, em nome de um discípulo. Elias foi alimentado com fruto pela viúva que sabia estar alimentando um homem de Deus e por isso o alimentava; mas pelo corvo foi alimentado com uma dádiva.

E assim não foi alimentado o homem interior de Elias, mas apenas o exterior, que também poderia ter morrido por falta daquele alimento.

Direi então o que é verdadeiro aos teus olhos, Senhor: quando homens carnais e incrédulos — para cuja conquista e iniciação são necessários os sacramentos de iniciação e as obras poderosas dos milagres, que supomos ser representados pelos nomes de peixes e baleias — se encarregam de restaurar as forças do corpo de teu servo, ou de outro modo o socorrem com algo útil a esta vida presente, sem saber por que isso deve ser feito nem com que finalidade, nem eles alimentam teus servos, nem estes são alimentados por eles.

Pois nem uns o fazem com uma intenção santa e reta, nem os outros se alegram com suas dádivas, cujo fruto ainda não veem. Pois a mente se alimenta daquilo com que se alegra. E por isso os peixes e as baleias não se alimentam desses alimentos que a terra só produz depois de ter sido separada e apartada da amargura das ondas do mar.

⁂

E tu, ó Deus, viste tudo o que havias feito, e eis que era muito bom. Sim, nós também vemos o mesmo, e eis que todas as coisas são muito boas.

Quanto às diversas espécies de tuas obras, depois que disseste: "Que existam", e elas existiram, viste que cada uma era boa.

Contei sete vezes em que está escrito que viste que aquilo que fizeste era bom; e esta é a oitava, em que viste tudo o que havias feito, e eis que não era apenas bom, mas também muito bom, por estar agora tudo reunido. Pois, separadamente, eram apenas boas; mas, todas juntas, eram boas e muito boas.

Todos os corpos belos expressam o mesmo, pois um corpo formado de membros todos belos é muito mais belo do que esses mesmos membros por si só, e é pela combinação bem ordenada deles que o todo se aperfeiçoa, embora os membros, separadamente, também sejam belos.

E examinei atentamente para descobrir se sete ou oito vezes viste que Tuas obras eram boas, quando Te agradaram; mas em Teu ver não encontrei momentos pelos quais pudesse entender que viste tantas vezes aquilo que fizeste. E eu disse: "Senhor, não é verdadeira esta Tua Escritura, já que és verdadeiro e, sendo a Verdade, a apresentaste?

Por que então me dizes que 'em Teu ver não há momentos', enquanto esta Tua Escritura me diz que, a cada dia, viste que aquilo que fizeste era bom? E, quando os contei, descobri quantas vezes."

A isso Tu me respondes, pois és meu Deus, e com voz forte falas a Teu servo em seu ouvido interior, rompendo minha surdez e clamando: "Ó homem, o que Minha Escritura diz, Eu digo; e, no entanto, ela fala no tempo, mas o tempo não tem relação com Minha Palavra, porque Minha Palavra existe na mesma eternidade que Eu.

Assim, as coisas que vedes por Meu Espírito, Eu vejo; assim como aquilo que falais por Meu Espírito, Eu falo. E, portanto, quando vedes essas coisas no tempo, Eu não as vejo no tempo; assim como, quando falais no tempo, Eu não as falo no tempo."

E eu ouvi, ó Senhor meu Deus, e bebi uma gota de doçura de Tua verdade, e compreendi que há certos homens que não gostam de Tuas obras; e dizem que fizeste muitas delas obrigado pela necessidade, como a estrutura dos céus e a harmonia das estrelas; e que não as fizeste daquilo que era Teu, mas que foram criadas em outro lugar e de outras fontes, para que as reunisses, unisses e combinasses, quando, de Teus inimigos vencidos, ergueste as muralhas do universo, para que eles, presos à estrutura, não pudessem voltar a se rebelar contra Ti.

Quanto a outras coisas, dizem que nem as fizeste nem sequer as reuniste, como toda carne e todas as criaturas muito pequenas, e tudo o que tem raiz na terra; mas que uma mente inimiga de Ti e outra natureza, não criada por Ti e contrária a Ti, geraram e formaram essas coisas nestas regiões inferiores do mundo.

Deliram os que assim dizem, porque não veem Tuas obras por Teu Espírito, nem Te reconhecem nelas.

Mas aqueles que veem essas coisas por Teu Espírito, Tu as vês neles. Portanto, quando eles veem que essas coisas são boas, Tu vês que são boas; e em todas as coisas que agradam por Tua causa, és Tu que agradas nelas; e as coisas que nos agradam por Teu Espírito agradam a Ti em nós. Pois quem conhece as coisas de um homem, a não ser o espírito do homem que está nele?

Da mesma forma, ninguém conhece as coisas de Deus, a não ser o Espírito de Deus. Ora, nós, diz ele, recebemos não o espírito deste mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos as coisas que Deus nos deu gratuitamente.

E sou advertido: "De fato, ninguém conhece as coisas de Deus, a não ser o Espírito de Deus; como então também nós conhecemos as coisas que Deus nos deu?" Recebo esta resposta: "Porque as coisas que conhecemos por Seu Espírito, essas mesmas ninguém conhece, a não ser o Espírito de Deus.

Pois, assim como se diz com razão aos que haveriam de falar pelo Espírito de Deus: 'Não sois vós que falais', também se diz com razão aos que conhecem pelo Espírito de Deus: 'Não sois vós que conheceis'.

E com igual razão se diz aos que veem pelo Espírito de Deus: 'Não sois vós que vedes'; portanto, em tudo o que veem ser bom pelo Espírito de Deus, não são eles, mas Deus quem vê que é bom."

Uma coisa, portanto, é um homem considerar mau aquilo que é bom, como fazem os que mencionei antes; outra é um homem ver que aquilo que é bom é bom (assim como Tuas criaturas agradam a muitos porque são boas, mas Tu não lhes agradas nelas quando preferem desfrutar delas a desfrutar de Ti); e outra é, quando um homem vê que uma coisa é boa, Deus ver nele que ela é boa, de modo que seja amado naquilo que fez Aquele que só pode ser amado pelo Espírito Santo que Ele deu.

Porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado; por Ele vemos que tudo o que existe em qualquer

grau é bom. Pois vem Daquele que não existe em determinado grau, mas é o que é.

Graças a Ti, ó Senhor. Contemplamos o céu e a terra, seja a parte corpórea, superior e inferior, seja a criatura espiritual e corpórea; e, no adorno dessas partes, das quais se compõe toda a estrutura do mundo, ou melhor, toda a criação, vemos a luz feita e separada das trevas.

Vemos o firmamento do céu, seja aquele corpo primordial do mundo, entre as águas espirituais superiores e as águas corpóreas inferiores, seja, já que também se chama céu, este espaço de ar pelo qual voam as aves do céu, entre aquelas águas que são levadas em vapores acima delas e, nas noites claras, caem em gotas de orvalho, e aquelas águas mais pesadas que correm pela terra.

Contemplamos uma superfície de águas reunidas nas extensões do mar; e a terra seca, tanto vazia como formada para ser visível e harmoniosa, e também a matéria das ervas e das árvores. Contemplamos os luzeiros brilhando do alto, o sol para atender às necessidades do dia, a lua e as estrelas para alegrar a noite; e para que, por todos eles, os tempos fossem marcados e indicados.

Contemplamos por toda parte um elemento úmido, repleto de peixes, animais e aves; porque o ar denso, que sustenta o voo das aves, se torna mais espesso pela exalação das águas.

Contemplamos a superfície da terra adornada com criaturas terrestres, e o homem, criado à Tua imagem e semelhança, colocado acima de todas as

criaturas irracionais por meio dessa Tua própria imagem e semelhança, isto é, a capacidade de raciocinar e compreender.

E, assim como em sua alma há uma capacidade que domina ao dirigir e outra que foi sujeita para obedecer, assim também foi feita corporalmente para o homem uma mulher que, na mente dotada de entendimento racional, tivesse igualdade de natureza, mas, no sexo de seu corpo, estivesse igualmente sujeita ao sexo de seu marido, assim como o impulso de agir se dispõe a receber da razão da mente a habilidade de agir corretamente. Essas coisas contemplamos, e elas são boas separadamente e, em conjunto, muito boas.

⁂

Que Tuas obras Te louvem, para que Te amemos; e que Te amemos, para que Tuas obras Te louvem, elas que têm no tempo seu começo e seu fim, seu nascer e seu ocaso, seu crescimento e seu declínio, sua forma e sua privação.

Elas têm, portanto, sua sucessão de manhã e tarde, em parte oculta, em parte manifesta; pois foram feitas do nada, por Ti, e não de Ti; não de alguma matéria que não fosse Tua ou que já existisse antes, mas de matéria criada juntamente com elas (isto é, criada por Ti ao mesmo tempo), porque deste forma ao seu estado sem forma sem nenhum intervalo de tempo.

Pois, sendo uma coisa a matéria do céu e da terra e outra a forma, fizeste a matéria do absoluto nada, mas a forma do mundo a partir da matéria sem forma; contudo, ambas juntas, de modo que a forma se seguisse à matéria sem nenhum intervalo de demora.

Também examinamos o que quiseste representar de maneira velada, seja pela criação, seja pelo relato das coisas nessa ordem. E vimos que as coisas, isoladamente, são boas e, em conjunto, muito boas em Tua Palavra, em Teu Unigênito, tanto o céu como a terra, a Cabeça e o corpo da Igreja, em Tua predestinação antes de todos os tempos, sem manhã nem tarde.

Mas, quando começaste a realizar no tempo as coisas predestinadas, para revelar as coisas ocultas e corrigir nossas desordens, pois nossos pecados pesavam sobre nós e havíamos afundado no abismo escuro, Teu bom Espírito pairava sobre nós para nos ajudar no devido tempo; e justificaste os ímpios e os separas dos maus; e fizeste o firmamento da autoridade de Teu Livro entre aqueles colocados acima, que deveriam ser dóceis a Ti, e aqueles abaixo, que deveriam estar sujeitos a eles; e reuniste a sociedade dos incrédulos numa única conspiração, para que se manifestasse o zelo dos fiéis e eles produzissem obras de misericórdia, distribuindo até mesmo aos pobres suas riquezas terrenas para obter as celestes.

E depois disso acendeste certos luzeiros no firmamento, Teus santos, que têm a palavra da vida e brilham com eminente autoridade, colocados no alto por meio de dons espirituais; depois disso, para a iniciação dos gentios incrédulos, produziste da matéria corpórea os Sacramentos, os milagres visíveis e as formas de palavras de acordo com o firmamento de Teu Livro, pelos quais os fiéis seriam abençoados e multiplicados.

Em seguida, formaste a alma viva dos fiéis por meio de afetos bem ordenados pelo vigor da continência; e, depois disso, renovaste segundo Tua imagem e semelhança a mente sujeita somente a Ti e que não precisa imitar nenhuma autoridade humana; e sujeitaste suas ações racionais à excelência

do entendimento, assim como a mulher ao homem; e quiseste que, para todos os Ofícios de Teu Ministério, necessários ao aperfeiçoamento dos fiéis nesta vida, fossem dados por esses mesmos fiéis, para suas necessidades temporais, bens que lhes trouxessem frutos no tempo futuro.

Tudo isso vemos, e é muito bom, porque Tu o vês em nós, Tu que nos deste Teu Espírito, pelo qual pudéssemos ver essas coisas e nelas Te amar.

Ó Senhor Deus, dá-nos a paz, pois nos deste todas as coisas; a paz do descanso, a paz do sábado, que não tem tarde. Pois toda esta belíssima disposição de coisas muito boas, depois de concluídos seus percursos, há de passar, pois nelas houve manhã e tarde.

Mas o sétimo dia não tem tarde nem ocaso, porque o santificaste para uma duração eterna; para que aquilo que fizeste depois de Tuas obras, que eram muito boas, descansando no sétimo dia, embora as tivesses feito em descanso ininterrupto, a voz de Teu Livro nos anuncie de antemão: que também nós, depois de nossas obras (muito boas porque Tu as deste a nós), descansaremos em Ti no sábado da vida eterna.

Pois então descansarás em nós, assim como agora ages em nós; e assim aquele será Teu descanso por meio de nós, assim como estas são Tuas obras por meio de nós. Mas Tu, Senhor, sempre ages e sempre estás em descanso. Não vês no tempo, nem Te moves no tempo, nem descansas em um tempo; e, no entanto, fazes as coisas que são vistas no tempo, e até os próprios tempos e o descanso que resulta do tempo.

Nós, portanto, vemos essas coisas que fizeste porque elas existem; mas elas existem porque Tu as vês. E vemos por fora que elas existem e, por dentro,

que são boas; mas Tu as viste, já feitas, no mesmo lugar em que as viste quando ainda estavam por fazer.

E, num tempo posterior, fomos movidos a fazer o bem, depois que nossos corações conceberam de Teu Espírito; mas, no tempo anterior, éramos movidos a fazer o mal, abandonando-Te; Tu, porém, o único Deus bom, nunca deixaste de fazer o bem. E também temos algumas boas obras, que são dom Teu, mas não são eternas; depois delas esperamos descansar em Tua grande santificação.

Mas Tu, sendo o Bem que não precisa de bem algum, estás sempre em descanso, porque Teu descanso és Tu mesmo. E que homem pode ensinar outro homem a compreender isso? Ou que anjo pode ensinar outro anjo? Ou que anjo pode ensinar um homem? Que isso seja pedido a Ti, buscado em Ti, e que se bata à Tua porta; assim, assim será recebido, assim será encontrado, assim será aberto. Amém.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0